



SOB O CÉU DE ARUANDA



FILIPPI BRASIL
pelo espírito PAI JOSÉ DE ARUANDA



SOB O CÉU DE ARUANDA



FILIPPI BRASIL
pelo espírito PAI JOSÉ DE ARUANDA



ARUANDA

• Livros •

Rio de Janeiro

2020

SOB O CÉU DE ARUANDA



FILIPÍ BRASIL

pele espírito PAI JOSÉ DE ARUANDA

Texto © Filipi Brasil, 2019

Direitos de publicação © Editora Aruanda, 2020

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610/1998.

Todos os direitos desta edição reservados à

Aruanda Livros

um selo da EDITORA ARUANDA EIRELI.

Coordenação Editorial Aline Martins

Preparação Editora Aruanda

Revisão Letícia Côrtes e Editora Aruanda

Design editorial Sem Serifa

Capa e ilustrações Vivian Campelo (@lomblinhas)

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B823s Brasil, Filipi

Sob o céu de Aruanda / Filipi Brasil, Pai José de Aruanda [espírito]. – Rio de Janeiro, RJ : Aruanda Livros, 2020.

288 p. ; ePUB

ISBN 978-65-87426-05-1 (Ebook)

1. Religiões africanas. 2. Umbanda. 3. Ficção religiosa. 4. Psicografia. I. Pai José de Aruanda [espírito]. II. Título.

2020-1319

CDD 299.6

CDU 299.6

.

EDITORA ARUANDA

contato@editoraaruada.com.br

editoraaruada.com.br

SOCIÉTÉ DE BARBUANS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva concedida de resgatar minhas faltas de ontem e de hoje por meio da abençoada ferramenta da mediunidade, proporcionando-me a salutar e retificadora companhia dos amigos espirituais.

Agradeço ao meu pai Oxóssi, senhor da expansão dos horizontes e do conhecimento, por permitir que o guia-chefe espiritual de minha coroa mediúnica, o Caboclo Sete Flechas das Matas, se fizesse presente em minha vida.

Agradeço à minha mãe Oxum, senhora do amor, por ter ao meu lado, nessa jornada evolutiva, a presença de meu amigo, mentor e sempre pai, José de Aruanda. Nesta encarnação, em um momento de sombras e trevas internas, Pai José se aproximou mais de mim e, com sua infinita benevolência, me conduziu de volta ao caminho da luz, sempre me inspirando com seus ensinamentos.

No plano físico, agradeço aos anjos encarnados que surgiram em minha vida.

Agradeço à minha esposa e amorosa companheira, Juraciara Passeri, que esteve sempre ao meu lado, me incentivando, sinalizando os pontos de melhoria e batalhando para que eu conseguisse materializar meus sonhos.

Agradeço aos meus pais carnis, Giza e Augusto, à minha irmã, Camilla, e aos meus filhos espirituais.

Em especial, agradeço ao amigo e filho espiritual, Gilson Santiago, que pacientemente revisou esta obra, fazendo parte do nascimento deste filho.

Agradeço aos frequentadores do templo que contribuíram para o meu constructo emocional e espiritual, fomentando minhas reflexões e aprimorando minha liderança espiritual.

Agradeço ao Centro Espírita Pai Quirino e Vovó Catarina de Angola, a casa espiritual onde iniciei minha trajetória na seara umbandista, desenvolvendo-me mediunicamente.

Agradeço à mãe Elaine de Oxum e aos meus padrinhos espirituais, o Caboclo Sete Estrelas e a preta-velha Vovó Catarina de Angola.

Agradeço ao irmão Paulo Ludogero por ter me recebido em sua casa espiritual e aceitado o convite para participar desta obra.

Agradeço à Aline Martins, que tão receptivamente se dispôs a ler este original e abrir as portas da Editora Aruanda, permitindo que este projeto, da espiritualidade, se materializasse, em livro, no plano físico.

Por fim, agradeço e dedico este livro ao Templo Espiritualista Aruanda (TEA), o maior projeto de minha encarnação, no qual trabalho com afinco para torná-lo perene e deixar este legado espiritual para a posteridade.

Filipi Brasil

Sacerdote do Templo Espiritualista Aruanda

SOCIÉTÉ DE BRUNNEN

SUMÁRIO

[Quando o passado nos encontra](#)

[Um mal súbito](#)

[Volta ao passado](#)

[Esclarecimentos oportunos](#)

[Trabalhadores do além](#)

[Tupinambá vem ajudar](#)

[Novas experiências](#)

[Consagração de um preto-velho](#)

[Processo de obsessão](#)

Mecanismos obsessivos

Visita ao terreiro

Aconselhamento espiritual

Correndo gira

Quem pode mais?

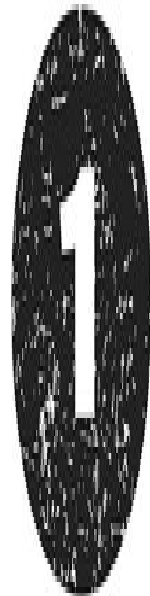
Acerto de contas

Quebrando a demanda

A cada ação, uma reação

Notas

SUBOCÉU DE ARUANDA



QUANDO O PASSADO NOS ENCONTRA

Eram 3h quando Rafael, desesperado e suado, no auge de mais um pesadelo, despertou ao ser sacolejado por sua mãe. “Acorde, meu filho”, dizia Marieta, o jovem com o coração a mil. Os pesadelos, nos últimos tempos, haviam se tornado recorrentes e pareciam um filme no qual ele se via perseguido por dois homens e uma mulher. Estes, maltrapilhos e muito raivosos, com os olhos injetados de ira, aos gritos, sempre o chamavam de assassino. Desperto, Rafael sentia uma enorme angústia no peito. Temia voltar a dormir e os sonhos continuarem, mas, vencido pelo cansaço, caiu novamente em sono profundo. Algumas vezes, o sonho voltava do mesmo ponto em que havia parado, mas outras, dava uma trégua.

Rafael era filho de Marieta e Marco Antônio e irmão mais velho de Marina. Uma típica família de classe média, com seus altos e baixos, no Rio de Janeiro do início dos anos 2000. Aos 17 anos, preparava-se para prestar o vestibular para o curso de Administração e namorava Julia, sua colega de turma no colégio, havia pouco mais de um ano. Era um rapaz alegre, educado, perspicaz e tinha uma vida bastante pacata.

Sua relação com a família, com a namorada e com os amigos era boa, porém, logo após o Carnaval, algo mudou: o rapaz foi a um bloco com os amigos e tomou o primeiro porre de sua vida. No ápice da folia, começou a se sentir sufocado e com um medo inexplicável; passando muito mal, teve náuseas e a sensação de que morreria se não saísse dali o quanto antes. Sob protestos dos amigos, resolveu voltar para casa com a namorada.

Depois daquele dia, os pesadelos começaram a lhe tirar o sono. Porém, nos últimos dois meses, os sonhos passaram a ficar mais vívidos e frequentes. Rafael não conseguia entender o que acontecia, pois, anteriormente, sequer se lembrava dos sonhos que tinha e dormia feito uma pedra.

Naquela manhã, Rafael acordou ao som do despertador e, com muito esforço, se levantou, se arrumou e foi à escola. Durante a aula, não conseguia se concentrar, e a todo instante as cenas do pesadelo voltavam à sua mente. A situação o

deixava em um estado de distanciamento, apatia, tristeza e desânimo que logo foi percebido por Julia. No intervalo entre uma aula e outra, a namorada perguntou:

— O que houve, Rafa? Você tem andado esquisito, estranho e, sempre que pergunto, você desconversa.

O jovem arregalou os olhos, mas lhe disse para ficar tranquila, que não era nada de mais. Ela não se conformou com a resposta e foi logo dizendo que queria uma explicação, pois sabia que alguma coisa estava acontecendo:

— É algo sobre nosso relacionamento? Você está doente?

Mais uma vez, Rafael desconversou, dizendo que o intervalo havia terminado, mas prometeu que eles conversariam na volta para casa.

Ao saírem da escola, Rafael relatou os pesadelos que vinham lhe tirando o sono e deixando-o esquisito. Julia — uma jovem astuta, de cabelos ruivos, algumas sardas no rosto e olhos verdes penetrantes — questionou se os sonhos não tinham relação com os filmes de terror a que ele tanto gostava de assistir ou se não eram fruto dos jogos de ação que ele curtia. Rafael respondeu, de forma vaga e distante:

— Pode ser...

Todavia, o que ele sonhava nada tinha a ver com seu dia a dia. Além disso, Rafael não sabia explicar por que se sentia estranho, já que não havia razão aparente.

— Deve ser o estresse com a proximidade da data do vestibular. Você só deve estar tenso; deve estar somatizando — comentou Julia.

— É, deve ser... Você tem razão, devo estar preocupado com essas benditas provas — replicou Rafael.

Os dois seguiram fazendo planos para o final de semana prolongado: aproveitariam o feriado para se divertir e fazer alguns programas com os amigos. No entanto, o que Rafael mais queria era voltar para casa e ficar sozinho, quieto no seu canto. Ele se sentia muito confuso com as coisas que estavam ocorrendo em sua vida.

Ao chegar em casa, Rafael almoçou. Estava sozinho. Seus pais estavam no trabalho e Marina, sua irmã, havia ficado na escola para fazer um trabalho em grupo e, por isso, chegaria mais tarde. O jovem ligou a TV, deitou-se no sofá e, para seu desespero, caiu no sono. Naquele mesmo instante, o rapaz foi praticamente arrancado de seu corpo físico por três espíritos de aparência conhecida e, sem entender direito o que ocorria, viu, ao mesmo tempo, seu corpo deitado no sofá e a si mesmo em pé fora do corpo. Para seu completo horror, deparou-se com os três elementos que vinham tirando seu sono. Nessa ocasião, enxergou-os com mais clareza e seu coração acelerou: uma descarga de adrenalina. Um terrível medo invadiu seu peito e calafrios percorreram todo o seu corpo. Estava perplexo com a visão de si mesmo deitado dormindo e, ao mesmo tempo, de pé vendo aquelas assombrações. “Devo estar enlouquecendo!”, pensou.

Os três espíritos olhavam para ele com um misto de raiva e deboche. Um deles começou a falar:

— Quem deve pagar! Você pode ter fugido durante todo esse tempo, mas nós o encontramos, e agora vamos cobrar cada centavo por tudo o que nos fez passar.

Rafael sentia-se paralisado, ao mesmo tempo que seu corpo, estirado no sofá, se contorcia de aflição. A única coisa que conseguiu balbuciar foi:

— Mas quem são vocês?

— “Quem são vocês”? — repetiu um dos homens.

A mulher que acompanhava o grupo riu de forma estridente. No mesmo instante, ela avançou sobre Rafael com as mãos em seu pescoço e começou a esganá-lo, dizendo-lhe:

— Você vai pagar caro por tudo o que me fez sofrer! Não adianta tentar fugir. Agora, você é nosso novamente!

Rafael, com uma crescente sensação de sufocamento, parecia que ia desfalecer, até que Marina, a muito custo, conseguiu acordá-lo.

O retorno ao corpo físico foi tão abrupto que o rapaz deu um pulo e caiu sentado no sofá. Ainda sentia as mãos daquela mulher em seu pescoço. Apesar de desperto, ouvia a voz de Marina ao longe:

— Rafa! Rafa! Você está bem? O que houve?

Ainda meio anestesiado com tudo o que acabara de ocorrer, levantou-se, foi ao banheiro lavar o rosto e, ao se olhar no espelho, viu o pescoço avermelhado. “Nossa, a cada dia que passa, esses sonhos estão se tornando mais reais!”, pensou.

O jovem tentou seguir com sua rotina de estudos naquela tarde, mas não conseguia se concentrar. Os lampejos da vívida experiência assaltavam seus pensamentos — sentia o corpo todo dolorido e uma forte pressão no peito. “Estou enlouquecendo?”, perguntava-se. Sempre fora um jovem sadio, centrado e racional. Esses questionamentos não pertenciam à sua natureza.

Após anoitecer, Marieta chegou do trabalho. Cansada, cumprimentou os filhos e foi à cozinha agilizar o jantar. Além do cansaço físico e mental, estava absorta em seus pensamentos enquanto cozinhava. Estava casada havia quase 20 anos com Marco Antônio e, nos últimos dois, o relacionamento esfriara, quase não havia mais carinho nem diálogo. Ela, por várias vezes, tentava conversar, mas ele dizia que não queria discutir o relacionamento e, o que era para ser uma conversa a dois, tornava-se um monólogo, deixando-a extremamente frustrada. Marieta era uma mulher jovem, bonita e conservada que, entrando na casa dos 40 anos, se questionava sobre a vida. Em alguns momentos, enquanto cozinhava, uma lágrima teimava em cair de seus olhos, que ela logo secava para que não fosse percebida. Para piorar, a empresa em que trabalhava havia alguns anos vinha passando por uma crise; pelos corredores, falava-se em corte de pessoal para conter os gastos. Isso a deixava ainda mais aflita, pois precisava do emprego, e trabalhar naquele clima era péssimo. Marieta sentia-se perdida, sem saber o que fazer. Parecia que tudo estava acontecendo ao mesmo tempo em sua vida.

A voz de Marina, sua filha caçula de 15 anos, trouxe-a de volta àquele instante. Marina falava como se tivesse uma metralhadora em sua cabeça, sempre acelerada: contava como havia sido seu dia; logo engatava em outro assunto, revelando que estava ansiosa para ir ao aniversário de uma amiga no próximo sábado; reclamava, para variar, que não tinha roupa para sair e que precisava de um vestido novo.

— Marina, no mês passado, quando você veio com o mesmo discurso, nós compramos um vestido novo para você ir ao aniversário de uma outra amiga.

Dinheiro não cai do céu, você não sabe o quanto eu e seu pai trabalhamos; não tem noção do preço das coisas. Vai com o mesmo vestido, você só usou uma vez, menina.

— Poxa, mãe! Vão as mesmas pessoas na festa. Como eu vou usar a mesma roupa? Mãe, já imaginou o que os outros vão dizer?

— Fique tranquila, os outros não têm nada com sua vida. Se preferir, não vá à festa, simples assim! — concluiu a mãe.

Nesse instante, Rafael entrou na cozinha para pegar um copo de água.

— Rafa, o que você tem? — questionou Marieta.

De forma um pouco ríspida, o jovem respondeu que não tinha nada.

— Como “nada”? — inquiriu Marieta. — Você está abatido. Também não estou entendendo o motivo da grosseria. Estou falando com você direito, e você me vem com quatro pedras na mão?

Após alguns segundos de silêncio, Rafael se desculpou e saiu do cômodo. Assim que o irmão saiu, Marina contou o que havia ocorrido à tarde para a mãe, que achou estranho. Marieta começou a se indagar sobre o que vinha acontecendo com o filho, já que, durante a madrugada, também o despertara no meio de um pesadelo.

O jantar transcorreu como de costume: Marco Antônio entretido com a televisão, Marina e Marieta conversando, Rafael mudo e quase sem tocar na comida. Por volta das 23h, Marieta foi até o quarto de Rafael e chamou o filho para uma conversa; queria entender o que estava acontecendo. Rafael contou sobre os sonhos para a mãe e ela, sem saber o que fazer, falou que marcaria uma consulta médica para que essa situação fosse avaliada por um profissional. Rafael, de pronto, disse que não iria, pois não estava maluco.

Enquanto mãe e filho conversavam, os três espíritos dos pesadelos de Rafael observavam e vibravam com a situação. Começaram a gargalhar, até que Maria, a mulher do bando, disse:

— Ele não está maluco por enquanto, mas é apenas uma questão de tempo até que o levemos às raias da loucura. Ele nos pagará!

Marieta, com todo carinho e ternura, afagou a cabeça do filho e lhe disse:

— Você não está maluco. Nosso inconsciente é uma caixinha de surpresas; pode nos pregar peças. Em alguns momentos de nossa vida, demonstramos muito mais força quando reconhecemos que precisamos de ajuda. Não basta eu, como mãe, querer ajudá-lo, se você mesmo não permite esse auxílio.

Ouvindo o diálogo entre mãe e filho, Carlos, um dos espíritos do trio, comentou:

— Ele continua sendo o mesmo prepotente orgulhoso. Como a vida é injusta! Como um crápula como este ainda tem alguém que se preocupe com ele? Isso é uma injúria de Deus! — finalizou.

Mas logo foi repreendido por Firmino:

— Carlos, se esse tal “Deus” existisse, este calhorda já teria pago pelo que nos fez. Essa historinha de Deus é uma balela contada por padrecos para incitar o medo nas pessoas.

Marieta se despediu do filho, pedindo que não fosse dormir muito tarde, pois ele tinha aula na manhã seguinte. Ao se deitar, a mãe de Rafael ficou se questionando o que estava acontecendo com seu filho, com sua vida, com seu casamento. Sentia-se infeliz: sua vida estava vazia e sem brilho. Sentia-se perdida. Com seu marido deitado ao lado, em sono profundo, Marieta, desalentada, deixou as lágrimas rolares de seus olhos.

Enquanto isso, do plano espiritual, dona Lilian, a avó de Marieta, estava a seu lado, acariciando os cabelos da neta. A senhora — de estatura mediana, olhos cintilantes e meigos, usando um vestido azul-claro — dizia:

— Minha filha, não há sofrimento que não tenha fim. Nos momentos de aflição, peça socorro a Deus Pai, que é bom e justo. Chame pelo Mestre Jesus e confie que o socorro chegará.

Marieta começou a se lembrar de sua avó Lilian. Dentre as várias lembranças que vieram à sua mente, uma, em especial, lhe emocionou: recordou-se de sua infância e das inúmeras vezes em que deitava a cabeça no colo de sua avó para ouvir seus contos, suas tramas e suas histórias, muitas destas sobre os milagres realizados por Jesus.

A mulher permitia que suas lágrimas corressem livremente por seu rosto e falava consigo mesma, pois achava que estava sozinha e que ninguém a escutava:

— Ah, vovó, como eu queria que estivesse ao meu lado. Ajude-me a enfrentar estas dificuldades. Meu Deus, ajude-me a findar esta aflição que assalta meu peito e que toma conta de minha casa, de minha vida, de minha família!

No mesmo instante, Lilian, sentida e comovida, fazia uma prece ao Pai, pedindo intercessão por sua neta. À medida que rezava, uma luz azul-clara com pontos de luz branca descia do Alto, envolvendo todo o ambiente, trazendo paz e harmonia e fazendo com que Marieta caísse em um sono reparador.

Com medo de seus temíveis pesadelos, Rafael lutou contra o sono até por volta das 4h da madrugada, quando, vencido pelo cansaço, apagou. Assim que dormiu, seu flagelo noturno, sob o comando de Carlos, Maria e Firmino, começou.

A certa distância, o trio e Rafael eram assistidos por dona Lilian e Tomé — o mentor espiritual de Rafael, que a tudo observava.

Dona Lilian comentou com Tomé que sua neta havia se colocado mais disposta para ser ajudada, mas ela estava muito preocupada com a situação de seus entes queridos.

— Lilian, confie em Deus. Nenhuma folha cai do céu que não seja do conhecimento e da vontade do Pai. Confiemos em Seus desígnios. Sei o quanto lhe é caro ver o sofrimento de seus entes amados, porém o livre-arbítrio permite que eles caminhem por estradas tortuosas que favorecem o aprendizado, o crescimento e a lapidação. Lembre-se, minha irmã, de que muitas vezes o sofrimento tem um efeito pedagógico no processo evolutivo. É como o remédio amargo: ruim ao paladar, mas é o que cura.

— Você está certo, meu irmão — respondeu Lilian. — E como está o nosso menino?

— Rafael se encontra em pleno processo obsessivo. Devido às faltas cometidas outrora contra seus algozes, o rapaz cultivava medo e culpa inconscientes. Isso os alimenta energeticamente, formando teias que os mantêm interligados. Momentaneamente, não temos permissão para interferir.

— É uma pena que ele esteja passando por isso — disse Lilian.

— Minha irmã — respondeu Tomé —, sua comiseração a leva a uma avaliação equivocada a respeito de Rafael. Lembremos: para toda ação há uma reação. Essa é a lei de causa e efeito que rege o universo. Rafael acumulou uma série de dívidas atroztes de vidas pregressas e precisa acertar as contas com a providência divina. Esses infelizes espíritos que o cobram sofreram muito por seus mandos e desmandos, e só o localizaram porque Rafael se desequilibrou.

— Tomé, com sua licença, pode me explicar como um menino de ouro como Rafael entrou em desequilíbrio dessa maneira?

— Claro! Quando ele se embebedou durante o Carnaval, baixou sua frequência, saindo do círculo de proteção que criamos para ele assim que reencarnou. Imediatamente, os espíritos que o procuravam anos a fio foram atraídos por sua vibração e passaram a acompanhá-lo, executando suas infelizes cobranças.

— Nem sei o que dizer, Tomé.

— Lilian, confiemos em Deus e vibremos para que Rafael não falhe e tombe mais uma vez na escola da vida. Lembremos que Rafael firmou uma série de compromissos antes de reencarnar. A espiritualidade maior lhe concedeu a chance do resgate espiritual por meio de uma vida devotada à caridade, aprendendo a se doar sem esperar nada em troca e usando a mediunidade como ferramenta salutar para quitar seus débitos pretéritos. Diante disso, eu assumi, de coração, o compromisso de guiá-lo pelas veredas da vida. Serei seu mentor espiritual, seu guia e seu amigo de jornada.

Lilian ficou em silêncio, mas Tomé registrou seus pensamentos.

— Minha irmã, entendo seus questionamentos.

Lilian ficou ruborizada, e Tomé continuou:

— Não se envergonhe. Você teve a oportunidade e o merecimento de poder acompanhar sua antiga família terrena por outra perspectiva. Agora, é hora de colocar em prática tudo o que você estudou na colônia espiritual. Certo?

— Você está certo, Tomé.

— Lilian, um mentor, um guia espiritual, ou seja lá o nome que queira empregar, tem a função de guiar, de mostrar o caminho, mas é da inteira responsabilidade e

escolha de nossos tutelados seguir ou não o caminho apontado. Muitas vezes, os encarnados se distanciam da rota traçada e, mais cedo ou mais tarde, terão de voltar ao caminho definido pelo Pai. Por mais que nos doa, não podemos interferir no livre-arbítrio deles e devemos respeitar suas escolhas. Lembro apenas que para cada escolha haverá uma consequência. Assim nos ensinou Jesus por meio da parábola do semeador: a semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória.

— Agora entendo, Tomé, e tem todo o sentido.

— Por ora, deixemos Rafael com seus fantasmas e vamos ao quarto de Marieta; precisamos falar com ela.

Tomé se aproximou da lateral da cama onde ela dormia e sussurrou ao pé de seu ouvido:

— Marieta, levante-se, precisamos falar com você.

A mulher se desdobrou do corpo físico e Tomé aplicou passes em seu espírito, que permanecia ligado ao corpo físico por meio do fio de prata. À medida que os passes eram ministrados, Marieta ficava mais espiritualmente lúcida, e logo reconheceu sua avó, tendo uma sensação de familiaridade quando viu Tomé.

Marieta, emocionada, correu para os braços de Lilian, dizendo-lhe:

— Vozinha querida, pensei tanto em você antes de dormir! Ultimamente, tenho me sentido tão só...

— Nunca estamos só, minha neta. O Pai jamais deixará seus filhos ao relento.

Neste instante, Tomé tomou a palavra e, de forma firme, mas ao mesmo tempo afetuosa, falou:

— Marieta, é hora de despertar para outros aspectos da vida. É primordial que busque ajuda espiritual. Você pediu ajuda a Deus e, em nome do Pai, aqui estamos para lhe orientar. Um lar, uma família, devem ter como alicerce a oração. Ore mais! Incentive e ensine seus filhos a orar, seja um exemplo para eles.

— Procure por Dina, sua mãe, pois ela irá orientar e ajudar você. É hora de

deixar as contendas de lado. Seja humilde! — completou Lilian.

Após essa breve conversa, o espírito de Marieta regressou ao seu corpo físico, e Tomé ministrou uma substância de coloração verde e prateada sobre a cabeça e o peito de Marieta.

Em seguida, Lilian e Tomé foram para a sala da casa e, assim que teve a oportunidade, Lilian questionou Tomé por que havia feito tal procedimento em Marieta. Sorrindo, o velho respondeu:

— Os passes que ministrei eram apenas uma transfusão de energia. Além do corpo astral de Marieta estar deficitário, essa é uma forma de fortalecê-la para as provas vindouras e deixá-la mais espiritualmente lúcida para a mensagem que precisávamos transmitir.

— Tomé, ela se recordará do encontro que teve conosco?

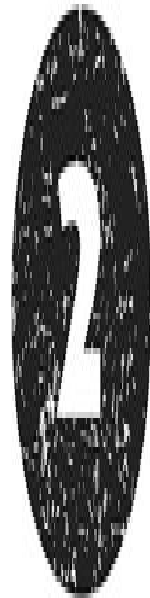
— Ela se lembrará de boa parte dele, principalmente da essência da mensagem deixada — respondeu Tomé.

— Agora, me diga uma coisa: que líquido foi aquele que derramou sobre minha menina? Por que ele foi rapidamente tragado pelo corpo espiritual dela?

— Fique tranquila, Lilian! Era a seiva extraída de algumas ervas. Ela ajudará Marieta a atravessar este momento tão turbulento.

— Entendi, Tomé. Vejo que ainda tenho muito a aprender, pois não sei nada sobre essas coisas... — completou Lilian, rindo com Tomé.

SUBOCÉU DE ARUANDA



UM MAL SÚBITO

Na manhã seguinte, Marieta abriu os olhos e se lembrou do sonho que tivera com sua avó, Lilian, e com um homem de aparência familiar, mas de quem não se recordava, apesar de se esforçar. Levantou-se e seguiu para o banho. Precisava se arrumar e sair para o trabalho. Enquanto isso, tentava se recordar dos detalhes, mas apenas se lembrava de que haviam conversado bastante e de que sua avó pedira para ela procurar a mãe, dona Ondina.

Aquele era um pedido bem difícil. Havia uns dois anos, Ondina chamara a atenção de Marieta por sua postura. As duas brigaram e, com isso, a filha, magoada, deixou de falar com a mãe. Dona Ondina ainda fez algumas tentativas de contato para se entender com a filha, contudo Marieta a evitara.

O sonho deixou Marieta encucada. Lilian havia morrido há mais de 16 anos, quando Rafael ainda era bem pequeno. Durante todo esse tempo, ela nunca havia sonhado com a avó, por quem tinha extremo carinho e afeto. Enquanto terminava de se arrumar, ficou reflexiva — tinha a sensação de que ela viera em sonho para lhe ajudar, pois, antes de dormir, estava muito mal e acordara muitíssimo melhor.

Com a casa já a pleno vapor, Marieta foi para a cozinha tomar o café com os filhos. Devido à correria do dia a dia, combinaram de fazer pelo menos duas refeições em família: o café-da-manhã e o jantar.

Quando Rafael entrou na cozinha, sua aparência estava péssima, deixando a mãe ainda mais preocupada. Marieta deu um beijo de bom-dia no filho. Perguntou-lhe como ele havia passado a noite. Rafael, com olheiras profundas e extremamente abatido, respondeu que mal conseguira dormir, que os pesadelos o atormentaram e tiraram seu sono, que todo o seu corpo doía, e que sentia muita dor de cabeça.

A família não tinha noção, mas Firmino, um dos espíritos que obsidiava Rafael, estava a seu lado, rindo da situação. O trio de obsessores havia se organizado: os espíritos passaram a fazer um tipo de escala para acompanharem o jovem sem

trégua. Assim, Rafael estaria sempre na companhia de pelo menos um deles.

Assim que Rafael, Marieta e Marina terminaram o café, Marco Antônio apareceu na cozinha oferecendo carona para o colégio. As crianças se despediram da mãe, que ficou lavando a louça e se lembrando a todo instante do sonho que tivera.

No carro, Rafael se sentou no banco de trás, colocou os óculos escuros e pediu para o pai abaixar o volume do rádio ou desligá-lo, pois estava com dor de cabeça. Marina e Marco Antônio se entreolharam, e o pai perguntou a Rafael se ele gostaria de parar em uma farmácia ou ir até uma emergência para ser atendido. Rafael, no entanto, respondeu que só precisava dormir.

Chegando ao colégio, Rafael foi direto para a sala de aula sem esperar por Julia no pátio, como fazia habitualmente. Mal cumprimentou os colegas, sentou-se em sua carteira e debruçou a cabeça sobre os braços — só queria ficar em silêncio, quieto, na sua; não queria ser incomodado. Levantou a cabeça somente quando Julia, acariciando seus cabelos, perguntou carinhosamente:

— Rafa, os pesadelos continuam lhe atormentando? Você continua sem conseguir dormir direito? — perguntou Julia, enquanto pensava o quanto Rafael estava abatido e com uma cara péssima.

Rafael confirmou que, praticamente, não havia pregado o olho durante a noite, mas acreditava ser por conta da dor de cabeça, pois sentia várias pontadas em lugares diferentes da cabeça.

Firmino, com uma agulha nas mãos, divertia-se com a situação e espetava vários pontos da cabeça de Rafael enquanto falava:

— Você ainda não viu nada. Estamos só começando a nossa vingança.

Julia foi buscar um pouco de água para que Rafael tomasse um analgésico.

Incomodado, pois a voz do professor e dos colegas latejava em sua cabeça de forma estridente, Rafael decidiu sair da sala e ir para o pátio. Talvez um pouco de ar puro o fizesse melhorar. À medida que caminhava, sentia-se enjoado e indisposto, até que tudo começou a girar e ele desmaiou.

Com Julia e Marina ao seu lado, ambas aflitas, acordou na enfermaria da escola,

sem entender direito o que havia acontecido.

Marieta estava no meio de uma reunião quando seu telefone tocou. Ocupada, não ia atender, mas, assim que viu o número da escola na tela, sentiu um aperto no peito e decidiu saber do que se tratava. Enquanto a coordenadora da escola relatava o que ocorrera com Rafael, um calafrio percorreu seu corpo.

Às pressas, saiu do trabalho, pegou um taxi e foi direto à escola buscar o filho para levá-lo ao hospital mais próximo.

Encontrou-se com Marco Antônio na recepção do hospital e deram entrada na emergência. Rafael passou por uma bateria de exames, fez até uma tomografia, mas nada foi constatado. Recebeu uma medicação intravenosa para a dor e um tranquilizante que o fez apagar. Neste momento, Tomé estava ao lado do rapaz, que se encontrava em um sono profundo.

Enquanto aguardavam a medicação fazer efeito, Marco distraía-se ao telefone. Marieta sentia-se ansiosa e aflita, mas ao lado dela estava Lilian, que buscava inspirar a neta a orar. Marieta, então, recordou-se de que havia uma igreja ao lado do hospital, e foi até lá para rezar.

Chegando à igreja, Marieta sentiu-se estranha, pois achava o lugar um pouco austero. Ainda que se declarasse “católica não praticante”, Marieta não comungava com alguns princípios da religião. Ia à igreja esporadicamente, mais comumente em eventos sociais, como casamentos, batismos e missas de sétimo dia. Porém, seu coração de mãe, aflito, a fazia rogar por seu filho amado. Fez as orações decoradas que sabia, pedindo depois, do fundo de seu coração, que seu menino melhorasse e voltasse a ser o Rafael de sempre. Lilian estava ao seu lado, dando à neta palavras de incentivo, força e ânimo. Durante a prece, do peito de Marieta, emanava uma luz cor de rosa e esses eflúvios benéficos eram direcionados a Rafael, que se beneficiava da oração feita de coração por sua mãe.

Quando se levantou do banco da igreja, viu na lateral do templo um local onde eram acendidas e depositadas velas. Mais uma vez, lembrou-se de sua avó, que era devota das Almas Santas e Benditas, e, em um ímpeto, Marieta comprou um pacote de velas e as acendeu no cruzeiro das almas, reforçando seus pedidos. Nesta ocasião, lembrou-se mais uma vez do sonho que tivera durante a noite: sua avó dizendo que entrasse em contato e pedisse a ajuda de sua mãe.

Na saída da igreja, resolveu deixar o orgulho de lado e ligar para a mãe. Ouvindo a voz do outro lado da linha, ficou muda por alguns instantes. Quando Ondina falou “alô” pela terceira vez, Marieta tomou coragem para respondê-la:

— Oi, mãe. Boa tarde e sua bênção!

— Oi, minha filha! Que Deus a abençoe. Estou muito feliz por ouvir sua voz. Tenho muitas saudades de você e dos meninos. Como estão o Rafa, a Mari e o Marco Antônio?

Marieta, um pouco sem graça e envergonhada pela forma calorosa como fora atendida pela mãe, respondeu sem jeito que também sentia a falta dela. Enquanto regressava ao hospital, a mulher relatou brevemente o que havia ocorrido com Rafael. Ondina se colocou à disposição da filha para ajudar no que fosse possível e se propôs a entrar em contato pela noite para saber mais notícias.

Chegando ao hospital, Marieta encontrou com Julia, Marina e Marco Antônio na recepção. Após a medicação, contou Marco, Rafael passaria por uma nova avaliação e, possivelmente, receberia alta. Por enquanto, ele continuava dormindo.

Firmino prestava atenção em tudo o que era dito para, depois, explicar os fatos aos seus comparsas. Ele era observado por Lilian e Tomé, mas não os notava, devido à sua forma vibracional densa, grosseira, em uma outra frequência.

A família aguardava por notícias na recepção do hospital, até que Marieta e Marco Antônio foram chamados. O médico relatou a Rafael e a seus pais que o rapaz tivera uma espécie de mal súbito. Como seu diagnóstico não estava fechado, Rafael deveria procurar um neurologista e um psiquiatra. O médico esclareceu algumas dúvidas sobre a medicação prescrita, liberou o jovem para voltar para casa e recomendou repouso pelos próximos dias.

Já em casa, Julia e Marina aguardavam Rafael no quarto, enquanto ele tomava banho. Marieta aproveitou para contar ao marido que havia entrado em contato com sua mãe e que cogitava a possibilidade de visitá-la durante o feriado prolongado. Marco não se contrapôs, acrescentando que poderia ser bom para o filho respirar novos ares: a natureza e o ar puro da serra lhe fariam muito bem.

No mesmo instante, o telefone tocou e Marco Antônio atendeu:

— Oi, dona Dina! Como a senhora tem passado?

Depois de falar rapidamente com a sogra, Marco passou o telefone para Marieta, que contou à mãe tudo o que o médico dissera. Em seguida, Marieta revelou estar pensando em visitá-la no final de semana. Ondina ficou toda boba e disse que seria uma enorme alegria receber a família, como nos velhos tempos. Mas, notando que a filha ainda demonstrava certo incômodo e que não interagira com naturalidade, falou:

— Minha filha, vamos colocar uma pedra sobre o que passou. Vamos seguir em frente! Quero aproveitar vocês, que são pessoas muito especiais em minha vida. A vida passa em um piscar de olhos. Por isso, precisamos valorizar as coisas boas, e não enaltecer as ruins. Dos dissabores, devemos extrair o aprendizado para não errarmos novamente, e assim seguirmos em frente.

Marieta ouvia a mãe e refletia se ela estava mudada ou se era apenas uma impressão. Encerraram a conversa e combinaram de se ver nos dias subsequentes.

Após tomar um banho e sua medicação, Rafael sentiu-se um pouco melhor e conseguiu dormir. O jovem continuava a ser observado pelo espírito de sua bisavó e de Tomé, seu protetor.

— Tomé, onde se encontram Carlos, Firmino e Maria? — perguntou Lilian.

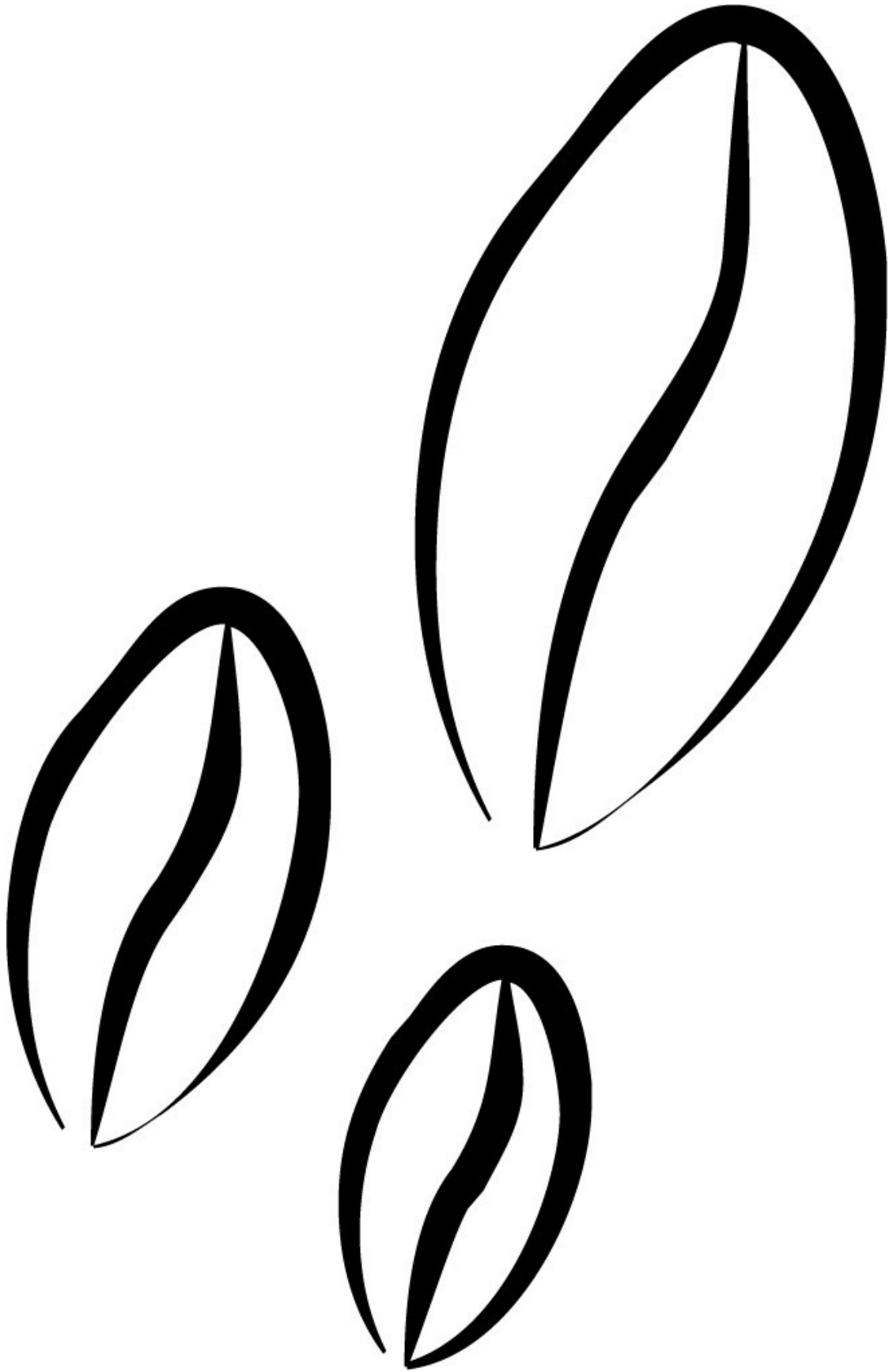
— Estão do lado de fora da casa, sem conseguir entender por que não conseguem acessar o ambiente.

— Ué! — exclamou Lilian — Por que antes eles conseguiam ficar aqui dentro e, agora, não? Fiquei confusa...

— Pelo poder e pela força da oração de Marieta, além dos pensamentos positivos emitidos por ela. Desesperada, ela foi à igreja rezar, pedindo intercessão em prol de seu filho. Como a oração foi proferida de coração, isso gerou um campo de força em volta de Rafael e de toda a família. Automaticamente, o padrão vibratório foi elevado, repelindo a presença do infeliz trio de obsessores. Lilian, lembre-se de que nós somos responsáveis por nossas companhias espirituais, e que ninguém é coitadinho. Na escola evolutiva da vida, muitas são as formas de aprendizado, e tudo tem uma ligação e uma explicação.

— Mas, Tomé, Rafael não é muito novo para passar por isso?

— Todos somos filhos de Deus. Novos ou velhos, independe, pois todos somos espíritos milenares. Apesar de Rafael ter apenas 17 anos, em suas últimas existências angariou novos débitos e aumentou seu número de credores. Alguns podem ter perdoado as faltas cometidas por ele, porém outros, como Carlos, Firmino e Maria, estão batendo à porta para cobrá-lo.



Rafael, seus familiares e sua namorada conversavam na sala de forma animada. Marieta lhes contou sobre a conversa que tivera com a mãe e que desejava que todos a visitassem dali a dois dias:

— Inclusive você, Julia. Que tal ir passar o feriado conosco? Se quiser, posso ligar e pedir à sua mãe — falou Marieta.

— Obrigada, sogrinha!

— Amanhã, o Rafa não vai à escola, e eu consegui uma folga que emendarei com o feriado. Regresso ao trabalho somente na semana que vem. Vou aproveitar para agilizar tudo; assim, na quinta-feira, poderemos sair bem cedinho daqui.

Após o jantar, Julia se despediu de Rafael. A família começou a se preparar para dormir. Marco Antônio ainda estava ao telefone, atualizando seus parentes que desejavam saber notícias de Rafael. Marieta passou no quarto do filho para lhe dar um tranquilizante prescrito pelo médico. O remédio não tardou em fazer efeito. Lilian e Tomé acompanhavam o movimento na casa.

Ao se deitar, Marieta refletiu sobre os acontecimentos do dia e aproveitou para agradecer a Deus. Também pensou em sua avó: “Onde quer que esteja, vovó, sei que está a nos ajudar!”. Lilian estava ao lado da neta, afagando seu rosto, e Marieta sentiu um cheiro de rosas peculiar, que lembrava o perfume da avó. Como o quarto estava todo fechado, Marieta imaginou que estivesse mais sensível devido aos últimos acontecimentos, facilmente impressionável, se não estaria ficando louca. Chegou a rir um pouco de seus pensamentos, virou-se e dormiu.

Tomé e Lilian foram ao quarto de Rafael, que dormia sob o efeito do remédio, porém, aos olhos espirituais, eram nítidos alguns fios saindo da cabeça do rapaz em direção ao lado de fora da casa: conectando-o a Firmino, Maria e Carlos.

— Por que essa ligação entre eles, Tomé?

— Por culpa. Esse sentimento acaba os ligando e os alimentando — explicou Tomé. — Lilian, vamos prosseguir, que ainda temos muito trabalho durante a madrugada.

Rafael, Marina e Marieta já estavam dormindo. Marco Antônio cochilava na sala, vendo TV. O trio espiritual estava do lado de fora da casa, irritado por não conseguir entrar, xingando e praguejando Rafael a todo instante.

— Tomé, eu imaginava que, depois de morta, iria descansar por toda a eternidade e que ficaria tocando harpa, sentada em alguma nuvem.

Ambos riram.

— Ledo engano, Lilian. — respondeu Tomé.

— E eu não sei disso?! Não estou reclamando... Sempre procurei ser útil enquanto encarnada, mas minha limitada consciência jamais conseguiu vislumbrar a gama de coisas que fui capaz de aprender na espiritualidade. E olha que só estou começando! O que faremos agora, meu amigo?

— Vamos fazer uma visita a Dina. Estou aguardando instruções da colônia espiritual.

— Há um tempo que não visito minha filha. Adoro o local onde ela mora atualmente, e será um prazer abraçá-la e matar as saudades!

SUBOCÉU DE ARUANDA



VOLTA AO PASSADO

Tomé e Lilian volitavam[1] em direção à casa de Ondina, localizada em Teresópolis, região serrana do estado do Rio de Janeiro. Dina, como era carinhosamente chamada pelos amigos, morava em uma chácara bastante aprazível na parte mais alta de um vale, afastada do centro urbano e próxima a um riacho. A varanda que circundava a residência favorecia a bela vista.

Depois de se aposentar e ficar viúva, resolveu que levaria uma vida com mais qualidade, paz e sossego, mudando-se da capital. Como morava sozinha, Dina contava com a ajuda de um casal de caseiros, Celso e Maristela, para cuidar do espaço, de uma pequena horta e de alguns animais. Com a proximidade da primavera, as primeiras flores já despontavam, e os lindos botões de rosa dos canteiros caprichosamente cuidados não tardariam a embelezar ainda mais a residência.

Um pouco antes da 1h da madrugada, Lilian e Tomé chegaram ao quarto de Dina, que ainda estava acordada, lendo compenetrada em sua cama. No local, encontraram Paulo, o mentor espiritual de Dina, que os aguardava. Após os cumprimentos, Paulo aproximou-se de sua tutelada e sugeriu que ela dormisse, pois já era tarde e ela precisava estar descansada para receber seus entes queridos. Esse pensamento deixou Dina um pouco ansiosa. Ela apagou as luzes do quarto e fez uma sentida oração, pedindo a Deus que preparasse ela e a filha para o reencontro e que tudo corresse em paz e de maneira harmoniosa. Também pediu pelos netos, em especial pela recuperação de Rafael, clamando ao arcanjo de mesmo nome que o protegesse. Dina pegou no sono rapidamente, desdobrando-se do corpo físico com facilidade e lucidez. Saudou Tomé e Paulo e correu para o abraçar sua mãe, Lilian.

— Mamãe, quanta saudade! Quanta falta a senhora me faz.

— Também sinto muito a sua falta, filha do coração. Apesar da distância física, estamos estreitamente ligadas por um sentimento maior: o amor.

— Que sejamos merecedoras de nos encontrarmos no tempo de Deus.

Tomé tomou a palavra:

— Dina, viemos aqui para conversar com você. Contamos com sua ajuda no plano físico. A família de sua filha começou a atravessar alguns desafios que serão culminantes. Eles podem ajudar muito na evolução, no aprimoramento e no despertar espiritual, ou podem desencadear dor e sofrimento. Será conforme o caminho que eles escolherem trilhar. Tudo dependerá do livre-arbítrio deles.

— Conte comigo no que estiver ao meu alcance. Diga-me o que devo fazer, que farei de coração e com boa-vontade.

Tomé retomou a fala para explicá-la:

— Será primordial que durante determinado período você esteja bem próxima deles. Seus conhecimentos espirituais, seus valores morais e, em especial, sua fé poderão servir como um pilar ou como um esteio para os fatos que começam a se desenrolar.

— Que eu tenha forças, Deus, para ajudar! — clamou Dina.

— A todo momento, você terá amparo e proteção. Busque se fortalecer, pois terá um papel fundamental no encaminhamento espiritual de Rafael, e muito aconselhará Marieta em decisões que ela terá de tomar. A trajetória de Rafael nesta encarnação está apenas começando. O êxito dos planos que traçamos com ele antes de seu reencarne podem ajudar muitos necessitados e favorecerão, principalmente, o equilíbrio e a objetividade de que ele precisa para conduzir a vida.

— Como disse, Tomé: pode contar comigo; e tenho a convicção de que não estarei sozinha.

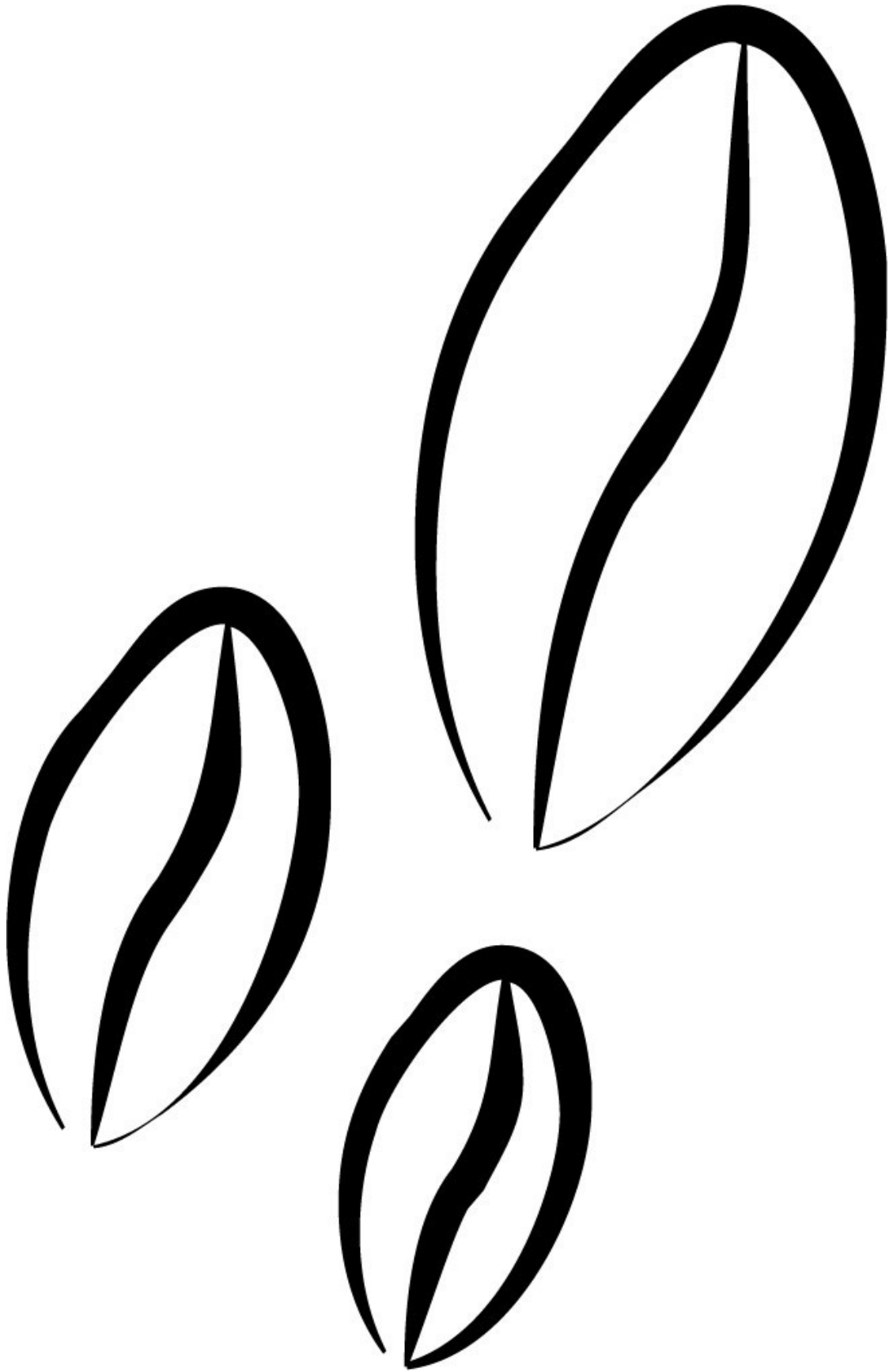
Encerrada a conversa, Tomé e Lilian se despediram de Dina e Paulo e se dirigiram ao jardim da casa. Do lado de fora, o céu estava limpo e repleto de estrelas cintilantes. Lilian olhou para o céu com certo ar de preocupação.

— O que a preocupa, Lilian? — perguntou Tomé.

— Não quis interrompê-lo enquanto falava com Dina, mas poderia falar um pouco mais sobre Rafael e Marieta?

Tomé olhou de forma serena e firme nos olhos de Lilian.

— Vamos nos sentar um pouco em um dos bancos do jardim. Primeiro vou te esclarecer a respeito de Rafael.



Em uma de suas muitas existências, Rafael era Otávio, um rico fazendeiro do século XIX que herdara de seu pai uma grande fazenda de café, gerida por ele entre mandos e desmandos. Escravocrata, agia de forma impiedosa, prepotente e arbitrária. Jovem e bonito, não aceitava ser contrariado, principalmente por escravos, que ele considerava seres inferiores. Um dia, enquanto fiscalizava as roças de café, sentiu-se atraído pela bela Maria, sua escrava. Recém-casada com Carlos, Maria havia dado à luz Firmino fazia poucos meses.

Otávio começou a investir e a jogar seu charme em Maria, sem se importar com o marido dela. O genioso Carlos, ultrajado e cego de ciúmes, um dia partiu para cima de seu sinhozinho, derrubando-o do cavalo. Furioso com a afronta do negro, Otávio ordenou que seus capatazes prendessem Carlos no tronco. Em seguida, muito transtornado, voltou à casa-grande e se embebedou. Ao cair da noite, reuniu todos os escravos no pátio e deu início ao castigo de Carlos. A cada chibatada, lanhos se abriam nas costas de Carlos e uma lágrima rolava dos olhos de Maria. A cada estalar do chicote, um lanho se abria no coração da mulher. Quando parecia que Carlos sucumbiria, Maria se lançou aos pés de Otávio, pedindo clemência. Rindo de satisfação, o senhor mandou que tirassem Carlos do tronco, que os escravos o carregassem para a senzala e que os mais velhos cuidassem das feridas.

No dia seguinte, Otávio mandou chamar Maria à casa-grande e perguntou o que ela lhe daria em troca da clemência para com Carlos. Maria respondeu que daria o que ele quisesse, desde que deixasse seu marido vivo. Sorrindo, Otávio mandou que Maria se retirasse e pensou consigo mesmo: “Esse negro vai me pagar!”.

Nos dias seguintes, a rotina da fazenda parecia normal: Carlos já se recuperava e nada se falava sobre o ocorrido.

Quase uma semana depois, Otávio ordenou a um dos capatazes que mandasse Maria se banhar e depois a levasse a uma casa mais afastada da sede. Apesar de jovem, ela já tinha ouvido, na senzala, muitas histórias de escravas que tinham de servir sexualmente aos senhores; e, tal qual o animal que segue para o abate, Maria seguiu resignada o capataz.

Para sua surpresa, assim que entrou na casa, Maria viu o marido amordaçado e

amarrado, com as mãos para o alto, de frente para uma cama de casal. Então, Otávio a violentou, diante de Carlos, para humilhá-lo, deixando Maria desolada, com a alma ferida. Por fim, nas primeiras horas da manhã seguinte, o senhor mandou que o capataz levasse Carlos para ser vendido em uma cidade muito distante.

Em outra fazenda, Carlos reconstruiu sua vida, casou-se, teve filhos, mas jamais deixou de odiar Otávio. Nunca mais tivera notícias de Maria ou de Firmino, seu filho.

Prostrada na cama, Maria precisou ser acudida pelas outras escravas e levada para a senzala. Devido ao seu estado depressivo, deixou de se alimentar e seus olhos perderam a vida; sequer segurava o pequeno Firmino. A lembrança da noite entre ela, Otávio e Carlos não saía de sua cabeça, e ela só pensava em vingança.

Certa manhã, quando parte dos escravos foi para a roça e os demais para seus afazeres, Maria aproveitou que estava sozinha e, sem que ninguém visse, foi até a parte mais profunda do rio e se afogou. O corpo de Maria foi encontrado pelos escravos, que passaram a acreditar que aquele local era mal-assombrado, pois alguns negros dotados de mediunidade escutavam choros, lamentos e até mesmo a avistavam vagando pelo lugar.

Assim que se suicidou, Maria entrou em um estado profundo de perturbação espiritual. Inúmeras tentativas de socorro espiritual foram feitas, mas ela, com o coração inflamado de ódio, se manteve firme em seu propósito de vingança.

Anos depois, o espírito de Maria avistou Otávio, mais envelhecido, cavalgando com dois meninos que o chamavam de pai. Sem a noção de que o tempo havia se passado, Maria resolveu segui-lo, regressando à casa-grande.

Maria adentrou a residência de Otávio e começou a explorar o local. Em um dos quartos, o espírito se deparou com uma escrava mais idosa, chamada Zefa. A velha, ao avistá-la, ficou lívida, fez o sinal da cruz e falou: “Minha Nossa Senhora, estou vendo alma-penada!”. Naquele instante, Maria percebeu que estava morta, mas não entendia por que ainda se sentia viva.

Zefa correu até a senzala para falar com Pai Tomé. Disse-lhe que havia uma alma-penada na casa-grande. Depois de ouvir o relato de Zefa, nego-velho riu mansamente e disse:

— Zefa, minha filha, não é a primeira vez que você vê alma de outro mundo, ainda mais na casa-grande.

— Eu sei, Pai Tomé, agora é diferente. Eu vi a escrava Maria, aquela que se matou há muitos anos, e ela não parecia nada bem.

O pai-velho se calou por alguns instantes e depois respondeu:

— Tentaremos ajudar nossa irmãzinha assim que Deus permitir.

— E o que eu faço, Pai Tomé? — perguntou Zefa.

— Volte para os seus afazeres e reze pelo espírito dessa pobre infeliz.

O ocorrido entre Maria, Carlos e Otávio havia sido abafado e nada mais fora comentado pelos negros. Uma família de escravos criou como filho o jovem Firmino, que nada sabia sobre os pais. No entanto, o rapaz era a lembrança viva daquele triste fato, e Otávio sabia de quem ele era filho.

Otávio se casara com Ruth logo depois do ocorrido e o casal teve três filhos: Raul, Henrique e a caçula Acácia. Apesar de ter sido um casamento arranjado — como era costume na época —, eles acabaram se apaixonando, e a presença dela o tornou uma pessoa melhor. A senhora tratava os escravos bem, não compactuava com castigos e foi responsável por inúmeras melhorias na fazenda, principalmente pela forma mais humana como os negros passaram a ser tratados. Otávio, apesar de não concordar com as ideias da esposa — que considerava avançadas —, deixava-a livre, pois queria agradá-la. A vida daqueles escravizados melhorou muito, assim como a fazenda prosperava cada vez mais.

A vida transcorria bem, os anos se passavam, mas, todas as vezes em que Otávio avistava Firmino, sentia-se incomodado. Em uma ocasião oportuna, o senhor recebeu uma mensagem de seu cunhado, Félix, pedindo ajuda com mão de obra para trabalhar na próxima colheita. Depois de avaliar a situação, Otávio enviou cerca de 20 negros para o cunhado, dentre eles Firmino e sua família. Na ocasião, o jovem escravo contava uns 18 anos. Negro grande e forte, lembrava o pai, Carlos. O espírito de Maria chegou à sede da fazenda pouco tempo depois da partida de Firmino.

Com a presença de Maria, Otávio, que na época estava com 38 anos, começou a sentir apertos no peito e certo cansaço. Ruth ficou preocupada com o marido,

que sempre se mostrou muito forte, e sugeriu que chamassem um médico para avaliar o caso. Otávio, todavia, argumentou:

— Senhora minha esposa, fique tranquila que não morrerei tão cedo. Ainda tenho muito pela frente.

Zefa, escrava da casa-grande, relatou a Pai Tomé que Maria ficava o tempo todo ao lado do senhor Otávio, e que era um verdadeiro encosto. Pai Tomé explicou a Zefa que tudo na vida tinha um porquê e que, na folga de domingo à tarde, eles se reuniam e pediriam orientação aos ancestrais.

Desde que sinhá Ruth se casara com Otávio, aos domingos era concedida uma folga aos escravos. Nesse dia, ninguém ia para a lida na roça, fazendo apenas, na parte da manhã, as tarefas indispensáveis, como o trato dos animais. A sinhá também permitia que os negros realizassem seus cultos. Quando questionada por Otávio — que considerava os negros inferiores e intelectualmente atrasados — sobre todo esse liberalismo, ela respondia que a felicidade tornava as pessoas melhores, e que devíamos buscar a felicidade nas pequenas coisas da vida. Otávio achava essas ideias estranhas e dizia que qualquer sinal de queda na produção ou de libertinagem seria coibido com a chibata. Ruth beijava o marido e dizia: “Meu senhor, dê-me apenas uma chance para realizar este experimento.” Com as mudanças implantadas pela sinhá, a produtividade da fazenda praticamente dobrou, mas o orgulhoso Otávio nunca dera o braço a torcer.

Os negros eram gratos à espiritualidade por ter enviado sinhá Ruth, que era considerada um anjo de Deus que veio interceder por suas vidas. Desde que ela chegara à fazenda, a vida dos escravos melhorou muito, e eles ainda receberam a permissão de praticar sua fé, ainda que de forma velada e discreta.

No domingo à tarde, alguns negros se reuniram na senzala diante de um altar com uma pequena cruz improvisada feita de gravetos, um copo de água, algumas velas, imagens de santos católicos e flores colhidas no campo. Tudo era montado com extrema limpeza e simplicidade, mas o sustentáculo era a fé daquelas pessoas humildes. Pelo que se sabia, aquele culto era repassado oralmente dos mais antigos para os mais novos. Mantendo suas raízes na mãe África, assimilavam as crenças locais e aproveitavam o Catolicismo para sincretizar seus sagrados orixás.

Entre os escravos estavam Tomé, Zefa, Tonho, Quirino, Roque, Zulmira,

Cândida e Elvira, além de negros mais velhos que assistiam aos trabalhos na senzala. Os demais ficavam do lado de fora, aguardando. O ritual começou com algumas orações católicas e cantigas em iorubá, que pareciam lamentos. Em determinado momento, os corpos de Tomé e Cândida começaram a estremecer e ambos incorporaram — como denominavam — ancestrais. Em transe profundo, Tomé deu passagem ao Nego Benedito do Cafezal e Cândida à Mãe Maria Preta da Senzala.

Nego Benedito, ancestral conhecido como curandeiro e rezador, sentou-se em um banco rústico feito de tora de árvore. Entregaram-lhe uma rama de café, uma bacia com sumo de ervas, um cigarro de palha e um coité de marafo com rapadura. Sentado no toco, Nego Benedito saudou:

— Louvado seja Zambi!

— Para sempre seja louvado —responderam os filhos.

— Louvado seja nosso sinhô Jesus Cristo!

— Para sempre seja louvado!

— Louvada seja a força de Deus!

— Para sempre seja louvada!

Já Mãe Preta, como era carinhosamente chamada pelos filhos, saudou o altar, cumprimentou Nego Benedito e foi abraçar, afetuosamente, cada um dos filhos ali presentes. Depois, sentou-se em seu toco e começou a pitar seu cachimbo. Segurava um rosário feito de lágrimas-de-nossa-senhora, tomava café e usava um ramo de uma erva denominada vassourinha.

Benedito era o espírito de um negro sério e firme, enquanto Mãe Maria Preta era a manifestação da doçura, da alegria e do acalanto para aquele povo sofrido. Além daqueles dois ancestrais incorporados, vários outros espíritos estavam ali amparando e auxiliando o bom andamento dos trabalhos.

Os atendimentos começaram e ambos, Nego Benedito e Mãe Preta, atenderam aos filhos daquela senzala, benzendo e aconselhando o uso de ervas como curativo para resolução de toda ordem de problemas. Quando os atendimentos terminaram, Nego Benedito chamou os filhos que participaram daquela corrente

— Tonho, Elvira, Zefa, Quirino, Zulmira e Roque — e explicou que o espírito da infeliz Maria seria trazido para que conversassem com ela diante deles, e que, em nome de Deus, tentariam ajudá-la.

Mãe Maria Preta tomou a palavra e pediu que todos firmassem a cabeça, mantendo-se concentrados e em oração. Mandou que os filhos da Terra formassem um semicírculo diante do altar; pediu que colocassem uma vela e um copo de água no centro e que Elvira se posicionasse ao lado. Enquanto rezavam na senzala, Nego Benedito começou a estalar os dedos, dando uma série de comandos mentais e energéticos em voz baixa. Sem que os filhos da Terra percebessem, dois espíritos, que exerciam funções parecidas com sentinelas, buscaram Maria na casa-grande e a lançaram no centro da roda.

A médium Elvira, destacada para fazer a puxada[2] e dar passividade ao espírito da sofredora, foi lançada junto ao centro da roda e começou a sentir o impacto espiritual, tendo falta de ar e a sensação de sufocamento. Ao mesmo tempo, Maria, sem compreender o que se passava, começou a reviver seu suicídio e tudo o que sentira na ocasião. Médium e espírito caíram sentadas no chão da senzala.

Nego Benedito se dirigiu ao espírito de Maria, incorporada em Elvira, e começou dizendo:

— Filha, quanta dor, quanto sofrimento...

— Só eu sei pelo que passei! — respondeu Maria

— E este nego entende. Mas agora é hora de cicatrizar essas feridas e seguir conosco para uma nova etapa da vida, só que em outro plano.

Maria Preta, com muita ternura, seguiu o trabalho de doutrinação com Maria:

— Filha, procure pensar em coisas boas. O corpo de carne ficou para trás, há muito tempo, mas o espírito é imortal e deve prosseguir sua caminhada.

Maria refletiu um pouco e perguntou:

— Mas, se eu for, o que acontecerá com Otávio?

— Ele seguirá sua vida e responderá a Deus por seus malfeitos.

— Isso é injusto! — reclamou Maria. — Ele deve responder a mim, que fui tomada por ódio, raiva e um forte sentimento de vingança. Ele vai me pagar por tudo o que fez a meu marido, a meu filho e a mim.

Maria Preta, com brandura, olhou no fundo dos olhos de Maria, penetrando no íntimo daquele espírito miserável e disse:

— Minha filha, a vingança é um veneno. Se buscar envenenar o próximo, envenenará a si mesma, pois respondemos a Deus por todas as nossas faltas.

Maria, mobilizada por inúmeros sentimentos deletérios, respondeu de forma ríspida à Mãe Preta:

— Se necessário, estou disposta a tomar o vidro inteiro de veneno para fazer aquele canalha passar por toda a dor por que passei.

Nego Benedito, que escutava a conversa em silêncio, disse:

— Certo, minha filha. Se é assim que deseja, assim será, mas lembre-se: quem com ferro fere, com ele será ferido. Você está ciente de que estamos aqui, estendendo-lhe as mãos, para ajudá-la. Apesar de não concordarmos, respeitamos sua decisão. Porém, a qualquer tempo, se sua sede de vingança interferir no bom andamento desta comunidade, nós intercederemos.

— Isso é uma ameaça, velho? — questionou Maria de forma debochada.

— Jamais, minha filha — respondeu firmemente Nego Benedito. — É apenas um comunicado. Já que fez sua escolha, pode ir. Siga seu caminho pedregoso.

Nesse momento, as sentinelas desacoplaram Maria do campo espiritual de Elvira, que voltou a si com um pouco de desconforto, e o espírito foi posto para fora da senzala.

Mãe Preta lamentou aos filhos por Maria não permitir ser ajudada, pois de nada adianta dar luz ao cego que não quer enxergar. Tonho, um astuto componente do grupo, perguntou:

— Mãe Preta, e agora? O que acontecerá com Maria?

— Tonho, filho querido, só o tempo irá dizer. Vamos dar tempo ao tempo e

aguardar. Como disse Nego Benedito, iremos intervir se necessário, mas peço a vocês que sempre orem por essa irmã necessitada.

Antes de encerrar os trabalhos, Nego Benedito orientou que os filhos permanecessem em formação e que se concentrassem, pois passariam por um descarrego. Mãe Preta puxou uma cantiga e foi acompanhada pelos escravos. No instante seguinte, Zefa, Tonho, Quirino, Roque, Zulmira e Elvira incorporaram seus protetores, que, ao se manifestarem, promoviam uma limpeza no campo áurico dos médiuns. Por trás daquelas incorporações, estavam espíritos de antigos escravos, guerreiros africanos e indígenas brasileiros. Nego Benedito entoou uma nova cantiga, e este era o comando para que todos os guias subissem em conjunto, deixando seus médiuns em paz e harmonia.

Pai Tomé voltou a si e fez uma oração de encerramento. Depois, todos os negros fizeram uma simplória refeição, conversaram um pouco e foram dormir, pois retomariam sua rotina na manhã seguinte.

Dois anos se passaram e a vida na fazenda transcorria normalmente. Otávio se acostumara a conviver com as dores e os mal-estares causados pela proximidade do espírito de Maria e de seus fluidos perniciosos. A todo momento, Otávio revivia os acontecimentos passados e, quando dormia, seu espírito em desdobramento era perseguido por Maria. Em uma dessas ocasiões, Maria descobriu sobre a venda de Carlos e sobre Firmino ter sido enviado para longe. Furiosa, ela passou a atacar Otávio constantemente, o que começou a prejudicar a administração da fazenda.

Em uma tarde, aproveitando a visita de padre Francisco, o amargurado Otávio decidiu contar-lhe sobre as lembranças que atazanavam sua mente, ocorridas havia anos. Em silêncio, o padre ouvia o homem relatar que havia tomado as medidas necessárias, castigado o negro, mas sido clemente por poupar a vida dele, vendendo-o. Omitindo o estupro, Otávio acreditava que agira da forma correta: para ele, os escravos lhe pertenciam e ele podia fazer o que bem entendesse, pois os considerava seres inferiores.

Como penitência, padre Francisco pediu que Otávio rezasse o terço três vezes ao dia e disse que ele estava perdoado, pois era um bom cristão e sempre contribuía com a Igreja. Aproveitando que estavam a sós, o padre ainda aproveitou para ponderar sobre a liberdade que os escravos tinham na fazenda de Otávio, e que ouvira falar sobre a prática de cultos pagãos no local. Otávio —

que não gostava de receber críticas sobre sua conduta — ruborizou, respondendo que apuraria a situação com a senhora Ruth. Os dois homens seguiram bebendo licor e conversando amenidades, sem a mínima noção de que o espírito de Maria estava no canto da sala escutando tudo. Indignada, Maria gritava, xingava e, em meio a toda ordem de improperios, falou: “O padreco pode até absolvê-lo, seu crápula, mas eu jamais o perdoarei!”.

Daquele dia em diante, Maria intensificou ainda mais seus ataques, muitas vezes pressionando o pescoço de Otávio e causando-lhe falta de ar. Ela também saía pela fazenda na garupa do cavalo dele, até que, certa vez, sob a forte influência do espírito, Otávio desmaiou, caiu do cavalo no meio do pasto e ficou desacordado até ser encontrado, socorrido pelos escravos e levado para a casa-grande.

Otávio chegou à fazenda estirado em uma carroça. Foi levado imediatamente para seus aposentos. Desesperada ao vê-lo, Ruth mandou que fossem até a cidade chamar um médico. Enquanto Maria se deliciava com a situação, Otávio gemia de dor e culpava os negros por seu revés. Ruth achou que ele estava variando.

Não demorou para que o velho dr. Stenio chegasse — ele era o único médico que atendida as redondezas. Após examiná-lo, ele deu alguns preparos a Otávio e diagnosticou duas costelas fraturadas, sendo necessário repouso absoluto, durante algum tempo, para a calcificação óssea.

Os dias foram se passando, Ruth e as escravas cobriram Otávio de cuidados e agrados, mas ele estava em um azedume só: reclamava de tudo, principalmente dos negros. As dores se agravavam quando o espírito de Maria estava próximo. Além disso, Otávio passara a ter pesadelos com o espírito da escrava Maria, deixando seu sono turbulento. Isso o fez lembrar da orientação do padre; atribuiu o surgimento dos pesadelos à falta de tempo para rezar o terço três vezes ao dia e também aos ritos pagãos praticados pelos negros. Então, Otávio chamou a esposa e mandou-a dizer ao padre que viesse rezar uma missa na capela da fazenda e benzer todos. Proibiu também que seus negros realizassem ritos pagãos. Ruth estranhou a atitude do marido, mas, apesar de não concordar com suas determinações, resolveu não questionar em razão do estado em que ele se encontrava.

Ruth enviou uma mensagem a respeito da missa ao padre e mandou que Zefa

chamasse Tomé, pois desejava falar com ele. Na cozinha da casa-grande, a sinhá o informou de que, por ordem do senhor Otávio, por ora, o rito dos negros deveria ser suspenso. Tomé acatou respeitosamente a ordem da sinhá, e Ruth completou:

— Por enquanto, façamos assim... até que as coisas se normalizem.

— Claro, sinhá — respondeu Tomé, saindo para o pátio da fazenda.

Pensando sobre os últimos acontecimentos, Tomé seguiu em direção ao riacho. Sentou-se em uma pedra e, meditando, pediu orientação sobre a situação. Naquele instante, Nego Benedito apareceu em sua tela mental, saudando-o.

— Tomé, meu filho, o espírito de Maria está fazendo uma arruaça na vida de Otávio. Outrora conversamos com ela, oferecemos ajuda, que ela não quis, porém a advertimos de que não permitiríamos que seus planos prejudicassem os filhos desta comunidade. O acerto de contas entre eles está prejudicando a todos, por isso tivemos a permissão da espiritualidade maior para interferir. Vou te instruir, Tomé, sobre como você deverá agir antes da missa que será realizada pelo padre.

Tomé assentiu, aguardando as orientações de seu protetor.

— Hoje mesmo deverá ser feita uma oferenda para Exu. Faça um padê à base de fubá com dendê, coloque marafo e acenda uma vela pedindo proteção. Também acenda uma vela no tempo para Iansã, pedindo que encaminhe os eguns. Depois, prepare um unguento e peça que Zefa passe nas costelas de Otávio, isso irá acelerar a recuperação dele. Hoje à noite, firmem o altar que eu e Mãe Preta desceremos para concluir os trabalhos.

Tomé agradeceu as orientações transmitidas por Nego Benedito e foi cumpri-las. De volta à senzala, procurou Cândida, passou-lhe a mensagem de Nego Benedito, pediu que ela avisasse aos outros membros da corrente e que o acompanhasse, pois sairiam para fazer as oferendas. Cândida e Tomé eram os responsáveis por tomar conta da senzala e cuidar dos escravos doentes, das mulheres grávidas e das crianças. Por isso, tinham mais liberdade para andar pela propriedade.

Os dois foram até a boca da mata, onde havia uma clareira, e montaram o padê de Exu sobre uma folha de bananeira. Enquanto louvavam Exu e faziam seus

pedidos e mentalizações, no plano espiritual surgiu um emissário do orixá, que extraiu a energia dos elementos oferendados para auxiliar nos trabalhos da noite. Finalizado o trabalho para Exu, seguiram em direção ao riacho e, em uma pedra próxima ao bambuzal, firmaram uma vela para Iansã. À medida que louvavam a mãe do tempo, uma enviada dançava ao redor deles, fortalecendo-os com as forças da natureza.

Assim que terminaram as oferendas, regressaram à senzala e Tomé foi preparar um unguento à base de gordura e sumo de ervas para Otávio. Com o preparado pronto, foi até a casa-grande entregar e explicar a Zefa como usá-lo e aplicá-lo. Zefa aproveitou para informar a Tomé que padre Francisco respondera à sinhá Ruth e que só poderia celebrar a missa dali a 10 dias.

Ao cair da noite, depois da refeição, os negros que faziam parte da corrente se reuniram em frente ao altar. Tomé explicou que fariam orações, mas que não haveria cânticos, a fim de não contrariar os senhores. Após a prece de abertura, Nego Benedito do Cafezal e Mãe Maria Preta da Senzala se manifestaram em seus médiuns.

Nego Benedito agradeceu aos filhos por terem seguido suas instruções e explicou que as oferendas seriam de grande valia para os trabalhos da noite.

Mãe Preta orientou que os médiuns fizessem um semicírculo diante do altar, firmassem a cabeça e orassem. Pediu também silêncio absoluto na senzala para que o andamento dos trabalhos não fosse prejudicado. Em seguida, solicitou que Elvira e Roque fossem para o centro da roda.

Nego Benedito começou a estalar os dedos em volta da cabeça de Elvira enquanto o espírito de Maria era trazido pelas sentinelas dos trabalhos espirituais até a senzala. Conforme adentrava a roda, Maria e Elvira estabeleciam uma perfeita conexão, possibilitando a comunicação.

— Quem vocês pensam que são para ficar me amolando? Já disse que não quero ajuda. Que eu siga o meu caminho e vocês seguem o de vocês.

— Certo, filha — respondeu Maria Preta. — Da última vez, conversamos com a filha e buscamos esclarecê-la a respeito do caminho que escolhera seguir.

Enfadada, olhando para Mãe Preta, Maria falou, arrogante:

— E daí, velha? O caminho é meu, a vida é minha, e vocês nada têm a ver com isso! Eu sigo o meu rumo e vocês seguem o de vocês.

— Engano seu, criança rebelde — respondeu Nego Benedito. — Seu egoísmo e sua vingança estão a respingar em seus irmãos de carne. Quando conversamos, este velho a advertiu de que isso não admitiríamos. Recordá-se, Maria?

Olhando para baixo, Maria respondeu que sim.

— Acredito que a filha tenha se esquecido das coisas boas, dos bons sentimentos, das lutas e das dificuldades que você e seus irmãos da carne passaram — continuou Nego Benedito. — Assim como se esqueceu de que, quando as coisas na casa-grande não vão bem, a senzala é afetada, e muitos se prejudicam.

Maria ouvia Nego Benedito com respeito e em absoluto silêncio. Desde criança, ouvia os mais velhos contando várias histórias a respeito dos ancestrais.

Mãe Preta, com sua ternura peculiar, falou para Maria:

— Criança, é hora de deixar tudo isso para trás, seguir adiante, ser útil, perdoar. Olhe quem está ao seu lado.

Nesse instante, surgiu o espírito de uma mulher negra em vestes brancas, levando um sorriso alvo e emanando muita luz em torno de si. Os negros, no plano físico, nada viam, mas no plano espiritual estava Ceixa, a mãe de Maria. Quando a viu, Maria caiu no choro e se lançou aos braços da mãe. Dizia que estava com saudades e se sentia abandonada, e Ceixa tentou acalmá-la:

— Minha filha, o Pai jamais abandona seus filhos. Deixe isso tudo para trás. Perdoe para ser perdoada. Siga comigo e com os amigos que estão aqui, oferecendo-lhe amparo.

Mas Maria, em um sobressalto, disse que não perdoaria Otávio e que ele ainda sofreria muito. Ceixa tentou convencer a filha, porém ela permanecia irredutível.

— Filha, lamento por sua escolha e pelas consequências nefastas que suas ações causarão a você mesma.

— Maria, não recuse a ajuda que sua mãe aqui lhe oferece, filha de Deus —

interveio Mãe Preta.

— Não! Eu não vou com ela. Otávio me deve e terá de pagar.

— Basta! — falou Nego Benedito, com firmeza, batendo seu cajado no chão. — Não podemos dar luz ao cego que não quer enxergar, e Maria não quer ser ajudada. Ceíça, agradecemos por sua ajuda, mas, infelizmente, Maria foi cegada por seus propósitos. Por ora, com a permissão divina, intercederemos para que outros filhos não sofram em consequência dos atos de Maria.

O espírito de Ceíça desapareceu da senzala e Maria falou:

— Assim como minha mãe, também vou embora, voltarei para a casa-grande. E digo a vocês: não se metam mais comigo!

— Nós a avisamos, e agora vamos intervir, dando um basta nesta situação. O mundo espiritual é mais amplo do que você pensa, criança. O Mestre Jesus nos ensinou: “Na casa de meu Pai há muitas moradas”.[3]

Maria olhava para Nego Benedito sem entender o que dizia o pai-velho. Naquele instante, vinda de suas costas, ouviu uma gargalhada que a fez sentir um frio na espinha. No plano físico, como orientado, Roque estava concentrado atrás de Elvira, orando de olhos fechados, até que incorporou um guardião da Lei, um exu, que chegara gargalhando por intermédio de Roque.

O guardião saudou Mãe Preta, Nego Benedito e os presentes. Em seguida, dirigiu-se a Maria e afirmou:

— Você vai comigo.

— Eu não vou a lugar algum com você — respondeu Maria.

— Veremos se não — provocou o exu, gargalhando.

O corpo de Roque, inconsciente, seguindo os comandos do exu manifestado, rodeou Maria — que ainda estava acoplada a Elvira — três vezes. Enquanto era rodeada, correntes astrais amarravam Maria, que se debatia e reclamava. Por fim, o exu gargalhou e desincorporou de Roque; no mesmo instante em que Maria desacoplou de Elvira.

Mãe Preta aproveitou a lição deixada pelo trabalho do dia para falar aos presentes sobre a importância do perdão. Durante sua explanação, Tonho pediu licença para fazer uma pergunta:

— O que aconteceu com Maria?

— Filhos, Maria foi levada para outras paragens espirituais, sendo afastada daqui por tempo indeterminado — respondeu a anciã.

Tonho, novato nos trabalhos do grupo, tornou a perguntar.

— Por que um espírito de exu veio buscá-la?

— Exu é o guardião que caminha nas sombras, transitando por regiões espirituais mais densas, mas isso não quer dizer que ele não tenha luz.

— Filhos, em breve as coisas por aqui voltarão ao normal. Em poucos dias, antes da chegada do padre, sinhô Otávio se levantará do leito, e todos seguirão suas vidas. Orem sempre pela infeliz Maria, e tenham a certeza de que o tempo é capaz de curar todas as feridas. Que Zambi os abençoe! — concluiu Nego Benedito.

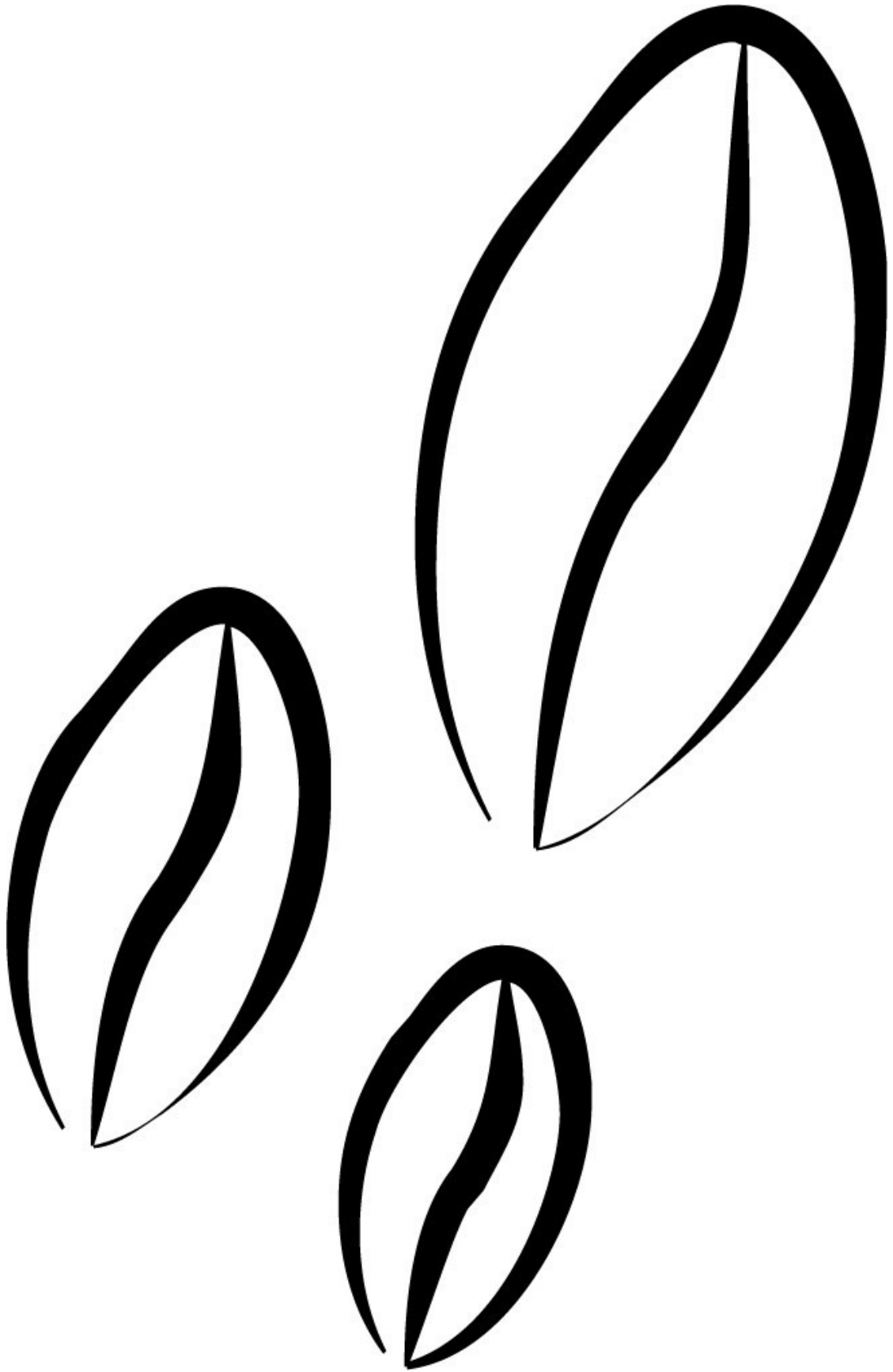
Encerrada a reunião, todos deram as mãos, Mãe Preta e Nego Benedito subiram e todos foram se deitar, pois havia muito trabalho no dia seguinte.

Na manhã seguinte, Otávio acordou se sentindo mais disposto; os remédios começaram a fazer efeito em seu organismo. Ele sentia que algo estava diferente, mas não sabia explicar o que era. Achou que era coisa de sua cabeça. Sinhá Ruth e os escravos também notaram a melhora. Zefa, por sua vez, parou de ver o espírito de Maria perambulando pela casa.

Os dias se passaram e os preparativos para a celebração da missa transcorriam bem. Antes da chegada de padre Francisco, como previra Nego Benedito, Otávio já estava de pé, andando pela casa amparado por uma bengala. Na varanda da casa, tomando um pouco de sol e respirando ar puro, começou a refletir sobre o ocorrido, chegando à conclusão de que fora apenas um acidente, de que os negros não tinham culpa e de que ele não havia sido castigado por Deus por não ter cumprido sua penitência.

O tempo passou na fazenda, tudo voltou à sua normalidade, e a vida daquelas

pessoas seguiu o rumo de seus dramas pessoais.



— Lilian? — falou Tomé, tocando no ombro da mulher.

— Nossa, que história! — reagiu Lilian, voltando a si. — Vivi cada cena, me senti em um cinema, me emocionando e me entristecendo com os acontecimentos. Mas fiquei com muitas perguntas em minha cabeça... — e ambos riram.

SUBOCÉU DE ARUANDA

4

ESCLARECIMENTOS OPORTUNOS

A madrugada avançava enquanto Tomé e Lilian conversavam no jardim da chácara de Dina.

— Meu amigo Tomé, meu menino Rafael fez muito mal àquela moça e à sua família. Eu nem sei o que pensar. No começo, em meu íntimo, eu achava injusto vê-la ao lado de meu bisneto.

— Lilian, não se julgue. Na roda da vida, assumimos diferentes papéis. Todos já fomos perseguidos e perseguidores. Deixemos o passado para Deus, e vejamos o que podemos fazer daqui para adiante.

— Mais uma vez, você está certo, meu amigo. Agora, diga-me outra coisa: por que você é o protetor de Rafael? Ele foi seu dono; você era seu escravo. Não guardou ressentimentos?

— Lilian, o trabalho edifica o homem. Sou muito grato à oportunidade que tive de reencarnar como escravo naquela vida, pois me ajudou a saldar débitos adquiridos pela lei do carma. Sempre tenha a certeza de que nada acontece por acaso, e tudo pode ser aproveitado para nosso progresso. Na escola da vida, somos eternos aprendizes, e Jesus é o nosso tutor. Rafael e eu já havíamos nos encontrado outras vezes, por isso, pedi e recebi a permissão para ficar, espiritualmente, ao lado dele, guiando-o nos compromissos firmados com o Alto em seu planejamento reencarnatório, visando ao seu aprimoramento e crescimento.

— Mas, Tomé, qual foi o desfecho daquela história e de seus envolvidos?

— Bem, Otávio desencarnou em decorrência de problemas cardíacos, no início da segunda metade do século XIX. Durante sua passagem, estava rodeado pela família. Devido à intensa culpa que carregava em seu íntimo, foi atraído a regiões umbralinas afins ao seu padrão vibracional, passando um tempo significativo nessas zonas de regeneração. Não tardou e logo foi encontrado por Maria, Firmino e Carlos.

— Como assim Maria o encontrou? Ela não havia sido aprisionada por aquele tal exu?

— Lilian, não se dirija de forma pejorativa a um exu — corrigiu Tomé. — Exu é um grande trabalhador a serviço da Lei.

— Desculpe, Tomé. Não foi minha intenção. Enquanto encarnada, sempre tive medo, e não entendia essas coisas. Chamava tudo isso de “macumba”.

— Entendo, Lilian, mas em breve você entenderá um pouco mais sobre esse assunto — prosseguiu Tomé. — As correntes astrais que o exu usou para prender Maria eram oriundas da própria energia vingativa que a contaminava. O guardião não a prendeu pela eternidade, mas por um período, de modo que se mantivesse longe da fazenda. Ela colocou aquela comunidade de escravizados em risco. Eles já teriam uma experiência difícil, por terem reencarnado como cativos, e já enfrentariam muitas dificuldades e dissabores. Por merecimento espiritual, os negros que viviam naquela fazenda deveriam ter uma vida mais branda, se comparada à de muitos outros em semelhante situação.

— Como Maria conseguiu se libertar, Tomé?

— Espíritos afins, arruaceiros como ela, a libertaram. Ela seguiu com o bando por muitos anos, até que enfim localizou Firmino e Carlos e os convenceu a se juntarem a ela em seu plano de vingança.

— Tomé, como uma atitude impensada de Otávio, hoje Rafael, movida pela raiva, pelo orgulho e pela vaidade pôde gerar tantos danos e efeitos colaterais...

— Isso mesmo, Lilian. Devemos aprender a frear nossos impulsos, buscando autoconhecimento, aperfeiçoamento contínuo, burilamento.

“O tempo passou para a família de Otávio. Ruth foi um anjo para aquela família, era sábia, afetuosa, transmitiu valores aos filhos e humanizou, dentro do possível, o trato com os escravos. Ainda estava viva quando a Lei Áurea foi assinada, o que a deixou muito feliz. Quando Raul, seu filho mais velho, anunciou a libertação dos negros, emocionou-se. Muitos choraram de alegria com o fim do cativo. Pouco tempo depois, Ruth desencarnou e se entristeceu quando soube que Otávio estava em regiões inferiores. Com o tempo, teve permissão para tentar ajudá-lo algumas vezes, até que enfim obteve êxito. Após resgatado, Otávio foi levado para ser tratado em uma colônia. Mais preparado,

mas ainda muito abatido pela culpa, recebeu a chance de reencarnar e a dádiva de esquecer. Dessa forma, tentaria reparar seus erros.

“Nesta nova oportunidade, nasceu em uma família humilde do Nordeste brasileiro. Reencarnou em um corpo feminino de pele negra, pois sua missão era aprender a respeitar o sexo oposto e a pele preta. Também viveria com limitações financeiras para aprender a ser humilde. Não tardou para que Maria encontrasse Otávio, que naquela vida se chamava Tereza, e retomasse seus planos de vingança.”

— Mas, Tomé, como Maria encontrou Otávio se, naquela ocasião, ele estava encarnado em um corpo feminino?

— Minha irmã, pelos antigos laços que os ligavam.

Tomé retomou a narrativa:

— No início de sua adolescência, sob forte influência de Maria, Tereza fugiu de casa, indo viver em um prostíbulo, iludida pela promessa de vida fácil. Desencarnou com cerca de 20 anos, bastante jovem, em decorrência de diversos abortos cometidos e complicações de doenças venéreas contraídas. Quando regressou à pátria espiritual, a culpa foi sua companheira, assim como Maria, que lhe infligia toda sorte de humilhações e castigos. Por sorte, mais uma vez, o espírito da abnegada Ruth entrou em cena e conseguiu resgatar Tereza.

Enquanto Lilian ouvia o relato de Tomé, as cenas se passavam em sua tela mental. Muitas vezes, suas lágrimas rolaram diante dos acontecimentos.

— Tereza passou muitos anos trabalhando no plano espiritual. Exerceu diferentes funções edificantes. O amparo às almas em sofrimento ajudou a curar as próprias feridas da moça. Por várias vezes, Tereza tentou se reconciliar com Maria, Carlos e Firmino, que nunca aceitaram seu pedido de perdão e prometeram não dar trégua onde quer que ela estivesse. Com o tempo, surgiu a necessidade de reencarnar e colocar em prática os ensinamentos que obteve na espiritualidade. Com o auxílio de seus amigos espirituais, como Ruth e eu, elaboramos um plano reencarnatório para sua nova jornada no plano físico.

— Tomé, eu não tinha a noção de que, para alguém reencarnar, havia todo esse trabalho e tantas pessoas envolvidas.

— Lilian, um projeto como esse dura meses. Requer inúmeras análises, além de modelos e protótipos do corpo físico desenvolvidos pelos engenheiros siderais.

— Como assim? Pode falar um pouco mais sobre isso, Tomé?

— Claro, Lilian! O planejamento reencarnatório é um projeto minucioso. Nele, são definidos a estrutura e os aspectos do futuro corpo físico, o DNA espiritual, a carga hereditária, as propensões daquele indivíduo ao longo de sua trajetória terrena, bem como os resgates do futuro núcleo familiar.

“Tereza só conseguiu reencarnar na terceira tentativa, após dois abortos espontâneos, nos quais o organismo de Marieta expeliu o feto antes dos primeiros três meses de gestação. Quando encarnada, ela havia cometido vários abortos. Passar por essa experiência a fez valorizar a vida. Persistir em seu objetivo a fez entender que é importante se empenhar naquilo que é planejado.”

— Recordo-me disso, Tomé. Até fiz uma promessa para São Cosme e São Damião: caso a gravidez de Marieta se firmasse e ela realizasse o sonho de ser mãe, eu distribuiria vários saquinhos de doce. Antes de morrer, cumpri minha promessa com meus santos. — Ambos riram da forma engraçada como Lilian falava. — Tomé, continue contando o que aconteceu com os outros.

— O espírito de Ruth ascendeu a esferas superiores, sendo uma nobre, devotada e humildade trabalhadora de Cristo. Sempre que possível, ela vem visitar o espírito de Otávio, hoje reencarnado como Rafael. Nego Benedito do Cafezal e Mãe Maria Preta da Senzala, os amigos espirituais de outrora, agora estão encarnados. Como espíritos protetores, muito ajudaram os seus tutelados. Após meu desencarne e o de Cândida, os espíritos anciãos seguiram para uma missão maior de auxílio caritativo a outros filhos necessitados, difundindo o bem e os ensinamentos de Jesus. Nossos outros irmãos, libertos da escravidão, deram continuidade aos trabalhos espirituais que praticávamos na senzala, adaptando-os com o tempo.

— Tomé, pode falar um pouco mais a respeito da missão que eles realizavam e explicar sobre o culto que vocês praticavam?

— Desde que o mundo é mundo, o homem busca diferentes formas de se conectar com o Divino, com o Sagrado. Nenhuma é melhor que a outra. Fazendo o bem, todas as maneiras são caminhos que levam a Deus. As interpretações, liturgias e nomenclaturas vão diferir e ir de encontro com nossas afinidades,

crenças e convicções, mas ajudam no despertar do processo de transformação da consciência individual e coletiva, auxiliando na reflexão e no desenvolvimento de cada indivíduo.

“Acerca do culto praticado pelos negros na senzala, precisamos lembrar que eles foram tirados de sua terra, a mãe África, e obrigados a vir para o Brasil, sendo subjugados e forçados a assimilar a cultura local. Por isso, tiveram que adaptar o culto aos orixás[4] e os elementos de seus ritos às condições adversas em que viviam, como a religião e os costumes impostos pelo homem branco.

“O culto praticado na senzala era uma adaptação ou assimilação das tradições africanas ancestrais, passadas oralmente dos negros mais velhos aos mais novos, absorvendo elementos do Catolicismo imposto e da cultura oriunda dos verdadeiros donos da terra brasileira, os indígenas. Em nossos ritos, alguns de nossos antepassados se manifestavam para auxiliar no tratamento das mazelas físicas, emocionais e espirituais. Apesar de reprimidos, conseguimos manter, com a chama de nossa fé, parte de nossas tradições acesa, realizando nossas ritualísticas ora nos pejis[5] das senzalas, ora na natureza.

“Mãe Preta e Nego Benedito foram escravizados enquanto encarnados. Depois do desencarne, eles receberam a permissão de se manifestarem e auxiliarem seus irmãos. Como disse, após a morte de meu corpo físico e do de Cândida, eles seguiram em uma missão maior com um agrupamento de espíritos pertencentes a uma colônia espiritual chamada Aruanda. Lá, em conjunto com muitos outros espíritos, participaram de um projeto para plantar na Terra uma semente de luz designada pelo próprio Jesus: uma religião que teria a mediunidade como ferramenta principal. Assim, os amigos espirituais se manifestariam para ajudar os filhos da Terra em uma nova religião chamada Umbanda.

“No plano físico, a Umbanda surgiu no início do século XX, por meio da mediunidade do jovem Zélio Fernandino de Moraes, tendo como anunciadores e fundadores o Caboclo das Sete Encruzilhadas e Pai Antônio, um preto-velho. Como religião mediúnica, a Umbanda concede a muitos filhos encarnados a chance de aliviar seu coração. Por meio da mediunidade, que é uma ferramenta concedida por Deus, são minimizadas as dores dos aflitos e curadas as chagas da alma dos necessitados. Durante cada atendimento realizado, os médiuns também têm a oportunidade de aprender com as lições transmitidas pelos guias espirituais, e o maior desafio deles é colocá-las em prática em suas vidas.

“Após labutarem por quase 100 anos na seara umbandista, Nego Benedito e Mãe Preta hoje estão encarnados, passando por novos aprendizados, pois estes nunca cessam. A cada amanhecer, temos a oportunidade de fazer algo diferente, de aprender com o novo. Basta que estejamos abertos.”

— É... — balbuciou Lilian. — Quando eu estava encarnada, sempre tive medo dessas coisas ligadas ao espírito. Agora, vejo como fui ignorante e fechada ao novo. Veja só, como se diz por aí, acabei virando uma alma-penada, um fantasma, e cá estou conversando com você. Mas, Tomé, por que você veio alertar Dina? Por que precisamos dela para ajudar Rafael e Marieta?

— O casamento de Marieta e Marco Antônio vem passando por atribulações. É necessário que ela repense sua postura diante da vida, pois ninguém está aqui a passeio. Ela também anda preocupada com o trabalho e, agora, com a situação de Rafael. Além disso, nunca buscou um sentido maior para sua caminhada na Terra. Mais uma vez, ela será lembrada disso pela vida.

— De que forma, Tomé? — questionou Lilian.

— Muitas são as formas de Deus falar conosco. Às vezes, não queremos ouvir a voz de nosso coração, de nosso interior, e acabamos nos distanciando dela.

— Tomé, como Dina poderá ajudar Rafael?

— Como você mesma disse, Lilian, você sempre foi fechada para as questões espirituais. Dina, ao contrário, sempre quis encontrar respostas para suas dúvidas e curiosidades. Ao longo de sua vida, Dina conheceu diferentes religiões e filosofias, apesar de não ter se filiado a nenhuma delas, a fim de preservar a paz no relacionamento com o marido. Ela teve contato com Umbanda, Espiritismo, Candomblé, Budismo e outras, sempre buscando pinçar os melhores ensinamentos, trazendo-os para sua vida e tentando praticá-los. Por isso, vamos inspirá-la para que direcione Rafael à sua rota de resgate espiritual, traçada por ele mesmo antes de reencarnar, por meio da mediunidade.

— Tomé, o que acontecerá se Rafael não cumprir o acordo que ele mesmo firmou na espiritualidade, mas de que conscientemente não se recorda: utilizar a mediunidade como ferramenta reparadora para resgatar as faltas que cometeu?

— É um direito que pertence a ele. Todos nascemos com o livre-arbítrio. Deus nos outorga as escolhas de nossas vidas, não cabendo a nenhum de nós delegá-

las a outrem ou culpar quem quer que seja por nossa felicidade ou infelicidade. Também ressalto, Lilian, que esta foi uma ferramenta pedida por ele com a intenção de auxiliá-lo a quitar os muitos débitos que adquiriu.

— Mas caso Rafael não siga esse caminho, ele será castigado, Tomé?

— Jamais, Lilian! Deus é um bom pai, é justo e não castiga seus filhos. Quantas vezes você, que em sua última vivência no corpo físico foi mãe, avó e até bisavó, advertiu sua filha para que ela não fizesse algo que a machucaria, pois você já tinha vivido algo similar ou conseguia prever o resultado?

— Muitas vezes — respondeu Lilian.

— Pois é. Muitas vezes, advertimos ou alertamos nossos filhos sobre o caminho que escolheram percorrer, porém o trajeto só poderá ser feito por eles mesmos, pois a vontade e a escolha caminham de mãos dadas. Nunca se esqueça: para toda ação há uma reação, assim como para toda escolha implica uma perda. Quando optamos por alguma coisa, provavelmente teremos de abdicar de outras.

“Na erraticidade,[6] quando Rafael pediu para ser médium e teve seu pedido avaliado e atendido, seu corpo espiritual foi magnetizado e sensibilizado para essa função e seu corpo físico foi configurado energeticamente para esta prática. Da mesma maneira que uma faca de cozinha sem uso perde seu fio de corte, enferruja e perde a serventia; a mediunidade inutilizada pode trazer desequilíbrios de ordem física e espiritual para o médium. Outro exemplo: algumas pessoas têm dificuldades para enxergar e precisam de óculos em seu dia a dia; o médium necessita da prática mediúnica para encontrar o equilíbrio, seu eixo, com mais facilidade, pois somente propagando o bem ele terá êxito em sua jornada. O corpo espiritual recebe um quantum energético a mais, a fim de favorecer o contato com a dimensão espiritual e para que fluidos sejam doados no desempenho do exercício mediúnico. Desse modo, caso Rafael escolha outro caminho que não o mediúnico, terá de buscar outras formas de honrar o compromisso de fazer o bem ao próximo e a si mesmo.”

— Fiquei com outra dúvida, Tomé — comentou Lilian. — E nos lugares onde não existem religiões que utilizam a ferramenta mediúnica, como em outros países? A missão reencarnatória dessas pessoas fica fadadas ao fracasso?

— Jamais! A inteligência de Deus é maior e está muito além de nossa limitada compreensão. A nossa missão, enquanto encarnados ou desencarnados, é a de

nos tornarmos melhores e evoluirmos a cada dia. As formas de mediunidade são muitas, bem como a forma de ajudar os que necessitam. Assim como não nascem peixes nas areias do deserto, Deus concede outras formas de atuação mediúnica e aprimoramento para os filhos de outros locais. A obra de Deus é vasta e nossa consciência é incapaz de compreender sua grandeza.

Os primeiros raios de sol já rasgavam o horizonte e tocavam o rosto de Tomé e Lilian. Junto a eles vinha o gracioso canto dos pássaros. Tomé completou:

— Lilian, precisamos retornar à casa de Rafael e acompanhar os próximos acontecimentos. Ainda temos muito o que conversar e aprender juntos. Sei que tem muitas dúvidas, mas por hoje basta. Já tem bastante conteúdo para refletir.

Ambos se levantaram e, diante do sol nascente, Tomé fez uma bela e sentida prece, clamando a Deus, ao Mestre Jesus e à espiritualidade maior por amparo e sabedoria para os desafios que estavam por vir.

SUBO CÉU DE ARUANDA

5

TRABALHADORES DO ALÉM

A noite transcorrera tranquilamente na casa da família de Rafael. Marieta, a primeira a se levantar, logo foi preparar o café-da-manhã. Na habitual correria do dia a dia, Marina e Marco Antônio fizeram um rápido desjejum e saíram. De folga, Marieta ficou em casa para organizar tudo para a viagem na manhã seguinte e dar suporte a Rafael, que permanecia dormindo.

Naquela manhã, a mulher sentia-se um pouco nostálgica. Enquanto separava algumas peças de roupa para os dias que passaria longe de casa, viu uma antiga caixa de fotografias. Sentada em sua cama, começou a ver os registros da família e as lembranças a deixaram com os olhos marejados. De repente, escutou um barulho de passos no corredor: era Rafael. Ele cumprimentou a mãe, sentando-se ao lado dela.

— O que é isso, dona Marieta? — perguntou Rafael em tom de brincadeira.

— Resolvi abrir o baú de recordações, meu filho. Como dizem: recordar é viver.

— Estou vendo. Mas por que está chorando, mãe?

— Só estou emocionada, meu filho. Estou lembrando dos bons momentos do passado, e vendo como o tempo voou. E você, Rafa, como passou a noite?

— Aquele remédio que você me deu foi um sossega-leão. Me nocauteou! Eu apaguei de tal forma que não me lembro de nada. Acho que dormi a noite inteira.

— Isso é bom — falou Marieta. — Você precisava de uma noite bem dormida.

Mãe e filho, assistidos por Tomé e Lilian, foram para a cozinha. Seguiram conversando até que Rafael perguntou à mãe o que estava acontecendo, pois notara que o olhar dela estava diferente.

— Filho, estou preocupada com sua saúde, com os últimos acontecimentos, além de estar com alguns problemas no trabalho.

— Fique tranquila, mãe — disse Rafael. — Tudo vai dar certo! Não tenho nada de mais, acho que só precisava dormir. O que está acontecendo no seu trabalho?

— As coisas andam esquisitas por lá. Dizem que, devido à crise, haverá corte de funcionários, e isso tem me deixado angustiada — confessou Marieta.

Enquanto Rafael tomava seu suco e comia seu pão, Lilian se aproximou de Marieta e sussurrou para a neta:

— Minha querida, tenha fé e esperança. Confie e peça ajuda a Jesus.

— Mãe! — gritou Rafael. — Estou falando com você, e você está com o pensamento longe.

— Desculpe, meu filho. É que me lembrei de sua bisavó, Lilian. Nos últimos dias, tenho sonhado com ela e me recordado dela. Acho que estou carente, precisando de colo — justificou Marieta. — Uma pena, Rafa, que você não tenha tido a oportunidade de conviver mais tempo com ela. Sua bisa era um amor de pessoa... Agora, vá se deitar um pouco, o médico disse que você precisa de repouso. Vou aproveitar para adiantar o almoço, preparar nossas malas e agendar uma consulta com um neurologista e um psiquiatra para você.

— Não preciso ir a esses especialistas! Não sou maluco para ir ao psiquiatra nem ao neurologista — protestou Rafael.

— Rafa — disse Marieta firmemente —, você não é louco. É um jovem saudável, e vamos fazer uma bateria de exames para tentar entender o que está acontecendo. Você é muito novo para ficar desmaiando por aí e preocupando a todos. Conto com sua colaboração. Ok?

— Ok. — respondeu o rapaz indo para o quarto.

Marina e Julia chegaram da escola. Enquanto as duas arrumavam a mesa e Marieta finalizava o almoço, todas se puseram a conversar. Estavam animadas com a programação diferente que fariam naquele feriado.

Enquanto isso, Rafael tirava um cochilo no quarto. Em desdobramento astral induzido por Tomé, recebeu um sumo de ervas das mãos de seu mentor.

— Beba isso, Rafael, ajudará em sua recuperação.

O jovem estava entorpecido devido à ingestão de medicação alopática por seu corpo físico. Enquanto tomava o líquido, Tomé fez uma sequência de estalos com os dedos em torno e no topo da cabeça do jovem. Lilian assistia a tudo em silêncio e em prece. Depois, Tomé orientou que Rafael se dispusesse a receber todo tipo de ajuda que lhe ofertassem, sem medo, pois nunca estaria sozinho, e que fosse aos médicos com sua mãe, porque isso era importante para sua saúde. Quando terminou de falar, Rafael e Tomé se abraçaram e o rapaz voltou ao seu corpo físico, que dormia.

Após o bisneto retornar ao corpo, Lilian questionou Tomé a respeito do que eram aquele líquido e os estalos.

— O líquido é o sumo de algumas ervas que recolhi no astral e ajudará o restabelecimento de Rafael nos próximos dias. Quanto ao estalar de dedos, trata-se de um pulso energético que auxilia na harmonização da rotação do chacra coronário[7] e dos corpos espirituais que estavam em desarmonia, além de potencializar a liberação do magnetismo das ervas que Rafael ingeriu.

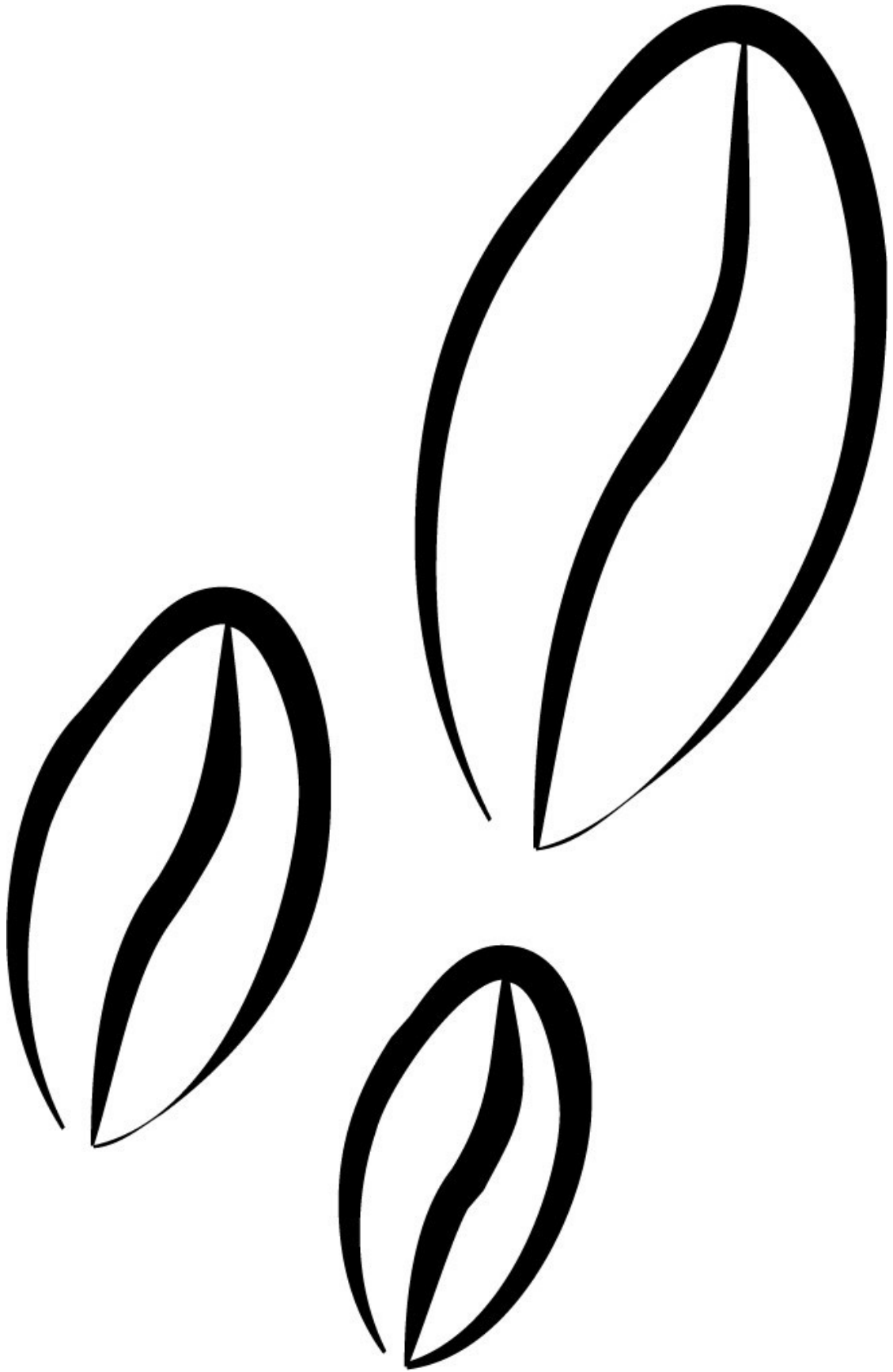
Neste instante, Julia entrou no quarto para acordar Rafael.

— Vamos, Rafa, levanta! Está na hora do almoço. Estávamos esperando por você, seu dorminhoco, mas como não acordava, vim aqui chamá-lo.

Depois de Rafael se levantar, o casal foi para a cozinha almoçar com Marina e Marieta. Até que a irmã comentou:

— Nossa, Rafa, você está com uma aparência bem melhor. Hoje, todo mundo no colégio perguntou por você. Estavam preocupados porque você não respondeu às mensagens. Expliquei que estava de repouso, mas na segunda já estará de volta.

Rafael agradeceu à irmã e todos seguiram conversando trivialidades durante o almoço. Depois do almoço, os jovens foram para a sala assistir à TV.



Em Teresópolis, na chácara de Dina, os preparativos para a visita da família estavam a todo vapor. Celso foi à cidade fazer compras e abastecer a despensa enquanto Maristela e Dina preparavam doces em compotas, sobremesas, bolos e pães para agradar os convidados.

— Dona Dina, a senhora, como sempre, é muito exagerada. Aqui, tem comida para um batalhão! Não se esqueça de que eles chegarão na quinta-feira e vão embora no domingo. São apenas quatro dias — ressaltou Maristela.

— Eu sei, Maristela — respondeu Dina entre risos. — Tem tanto tempo que eles não aparecem aqui, que só quero agradar todos.

— Certo, dona Dina, mas já temos comida para uns quarenta dias... e, de mais a mais, a família da senhora é bem pequena.

Dina ansiava pela chegada de seus entes queridos, pois estava muito saudosa da presença deles. Eram quase 18h, a hora de Maria, uma hora sagrada para Dina, pois era o momento de conversar com os anjos, como ela dizia. Deixando a cozinha sob os cuidados de Maristela, foi para a saleta da casa, onde havia um oratório com a imagem da Imaculada Conceição.

Dina sentou-se em uma cadeira ao lado do altar e se pôs a rezar fervorosamente. Começou com algumas orações decoradas que funcionavam como um mantra, pois a auxiliavam a elevar sua vibração. Em seguida, começou a conversar com Maria, pedindo seu amparo e sua intercessão em sua família; com fé, pedia sabedoria para lidar com qualquer situação que estivesse por vir; pedia por sua filha, por seus netos, por seu genro e pelos entes que já haviam partido; também clamava pelos desconhecidos que precisavam de ajuda. À medida que fazia suas preces com fervor, gotículas azuladas de luz caíam sobre a cabeça da mulher, proporcionando-lhe paz, harmonia e um agradável frescor. Dina não sabia, mas atrás de sua cadeira estava Paulo, seu amigo e protetor da caminhada espiritual. Com as mãos nos ombros dela, dizia palavras de incentivo e esperança.

Nos últimos tempos, tornou-se comum que, na hora da ave-maria, Dina sentisse um cheiro peculiar de rosas. No começo, decidiu fazer uma experiência e fechar a saleta, mas o agradável odor continuava a perfumar o ambiente. Aquilo a deixava intrigada, mas continuava dizendo a si mesma que era coisa de sua cabeça.

Certo dia, após suas preces, ela foi até o jardim para identificar de onde provinha o aroma, mas, para sua surpresa, não conseguiu identificar sua origem. Nessa ocasião, Paulo, seu mentor espiritual, rindo consigo mesmo pelo comportamento de sua tutelada, inspirou que Dina fosse até sua biblioteca pesquisar, e ela foi até sua estante pensando “vou pesquisar o quê?”. Diante do móvel, Paulo a intuiu que abrisse O livro dos médiuns, de Allan Kardec. Ao acaso, ela abriu no capítulo dez, e se deparou com o título “Natureza das comunicações”. Sentou-se no sofá e começou a ler, até que, na questão 138, encontrou um trecho sobre mediunidade olfativa, que tratava dos médiuns que podem sentir odores. Impressionada, falou em voz alta: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia”, parafraseando o autor William Shakespeare. Depois daquela ocasião, passou a lidar com o fenômeno que vivenciava naturalmente, interpretando-o como um bom presságio.

Após a oração, Dina voltou aos seus afazeres, dando os últimos retoques na arrumação da casa.



Na casa de Marieta, Rafael passou o dia bem e estava mais receptivo a tomar os remédios. Já estava tudo arrumado para a viagem do dia seguinte. Faltavam apenas as coisas de Marco Antônio, que as separaria quando chegasse do trabalho. A família pretendia sair logo cedo para tomar o café-da-manhã na casa de Dina.

Enquanto Marina e Julia conversavam animadamente, Rafael estava distante, reflexivo, pois sabia que havia algo estranho, mas não conseguia explicar o quê. Ele tentava disfarçar, para não preocupar a namorada ou a família, mas nos últimos dias sentia-se culpado por algo que não compreendia, pois não tinha feito nada de errado.

Nesses momentos em que a culpa o consumia, fios espirituais saíam do alto de sua cabeça e do coração, conectando-o diretamente a Maria, Carlos e Firmino. Maria estava furiosa, pois os três não conseguiam entrar na casa da família de Rafael. Todas as vezes que tentavam, eram repelidos por uma força invisível. Assistindo a tudo, Lilian, preocupada, perguntou a Tomé sobre os fios astrais:

— Esses fios não podem ser cortados?

— Lilian, não é tão simples quanto parece — explicou Tomé pacientemente. — Um corte abrupto e essas energias poderiam desequilibrar Rafael ainda mais. Como você bem viu, ele nutre esses laços há muitos anos. A culpa alimenta esse processo obsessivo e somente a transformação íntima de Rafael será capaz de enfraquecer está ligação. Aí, sim, nós teremos condições de agir.

— Entendo, Tomé. Uma pena que não possamos atuar neste momento.

— Ledo engano, Lilian. Nós sempre podemos orar. Nos momentos de dúvidas e aflições, ore.

Rafael continuava absorto em seus pensamentos, até que Tomé foi até Marina e tocou na frente da jovem, fazendo-a notar o irmão distante. Ela estalou os dedos diante dos olhos de Rafael, falando:

— Alô! Terra fazendo contato com Rafa no mundo da Lua.

Todos riram e Julia questionou:

— Você está bem, Rafa?

— Estou, sim, Ju — desculpou-se Rafael.

Marco Antônio chegou em casa naquele instante. Depois de cumprimentar todos, perguntou ao filho como ele estava.

— Estou bem, pai. E você?

— Estou cansado. O dia foi bem puxado e ainda terei que trabalhar no feriado.

Marieta, que chegava à sala, escutou o marido falar e, junto com Marina, perguntou quase que instantaneamente:

— Como assim?

— Vocês não precisam ficar nesse alvoroço — respondeu Marco Antônio. — Vocês vão para a casa de Dina e eu fico aqui.

Marieta não gostou do que ouviu, mas depois conversaria a sós com o marido e tentaria entender melhor essa história.

— Que pena, pai — disse Marina. — Faz tanto tempo que não fazemos um programa em família, e quando surge uma oportunidade você não pode participar.

— São as coisas da vida, Mari — contestou Marco Antônio. — Terei de trabalhar na sexta e no sábado. Em tempos difíceis, só nos cabe acatar. Também queria ficar com vocês, mas alguém tem de trabalhar nesta casa, e o dever urge.

Tomé e Lilian, observando a tudo, viram quando Marco Antônio entrou em casa acompanhado pelo espírito de uma mulher morena, envolta em uma energia sensual, que ria enquanto ele falava com a família.

Lilian logo questionou Tomé sobre quem era aquela intrusa.

— Acalme-se, Lilian — disse Tomé. — Como vê, ela entrou sintonizada com Marco Antônio. Lembre-se de que nós somos os responsáveis por nossas companhias espirituais, pois estabelecemos conexões com quem nos afinamos. Se ela não tivesse encontrado ressonância energética, não conseguiria exercer

influência sobre ele. No entanto, a falta da vigilância de pensamentos, do exercício da oração e das boas ações favorecem o acoplamento de energias danosas.

— Mas, Tomé, essa ligação é de outra vida, como no caso de Rafael? Pergunto porque nunca vi Marco Antônio fazer mal a ninguém.

— Mas “bem” ele também não faz, certo, Lilian?

A resposta de Tomé fez Lilian refletir por alguns instantes.

— Nem tudo é ligação de outras vidas. A obsessão que Marco Antônio sofre é de outra ordem, bem diferente do caso de Rafael. Muitos encarnados não fazem mal a ninguém — Tomé continuou a explicar —, mas também não fazem o bem. Vivem alienados, em um verdadeiro automatismo, como se fossem máquinas, robôs: de casa para o trabalho, do trabalho para casa; só se importam consigo mesmos e não se envolvem em atividades edificantes. Parecem ter reencarnado a passeio, como se vivessem em uma colônia de férias. Querem entreter-se nos finais de semana e assistir a todos os programas favoritos. Levam uma vida vazia, sem sentido e, quando não têm nada para fazer, caem no tédio. Muitos desses irmãos dizem que não têm tempo, que assumir um compromisso com alguma causa requer muita dedicação, responsabilidade, e que não estão prontos. Daí, toda uma encarnação se passa, e o que eles efetivamente fizeram?

— Nada! — respondeu Lilian.

— Lilian, somos responsáveis pelo bem que fazemos, pelo bem que deixamos de fazer e pelo mal que semeamos. A colheita é a única certeza que temos ao longo de nossa jornada. Quem faz o bem, de coração, sem desejar nada em troca, pode até receber mais do aquele que está sendo ajudado. Como diz a oração de São Francisco de Assis: “É dando que se recebe”. O bem — continuou Tomé — não está vinculado a uma instituição religiosa. Existem inúmeras creches, asilos, escolas, hospitais, obras sociais, que necessitam de voluntários e de trabalhadores. De que vale ser religioso e não ser caridoso fora do templo? De que adianta ser religioso e não ser espiritualizado? Muitos frequentam templos, centros, igrejas, mesquitas... passam anos escutando ensinamentos e não os colocam em prática. Acham que cumpriram sua parte indo à missa, ao culto, à sessão... como se essa fosse sua missão. Mais uma vez eu digo: nossa missão diária é nos tornarmos pessoas melhores.

“Muitos filhos só querem receber e nada doar. Sempre estão precisando de ajuda ou se colocando no papel de pobres coitados. Quando ajudamos o próximo de maneira indistinta, estamos nos ajudando a sarar nossas próprias feridas. Os filhos precisam sair da inércia, do comodismo, da passividade. No evangelho de Jesus é dito ‘muitos são chamados, mas poucos são escolhidos’.[8] Deus nos convoca de formas distintas a sermos tarefeiros de sua obra, e muitas vezes a preguiça, a falta de ânimo e a procrastinação nos impossibilitam de seguirmos na seara bendita.”

— Amigo Tomé, agradeço de coração por tê-lo como meu instrutor nesta tarefa junto à minha família terrena. A vida nos possibilita um constante aprendizado, basta que nos permitamos absorvê-los.

Depois do jantar, Rafael e seus familiares já se preparavam para se deitar, pois pegariam a estrada na manhã seguinte. Naquela noite, Julia dormiu com Marina, pois viajaria junto com eles.

Marieta, por sua vez, sentia-se incomodada e ficara ruminando a situação de Marco Antônio por toda a noite, baixando seu campo energético e possibilitando a aproximação do espírito que acompanhava seu marido: Telma. Enquanto Marieta ajeitava as últimas coisas para a viagem e deixava a casa arrumada, Telma sussurrava em seu ouvido:

— Ele não vale nada. Ele vai te deixar. Ele tem outra.

Marieta registrava as sugestões em sua mente e pensava: “Espero que Marco Antônio não esteja aprontando. Minha intuição diz que tem algo errado nessa história”. Percebendo os pensamentos de Marieta, Telma ria e afirmava para si mesma que aquele seria um trabalho rápido, fácil e com uma boa paga.

Marieta foi se deitar sem falar com Marco Antônio e até se esquecera de rezar. Estava muito agitada e angustiada, mas, vencida pelo cansaço, caiu no sono. Se ela sucumbisse a um estado de confusão mental, Tomé e Lilian não poderiam mais intervir. Por isso, entraram em prece pedindo proteção para os membros daquela família e para que todos os espíritos malfazejos fossem encaminhados.

Depois que Marieta dormiu, Telma saiu do quarto e foi até a sala, onde Marco Antônio dormia no sofá. Telma arrancou o espírito de Marco Antônio do corpo físico e pingou algumas gotas de um líquido viscoso e escuro no topo da cabeça dele. No mesmo instante, o homem ficou com os olhos vidrados, caindo em uma

espécie de transe hipnótico. Em seguida, ela pegou algo parecido com um chip e, com perícia, o introduziu na base da nuca de Marco Antônio, próximo ao fio de prata do corpo astral. O implante parecia ter uma série de tentáculos que se fixaram ao corpo dele. Por fim, com os vários comandos do espírito malfeitor, inúmeras imagens de uma mulher se fixaram no campo mental de Marco Antônio.

Finalizado o trabalho, Telma saiu da casa e, assim que chegou à calçada, foi cercada por Maria, Firmino e Carlos, que inquiriram o que ela fazia ali, pois aquele território pertencia a eles.

— Eu não devo satisfação a vocês — Telma respondeu, debochada.

Com as mãos nas cadeiras, já bastante irritada, Maria falou:

— Essa família pertence a mim, e ninguém atrapalhará minha vingança contra Rafael.

Telma, muito sagaz, entendeu rapidamente qual era a situação e disse:

— Podemos nos ajudar.

— Como assim? — perguntou Maria.

— Estou aqui a trabalho. Meu nome é Telma e fui paga para realizar uma tarefa. Meu alvo é o Marco Antônio; não quero nem saber do Rafael.

— Você foi paga para fazer o que com Marco Antônio? — questionou Maria.

— Vou tirá-lo de casa, e acredito que isso ajudará na sua vingança contra o filho dele. Eu não atrapalho você, e você não me atrapalha. Assim, nós nos ajudamos. Certo, amiga?

Maria riu, gostando da situação. Apresentou os outros a Telma.

— Agora, preciso ir. Ainda tenho muito trabalho esta noite — concluiu Telma.

Telma desapareceu, e Firmino logo perguntou a Maria:

— Como assim ela foi paga?

— Firmino, nossa vingança contra Rafael é de cunho pessoal, pelo mal que ele nos infligira. Existem muitos espíritos vingadores, que são peritos em se vingar, e são espiritualmente pagos para realizar essas tarefas.

— Ué, mas essa mulher vai ficar aqui conosco? — questionou Firmino.

— Acredito que não. Esses espíritos que são pagos para realizar esses trabalhos são muito inteligentes e conseguem controlar seus ataques à distância.

Carlos, que estava em silêncio até então, disse:

— Podemos aprender algo com essa tal de Telma quando ela voltar aqui. Já imaginou controlar Rafael a distância? Podemos exigir que ela nos ensine ou podemos contratá-la para essa tarefa.

Os três riram da situação e continuaram conjecturando a nova possibilidade.

Tomé e Lilian assistiam a tudo em silêncio, mas ela estava perplexa.

— Tomé, estou me sentindo perdida diante dos novos acontecimentos.

— Tente manter a calma e não julgue antecipadamente, minha amiga. Confie em Deus. Em breve, explicarei os fatos. Agora, vamos ver Marco Antônio.

Quando se aproximaram do sofá, perceberam que o corpo de Marco Antônio estava adormecido, mas seu espírito estava irrequieto. Seus sonhos, além de atribulados, tinham sempre a mesma personagem, e assim que a via em suas emanações mentais, o homem balbuciava um nome: “Adriana”. Além disso, a base da nuca de Marco Antônio estava avermelhada, um pouco inchada, como se algum inseto tivesse picado.

— Tomé, onde está aquela coisa que Telma colocou nele? — perguntou Lilian.

— Foi absorvida pelo corpo energético. Está camuflada aos olhos de todos.

— Como assim? — perguntou Lilian espantada. — Nem você consegue ver?

— Não — respondeu Tomé. — Para isso, são necessários espíritos ou aparelhos especializados.

A madrugada avançava quando Tomé convidou Lilian para irem ao Jardim Botânico tomar um pouco de ar puro e refazerem-se junto à natureza. Chegando lá, Tomé fez uma prece, rogando a Deus e às forças da natureza que os proporcionassem o conforto necessário para as tarefas que precisavam executar. Após a sentida oração, Tomé começou a esclarecer Lilian sobre os últimos fatos.

— Vamos lá... Marco Antônio teve um relacionamento extraconjugal com Adriana, uma colega de trabalho mais jovem que ele. Ele se envolveu apenas por atração física, brincando com os sentimentos da moça. No entanto, Adriana se apaixonou e prometeu que ele seria dela a qualquer custo. Mimada e desacostumada às negativas, dissimulou a raiva e buscou ajuda espiritual, até que encontrou Neide, uma médium charlatã que se utiliza de espíritos frívolos que fazem serviços pagos. Recorrendo a um trabalho de amarração na magia negativa, Adriana pagou uma grande soma de dinheiro pela consulta, pelo trabalho espiritual e prometeu pagar o dobro pelo êxito de sua causa. Assim surge Telma, que presta serviços para Neide.

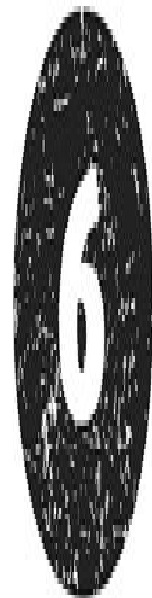
— Que trama, Tomé! Eu já entendi que, nesta vida, nada acontece sem o conhecimento do Pai. Também compreendo que Marco Antônio permitiu que tudo isso acontecesse quando se deixou levar por seus instintos — finalizou Lilian.

— Correto, Lilian. Marco Antônio está em um processo complexo de obsessão severa e acumulou dívidas quando deslizou em mais uma de suas aventuras. Nós iremos ajudar dentro do que nos for permitido. Plínio, o mentor espiritual de Marco Antônio, inúmeras vezes tentou alertá-lo acerca dos caminhos tortuosos que escolhera, buscou inspirá-lo a seguir o curso correto, mas, dotado de seu livre-arbítrio, Marco Antônio fizera várias escolhas equivocadas. Muitas vezes — Tomé continuou —, nos desviamos da rota traçada para nossa evolução e optamos pelos caminhos pedregosos da dor que, pedagogicamente, nos ensinarão de outras formas.

Lilian, apesar de reflexiva, confiou que Deus estava no controle e que Ele jamais desampararia os seus entes queridos.

— Vamos, Lilian. É hora de irmos a Teresópolis. Está amanhecendo; daqui a pouco eles sairão de casa rumo à chácara de Dina.

SUBOCÉU DE ARUANDA



TUPINAMBÁ VEM AJUDAR

Por volta das 6h da manhã, Rafael, Julia, Marina e Marieta se levantaram, ajeitaram as últimas coisas e pegaram a estrada. Marco Antônio, que havia dormido no sofá, levantou-se para se despedir e desejar uma boa viagem à família.

Marieta, enquanto dirigia, ainda se sentindo incomodada com a história do marido, divagava em pensamentos. Casados há quase 20 anos, Marco Antônio já traíra a esposa duas vezes. Ela sempre o perdoava e administrava a situação. Agora, contudo, era diferente: ela estava cansada, e o relacionamento, desgastado. Nas outras vezes, Marieta filtrou a situação e não deixou que os filhos soubessem, a fim de não macular a imagem que tinham do pai. Sofreu calada, e só compartilhou o fato com a mãe, que a apoiara incondicionalmente. No entanto, tinha dúvidas se ainda amava o marido, pois nunca conseguira digerir as traições totalmente e, na noite anterior, parecia que um alerta havia disparado dentro dela. Absorta, sequer prestava atenção na conversa dos jovens, até que foi desperta por risadas.

Marina não parava de falar. Estava ansiosa e contava para Julia cada detalhe da chácara. Já fazia uns três anos que eles não iam à casa da avó. Rafael, sentado ao lado da mãe, além de interagir com as meninas, estava atento às belezas do caminho.

— Mãe — disse Marina —, podemos parar no mirante? Eu adoro a vista. É tão bonita a visão lá de cima.

— Ok, Mari! — concordou Marieta.

Pouco tempo depois, pararam no mirante, tiraram fotos e aproveitaram as belezas naturais da serra. Marieta olhava para o horizonte, distraída, até que Rafael lhe perguntou:

— Mãe, o que está incomodando a senhora? É o reencontro com a vovó ou porque papai não veio? Você ficou calada durante praticamente todo trajeto.

— Desculpe, Rafa. Estou precisando realmente desses dias de folga para organizar meus pensamentos, descansar a mente, espalhar e respirar ar puro.

— Mas o que realmente te perturba? — insistiu Rafael.

— Meu filho, agradeço sua preocupação e carinho. Estou me sentindo no olho de um furacão, envolta em um turbilhão de preocupações: meu trabalho, sua saúde, seu pai... enfim, não quero encher sua cabeça com essas coisas. O mais importante é a sua recuperação, o resto eu tiro de letra. Fique tranquilo, vou melhorar. Esta mudança de ares e um colo de mãe me fortalecerão para que eu tenha forças para lidar com o que tiver de enfrentar.

Ambos se abraçaram e sorriram. Ficaram um pouco mais no mirante, mas logo depois entraram no carro, pois não podiam demorar a chegar na casa de Dina, que os aguardava para o café-da-manhã.

Em casa, Marco Antônio sentia-se atordoado. Sonhara a noite inteira com Adriana e, desde o dia anterior, seu pensamento estava fixo nela. Os dois se cruzaram no corredor da empresa, e ele a viu mais bonita, com um perfume diferente. O cheiro e a imagem atraente da mulher não davam sossego à sua mente. Essa situação estava deixando-o muito agitado, e ele decidiu enviar uma mensagem para Adriana, chamando-a para sair. Mesmo sendo antes das 9h da manhã, ela respondeu quase que instantaneamente. Passariam o dia juntos. Marco Antônio se levantou, se arrumou e foi ao encontro da amante.

No corpo espiritual de Marco Antônio, o chip implantado funcionava plenamente, enviando uma série de estímulos para diferentes partes de seu corpo físico. Enviava ondas para o chacra frontal, projetando em sua tela mental lembranças do tempo em que estivera junto com Adriana; estimulava falsos sentimentos em seu chacra cardíaco a respeito da relação, favorecendo uma confusão emocional; e também emitia irradiações para seu chacra esplênico, ampliando o desejo e a atração sexual pela mulher.

Adriana ainda não acreditava como as coisas haviam mudado a seu favor. Desde que fora a uma consulta com dona Neide, que se apresentava como consultora espiritual, fizera os trabalhos recomendados e passara a usar o perfume preparado por ela, tudo estava deslançando. “Bem que a médium me avisou de que ele seria meu!”, pensou. Ponderou que, apesar de ter gastado um bom dinheiro, o resultado foi rápido e compensatório. Sua amiga Clara, quando

indicou a médium, avisou que ela era careira, mas certa e infalível.

Enquanto Adriana se arrumava rápido para receber o amante, era vigiada por Tônico, que ria diante dos fatos. Ele trabalhava para Telma e dona Neide e passara a acompanhar Adriana desde que ela fizera os trabalhos no consultório espiritual da médium. Tinha a função de vigiar e relatar os fatos à sua chefe, Telma.

Não demorou para Marco Antônio chegar ao prédio em que Adriana morava e interfonar para o apartamento dela. Ela liberou o acesso e correu para se perfumar antes dele entrar. Quando abriu a porta, os dois se olharam em silêncio, fecharam a porta e começaram a se beijar freneticamente, sempre monitorados por Tônico.

Enquanto isso, Marieta, os filhos e Julia chegavam à entrada da chácara de Dina. Marina havia descido do carro para badalar o sino e agora todos aguardavam que Celso chegasse ao portão para abri-lo.

Depois de cumprimentarem Celso, seguiram para a parte mais alta do terreno, onde ficava a casa. Dina e Maristela aguardavam na varanda e logo foram abraçar e cumprimentar os visitantes. Marieta e a mãe se abraçaram e começaram a chorar. Era um misto de saudade, amor, carinho e desculpas pelo afastamento.

A família seguia assistida por Tomé, Paulo e Lilian, que também chorava vendo o reencontro da filha com a neta.

Em conjunto, todos entraram na casa e foram para a sala tomar café-da-manhã, com muitos quitutes e guloseimas. Depois, Marina e Rafael foram apresentar a chácara a Julia. Enquanto isso, Marieta e Dina ficaram sentadas no sofá da varanda.

A chácara era muito bonita. Em volta de toda a casa principal havia uma varanda que dava vista para um verde vale. As jardineiras eram caprichosamente cuidadas e ornadas por hortênsias, camélias, roseiras e uma gama de plantas que dava um toque charmoso, acolhedor e aprazível ao espaço. O terreno também contava com uma pequena criação de animais para consumo próprio, várias árvores frutíferas, uma outra casa, onde viviam Celso e Maristela, e um pequeno riacho que cortava a propriedade e que vinha de uma nascente próxima.

Julia ficou encantada com a propriedade. De mãos dadas com Rafael e ao lado de Marina, os jovens seguiam animados explorando o local.

Ao mesmo tempo, Marieta estava deitada no sofá da varanda, com a cabeça recostada no colo de Dina, que acariciava os cabelos da filha.

— Minha filha — falou Dina —, o que houve? Por que Marco Antônio não veio passar o feriado conosco?

— Ah, mamãe, ele disse que ia trabalhar.

— Entendo, minha querida — disse Dina. — Mas por que você está com esse semblante? O que se passa em seu coração?

Essa pergunta fez com que lágrimas silenciosas escorressem dos olhos de Marieta, enquanto Dina continuava a afagar os cabelos da filha.

— Minha filha, se quiser dividir comigo o que está acontecendo, estou aqui, pronta para lhe acolher e conversar.

Marieta começou a relatar tudo que lhe preocupava: a saúde de Rafael, a instabilidade no trabalho e a desconfiança de que Marco Antônio a estivesse traindo.

Dina ouvia a filha atentamente, deixando-a desabafar o que afligia seu coração e tumultuava seus pensamentos. As lágrimas corriam e o choro lavava a alma de Marieta.

Ao lado delas, estavam Lilian, Tomé e Paulo. Lilian dizia palavras de incentivo, fé e esperança para sua filha e sua neta. Dina, em seu íntimo, percebeu a sugestão espiritual e começou a reproduzir as palavras para Marieta, enquanto acariciava a filha e secava suas lágrimas.

No colo da mãe, Marieta pegou no sono e Dina começou a orar, pedindo por sua amada filha. No mesmo instante, Tomé se aproximou e empunhou as mãos em direção a mãe e filha, ministrando um passe que auxiliaria no restabelecimento, na limpeza e no fortalecimento de ambas.

Pouco tempo depois, os jovens retornaram da caminhada e Marieta despertou com a proximidade das vozes.

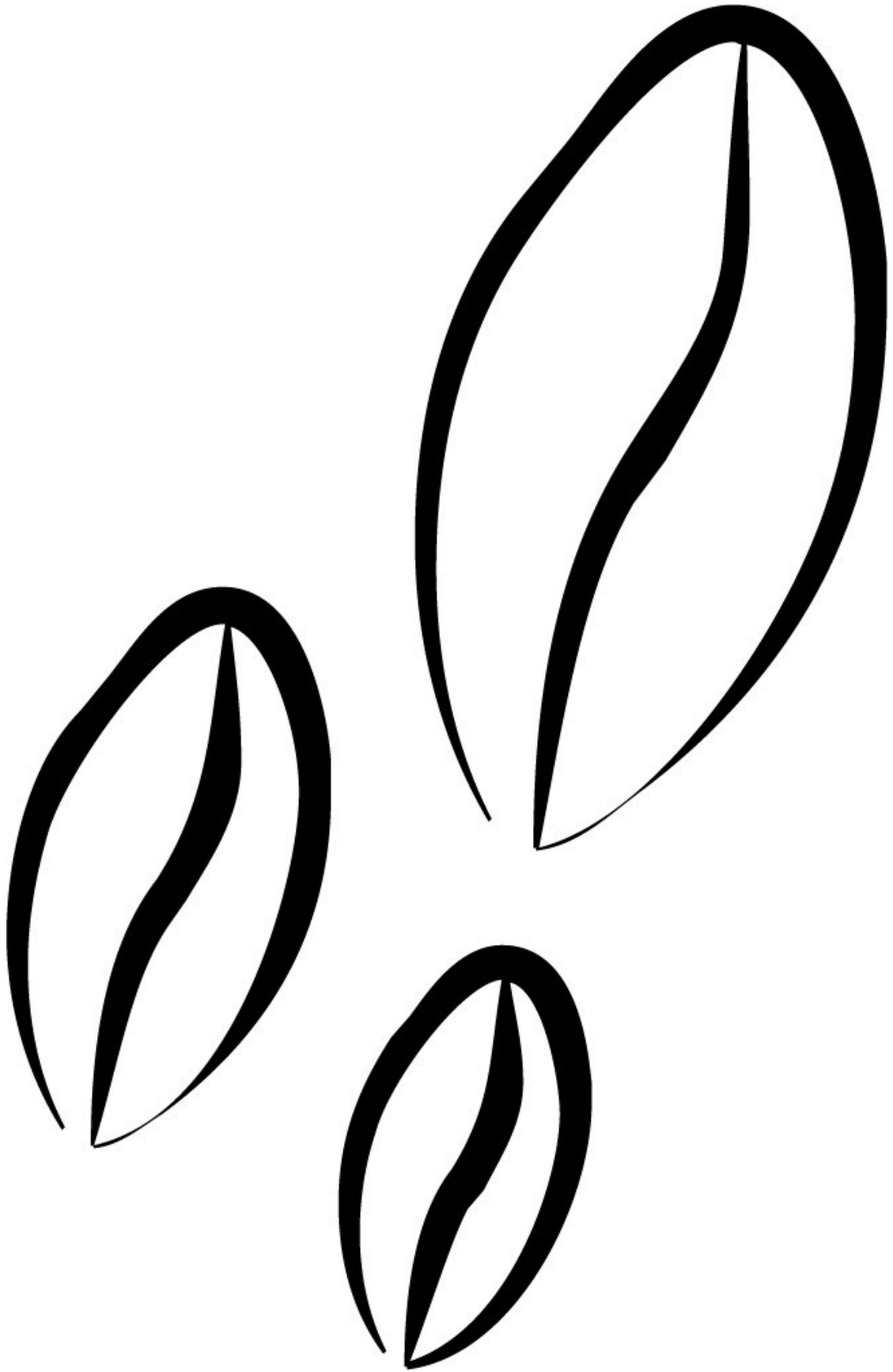
— Nossa, mãe, caí em um sono profundo. Parece que dormi uma noite inteira — falou Marieta para Dina.

— É o cansaço físico e emocional, minha filha. Você precisa descansar o corpo e a mente. Seu espírito deve estar exaurido por tantas coisas que vem enfrentando.

Como de costume, Marina chegou falante e animada com o passeio, chamando a mãe e a avó para um banho de rio depois do almoço.

— Vamos, sim, Marina — disse Dina. — Vai ser bom para todos nós.

A família ficou conversando reunida por mais um tempo, até que Maristela chegou para avisar que o almoço estava pronto. Imediatamente, todos foram lavar as mãos e seguiram para a mesa.



Marco Antônio e Adriana estavam na estrada seguindo para a Região dos Lagos. O casal resolveu ir para um local mais afastado, a fim de aproveitarem o feriado com mais privacidade. Tônico, por sua vez, estava no banco traseiro do carro acompanhando o casal de perto. Seguiu à risca a função de vigiá-los, como ordenara Telma.

Marco Antônio, enquanto dirigia, perguntava-se: “O que estou fazendo?”, mas, ao mesmo tempo, sentia-se fissurado por Adriana. Em seu pensamento, estava agindo como um adolescente inexperiente: pelo impulso de uma paixão. “Se alguém nos vir, estarei colocando em risco tudo o que construí.”

Notando esses lampejos de consciência, Tônico sussurrava no ouvido do homem e insuflava seu ego:

— Veja como Adriana é atraente. Ela é uma mulher jovem, viçosa... é um troféu para um homem na sua posição!

Tônico também falava com Adriana:

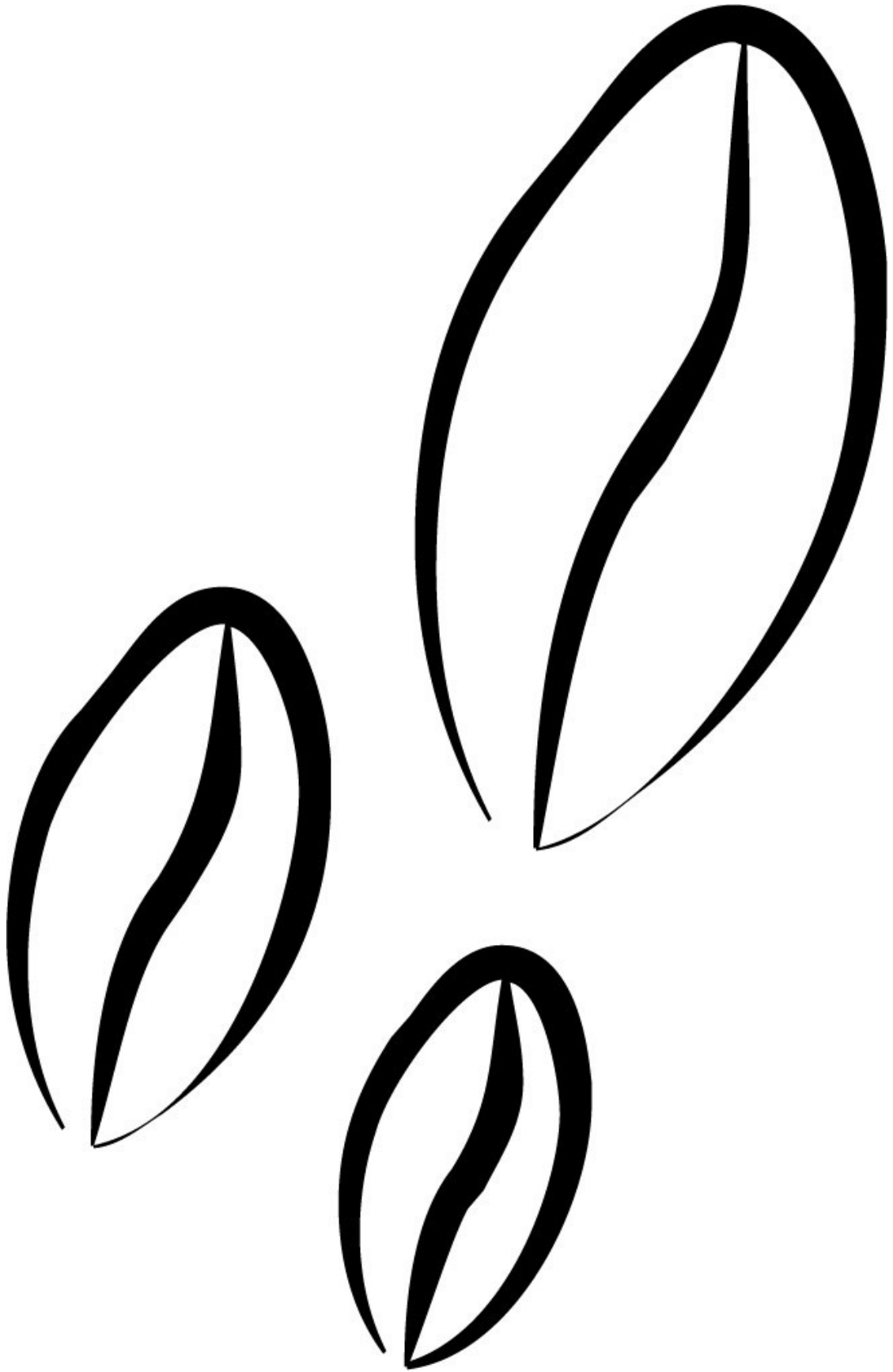
— Acaricie ele. Diga o quanto você está feliz por tê-lo ao seu lado, que você sentiu a falta dele e como esperara por esse momento juntos.

Adriana e Marco Antônio absorviam as sugestões enviadas por Tônico, parecendo duas marionetes sob seu comando. Tônico ria da situação e dizia para si mesmo: “Estou ficando bom nesse negócio. Quem sabe eu não consiga uma promoção e Telma me envie para trabalhos maiores, pois este aqui está mais fácil que a encomenda”.

Marieta, que havia terminado de almoçar, retirou-se da mesa para ligar para o marido. Ele, vendo quem era, deixou o telefone tocar, apesar de ter ficado um pouco preocupado se seria algo com o filho. Tônico atuava mais uma vez:

— Esqueça dela. Estão todos bem na casa da avó. Ninguém está sentindo a sua falta. Ela só quer te controlar.

— Fique tranquilo, não deve ser nada de mais. Quando chegarmos, ligue para eles e diga que você estava em uma reunião — disse Adriana, atenta à situação.



Marieta imaginou que Marco Antônio estivesse ocupado ou que tivesse ido almoçar e esquecido o celular. “Mais tarde, tento novamente, ou ele vai me retornar.”

Assim, voltou à mesa para comer a sobremesa e conversar com os filhos. Vendo o bate-papo animado, pensou consigo mesma: “Minha mãe está certa, ando muito cansada e, realmente, preciso desses momentos para desanuviar, pois só tenho convivido com problemas e não consigo apreciar os bons momentos da vida. Esse estresse está me fazendo perder a clareza das situações”.

Após descansarem do almoço, a família foi ao rio se banhar, aproveitar a tarde ensolarada e o momento de descontração. As águas do rio que cortava a propriedade eram claras e tranquilas. Também havia uma pequena contenção de pedras, construídas pelo antigo dono da chácara, que formava uma piscina natural. O recanto era envolto por diversas árvores e um belo bambuzal.

Depois de um tempo na água, Julia pediu que Rafael boiasse, amparando-o, enquanto falava para ele:

— Sinta as águas correrem por seu corpo; a brisa tocar seu rosto; o canto dos pássaros; os raios de sol lhe aquecendo; a natureza o abraçando.

Rafael foi relaxando e a natureza, por sua vez, fazendo sua parte junto com a espiritualidade. Algumas energias densas que impregnavam o corpo energético do jovem começaram a se desprender e, em seu lugar, começaram a ser recompostas energias benéficas, trazendo paz, saúde e equilíbrio para ele.

Tomé e Lilian assistiam a tudo da margem do rio. Lilian começou a se questionar mentalmente acerca do fenômeno espiritual que acontecia. Os pensamentos de Lilian logo foram percebidos por Tomé, que pediu que ela acalmasse a mente e aproveitasse o momento para se energizar também, pois depois ele esclareceria tudo.

De repente, ao longe, os dois começaram a ouvir um assovio que se aproximava. Lilian tentava localizar a origem do som, imaginando qual seria o pássaro que o estava emitindo. Para sua surpresa, o espírito de um índio forte surgiu diante deles. O belo caboclo aparentava ter cerca de trinta anos e usava um penacho e um saiote verde, vermelho e branco. Trazia um bodoque[9] atravessado no tórax,

um pequeno cesto de flechas nas costas e, na cintura, uma bolsa de couro e um chocalho.

O caboclo, com um olhar penetrante, forte, carregado de magnetismo e firmeza, saudou Lilian e Tomé, e este respondeu:

— Salve, meu irmão Tupinambá! Estava à sua espera.

O caboclo respondeu com um aceno de cabeça, enquanto Lilian, muda diante da presença do indígena, sentia a extrema força que era exalada por aquele espírito.

Dina e Marina tinham ido colher algumas acerolas em um pé próximo ao rio, Marieta estava sentada em uma pedra, lendo distraidamente, e Rafael continuava boiando no rio. Julia, que gostava de participar de aulas de meditação e relaxamento na academia, sem saber direito o que estava fazendo, acabou induzindo Rafael a um estado alterado de consciência.

Caboclo Tupinambá aproximou-se de Rafael, tirou o chocalho da cintura e começou a entoar alguns cânticos em língua indígena. O corpo espiritual do rapaz se deslocou uns trinta centímetros acima do corpo físico. Tupinambá começou a dançar em torno de Rafael, tocando o chocalho e cantando. Em certo momento, ele pegou em sua saca um pó esverdeado com agradável cheiro de ervas, abaixou-se em direção ao jovem e o jogou sobre o corpo espiritual. O pó foi rapidamente absorvido pela pele de Rafael. Tupinambá ajoelhou-se ao lado do rapaz que, em desdobramento astral, abriu os olhos. Ao ver o caboclo, sorriu e voltou para se reacoplar ao corpo físico, que também abriu os olhos.

Encerrados os trabalhos, Tupinambá olhou em direção a Lilian e Tomé, cumprimentando-os com um aceno de cabeça. O caboclo voltou a assoviar e desapareceu diante dos olhos de Tomé e Lilian, surgindo um pássaro que cortou o céu piando e dando um rasante sobre as águas.

Rafael se sentou no rio ao lado de Julia e contou para a namorada que, durante o relaxamento, tinha visto um índio ao seu lado. Julia, então perguntou:

— Você sentiu medo, Rafa?

— Não, Julia! Pode soar estranho, mas parecia que nós já nos conhecíamos. É como se ele fosse um amigo, alguém que estava me ajudando, me protegendo. Sei lá! Vai que tudo isso é uma viagem de minha cabeça? Devem ser os

remédios que tenho tomado.

— Rafa — falou Julia —, independente do que seja, viagem de sua cabeça, invencionice de sua mente, o que quero saber é como você se sentiu.

Rafael parou por alguns instantes, ponderando antes de responder.

— Por mais esquisito que pareça, tive uma sensação de paz, harmonia, bem-estar. O olhar do índio me transmitia força, como se dissesse que estava ao meu lado... para eu não ter medo, que posso contar com ele. O mais engraçado, Julia, é que ele não disse uma palavra. Só o vi olhando em meus olhos, em uma fração de segundo, mas registrei todas essas percepções. Por isso, acho que é uma loucura.

— O que importa é que você se sentiu bem. É isso que nos interessa — Julia retomou a palavra.

Dina e Marina retornaram à beira do rio com uma vasilha cheia de acerolas colhidas do pé com uma ótima aparência. As duas chamavam Marieta, Rafael e Julia para comer.

Enquanto a família aproveitava o momento, Lilian olhou para Tomé com uma expressão de dúvida. Tomé, de forma simples e sorridente, acalmou Lilian:

— Fique tranquila, irmã. Vou esclarecer o que ocorreu. Quando Julia induziu Rafael a um estado de relaxamento, favoreceu a liberação de energias negativas que impregnavam o corpo dele. À medida que Rafael foi se permitindo a vivência, passou a absorver as energias positivas da natureza. Lilian, a natureza é um grande repositório energético para todos nós, seres encarnados e desencarnados. É uma manifestação direta de Deus para que recarreguemos nossas baterias e possamos lidar com nossas lutas diárias.

— Certo, Tomé. Eu me sinto muito bem nesses locais. Mais daí a surgir um índio do nada? Foi isso que me deixou encucada.

Tomé riu da forma engraçada como Lilian falava e retomou as explicações.

— Tupinambá é um espírito que, em uma de suas encarnações, teve uma experiência como indígena. Quando desencarnou, depois de anos trabalhando para a espiritualidade, teve a oportunidade de compor a legião do Caboclo

Tupinambá com vários outros espíritos que se apresentam usando o mesmo nome e uma roupagem espiritual semelhante à dele. A legião do Caboclo Tupinambá, geralmente, baixa nos terreiros de Umbanda, auxiliando os necessitados.

— Tomé, mas, se nenhum deles é envolvido com esta religião, o que este espírito umbandista fazia aqui?

— Lilian, espíritos não têm religião. Podem até se afinar com algumas filosofias, mas são trabalhadores que atuam em nome de Cristo. Dessa maneira, o irmão Tupinambá pode auxiliar em diferentes religiões. O mais importante é a mensagem de bem a ser difundida, e muitos são os emissários do Pai. A forma como ele se apresenta é uma roupagem, que pode ser alterada de acordo com a necessidade e o local. Assim como você que, quando encarnada, possuía um tipo de roupa para andar em casa e outro para ir uma festa; na espiritualidade, depois de um tempo, temos a oportunidade de plasmar a forma que melhor nos aprouver. Assim, o irmão Tupinambá se apresenta da maneira como ele se sente melhor.

— Compreendo, Tomé — falou Lilian. — No entanto, qual é a ligação que ele tem com o Rafael? Também me intrigou o fato de Rafa ter dito que tivera a sensação de que já o conhecia.

— Como expliquei outrora, antes de reencarnar, Rafael pediu que lhe concedessem a mediunidade como benção e ferramenta para um melhor aproveitamento reencarnatório, minimizando seus débitos pretéritos. Tupinambá foi um dos espíritos que avalizaram o consentimento dessa mediunidade, comprometendo-se com ele e com a espiritualidade maior que trabalhariam juntos, ajudando no êxito desta encarnação.

Lilian estava atônita com a explicação de Tomé e logo falou:

— Deixa eu ver se entendi direito: Rafael é médium e Tupinambá será seu guia espiritual.

— Sim. Na verdade, Tupinambá é um dos espíritos que compõe a egrégora[10] pessoal, a família espiritual que acompanha Rafael. Agora, se efetivamente eles trabalharão juntos, isso dependerá do livre-arbítrio de Rafael — completou Tomé.

— Entendi. Mas onde e como Rafael praticará a mediunidade?

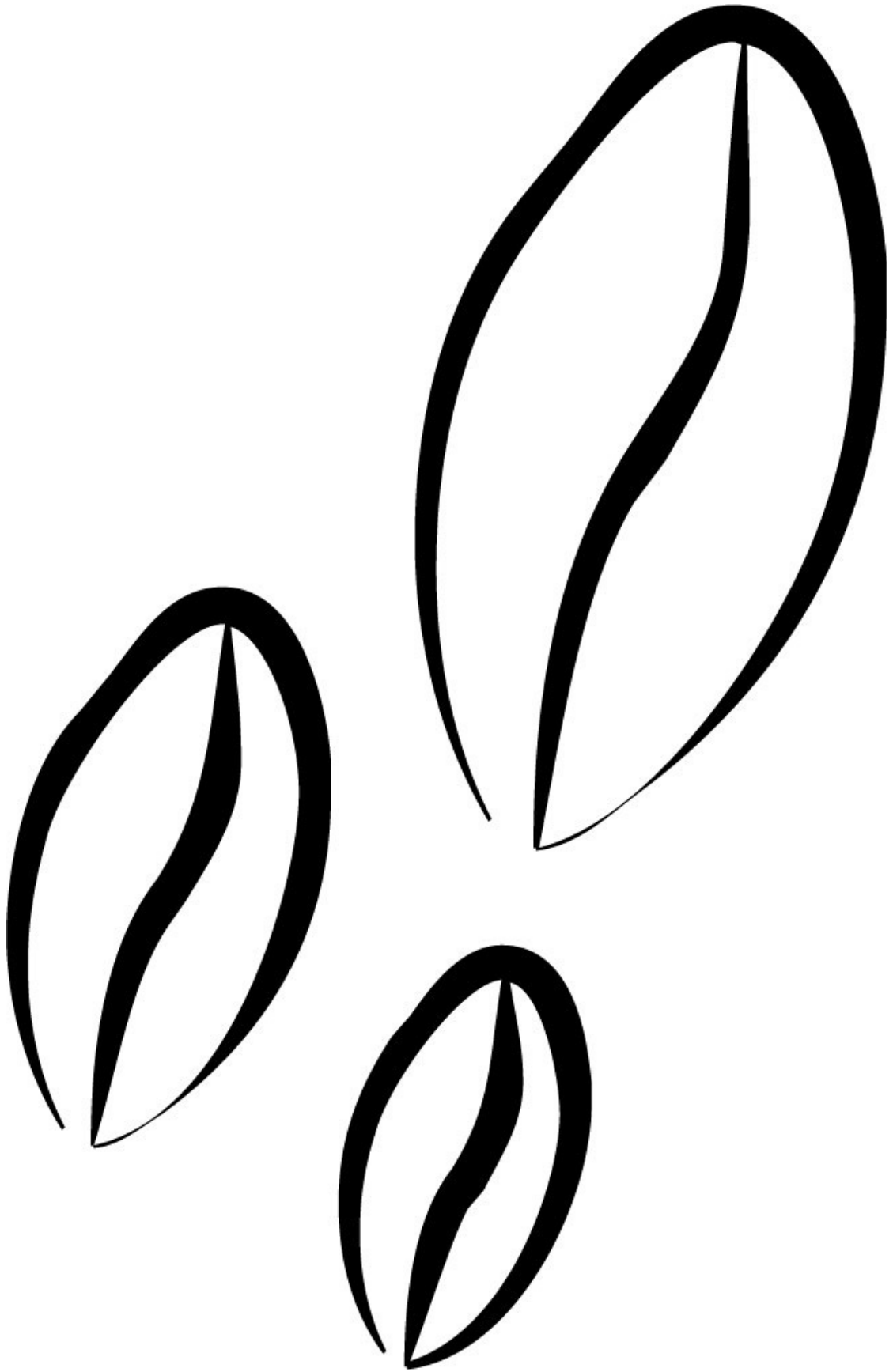
— Em um lugar sério, em que ele se afine, no qual possa se desenvolver estudando, educando sua mediunidade e aprendendo a ser caridoso. Lilian, fique calma — disse Tomé. — Muitos são os caminhos que Deus nos concede para que encontremos a nossa estrada para Damasco.[11]

Rafael e sua família regressaram para casa, pois o sol já estava quase se pondo, e Dina queria chegar em casa antes da ave-maria. Em casa, Dina foi direto para sua saleta de orações, enquanto os outros foram tomar banho e se trocar.

Marieta, ao entrar no quarto, viu uma ligação perdida e uma mensagem de texto de Marco Antônio dizendo que havia esquecido o celular na mesa do trabalho enquanto fora almoçar. Perguntava se todos estavam bem e dizia que mais tarde entraria em contato.

Eram 18h em ponto e Dina colocou Ave-Maria para tocar no rádio, ressoando a música pela casa. Enquanto isso, ela rezava fervorosamente, pedindo a intercessão de Maria em sua família, no casamento da filha e em todos os necessitados. As gotículas azuladas de luz começaram a cair por todo o ambiente, como uma benesse. Dina tinha a certeza de que os anjos a atenderiam, auxiliando-os e conduzindo-os pelos melhores caminhos e decisões que deveriam tomar.

A noite seguia tranquila. A família aproveitava o momento divertindo-se com jogos de tabuleiro, como há muito não faziam. Nesse instante, o telefone de Marieta tocou: era Marco Antônio. Ele aproveitou que Adriana estava tomando banho e foi a um cômodo mais reservado da pousada em que estavam hospedados para falar com a família.



Depois de falar com a esposa e os filhos e desligar o telefone, Marco Antônio sentiu uma pontada de remorso por não estar aproveitando esse momento com eles. Sentia-se confuso, com o coração apertado. Nesse momento, Plínio se pôs ao lado de seu tutelado e, tocando a fronte do homem, trouxe recordações de bons momentos em família, questionando-o se realmente estava feliz ou se era apenas um prazer passageiro que o afastava da realidade.

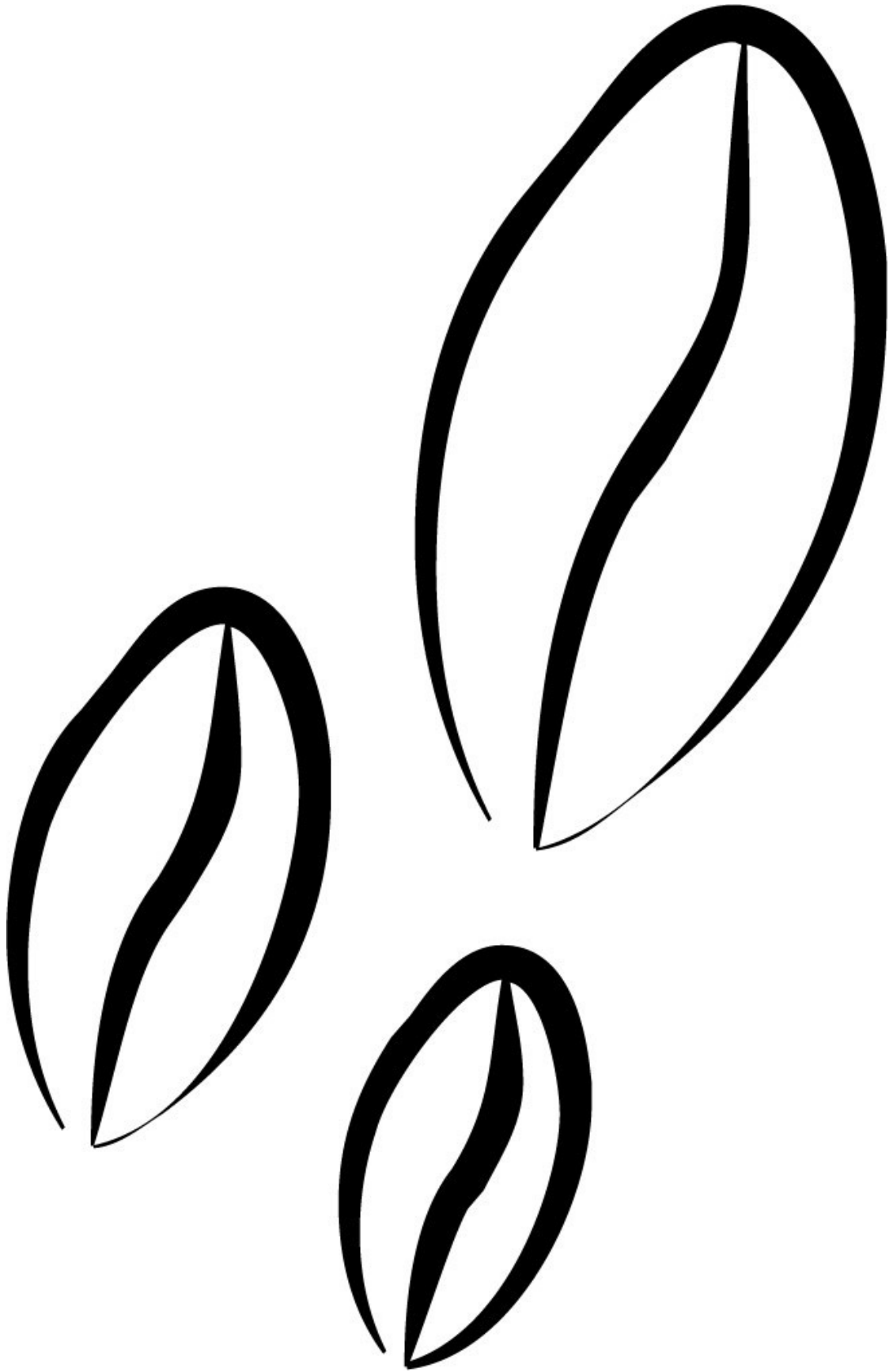
Tonico achou estranho não estar conseguindo se aproximar e perceber o que Marco Antônio estava pensando. Por isso, ele foi atrás de Adriana rapidamente. Gritando no ouvido mulher, ordenava que ela fosse atrás de seu homem e que não o deixasse nenhum instante sozinho.

Na frente da pousada, Adriana encontrou Marco Antônio com um olhar perdido no mar. Ela logo perguntou a ele:

— Você está arrependido por estar aqui comigo?

Sem graça, Marco Antônio tentou disfarçar e desconversar sobre a situação, dizendo que estava preocupado com Rafael.

O casal saiu para jantar e dançar, aproveitando a noite enamorado.



Na casa de Dina, todos foram dormir cedo, pois estavam cansados do dia, da viagem, e ainda havia muito o que aproveitar nos dias seguintes.

Sob o céu estrelado, Tomé e Lilian estavam do lado de fora da casa. Todos dormiam, e os únicos barulhos que se ouviam eram o farfalhar do vento nas árvores e o riacho correndo ao longe. Lilian, então, perguntou a Tomé a respeito da situação de Marco Antônio.

— Bem, Lilian, somos responsáveis por nossos erros, nossos acertos e nossas escolhas. Marco Antônio errou quando se envolveu em mais uma relação extraconjugal. Tendo sido descoberto por Marieta nas duas ocasiões anteriores, prometera mudar, fazer diferente, porém caiu novamente no erro. Nas outras vezes, Marieta prezara pela família, passando por cima do orgulho e calando seus ressentimentos, mas ambos esfriaram um com o outro, vivendo assolados pelo fantasma da traição. Caso essa história venha à tona, caberá a Marieta decidir os próximos passos do relacionamento. Que ela possa estar fortalecida para tomar a melhor decisão!

— Mas, Tomé — falou Lilian —, e a influência espiritual de Telma junto a Marco Antônio?

— Faz parte das escolhas equivocadas que ele fez. Isso é ação e reação. Marco Antônio foi irresponsável quando se envolveu com Adriana, pois brincou com os sentimentos e o brio da moça. Adriana, porém, também tinha consciência de que ele era casado e optou por se envolver — finalizou Tomé. — Confiemos nos desígnios de Deus e nos lembremos sempre de que Ele está no controle de tudo.

— Tomé, posso fazer mais uma pergunta?

— Pergunte, minha irmã.

— Por que você não me contou toda a história de uma vez?

— Lilian — respondeu Tomé carinhosamente —, uma criança, quando vai para a escola aprender a ler e a escrever, não aprende tudo em um único dia. O conhecimento deve ser transmitido em gotas, a fim de que seja assimilado e vivenciado no tempo certo. Não tenha pressa, minha irmã. No tempo certo, tudo há de clarear. As respostas e os entendimentos sobre os assuntos serão revelados

e construídos em seu íntimo, de dentro para fora.

“Após anos desencarnada, quando recebeu a permissão de seus mentores para estagiar ajudando sua antiga família terrena, achou que seria fácil? É hora de colocar em prática tudo o que estudou na colônia em que vivia e trabalhava.”

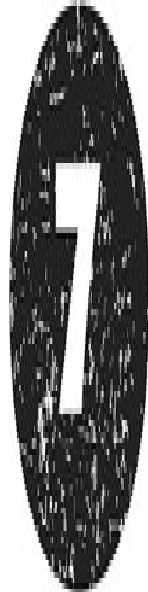
Após uma pausa na fala de Tomé, Lilian retomou a palavra:

— Sou grata por ter lhe conhecido e por você ter me aceitado como sua aluna, querido instrutor.

Eles se abraçaram, sorrindo, e Tomé finalizou dizendo:

— Muito aprenderemos em conjunto!

SUBO CÉU DE ARUANDA



NOVAS EXPERIÊNCIAS

No dia seguinte, Dina acordou bem cedo para preparar o café-da-manhã. Estava muito feliz com a visita de seus entes queridos e, logo que se sentou na cama, fez suas habituais orações, agradecendo a oportunidade de estarem juntos.

Maristela e Dina estavam na cozinha quando Marieta entrou, cumprimentando as duas.

— O que houve minha filha? — perguntou Dina. — Por que se levantou cedo? Aproveite seu dia de folga para descansar um pouco mais.

Marieta, um pouco abatida, respondeu:

— Mãe, estava dormindo bem, mas no meio da noite tive um pesadelo horrível e não consegui voltar a dormir.

— Deve ser o cansaço e toda a pressão que vem sofrendo nos últimos dias.

— Assim espero, mãe — falou Marieta suspirando. — Espero que sejam apenas coisas de minha cabeça.

Sentindo o aroma agradável do café, a moça revivia mentalmente o pesadelo que tivera: Marco Antônio e uma mulher de mãos dadas.

Marieta saiu da cozinha e foi à varanda tomar seu café e olhar para o horizonte, buscando não dar importância para o sonho desagradável. Todavia, em seu íntimo, sentia-se incomodada. Então, pegou o celular e ligou para o telefone de casa. Chamou até cair. Tentou mais três vezes, sem êxito. Tentando se convencer, disse para si mesma que Marco Antônio devia estar dormindo ainda. Ligaria depois.

Marco Antônio dormia em um sono profundo, mas na pousada onde estava hospedado com Adriana. Ele e a amante voltaram de uma boate — onde se divertiram e beberam bastante acompanhados de espíritos afins — quando estava quase amanhecendo. Tônico, que os vigiava espiritualmente a mando de Telma,

também dormia alcoolizado. O espírito bebeu em perfeita sintonia com o casal, absorvendo os fluidos do álcool e os incentivando a beber mais e mais.

Na varanda da chácara, Dina encontrou Marieta cochilando na rede. Acariciou os cabelos e o rosto da filha e a chamou para tomar café-da-manhã junto com os outros. Estavam todos à espera dela e ainda precisavam aproveitar o dia. Marieta se levantou e seguiu com a mãe para a sala, cumprimentando os filhos e Julia. Depois do desjejum, Marina propôs que o grupo fizesse uma caminhada.

— Queridos, vocês podem ir. Eu vou ficar e adiantar o almoço com Maristela — falou Dina. — Vou pedir que Celso acompanhe vocês. Ele conhece bem a região e os protegerá de qualquer perigo. Assim, fico mais tranquila.

— Ah, vem com a gente, vovó! — protestou Marina.

— Querida — respondeu Dina —, eu não tenho mais a disposição de vocês. Fique tranquila, eu vou ficar e organizar algumas coisas aqui em casa. De tarde, podemos voltar à cachoeira ou fazer outra coisa.

Antes de sair, Marieta, mais uma vez, tentou contato com o telefone de casa e com o celular de Marco Antônio, que continuava incomunicável.

Celso, Marieta, Marina, Julia e Rafael começaram a caminhada. Celso perguntou se eles tinham disposição e se gostariam de conhecer o olho-d'água do rio, que ficava a cerca de uma hora de caminhada de onde estavam. Todos toparam.

O grupo seguia animado. Celso explicava curiosidades sobre o local, contava histórias, falava sobre as espécies nativas de pássaros... A caminhada estava fazendo bem a Marieta, que por algumas horas conseguiu se esquecer do pesadelo e das cenas de Marco Antônio, aproveitando e vivendo o momento.

Maristela estava no quintal estendendo as roupas. Dina estava na cozinha. Enquanto lavava a louça e alguns alimentos para o preparo do almoço, entretida, mexendo na água, Dina pensava como poderia ajudar o neto e a filha.

Tomé, acompanhado de Lilian, pressentiu os pensamentos da mulher. Ele foi até Dina e colocou a mão sobre o ombro direito dela, pedindo que confiasse na providência divina. No mesmo instante, Dina teve uma ideia: “Vou ligar para Sandra, talvez ela possa atender Rafael”. Terminou o que estava fazendo e foi até a sala ligar para a amiga, que prontamente se dispôs a auxiliar.

Dina havia conhecido Sandra quando ainda morava na cidade do Rio de Janeiro. Eram vizinhas de porta e logo se tornaram amigas. Sandra era uma psicoterapeuta muito competente. Na visão de Dina, seria uma pessoa capacitada para ajudar seu neto, além de o consultório da profissional ser próximo à casa de Marieta.

Dina combinou com Sandra que conversaria com o neto e com a filha quando eles regressassem do passeio. Se eles aceitassem, ela retornaria o contato. Quando desligou o telefone, pensou: “Tomara que aceitem o atendimento”.

Lilian, que assistia a tudo em silêncio, questionou Tomé:

— Como você sugeriu que Dina procurasse Sandra?

— Lilian, na verdade, não sugeri nome algum. Pedi apenas que Dina confiasse na providência divina. Naquele instante, busquei inspirá-la com bons sentimentos, como fé, esperança, tranquilidade... — respondeu Tomé. — Minha irmã, Deus fala de diferentes formas aos nossos corações. O Pai é profundo conhecedor do que se passa em nosso íntimo, e a centelha de Deus faz morada em nosso interior. Por isso, Dina teve a ideia de entrar em contato com Sandra, que poderá auxiliar Rafael neste momento de sua vida. Agora, só dependerá deles mesmos.

— E se eles não aceitarem, Tomé? — perguntou Lilian.

— O livre-arbítrio é um direito que nos cabe, encarnados e desencarnados. Só podemos ajudar quem realmente deseja ser ajudado — finalizou Tomé.

Tomé, percebendo que Lilian continuava pensativa, ponderando suas colocações, voltou a explicar:

— Lilian, Jesus, quando caminhou na terra em sua missão, não pôde curar todos. Apesar de ter condições para isso, nem todos estavam prontos para ter a alma curada pelo nazareno. Vivemos em diferentes estágios de evolução, como alunos que frequentam a mesma escola, mas estão em séries distintas. Alguns necessitam repetir a mesma série para aprender determinada lição, enquanto outros superam facilmente o aprendizado. Outro exemplo são os espíritos que vivem nas regiões umbralinas por anos, seja por escolha, seja por afinidade ou o que quer que seja.

— Certo, Tomé. Mas por que o Caboclo Tupinambá não resolveu de vez o problema do Rafael?

— Lilian, quando você estava encarnada, adoeceu algumas vezes e precisou ser medicada, certo?

— Claro, Tomé — disse Lilian.

— Ótimo! Quando você ia o médico e ele prescrevia uma cartela de remédio por determinado tempo, você seguia, certo?

— Sim, Tomé.

— Agora, me diga, o que aconteceria se você tomasse todos os comprimidos de uma única vez, e não gradativamente?

— Teria algum efeito colateral, e meu organismo sucumbiria.

— Lilian, nesta vida, tudo é um aprendizado. Não dá para sanar as situações de forma imediatista, sem avaliar as lições aprendidas, os efeitos e as consequências. Além disso, nós, espíritos, em alguns momentos, precisamos de ectoplasma,[12] que é uma substância que só os encarnados possuem e que nos possibilita manipular determinados tipos de energia. Não se esqueça: uma série de mudanças estão para acontecer na vida de Rafael e na de seus familiares. Nós os estamos preparando, conduzindo-os para esse processo a que a vida os convoca.

Celso e o grupo chegaram ao olho-d'água. Todos ficaram encantados com a beleza e a delicadeza do rio brotando da terra e da natureza se expressando. Marina foi a primeira a comentar:

— Quem diria que esta água que brota aqui é a mesma que se transforma nas cachoeiras e nos rios que vimos lá embaixo.

Todos se lavaram e, em seguida, se sentaram próximos ao olho-d'água para descansar da caminhada e contemplar a natureza. Também aproveitaram para fazer um lanche. Depois, Marieta se deitou em uma pedra para contemplar o céu, que tinha um azul intenso e parecia emoldurado pelos diferentes tons de verde da vegetação. Aquilo a fez relaxar. Embalada pelo som da brisa que batia nas folhas e pelo canto dos pássaros, suas emoções se abrandaram e, mais tranquila, caiu no

sono. Enquanto ela cochilava, Celso e os jovens decidiram dar uma olhada no entorno, deixando Marieta descansar.

No mesmo local, mas no plano astral, havia uma vasta movimentação energética e espiritual que os encarnados não percebiam. Naquele recinto aprazível da natureza, alguns espíritos reabasteciam suas energias. De dentro da terra, no olho-d'água, emergiam partículas multicoloridas que envolviam os presentes, tanto no plano físico quanto no plano espiritual.

Marieta também recebia a energia emanada por essas partículas. Ao seu lado, espíritos de crianças brincavam e, como se fossem bolhinhas de sabão, jogavam os fragmentos energéticos sobre a mulher adormecida. Marieta era muito beneficiada pelo efeito dessas vibrações e registrava em sua consciência espiritual o estímulo irradiado pelas crianças, trazendo-lhe esperança, alegria e renovação na vida.

Algum tempo depois, Marieta foi acordada pela filha.

— Acorde, dorminhoca! — disse Marina com carinho. — Mãe, com o que você estava sonhando? Você estava sorrindo enquanto dormia.

— Menina, até dos meus sonhos você quer tomar conta? — brincou Marieta, rindo da filha.

— Claro! Você é minha mãe, ora — respondeu Marina.

— Eu estava sonhando que brincava com algumas crianças em um jardim. Elas jogavam bolhinhas de sabão sobre mim e nos divertíamos muito. Nossa, quanto tempo eu dormi aqui?

— Uns quinze minutinhos, mãe — respondeu Rafael.

— Caramba, parece que dormi por horas a fio.

— Pessoal, é hora de voltarmos para a chácara — disse Celso.

No caminho de volta, Julia e Marina conversavam e contavam as borboletas que viam. Marieta e Rafael conversavam sobre diferentes assuntos, inclusive sobre retornar à chácara nas férias. Todos chegaram em casa muito animados, contando para Dina e Maristela o quanto adoraram o passeio.

— Fico feliz que vocês tenham gostado do passeio. Agora, melhor irem tomar um banho para que possamos almoçar. Pela tarde, podemos dar uma volta na cidade. O que acham? — propôs Dina.

Todos adoraram a ideia de Dina e, após o almoço, foram à cidade passear. Marina e Julia se esbaldavam nas barraquinhas da feira, enquanto Dina, Marieta e Rafael se sentaram para tomar um café. Dina aproveitou a oportunidade e, de forma cuidadosa, perguntou ao neto como ele se sentia e o que ele achava sobre a possibilidade de fazer um tratamento psicoterápico. Irritado, Rafael respondeu:

— Eu não estou maluco!

— Claro, querido. Tenho a certeza de que você é são. — Tentando acalmar o neto, Dina retomou a conversa. — Apesar de minha idade, você acha que eu sou ou pareço louca?

— Óbvio que não, vovó — afirmou Rafael.

— Assim, fico mais aliviada para conversar com você, meu querido. Há alguns anos, perdi sua bisavó. Depois, me aposentei e, não demorou muito, perdi seu avô. Fiquei meio sem chão — contou Dina —, me senti sozinha, sem motivação, e comecei a ficar triste. Nessa época, você e sua irmã eram pequenos. Conversando com Sandra, minha amiga e vizinha, ela me recomendou que fizesse terapia, que me ajudaria a organizar os pensamentos e me conhecer melhor, com um colega de profissão dela. O tratamento foi muito bom e importante em minha vida. Por quase dois anos, frequentei o consultório do dr. Fernando. Ele me ajudou a reconhecer meus pontos cegos, a elaborar minhas perdas e a ter a clareza de algumas questões com as quais eu tentava não entrar em contato.

“Meu querido, dê a si mesmo a oportunidade de conhecer e experimentar o trabalho da Sandra ou de algum outro profissional sério. Depois, a partir de sua experiência, forme uma opinião. Que tal, Rafa? Pense nisso com carinho, ok?”

— Acho que também estou precisando de terapia — falou Marieta. — Quem sabe ela possa me ajudar nesse momento da vida.

Rafael ficou em silêncio, avaliando a fala da mãe e a argumentação da avó. Julia e Marina se juntaram ao grupo, pois já tinham visitado todas as lojas e queriam lanchar. Por fim, todos voltaram para casa depois do cair da noite.

Enquanto todos estavam distraídos, ocupados com seus afazeres, Rafael aproveitou e foi se sentar em um banco no jardim para contemplar as estrelas e refletir sobre a conversa que tivera com a avó. Imerso em seus pensamentos, o rapaz não sabia que ao seu lado estavam Tomé e Lilian.

Com a ponta dos dedos, Tomé tocou a fronte de Rafael e disse mentalmente para seu protegido não ter medo do novo e se abrir para novas possibilidades e oportunidades, pois novas experiências estavam por vir em sua caminhada, e estas seriam muito importantes para sua jornada evolutiva. O mentor também disse que o jovem tivesse a certeza de que jamais estaria sozinho, pois a seu lado havia muitos amigos que o amavam e que torciam por ele. Tomé concluiu falando:

— Confie em você, Rafael. Confie em Deus e em Seus desígnios.

Julia chegou logo em seguida, tapando os olhos de Rafael de forma carinhosa e o rapaz correspondeu com ternura. A menina se deitou no banco, colocou a cabeça no colo do namorando e perguntou o que ele fazia ali sozinho. Enquanto acariciava os cabelos da namorada, Rafael respondeu:

— Estou pensando em uma conversa que vovó e eu tivemos à tarde.

O casal tinha um bom diálogo, desde antes do início do namoro. A amizade entre eles foi crescendo até que se perceberam enamorados.

— Você quer dividir o assunto da conversa comigo? — perguntou Julia.

— A vovó sugeriu que eu fizesse terapia, mas não sei se concordo com ela.

— Rafa — falou Julia —, será que você não está sendo preconceituoso ou está com medo do que as pessoas possam falar a respeito?

— Sim, Julia. Apesar de ser difícil assumir, é o que eu temo.

— Entendo — continuou Julia —, mas ninguém tem nada com a sua vida. Faça isso por você, pelas pessoas que realmente te amam e que querem seu bem-estar.

— Você está certa, meu amor. Vou me dar essa chance. Se eu não gostar, pelo menos tentei.

— Isso mesmo! — enfatizou Julia.

Pouco tempo depois, Marina chegou, brincando com o casal:

— Desculpem atrapalhar o clima romântico do casazinho, mas vovó e mamãe estão chamando para comer.

— Nossa — comentou Julia —, o povo dessa casa só pensa em comida! Quando terminar o feriado, vou ter ganhado uns quilos a mais.

Rindo, Rafael, Marina e Julia entraram em casa.

Marieta estava no quarto, arrumando algumas roupas na mala, quando o telefone tocou. Era Marco Antônio.

— Oi, Marco Antônio — falou Marieta. — Que bom ouvir sua voz e saber que está vivo, pois tentei te ligar algumas vezes hoje...

— Oi, amor! Também estou com saudades — ironizou o marido.

Havia tempos que Marieta e Marco Antônio não se entendiam. Tratavam-se trocando farpas e ironias. Além de o relacionamento do casal estar desgastado, a esposa desconfiava da atitude do marido desde que ele dissera que não viajaria.

— O que houve que você não deu sinal de vida, nem atendeu minhas chamadas? — perguntou Marieta.

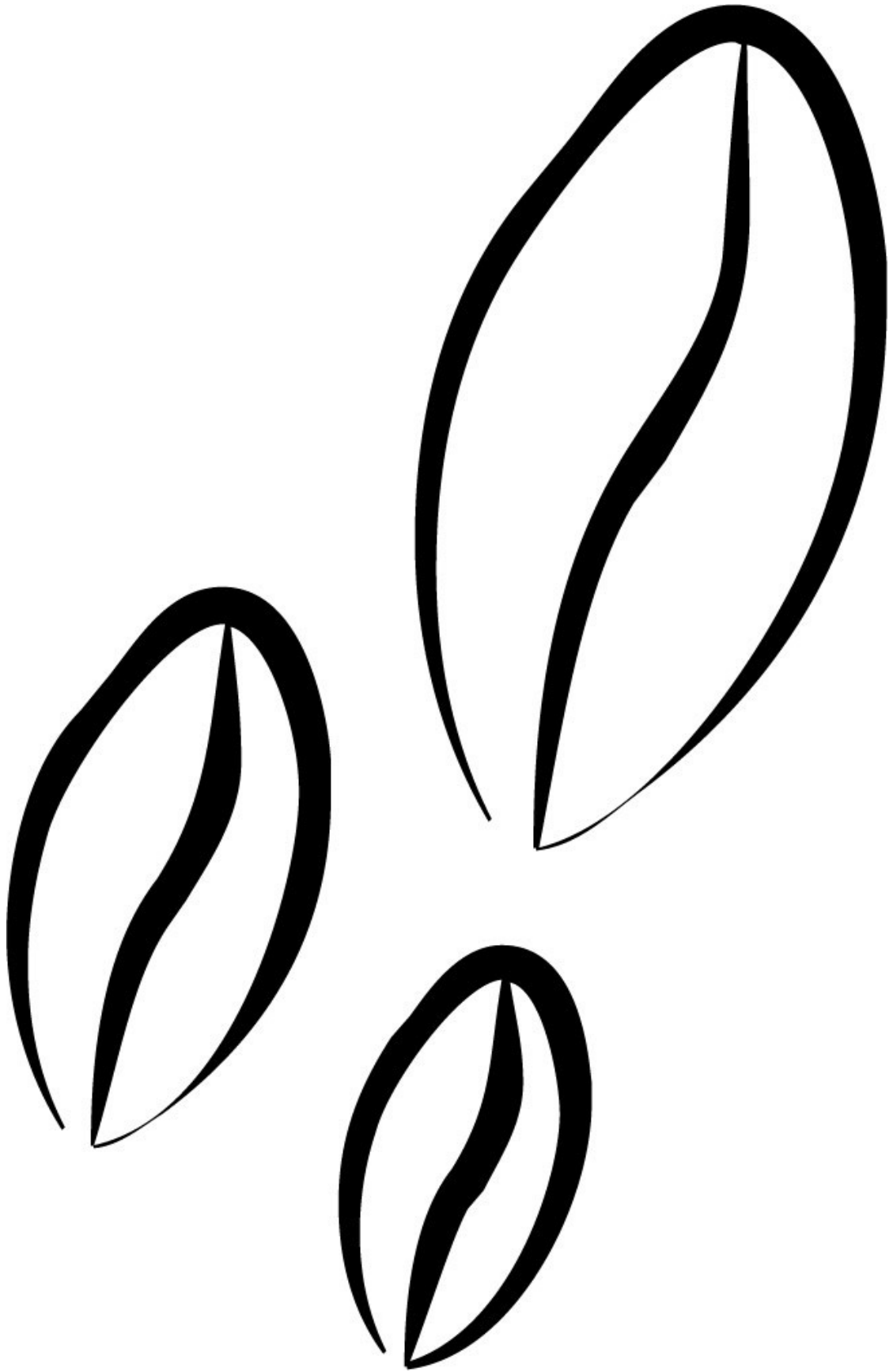
— Fui dormir tarde vendo um filme. Também comi algo de madrugada que não me fez bem, e acabei passando mal. Por isso, dormi o dia quase todo, pois estava precisando descansar — respondeu Marco Antônio.

— Que bom que você está melhor — comentou a esposa.

Nesse instante, Marina entrou no quarto e Marieta se despediu do marido, passando o telefone para a menina. Enquanto a filha falava com o pai, a mulher dobrava as roupas, questionando a si mesma se aquela história era verdadeira. Algo a fazia desconfiar, e ela não sabia explicar o que era.

Marina saiu do quarto levando o telefone para Rafael. O rapaz falou com o pai rapidamente e voltou a conversar com a avó, a namorada e a irmã.

Marieta juntou-se ao grupo, mas, enquanto todos falavam, ela pensava consigo mesma o quanto aqueles dias estavam sendo bons e como passaram rápido. Considerava uma pena que só teriam mais um dia para aproveitar, pois no domingo, após o almoço, regressariam para casa.



De volta à sua casa, enquanto se preparava para encontrar Adriana, Marco Antônio era observado de perto, sem que tivesse a mínima noção, por Maria, Firmino e Carlos.

A mulher do trio falava para os outros:

— Ele é um canalha, assim como o filho, e será muito útil para nós.

— Como assim? — perguntou Firmino.

— Ele ajudará a manter as portas da casa abertas para o nosso plano — explicou Maria. — O comportamento dele trará desequilíbrio e confusão para dentro do lar. Então, teremos a sintonia perfeita para que possamos atuar.

— Marco Antônio é um grande aliado neste momento — disse Carlos, rindo.

— Será que nós conseguiremos permanecer aqui dentro quando eles voltarem?
— inquiriu Firmino.

— Óbvio que sim! — respondeu Maria, irritada.

— Pergunto isso — continuou Firmino — porque não conseguimos segui-los até a casa de Dina.

— Isso é temporário. Sinto Rafael à distância. Estou ligada a ele há muitos anos. Já o reconheci em diferentes corpos, por várias vezes, e não vai ser uma viagensinha que nos distanciará. Como dizem: “o bom filho à casa torna”. Rafael, que já foi Otávio, me pertence por direito. Ele me pertence pela eternidade. Ele tem que me pagar, para todo o sempre, pelo mal que cometera e pelo tanto que nos fizera sofrer. Ele é o mesmo desgraçado de antes! É o lobo em pele de cordeiro, mas a mim não engana — dizia Maria com seu espírito inflamado pela ira.

Firmino olhava para a mãe e não entendia por que, tanto tempo depois, ela ainda insistia com a perseguição. Ele já se sentia cansado e triste, além de estar começando a perceber que nada mais daquilo tinha sentido para ele. Nos últimos meses, sentia saudade da fazenda onde vivera enquanto encarnado, mas jamais revelaria isso a Carlos ou Maria, que foram seus pais, pois seria uma afronta, um

desrespeito com eles. Assim, só restava a Firmino disfarçar.

— Afinal, por que não conseguimos seguir Rafael na viagem? — Carlos tomou a palavra.

— Por quê?! Só eu que penso aqui? — questionou Maria enfadada. — Porque tem algum espírito xereta querendo se meter em um problema que é só nosso. Por isso não conseguimos acompanhá-los e ficamos impedidos de entrar na casa.

— E não corremos o risco de sermos pegos, Maria? — perguntou Carlos.

— Fique tranquilo, Carlos. Está tudo sob controle. A intromissão dos xeretas só me fará adiantar nossos planos de trazer Rafael para o nosso lado novamente.

Maria e Carlos riram, mas Firmino, que escutava tudo em silêncio, perguntou:

— E depois de trazermos Rafael, o que faremos? Voltaremos para a nossa terra? Já estamos há tantos anos distantes de lá...

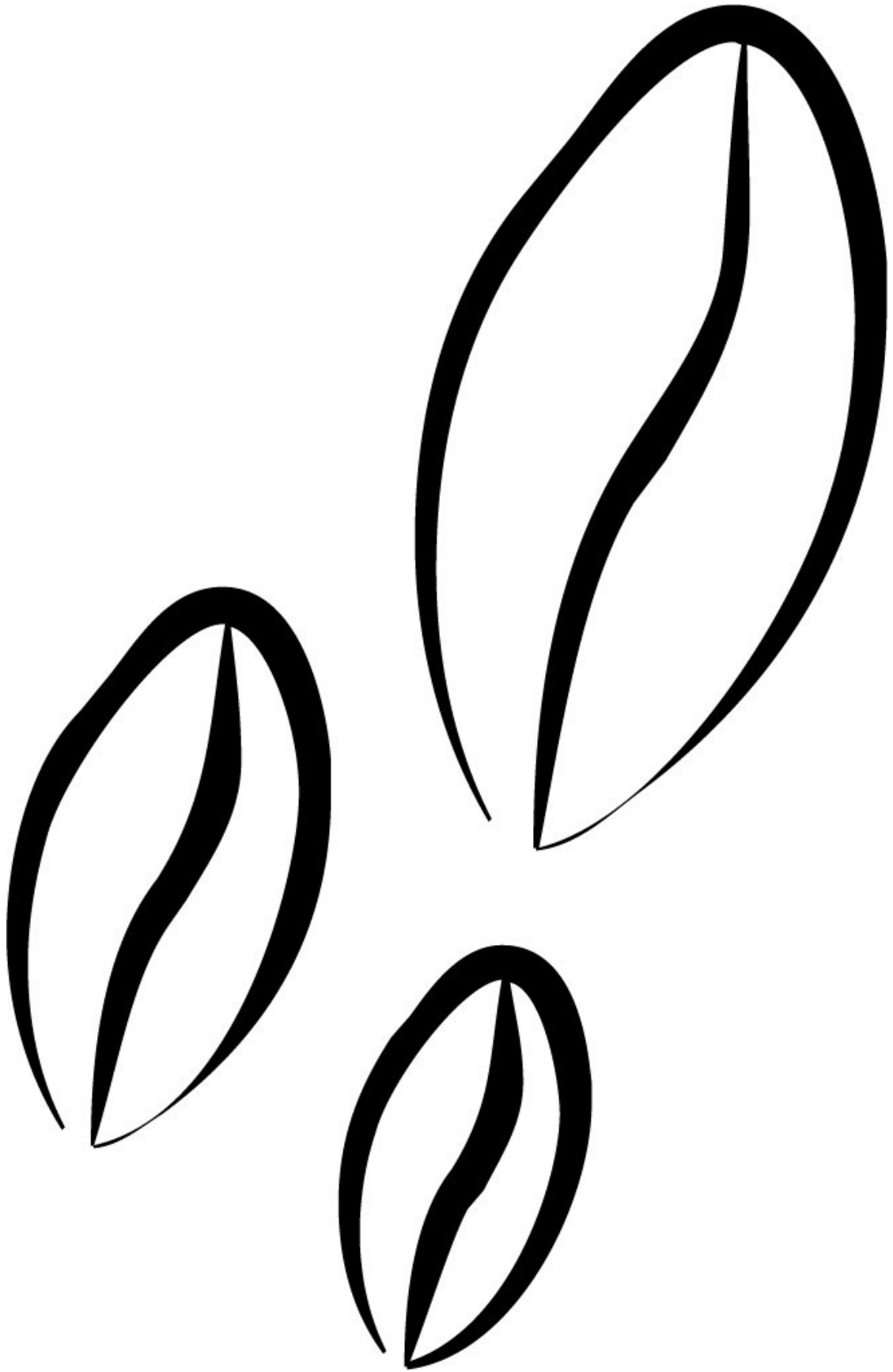
— Firmino, depois é depois! Agora, só me interessa poder me vingar de Rafael pela eternidade. Nada, além disso, me trará prazer maior.

Os três espíritos estavam tão entretidos com suas elucubrações, que só notaram Marco Antônio saindo de casa quando a porta bateu.

— Não vamos atrás dele? — perguntou Carlos.

— Não. Deixe-o por conta daquela outra com quem ele se meteu. Ela o fará cair na esparrela, e isso nos dará o domínio sobre Rafael novamente — concluiu Maria.

Tomé observava tudo com serenidade e segurança. Lilian, apesar dos olhos arregalados, buscava confiar em Deus, na sabedoria de Tomé e no amparo espiritual.



Lilian e Tomé seguiram para o jardim da chácara de Dina. Assim que chegaram ao local, ela perguntou sobre o tenebroso plano de Maria contra Rafael e sobre a situação de Marco Antônio.

— Bem... — respirou Tomé, respondendo às dúvidas de Lilian. — O trio comandado por Maria já está perdendo as forças. Firmino está cansado e, continuando dessa forma, será possível ajudá-lo.

— Mesmo assim, Tomé. Ainda temos Carlos e Maria motivados a dar cabo de Rafael — colocou Lilian, em tom de preocupação.

— Lilian, a vinda de Rafael à casa de Dina foi providencial. Com o auxílio direto da natureza, pudemos iniciar um tratamento espiritual e sensibilizar os corpos espirituais dele, estabelecendo um contato mais direto com o rapaz. Com relação a Maria e Carlos, confie: “não há mal que dure para sempre”. Todas as manhãs, indistintamente, o sol volta para nos iluminar e nos aquecer. Além disso, as dificuldades que Rafael enfrenta são efeitos colaterais do plantio realizado por ele mesmo no passado. Assim, a colheita desta vida requer mais empenho e labor da parte dele, mas é para o próprio crescimento e aprendizado.

— Entendo, mas eu fico com pena do meu menino.

— Certo, Lilian. Porém, o sentimento de piedade por ele pouco adiantará para o crescimento do rapaz. Muitos se apiedaram de Jesus quando ele atravessou a Via-Crucis, mas poucos o ajudaram. Ajudaremos Rafael dentro do que nos for permitido, sem atrapalhar sua evolução. Imagine: uma mãe resolve fazer uma prova no lugar do filho porque acha que ele não será capaz de passar de ano...

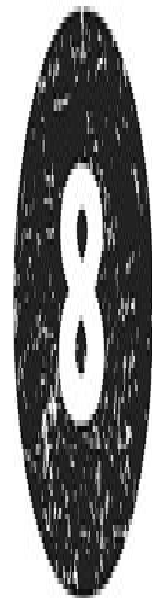
— Você está coberto de razão, Tomé. Agradeço, do fundo de meu coração, sua firmeza e seu carinho comigo, sempre me elucidando, me trazendo à razão e favorecendo reflexões para o meu aprimoramento — disse Lilian.

— Sobre Marco Antônio — continuou Tomé —, porém, ele vem se enredando em uma perigosa teia. Isso trará dissabores para todos os envolvidos, direta e indiretamente. Todavia ele responderá por suas imaturas e impensadas ações.

Enquanto isso, dentro da casa de Dina, a família já se preparava para dormir. Dina, Marieta e Rafael estavam na copa, tomando um chá. Marina e Julia já

tinham pegado no sono. Rafael decidira dar uma chance às novas experiências e começou experimentando um chá feito por sua avó. Ao terminarem, os três se recolheram. O rapaz se deitou e ficou observando o céu limpo e estrelado através da janela, até que caiu em um sono profundo.

SUBOCÉU DE ARUANDA



CONSAGRAÇÃO DE UM PRETO-VELHO

A madrugada avançava e a luz da lua iluminava o chão do quarto onde Rafael dormia quando Tomé e Lilian adentraram o cômodo.

— Lilian, vou conversar com Rafael durante o sono de seu corpo físico. Peça que fique em silêncio e em oração, pois isso nos ajudará a termos êxito nessa tarefa. Depois, esclarecerei suas dúvidas sobre o que ocorrerá.

Tomé se aproximou da beira da cama de seu tutelado e colocou-se em prece. Em seguida, enquanto uma luz azul-prateada emanava de seu corpo, sua fisionomia começou a envelhecer, suas roupas tornaram-se mais humildes e sua coluna ficou levemente arqueada. Passou a ter a aparência de um ancião. Também surgiram um cajado na mão direita, um cachimbo na mão esquerda, exalando um agradável aroma de manjerição que impregnava o ambiente, e um chapéu de palha na cabeça.

Aquela era a forma perispiritual de um preto-velho. Sentado ao lado do corpo do jovem, Tomé estalou os dedos sobre os chacras do rapaz, de baixo para cima, e depois, em movimentos circulares, em torno da cabeça de Rafael. Ao mesmo tempo, bafou três vezes a fumaça de seu cachimbo e, por fim, bateu seu cajado de guiné três vezes no chão. Logo, espiritualmente desdobrado, Rafael estava sentado ao lado de Tomé. Reconhecendo a figura do pai-velho, abraçou-o e falou o quanto sentira sua falta. Tomé, parecendo olhar no fundo da alma do rapaz e já sabendo o que havia no íntimo dele, deu início a uma breve conversa:

— Bem, meu menino, há muito tempo, ainda na espiritualidade, firmamos o compromisso de seguirmos no caminho do bem e da caridade juntos: este velho do lado de lá, e você do lado de cá da vida. Chegou o momento de iniciarmos esta jornada, com disciplina e amor. Este nego-velho, em nome de sua família espiritual, deseja saber se o menino está certo disso?

— Sim — respondeu Rafael cabisbaixo. — Recordo-me do compromisso firmado, mas tenho medo de falhar novamente.

— O menino confia neste velho? — questionou Pai Tomé.

— Sim — balbuciou o rapaz, timidamente.

O preto-velho tocou o queixo de Rafael, fazendo-o levantar a cabeça e, olhando em seus olhos, perguntou novamente:

— Confia em mim?

— Sim — respondeu mais firme.

— Filho, Deus prepara seus filhos para as tarefas da vida, e as provas surgem para mostrar que estamos prontos para novas jornadas. Tudo foi pensado, e você foi preparado para lidar com todos os obstáculos que surgirão na caminhada. Lembre-se — com a bengala, Tomé tocava o lado esquerdo do peito do rapaz —, você nunca esteve e nunca estará sozinho. Estamos ao seu lado desde antes dessa existência, e jamais o abandonaremos. Sempre respeitaremos seu livre-arbítrio, caso queira se afastar de nós, mas nós nunca o deixaremos na estrada da vida. Em breve, o chamado virá. Esteja pronto e disposto a se dedicar, com amor, devoção e disciplina. Também será necessário estudar para reascender aos conhecimentos que traz em seu íntimo. Além disso, o estudo também trará mais sabedoria, ampliando seus horizontes.

Rafael assentia, enquanto o pai-velho falava. As palavras de Pai Tomé tocavam seu íntimo.

— Posso fazer uma pergunta ao senhor? — questionou Rafael.

— Sim — respondeu Tomé.

— Sei que o conheço — disse Rafael um pouco constrangido —, porém não me recordo de seu nome... me desculpe.

— Sem problemas, criança — disse o preto-velho dando uma risada. — Isso não aborrece este nego. Meu nome é Tomé, mas pode me chamar de Pai Tomé das Almas. Sou seu amigo, guia e protetor. Agora, é hora de voltar ao corpo físico.

O jovem abraçou o preto-velho novamente e pôde ver, no fundo do quarto, o espírito de sua bisavó, Lilian, que acenou para ele. Com a bengala, Pai Tomé tocou na direção do chakra frontal de Rafael e deu uma baforada na mesma

direção. O menino, então, caiu em um sono profundo.

Assim que Rafael retornou ao corpo físico, Tomé se levantou e fez uma sentida prece, com as mãos espalmadas para o alto, agradecendo ao Pai a oportunidade. Enquanto orava, Tomé retomava sua forma anterior — uma versão mais remoçada e esguia do preto-velho.

Lilian, assistindo a tudo, emocionou-se por ter tido a chance de vivenciar aquele momento, ainda que tivesse compreendido pouco do que ocorrera.

Tomé e Lilian saíram do quarto e foram para a sala da casa esclarecer os fatos. No local, Lilian continuava em silêncio, tentando organizar os pensamentos e as dúvidas a respeito do que presenciara.

— Bem, Lilian, como já havíamos conversado, Rafael, antes de reencarnar, assumiu um compromisso com a espiritualidade, e eu aceitei assumir o papel de seu mentor espiritual e guia desenvolvedor na seara umbandista.

Ávida, Lilian olhava para Tomé, tentando não perder qualquer detalhe.

— Em breve, Rafael será convidado visitar um terreiro de Umbanda, tendo sua fé e sua mediunidade despertadas.

— Tomé, e se ele não quiser ir? Como será, caso ele não se identifique? — indagou Lilian.

Tomé, com sua habitual serenidade, sorriu e respondeu:

— Lilian, quando você joga um punhado de sementes na terra, elas germinam, mas cada uma no seu tempo, ainda que todas tenham tido a mesma oportunidade. O mesmo acontecerá com Rafael. Ele será desperto, mas a escolha caberá, única e exclusivamente, a ele, pois seu livre-arbítrio será respeitado.

— Tomé, como se dará esse despertar?

— Na espiritualidade, o corpo espiritual é programado e condicionado a uma data para o afloramento e a eclosão da mediunidade. Nesse processo, os chacras iniciam um processo de sensibilização, tornando-se mais suscetíveis à captação de energias, como se fossem antenas extrassensoriais. O corpo áurico ganha mais elasticidade para favorecer o processo de incorporação durante o transe

mediúnico; a emanção de ectoplasma, o fluído vital, é ampliada; e as glândulas alteram sua capacidade secretora. Esse processo biopsicoespiritual já começou em Rafael.

— Tomé, ele se lembrará do sonho que teve com você, ou corre o risco de esquecer? — questionou Lillian.

— Ele terá uma vívida lembrança, pois compreendemos ser essencial que ele o registre em seu mental, no nível da consciência. O sonho minimizará os medos dele, e ele saberá que está no caminho certo, tendo a certeza latente de que jamais estará sozinho. Em pouco tempo, utilizaremos as imagens dessa experiência fora do corpo em benefício do próprio Rafael — esclareceu Tomé.

— Por que você mudou sua forma espiritual? Em meus estudos na espiritualidade, já tinha lido e ouvido falar sobre isso, mas nunca havia presenciado. Pode me explicar melhor? — pediu Lillian.

— Interessante a sua pergunta — respondeu Tomé em tom paternal. — Todos nós, espíritos encarnados ou desencarnados, somos centelhas divinas oriundas de Deus, nosso Pai e Criador. Desta maneira, somos seres amórficos, sem uma forma ou um sexo definidos. Vestimos diferentes roupagens, que são os corpos de carne ou de outras matérias que ainda estão além da compreensão dos encarnados na Terra. Assumimos distintos papéis nas diferentes moradas do Pai, de acordo com o plano pedagógico-espiritual que assumimos para nossa evolução e nosso burilamento.

“Sendo assim, me identifico bastante com a encarnação que tive como um simples escravo nascido em terras brasileiras, à qual sou muito grato, pois muito me auxiliou a purgar as dolorosas chagas da vaidade, da arrogância, do ego e de outras frivolidades que trazia no íntimo de minha alma. Quando reencontrei Rafael, um ente querido de outrora, ele era Otávio, meu senhor. Na espiritualidade, tive a oportunidade de ajudá-lo a soerguer-se das derrapadas que dera na estrada da vida. Junto aos mentores da espiritualidade maior, definimos o plano reencarnatório de Rafael: ele como médium e eu como mentor espiritual, manifestando-me na Umbanda como Pai Tomé das Almas, através da mediunidade dele, para os trabalhos caritativos. Por isso, antes de falar com Rafael em desdobramento, mudei minha forma perispiritual, me plasmando como preto-velho. Ele manterá esta roupagem fluídica em seu acervo mental, e ela está alinhada com a proposta arquetípica da Umbanda. Isso fará mais sentido

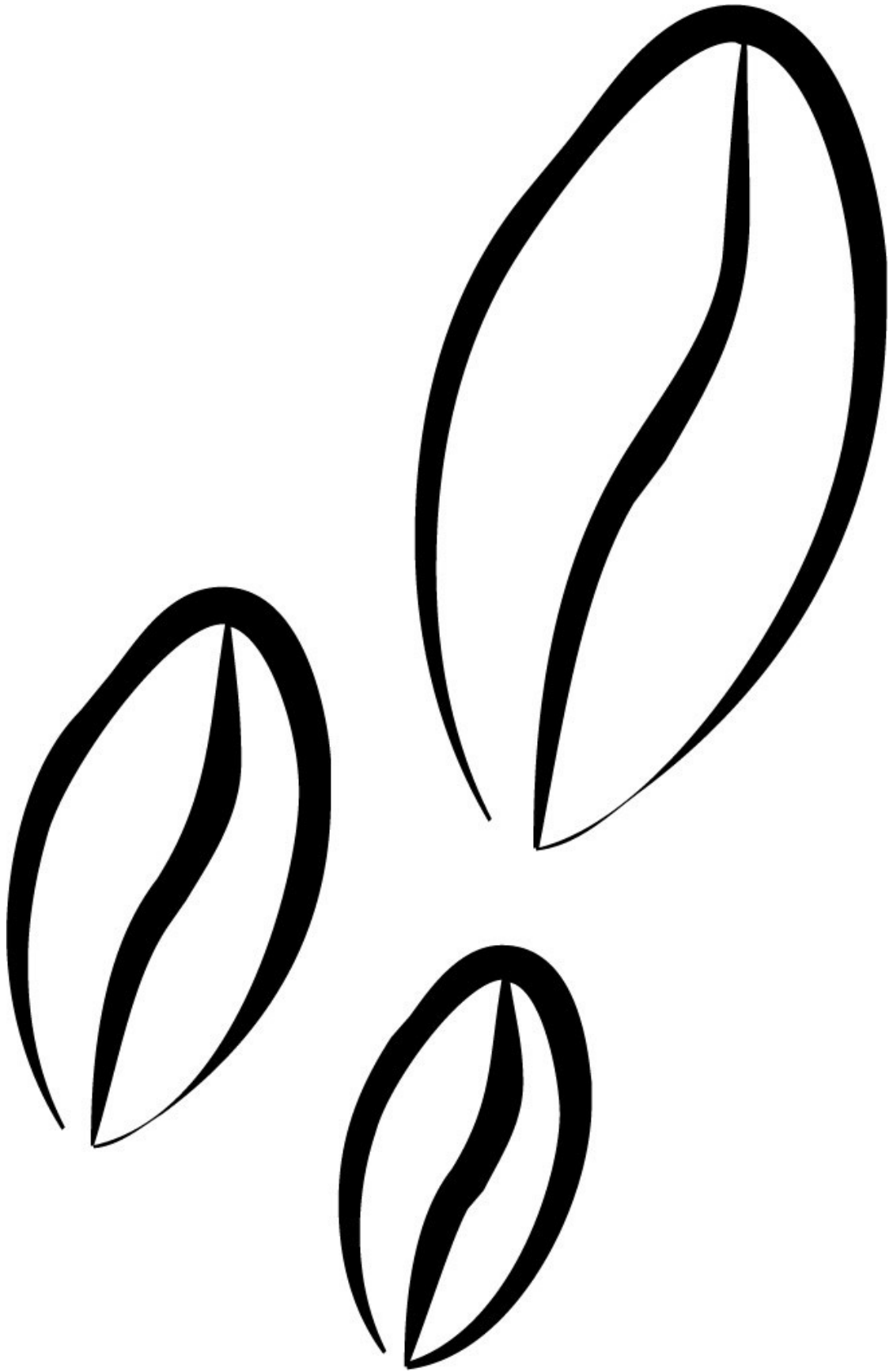
quando ele adentrar o terreiro pela primeira vez.

— Desculpe, Tomé, mas sua explanação me deixou com mais dúvidas.

— Lilian, suas dúvidas são sempre positivas, pois nos possibilitam aprender.

— Certo, Tomé, mas por que você usa o nome “Pai Tomé das Almas”?

— Vou te explicar, Lilian.



Há certo tempo, após meu desencarne, tive a permissão de ser um auxiliar espiritual de Nego Benedito do Cafezal. Por isso, fui viver na cidade espiritual de Aruanda — uma colônia espiritual de grandes proporções, sendo uma das principais moradas dos espíritos que labutam na egrégora[13] umbandista —, onde estudei e me preparei para a tarefa a que logo viria a ser designado.

Já apto para o trabalho, comecei a acompanhar as manifestações de Nego Benedito em diferentes terreiros e médiuns. Ele dava seus aconselhamentos, receituários, realizava desobsessões, promovia limpezas, fazia benzimentos, desfazia trabalhos de magia negativa, possibilitava curas... Quando terminavam as giras, continuávamos com o trabalho no plano espiritual, correndo gira: junto com a equipe espiritual, visitávamos diferentes locais nos planos físico e espiritual, como a casa ou o trabalho de consulentes assistidos nos atendimentos e regiões umbralinas para resgates espirituais e embates com espíritos do astral inferior.

Ao longo do tempo, me afeiçoei ao trabalho de resgate de almas nos charcos e lodaçais umbralinos, nos quais trabalhava em conjunto com diferentes caravanas de resgate espiritual. Por isso, passaram a me chamar de Pai Tomé das Almas, pois tinha um sentimento paternal pelos espíritos que haviam se afastado da luz e acreditava que, independentemente das faltas e falhas cometidas, eles também eram merecedores de ajuda. Não cabia a mim julgá-los, pois a própria consciência de cada um deles já fazia o papel de severo algoz e censor, infligindo-lhes as maiores torturas. Alguns também tinham seus algozes espirituais, que sempre cobravam por dívidas pretéritas e executavam os mais terríveis castigos.

Depois de anos trabalhando e resgatando espíritos com Nego Benedito, fui chamado a uma reunião em Aruanda, no reino do Campo Santo. Chegando ao local, encontrei Mãe Maria Preta da Senzala, Nego Benedito do Cafezal e outros amigos espirituais. Logo, imaginei que seríamos designados para mais uma missão.

Seguimos para um modesto salão no qual eu nunca estivera. No fundo dele, havia um cruzeiro das almas em pedra, erguido sobre o chão de terra preta, que transmitia muita paz. Pouco tempo depois, adentrou o recinto um homem negro, belo e altivo, que caminhava de forma firme e segura. Ele tinha as feições de um

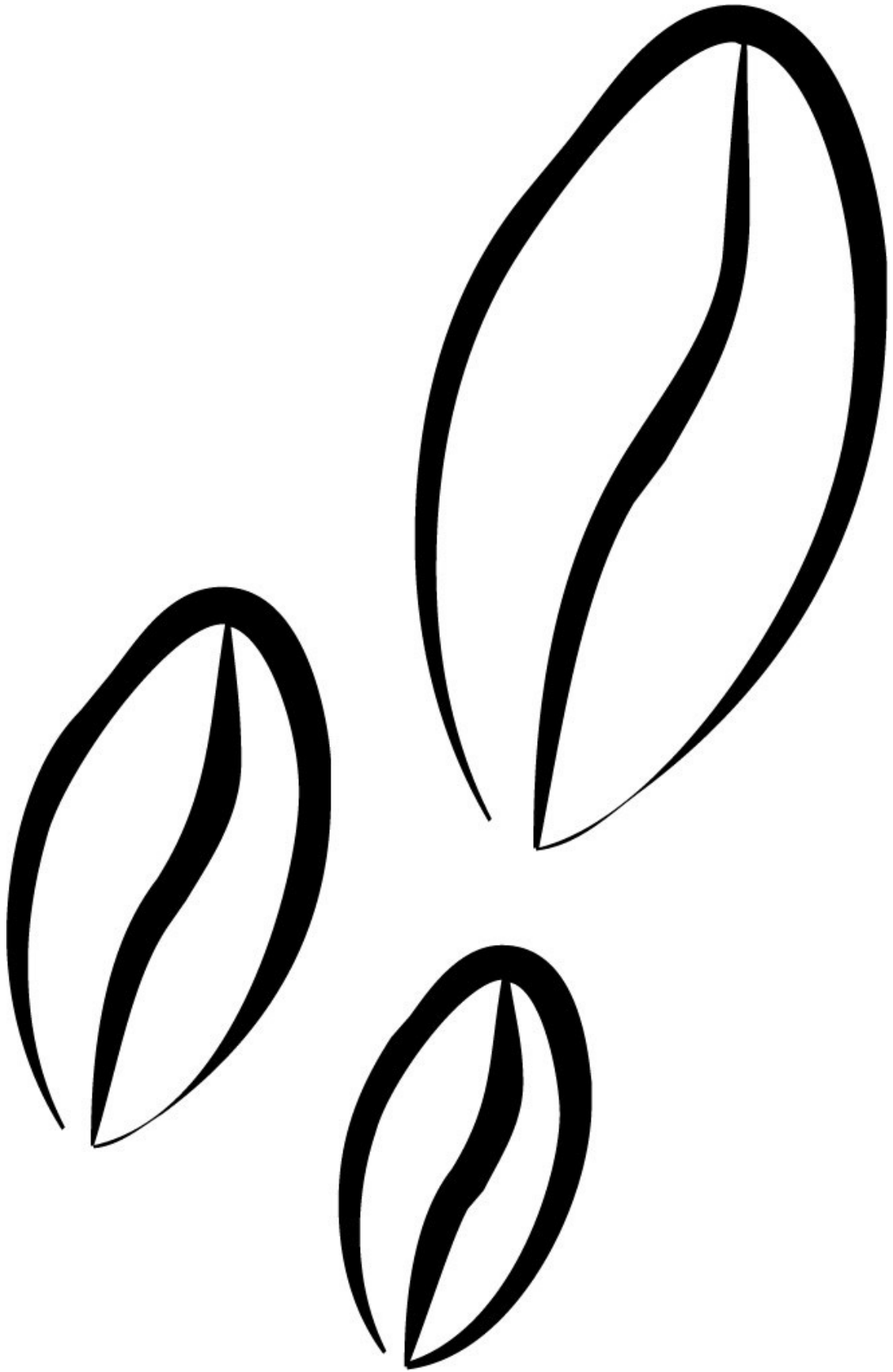
nobre africano, o tórax desnudo e, em volta do pescoço, levava um adorno de palha-da-costa que descia pelas costas até a panturrilha, remetendo a uma espécie capa. O homem postou-se à frente da cruz, saudou todos os presentes e se apresentou: seu nome era Zinzauê, um dos emissários do orixá Obaluaê. Em seguida, falou:

— Venho, com muita alegria, em nome do senhor da terra, médico dos pobres, regente do Campo Santo, consagrar um filho ao grau de preto-velho, sob a regência da Linha das Almas. A consagração se faz por merecimento e dedicação aos trabalhos caritativos, sem interesses pessoais ou expectativa de reconhecimento.

Despretensiosamente, eu assistia a tudo sem entender ao certo o que ocorria, até que Zinzauê falou meu nome. Meu coração disparou! Eu não me achava capaz nem digno daquela graça. Com presteza, o ancestral africano, representante de pai Obaluaê, respondeu aos meus questionamentos mentais.

— Sim, Tomé, você é um trabalhador digno que nunca se eximiu do trabalho. Sempre buscou se dedicar aos que necessitavam, indistintamente. Dessa forma, sob o comando dos benditos orixás, venho consagrá-lo como um trabalhador da Lei de Umbanda, um tarefeiro de Cristo, que trabalhará sob a irradiação e o enfeixamento vibratório do mestre Obaluaê.

Sem palavras, com o apoio de meus amigos, ajoelhei-me diante de Zinzauê, que tirou sua capa e a jogou sobre minhas costas. Enquanto fazia uma prece em um antigo dialeto, Zinzauê tocou o solo com a ponta dos dedos, depois os apontou para o alto, como se mostrasse o céu, e, em seguida, tocou minha testa, fazendo o sinal da cruz. Instantaneamente, me transfigurei naquele ancião que você viu há pouco e, daquele dia em diante, passei a ser conhecido como Pai Tomé das Almas, um preto-velho da Linha de Obaluaê.



— Como devo lhe chamar? — perguntou Lilian.

— Como preferir, querida Lilian. Nomes são apenas rótulos transitórios que usamos enquanto vestimos uma embalagem. Por isso, eles também mudam quando trocamos de corpo. O que vale é a essência, o conteúdo que habita no interior.

— Tomé, por que você não se apresenta como um preto-velho o tempo todo?

— Nós, espíritos, Lilian, nos apresentamos como nos sentimos melhor, usando roupagens desta ou de outras encarnações. Eu gosto de me apresentar como um simples negro que fui. Escolhi a aparência de quando eu tinha 45 anos porque foi quando alcancei a lucidez e a consciência de que não valia a pena me revoltar contra Deus. Esse esclarecimento tornou minha vida mais leve e o trabalho menos emocionalmente pesado, fazendo-me notar as pequenas belezas e prazeres da vida: o calor do sol todas as manhãs, a chuva nas plantas, o canto dos pássaros... Tornei-me uma pessoa melhor, ajudei meus irmãos de cárcere e, principalmente, fui beneficiado por minha mudança interior.

— Entendo — respondeu Lilian. — Certa vez, minha mãezinha disse que eu estava com mau-olhado e me levou a um terreiro para me rezar. Lembro-me de ouvir cânticos que citavam alguns nomes de entidades. Minha dúvida é: sempre que chamam “Pai Tomé das Almas”, estão falando de você?

— Não, Lilian. Apesar de eu ter tido o nome de “Tomé” em minha encarnação como um negro escravizado, passei a integrar uma legião de espíritos que utilizam o nome de “Pai Tomé das Almas”. Inúmeros espíritos constituem esta legião que compõe a falange dos pretos-velhos, mas nem todos foram negros, nem escravizados, nem velhos. O termo “preto-velho” indica um grau espiritual, é uma insígnia para os espíritos que têm a permissão de usar esta formatação perispiritual nas casas de Umbanda. No entanto, também nos manifestamos em outros núcleos religiosos, respeitando as delimitações das diferentes doutrinas, e até usando outros nomes, pois, acima de tudo, somos trabalhadores do Bem a serviço de Deus e de Jesus. Como disse, nomes e religiões são apenas rótulos, o mais importante é a propagação da mensagem de amor e a prática dos ensinamentos de Cristo.

— Compreendi — assentiu Lilian. — Para mim, você pertencia à Umbanda.

— Muitos se enganam. Como espírito, posso me afinar às filosofias e práticas que toquem mais o meu coração; é como preferir um autor em vez de outro. As religiões são como escolas ou caminhos e adotam diversos métodos para auxiliar na transformação de cada indivíduo. Todas se completam e convergem para um único objetivo: a fonte criadora e universal, Deus. Não existe religião melhor ou pior, existe aquela que tem sentido. O que distorce tudo é o preconceito alimentado pela ignorância, que leva à falta de respeito ao próximo, ao próprio irmão de jornada.

— Tomé, por que você usava um cachimbo, um cajado e estalava os dedos sobre o corpo do Rafael?

— O cachimbo é um recurso que podemos usar ou não. Ele ajuda na queima de miasmas,[14] formas-pensamento[15] e parasitas espirituais. É ainda mais eficiente quando conjugado à queima de ervas sagradas. Assim, as baforadas que dei sobre Rafael visavam a promover uma limpeza em seu campo áurico, purificando-o e gerando harmonia por meio da combustão das folhas de manjerição. Já o cajado, ou bengala, como preferir, é o símbolo do ancião, identifica aquele que muito viveu e que hoje, amparado e mais sábio, atravessa o caminho pedregoso encontrando firmeza na terra, além de nos lembrar de que sempre precisamos da ajuda uns dos outros. Também é um instrumento mágico e litúrgico: nos trabalhos de limpeza e desobsessão, quando batido no chão, ajuda a espantar espíritos arruaceiros.

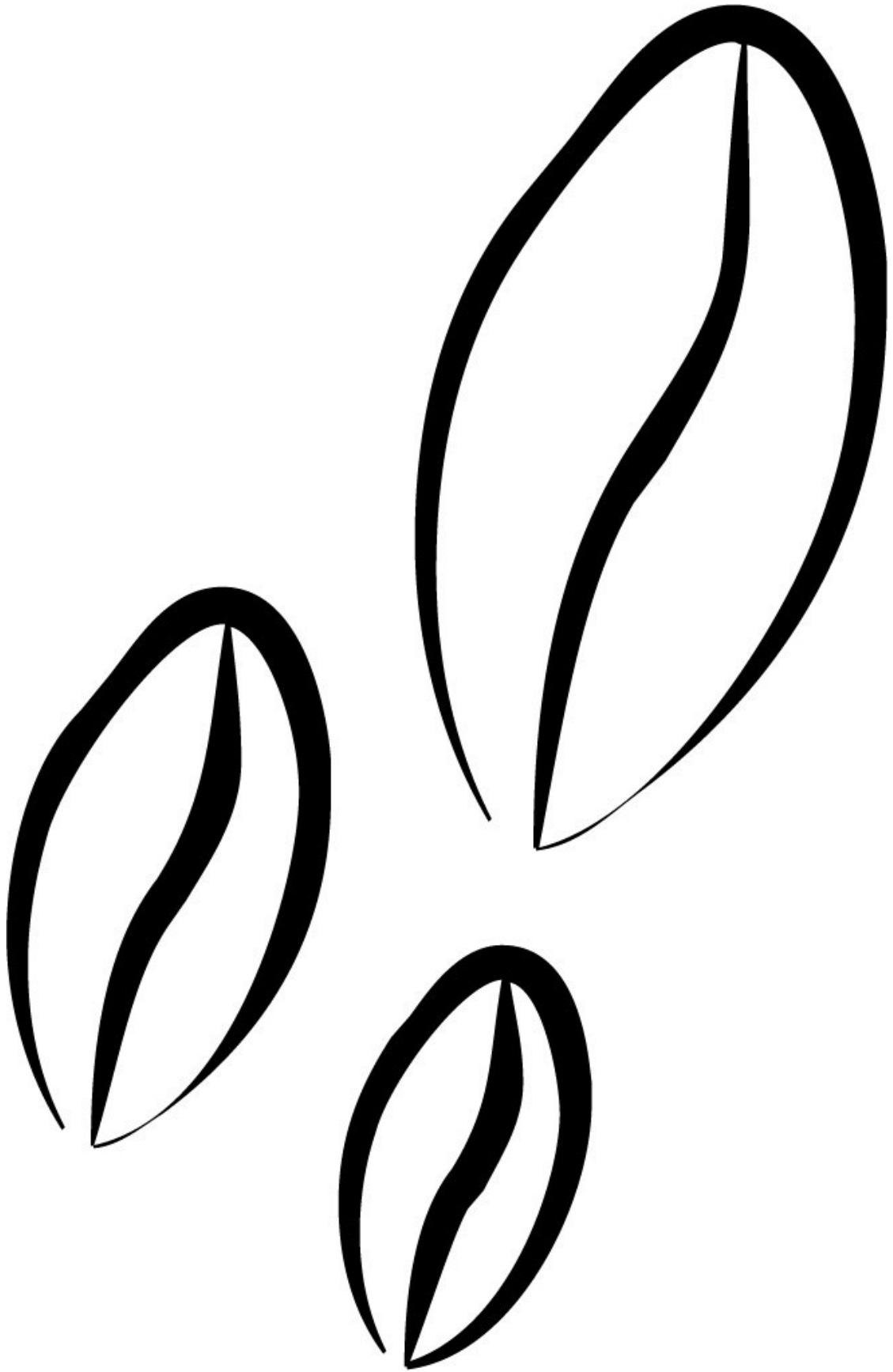
— Como assim, Tomé?

— Lilian, você pode até viver sozinha, mas sempre dependerá mais ou menos dos outros. Ninguém é cem por cento independente. Para nascer, somos gerados no ventre de outra pessoa, amparados e alimentados por ela; ao morrer, precisamos que alguém deposite nossos despojos na terra. Assim, diariamente, a vida nos convida a ser menos egoístas e a exercer a fraternidade, pois pertencemos a uma única família universal. Somos filhos de um Deus único!

“Quanto ao estalar de dedos, serve para descarregar energias densas, concentrar energias positivas e harmonizar os chacras, favorecendo a retomada da rotação do fluxo energético. No caso específico de Rafael, precisava acelerar a energia espiritual dele para que aproveitasse com mais lucidez a emancipação de seu corpo espiritual, que se destacou do corpo físico.”

— Nossa, quanta informação nova! — ponderou Lillian. — Pelo que vejo, ainda tenho muito o que aprender e estudar.

— Fique tranquila, tudo tem seu tempo e sua hora. Somos eternos aprendizes. Por hoje, basta. Você já tem bastante conteúdo para absorver. Daqui a pouco, o sol vai raiar e casa ficará em pleno movimento.



Com seus raios, o sol rasgava lindamente o horizonte. Os pássaros cantavam e voavam alvoroçados. A brisa suave fazia as folhas bailar nos galhos.

Rafael se levantou bem cedo, antes de todos. Foi ao banheiro se banhar e se trocar. Depois, ficou na varanda, admirando o horizonte e a natureza. Estava bem, imerso de forma contemplativa na paisagem à sua frente, até que sentiu um agradável aroma de manjeriço vindo da horta, o que despertou sua memória olfativa. Nesse instante, recordou-se do sonho que tivera com extrema lucidez.

O jovem foi até o sofá e se sentou. Refletia admirado sobre a riqueza de detalhes que vinha em sua mente. Absorto em pensamentos, sequer notou o tempo passar. O nome “Pai Tomé das Almas” parecia piscar em sua mente — impossível ser esquecido. Também se lembrava de um compromisso firmado, de uma missão junto ao velho, e de que Pai Tomé usava um cachimbo, que exalava o agradável cheiro de manjeriço, e uma espécie de cajado.

Rafael já havia repassado a história em sua cabeça umas três vezes, e seu lado racional tentava encontrar, em vão, uma explicação lógica. Tivera uma educação espiritual funcional: aprendera a rezar umas duas ou três orações, fora batizado na Igreja Católica e frequentara a igreja em poucas ocasiões, em eventos sociais. Também tivera contato com o culto evangélico e, com a família de um amigo, fora a um centro espírita, mas nada o despertara. Seus pais nunca haviam imposto uma religião aos filhos, deixando-os livres para escolher seu caminho. O jovem também não era dado a sonhos ou experiências sobrenaturais e, como nunca fora ligado a este tipo de coisa, achava essa história muito estranha.

— Bom dia, Rafa! Deu formiga na cama? O que fez você levantar tão cedo? Não dormiu bem? — perguntou Dina, trazendo o rapaz de volta à realidade.

— Oi, vó! Bom dia. Estou me sentindo bem e disposto. Simplesmente acordei. Acho que perdi o sono cedinho...

— Que bom, querido!

Marieta chegou, saudando o grupo:

— Bom dia! O que vocês fazem aí tão cedo?

— Também cheguei agora, Marieta. O Rafa é que despertou com as galinhas.

— É mesmo, Rafa? O que fez você acordar tão cedo? Dormiu mal? Teve outro pesadelo daqueles?

— Nada, mãe. Acordei de boa. Parecia que tinha dormido o dia todo e me levantei bem-disposto. Mas eu tive um sonho que me deixou encucado.

— Como foi esse sonho, querido? Quer compartilhar conosco? — perguntou Dina.

— Sim, pode ser... quem sabe vocês me ajudam a entender.

Enquanto Rafael relatava o sonho que tivera com Pai Tomé, sua mãe e sua avó prestavam muita atenção. Ao fim da história, Rafael explicou que estava ali tentando compreender a conversa que tivera com o velho.

— Isso parece coisa de santo — falou Marieta.

— Como assim, mãe?

— Rafa — interveio Dina —, sua mãe quer dizer que o seu sonho foi uma vivência espiritual. O espírito de um preto-velho se comunicou com você!

— Que sonho sem pé nem cabeça... Será que é maluquice de minha cabeça?

— Acredito que não, meu querido — falou Dina. — Fique tranquilo, não se apavore, pois não há o que temer. Os pretos-velhos são espíritos abnegados e humildes que, em geral, se manifestam na Umbanda para ajudar e aconselhar, de forma caritativa, todos que os procuram. Ainda em vida, a maioria deles foi escravizada em diferentes regiões do Brasil.

— Será que foi isso que o espírito de Pai Tomé quis dizer quando falou sobre uma missão de caridade que temos em conjunto?

— Pode ser, meu querido, mas não tema, nem se preocupe com isso. Certo? A vovó tem uma antiga colega de trabalho que é uma pessoa muito séria e praticante da religião de Umbanda. Quando eu for na sua casa, posso ligar para ela e ver se ela pode nos atender. Que tal?

— Pode ser — respondeu Rafael um pouco desconfiado.

Neste instante, sem que Rafael percebesse, Tomé tocou o ombro do rapaz e lhe disse para não temer, pois jamais estaria sozinho. Imediatamente, o jovem se lembrou da fala de Pai Tomé durante o sonho, o que o deixou mais aliviado e confortado.

— Eu tenho um certo medo dessas coisas — comentou Marieta —, além de temer charlatões.

— Marieta — respondeu Dina —, o medo existe porque se trata de algo ainda desconhecido para nós. É devido à nossa ignorância e falta de vivência no assunto. Charlatões existem em todas as religiões. O problema não são as religiões, e sim o homem que as distorce. Como disse, vou entrar em contato com minha antiga amiga do trabalho, a Fátima, nós nos aposentamos na mesma época. Ela era uma pessoa muito boa e prestativa, procurava ajudar todos, indistintamente. Certa ocasião, visitei o centro que ela dirigia com uma outra amiga, que tinha medo de ir ao terreiro sozinha. Fomos juntas da primeira vez, mas depois ela viu que não tinha nada de mais, passando a ir sozinha. Lá, ela foi muito ajudada.

— Vovó — perguntou Rafael —, como é essa religião do “terreiro”?

— Terreiro, centro, templo, cabana, tenda... são apenas formas de nomear o espaço sagrado onde ocorre o culto — respondeu Dina. — A religião é a Umbanda, e vou explicar o pouco que sei: os guias, espíritos, se manifestam através dos médiuns, que funcionam como aparelhos ou, como são chamados, cavalos.

— Cavalos?! — estranhou Rafael.

— Sim, querido. É uma terminologia que eles usam, porém não sei explicar o porquê?

— Certo — respondeu Rafael, tentando imaginar.

— Os guias, que são espíritos de caboclos, pretos-velhos, crianças e outros, se manifestam para aconselhar, orientar e dar passes nos frequentadores.

— Passe? — questionou Rafael novamente.

— Sim. O passe é um tipo de benzimento, uma espécie de oração. O guia limpa o assistido energeticamente, renovando suas energias e curando alguns problemas.

— Interessante, fiquei curioso! — exclamou Rafael. — Quando você for nos visitar, vou pedir que me leve a esse local; quero conhecer.

— Claro, meu querido — assentiu Dina.

Marieta, que ouvia o diálogo em silêncio, falou em tom de preocupação:

— Já ouvi falar que essa gente que mexe com espíritos às vezes trabalha para o mal. Por isso, eu não gostaria que Rafael se envolvesse com esse tipo de coisa.

— Marieta — contestou Dina —, de acordo com o pouco conhecimento teológico que tenho, entendo que toda religião tem a função de auxiliar nossa relação com Deus. Elas são caminhos, filosofias, escolas, que inspiram nossas virtudes e nos fortalecem para atravessarmos as dificuldades cotidianas. Sendo assim, se faz o mal, é tudo menos uma religião. Infelizmente, algumas pessoas se apropriam do nome de diferentes religiões para expressar suas ideias tortas e dar vazão à falta de caráter de suas personalidades. Quando eu for visitá-los, vamos juntos ao centro da Fátima. Você terá a oportunidade de desconstruir essa visão preconceituosa e ter uma nova perspectiva a partir de sua experiência.

Nesse momento, Marina e Julia se juntaram aos outros.

— Nossa, com que cara amassada que vocês estão — brincou Marieta.

— É hora de tomarmos café-da-manhã — falou Dina, após cumprimentar as meninas, seguindo para a cozinha.

Durante o desjejum, Rafael contou o sonho para a irmã e para a namorada, deixando-as impressionadas com o relato. Julia comentou que, quando criança, chegou a ir a algumas festas de São Cosme e São Damião com sua avó.

— Vovó também me levou algumas vezes a uma rezadeira para tirar o quebranto.

— Quebranto?! O que é isso? — questionou Marina.

— Se não estou enganada, era esse o nome que ela falava — respondeu Julia, rindo.

— Isso mesmo, Julia — explicou Dina aos jovens. — Antigamente, era muito comum irmos às benzedeiras ou rezadeiras. Elas nos rezavam contra olho-gordo, mau-olhado, inveja, cobreiro, espinhela-caída, ventre-virado... benziam a gente com galhinhos de ervas, prescreviam banhos, chás, simpatias e sanavam inúmeros problemas. Infelizmente, essa cultura popular foi se perdendo e, hoje em dia, quase não as vemos nas grandes cidades. Cheguei a levar Marieta várias vezes quando pequena. E levamos o Rafael umas duas vezes quando ele ainda era um bebê de colo.

— Acho essas coisas estranhas — comentou Marina. — Será que essas coisas são de Deus?

— Por que não seriam? — Dina devolveu a pergunta.

— Tenho amigas evangélicas que dizem que isso é coisa do demônio. Também ouvi sobre isso quando visitei o grupo jovem da igreja que elas frequentam.

— Mari, existem pessoas muito ortodoxas em seu ponto de vista. Elas pouco se abrem para o diferente e, pior, algumas sequer respeitam a fé alheia. Uma das maiores belezas do ser humano é sua singularidade. Já imaginou se todos gostassem da cor rosa? O que seria das outras cores? Eu posso gostar de rosa, mas devo respeitar a preferência do outro, sem criticar ou apontar o dedo. Isso se estende a todos os aspectos da vida, como religião, orientação sexual, política...

— Dona Dina — falou Julia —, apesar de a senhora ter mais idade, tem a cabeça bem aberta. Adorei sua colocação!

Todos riram, e Dina continuou a falar:

— Devemos estar abertos ao novo, conhecer sem julgar e respeitar o que é diferente e desconhecido. Estamos em pleno século XXI, não sejamos retrógrados.

Enquanto o grupo tomava o café-da-manhã, Marieta foi até a varanda tentar falar com Marco Antônio. Sem sucesso, enviou uma mensagem perguntando se estava tudo bem e dizendo que, mais uma vez, tentara falar com ele, mas não conseguira. Ela não sabia, mas o marido passara a noite fora de casa. Ele e

Adriana haviam saído e chegado muito tarde. Agora, os amantes dormiam profundamente.

Marieta voltou à cozinha e perguntou ao grupo se estava de pé a volta de charrete com Celso que haviam combinado.

— Sim! — responderam Rafael, Marina e Julia juntos.

— Então, vamos logo, pois é nosso último dia livre. Amanhã, depois do almoço, iremos embora e voltaremos ao mundo real.

De charrete pela estrada de chão, Celso passeava com os jovens, mas parava às vezes para que admirassem as belezas naturais. Depois, os levou até uma propriedade vizinha, pois alguns animais haviam dado cria. Por fim, foram a um dos pomares da chácara para que colhessem e comessem as frutas do pé. A manhã do grupo foi muito animada, e todos gostavam da companhia e da atenção de Celso.

Voltaram para casa apenas para almoçar e se trocar. À tarde, foram tomar um banho de rio, pois o calor estava convidativo. Todos brincaram, se esbaldaram e curtiram bastante o programa.

Em casa novamente, Dina teve a ideia de pegar uns galhos de manjerição, colocar um punhado dentro do travesseiro de Rafael e, com as folhas restantes, preparar um banho para o jovem. Dina chamou o neto na cozinha e lhe disse:

— Como, em seu sonho com Pai Tomé, o cheiro de manjerição ficou bem marcado, tomei a liberdade de preparar um banho com essa cheirosa erva para você.

Em agradecimento, Rafael sorriu para a avó e perguntou como deveria proceder, pois nunca havia tomado um banho de ervas. Dina explicou que ele deveria tomar seu banho normalmente, mas ir fazendo suas mentalizações e orações e, ao final, jogar o líquido da cabeça para baixo, pedindo coisas boas para si.

Rafael foi para o banho e seguiu todas as recomendações da avó.

Terminado o banho, o jovem foi até a cozinha levar o recipiente e Dina lhe perguntou como tinha sido a experiência. Depois de alguns instantes, Rafael disse que sentia algo diferente, mas não sabia como explicar.

— Querido — questionou Dina —, foi uma sensação boa, ruim ou indiferente para você?

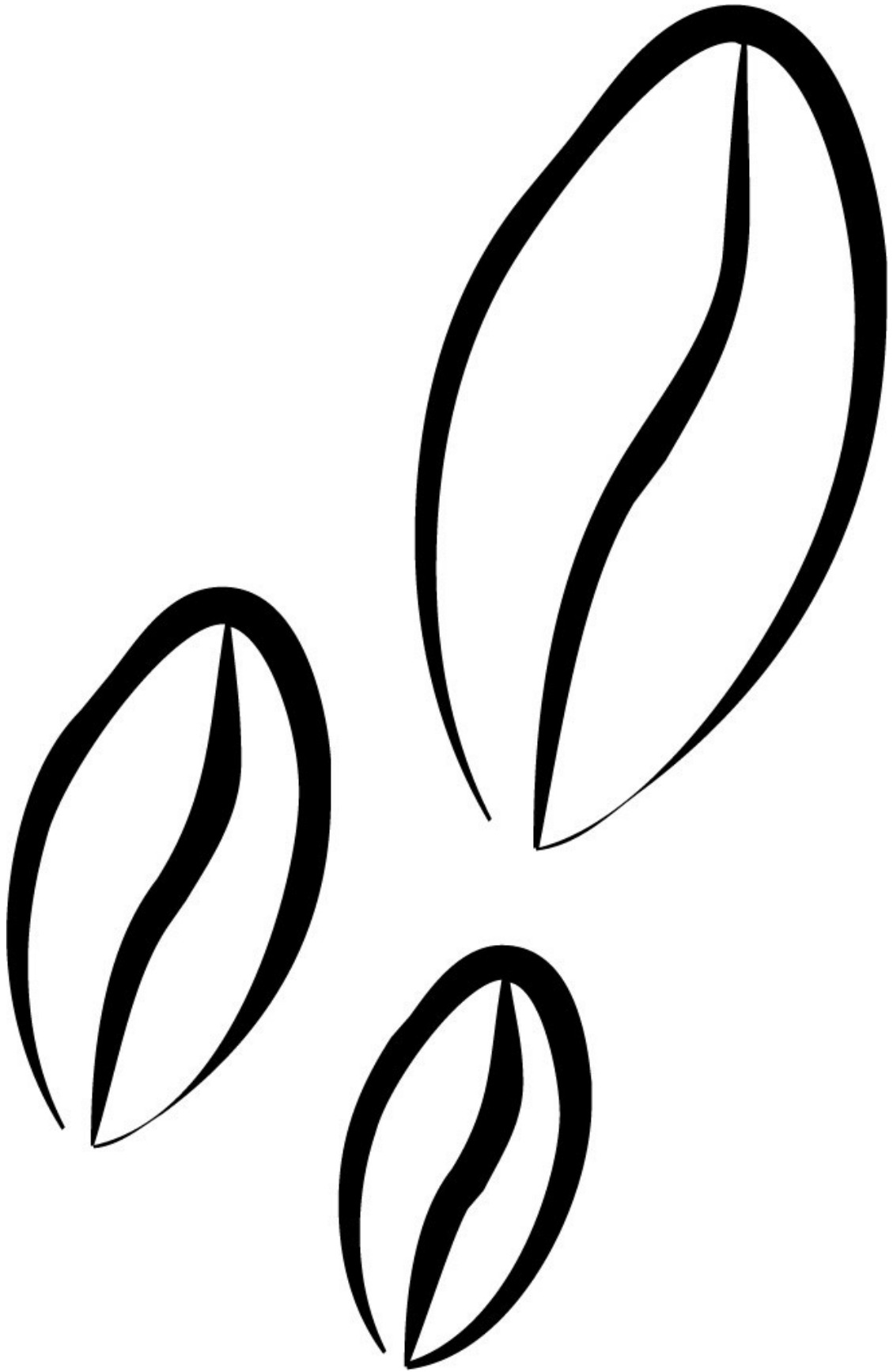
— Vó — respondeu Rafael —, tive uma sensação de leveza, de serenidade, mas não sei explicar ao certo.

Lilian, que estava com Tomé acompanhando a movimentação da casa, pediu ao amigo mais esclarecimentos a respeito do banho de ervas.

— Lilian, nós estamos ligados ao todo, à natureza, somos uma grande família universal. Na natureza, encontramos muitos recursos para a cura e a recuperação de diferentes males. O homem ainda tem muito o que aprender com as riquezas naturais concedidas pelo Pai. O banho de ervas tem o objetivo de limpar e harmonizar o campo vibratório, retirando larvas astrais, miasmas, formas-pensamento, ideoplastias, cascões e outros parasitas espirituais. Contudo, existem diferentes tipos de banhos, de ervas que os compõem, bem como de finalidades. Da mesma forma como se faz em um tratamento medicamentoso, pode ser feito com as ervas. Às vezes, o medicamento só começa funcionar lá pelo o terceiro dia, da mesma maneira, a erva: ela atua gradativamente em nossa energia.

— Então, as ervas poderiam ser consideradas um antídoto para quando Rafael se sentir mal em casa? — perguntou Lilian.

— Não — disse Tomé. — Se você fizer o uso de alguma medicação e depois ingerir álcool, pode cortar o efeito do remédio ou ter alguma reação contrária. Se Rafael não mudar seu comportamento, seu padrão vibratório e seus pensamentos, ele pode ficar submerso em uma banheira de ervas, que o desequilíbrio tornará a ocorrer. A raiz de nossos problemas está relacionada às nossas ações equivocadas.



No plano físico, enquanto todos se preparavam para dormir, Marieta estava inquieta. Ao longo do dia, não havia falado com Marco Antônio. Ela tentava disfarçar para não preocupar os demais, mas tinha a impressão de que algo estava errado. Pegou um livro e deitou-se na rede da varanda para ler enquanto o sono não vinha. Apesar da leitura, não conseguia prestar atenção à história.

— O que está acontecendo com Marieta? — perguntou Lilian a Tomé.

— Lilian, sua neta pressente que algo está errado, porém não consegue ter a clareza do que se trata. Com isso, está ansiosa, e isso afeta o equilíbrio dela.

— Tem algo que possamos fazer para ajudá-la?

— Vamos orar por ela e tentar inspirá-la — orientou Tomé.

Lilian se aproximou de Marieta e, enquanto fazia uma sentida prece, começou acariciá-la. Depois, falou para a neta confiar em Jesus, pois ele sempre está na condução de nossas vidas. A moça, por sua vez, sentindo-se embalada pela carícia espiritual, recebia os benefícios das vibrações positivas de amor e pegou no sono.

SUBOCÉU DE ARUANDA



PROCESSO DE OBSESSÃO

Marieta acordou com a claridade do sol em seu rosto. Levantou-se com o corpo um pouco dolorido e decidiu ficar um pouco mais na cama.

Não demorou para que os outros se levantassem. Depois de arrumar seus pertences para a viagem de volta para casa, os jovens deram uma volta pela chácara e combinaram retornar à casa de Dina no próximo feriado ou nas férias.

Marieta se levantou um pouco mais tarde, tomou seu café e, acompanhada da mãe, foi arrumar as malas para ir embora. Dina e a filha conversavam sobre como aqueles dias haviam sido salutares para todos.

— Sabe, mãe, esses dias foram ótimos para que nos refizéssemos dos últimos acontecimentos ou, pelo menos, para que tentássemos nos desligar de tudo.

— O que te impediu de relaxar por completo, Marieta?

— Consegui me desligar do trabalho, fiquei feliz por ver o Rafa tão bem aqui, porém algo está incomodando meu coração com relação a Marco Antônio. Algo em meu íntimo está me deixando sobressaltada toda vez que penso nele; é uma sensação ruim, uma desconfiança. Enfim, apesar de saber que não adianta ficar assim, eu não consigo mudar.

— Filha, nos momentos de alegria, ore — falou Dina depois de ouvir a filha. — Nos momentos de tristeza e preocupação, a oração não resolverá seus problemas, mas trará equilíbrio, sabedoria, clareza e discernimento para enfrentá-los.

— Vou tentar, mamãe... vou tentar!

— Não tente apenas por você, tente por seus filhos, por sua casa, por sua família, por seu marido, por sua vida.

Mãe e filha se abraçaram e Marieta, com a cabeça no ombro de Dina, permitiu que as lágrimas rolassem.

— Chore, minha filha, minha eterna criança. Deixe que as lágrimas aliviem os medos que assombram seu coração. Coloque para fora essa angústia que aperta seu peito.

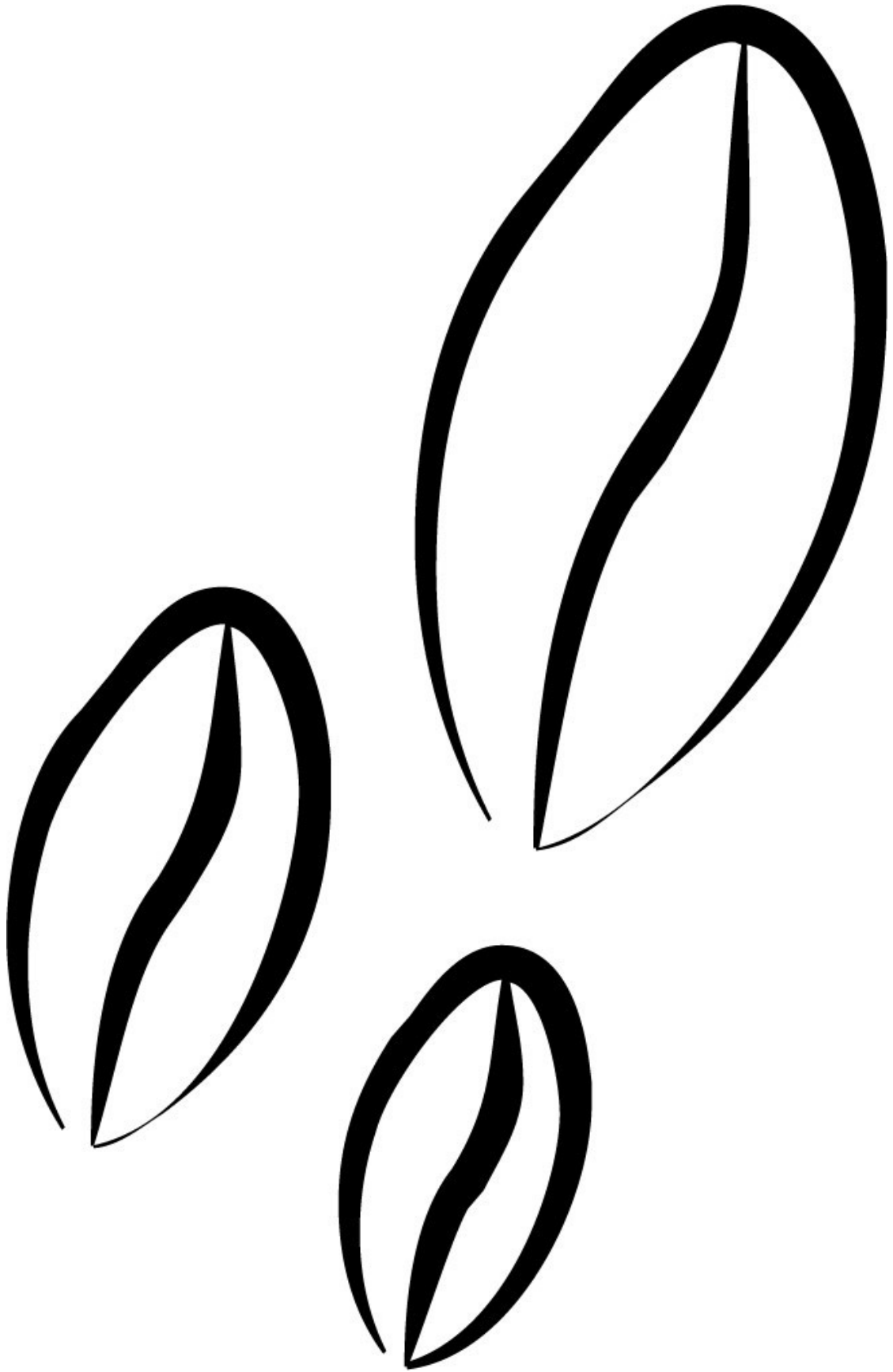
Abraçada à mãe, Marieta deixou o pranto correr livremente. Depois, seguiu para o banho. No chuveiro, enquanto a água escorria por seu corpo, ainda chorava.

Por fim, sentindo o coração mais leve, vestiu a roupa e foi para o jardim. Sentada em um banco, tentava respirar profundamente e inspirar o cheiro da natureza, queria a tranquilidade daquele local dentro de si. Em seguida, fechou os olhos e se concentrou no canto dos pássaros. Só voltou a abri-los quando escutou os passos e as vozes de Marina, Rafael e Julia.

Por um tempo, os quatro ficaram juntos, sentados no banco, conversando e conjecturando sobre a próxima visita à chácara de Dina.

Pouco tempo depois do almoço, arrumaram as bagagens no carro, se despediram carinhosamente de Dina, Celso e Maristela e partiram de volta para casa.

Da varanda, Dina acompanhou o carro com o olhar até que sumisse de vista. Fez uma prece agradecendo a oportunidade de passar aqueles dias na companhia de seus entes queridos, pediu que eles fizessem uma boa viagem e orou pelo restabelecimento de Rafael e pelo relacionamento de sua filha e de seu genro.



Em casa, Marco Antônio falou com Marina pelo telefone e soube que eles tinham acabado de sair de Teresópolis.

Maria, a chefe do bando, ao lado de Firmino e Carlos, escutou a conversa e comemorou dizendo que, finalmente, Rafael voltaria a ser deles.

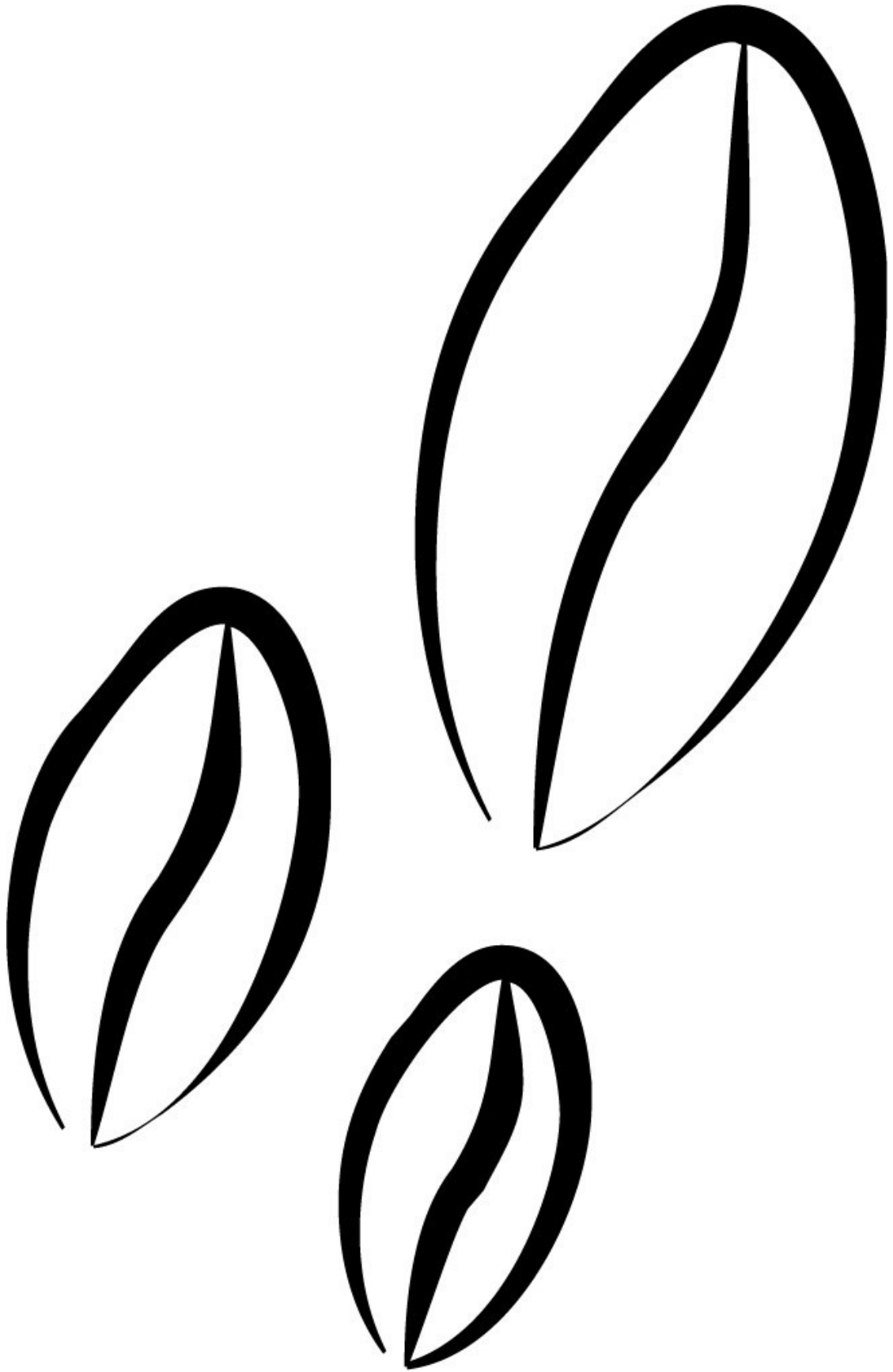
Marco Antônio ligou para Adriana e avisou que eles não poderiam sair, pois sua família estava voltando para casa. Disfarçando sua contrariedade, Adriana combinou almoçar com o amante no dia seguinte. Acompanhada por Tônico, a mulher fazia um balanço do feriado. Apesar de não se encontrar com Marco Antônio naquele dia, ela havia tido sua primeira vitória, pois ele escolhera passar aqueles dias com ela, e não com a família. Rindo, Tônico sussurrava no ouvido da mulher:

— Você é jovem e bonita. É muito mais atraente que a mulher dele.

Isso inflava o ego de Adriana, que acatava de bom grado as sugestões recebidas. Indiretamente contratado para alcançar seus fins, ele agora a obsidiava.

— Abre uma garrafa de vinho. Vamos beber. Vamos comemorar! — sugeriu Tônico.

Prontamente, Adriana pegou uma taça, abriu uma garrafa de vinho e brindou com o invisível. Ela não tinha a menor ideia de que bebia acompanhada.



Antes de descer a serra, Marieta, Julia, Rafael e Marina pararam para tirar fotos e registrar os bons momentos do feriado. Chegaram à cidade no início da noite. Primeiro, deixaram Julia em casa com os pais da moça.

Quando entrou em casa, Rafael sentiu uma sensação estranha e um arrepio percorreu seu corpo. Lembrando-se, então, da conversa que tivera com a avó, procurou nomear a sensação que tivera e percebeu que era desagradável. Assim que adentrou a sala, Maria ficou de pé e, carregada de ódio, começou a falar com ele:

— Até que enfim você está de volta, seu desgraçado! Posso ter ficado estes últimos dias distantes de você, mas agora vou levar meus planos a cabo. Dia e noite, você não terá sossego.

Apesar de não ter escutado Maria, Rafael percebeu a densidade energética do ambiente. O rapaz cumprimentou o pai e foi para o quarto guardar seus pertences.

Marieta falou com o marido e também foi para o quarto. Marina ficou na sala, sentada com o pai, contando sobre o feriado. Mesmo escutando a filha, Marco Antônio achou estranha a forma como a mulher o tratou e, rapidamente, pensou consigo mesmo: “Preciso agradá-la de alguma forma”.

Maria também estranhou o fato de o jovem não ter reagido como ela esperava à sua investida, e foi atrás dele no quarto. Para sua surpresa, não conseguiu penetrar no ambiente. Furiosa, xingava para o invisível inúmeros e grotescos improperios.

Sem que os outros espíritos ali presentes percebessem, Lilian e Tomé acompanhavam o desenrolar dos fatos na casa da família de Rafael. Lilian perguntou a Tomé se ele havia bloqueado a entrada do quarto do neto e, para sua surpresa, Tomé respondeu que não.

— Como assim? — questionou Lilian, mais uma vez, sem compreender.

— É simples: tudo é uma questão de frequência e ambiência. — Tomé seguiu com a explicação. — Rafael está vibrando em uma sintonia diferente da faixa em que se encontra Maria. Por isso, o campo áurico dele refrata o ataque dela. Por

mais que ela invista contra ele, enquanto ele se mantiver vibrando em uma sintonia superior, não haverá consonância. Da mesma forma, apesar de nós cinco estarmos desencarnados, Maria, Firmino e Carlos não nos percebem. Nossa vibração é outra.

Desfazendo sua mala, Rafael encontrou um bilhete junto a um pequeno embrulho deixado por sua avó:

Querido, ponha um pouco deste manjeriço próximo à cabeceira de sua cama e faça bom uso do restante.

Beijos no coração,

Vó Dina

Rafael sorriu lendo a mensagem da avó. Desembrulhou a erva, inspirou o aroma profundamente e, de imediato, se lembrou do sonho que tivera com Pai Tomé. Pensativo, o jovem falou consigo mesmo: “Se vó Dina estiver certa, esse preto-velho é meu protetor”. Então, Rafael teve uma ideia e resolveu experimentar em voz alta:

— Pai Tomé das Almas, em nome de Deus, peço sua proteção.

Foi uma prece simples, feita de coração, sem palavras decoradas, com fé e sem a menor noção da propagação positiva que reverberaria em seu lar. Tomé se aproximou de Rafael, colocou a mão sobre os ombros do tutelado e respondeu:

— Com a permissão de Deus, eu sempre estarei ao seu lado, protegendo-o e guiando-o.

Em seguida, com a mão direita, Tomé estalou os dedos próximo ao ouvido de Rafael, fazendo-o escutar a batida do cajado do preto-velho no chão. Assustado, Rafael abriu os olhos e ficou surpreso com a experiência que tivera.

No instante em que o cajado de Pai Tomé tocou o solo, Maria, Firmino e Carlos

foram sugados para fora da casa da família. Os três espíritos se encontravam atordoados, não entendiam direito o que ou quem havia feito aquilo com eles. Rapidamente, Maria se levantou do chão. Estava revoltada, irada, reclamava e questionava quem ousaria interferir nos planos dela.

— Já avisei para não se meterem comigo, ou irão amargar as consequências!

O espírito de Maria entrava, cada vez mais, em um profundo estado de perturbação ocasionado pelos sentimentos negativos que ela nutria em seu íntimo.

Perplexo, Firmino olhava para Carlos aguardando uma explicação, pois nada conseguia entender.

— Firmino — falou Carlos —, acredito que, além de nós, existam outros espíritos nesta casa. Pelo andar da carruagem, deve ser algum protetor.

Maria respondeu para ambos:

— Nós saímos agora, mas entraremos de novo pela porta da frente. Seremos os convidados de honra dos próprios moradores. Em algum momento, eles baixarão a guarda, e será a nossa vez de dar o bote final.

Voltada para a casa, Maria gritava com todas as suas forças:

— Ninguém vai impedir minha vingança contra Otávio! Ele pode estar em outro corpo, mas eu o achei, e agora ele é meu por direito!

A cada grito ensandecido de Maria, mais Lilian se preocupava com as juras que ela fazia. Para acalmá-la, Tomé lhe disse:

— Confie em Deus acima de tudo! Ele é o nosso guia.

Dentro da casa, Marco Antônio perguntou a Marina se ela gostaria de chamar a mãe e o irmão para irem comer alguma coisa no shopping ou em outro lugar. A menina adorou a ideia e foi com o pai ao quarto de Rafael convidá-lo.

Rafael também concordou e, juntos, foram chamar Marieta, que não se empolgou muito. Ela disse que estava cansada de dirigir e que, no dia seguinte, precisavam acordar cedo para ir à escola e ao trabalho. No entanto, foi voto

vencido e aceitou ir, desde que fossem a um local próximo e que não demorassem.

No restaurante, Marieta sentou-se um pouco distante de Marco Antônio. Ela desconhecia o real motivo disso, mas se sentia desconfortável perto do marido, e, por isso, ficou a maior parte do tempo ouvindo a conversa dele com os filhos. Quando Marco Antônio perguntou por que ela estava calada, respondeu que se sentia um pouco indisposta. Ainda achando a esposa estranha, o homem se questionava se ela estaria desconfiada de algo, mas acabou dizendo a si mesmo: “Isso não é problema meu”.

A família voltou para casa e todos foram dormir cedo. No dia seguinte, a vida voltou à sua rotina habitual: Marina e Rafael foram para a escola, e Marco Antônio e Marieta, para o trabalho. Rafael foi bem recebido pelos colegas, que demonstraram preocupação com o episódio do desmaio. Marieta, mesmo desconfortável com o marido, sentia-se fortalecida para lidar com o clima de instabilidade na empresa.

Marco Antônio chegou à empresa. Adriana, como um felino em busca de sua presa, acompanhava-o todo o tempo com o olhar. Quando ele se ajeitou à mesa, logo recebeu uma mensagem da amante dizendo que sentira sua falta. Ele respondeu que também havia sentido falta dela, mas pediu que ela maneirasse para que ninguém desconfiasse. Mais uma vez, Adriana disfarçou sua irritação e disse que ele estava certo e que o aguardaria na hora do almoço. Pensando em uma forma de administrar a situação, Marco Antônio suspirou e tentou esquecer a amante e focar no trabalho até a hora combinada do encontro.

Ainda pela manhã, Marieta conversou com mãe, reforçando seu desejo de dar continuidade ao tratamento de Rafael. Por isso, decidiu ligar para Sandra, a psicóloga indicada por Dina para atender o filho. A terapeuta atendeu o telefone quando chegava ao consultório. As duas falaram brevemente acerca de Rafael e combinaram uma entrevista inicial no final da tarde de quarta-feira.

O sinal da escola tocou. Marina ficou no pátio esperando por Rafael e Julia para que voltassem juntos para casa. Enquanto caminhavam, Marina ia mais à frente com uma amiga e Rafael e Julia seguiam logo atrás.

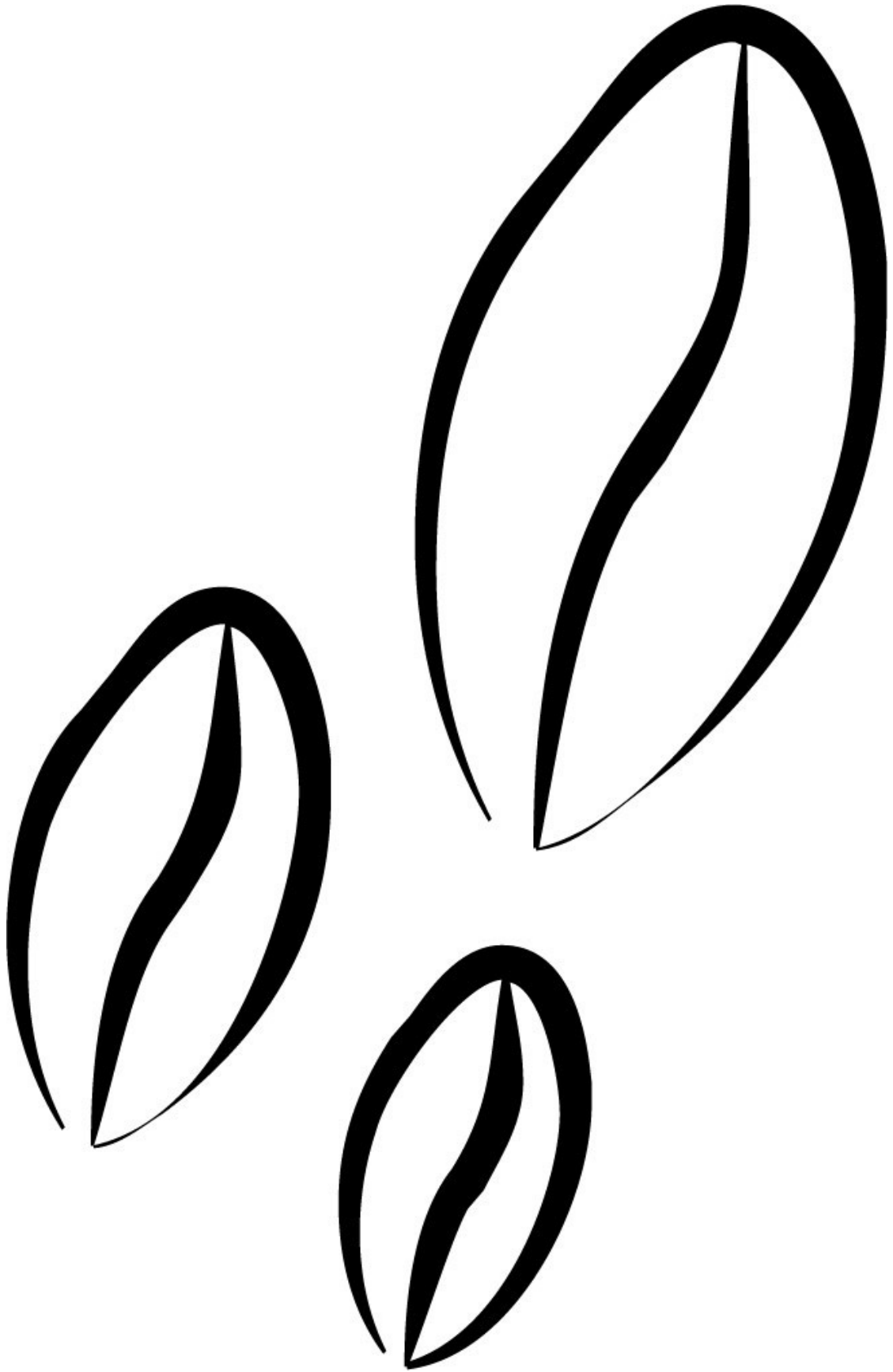
O jovem aproveitou para contar à namorada sobre a experiência que tivera na noite anterior quando chamou por Pai Tomé das Almas. Depois de ouvir o relato,

Julia perguntou a ele:

— Rafa, como você vê esse lance de ter um compromisso com o preto-velho?

— Sei não, Julia! Isso tudo é muito novo para mim, e ainda quero entender um pouco melhor. Tenho muitas interrogações sobre essa história, mas não me sinto ansioso. Depois de ontem, tenho a certeza de que não estou sozinho.

Julia foi para a casa de Rafael e Marina, pois ela e o namorado precisavam estudar para um teste que teriam no final daquela semana. Em casa, os jovens eram observados por Maria, Firmino e Carlos. Desde que Rafael voltara de viagem, Maria não conseguira se aproximar do rapaz.



No escritório de Marco Antônio, Adriana avisou a uma colega que, provavelmente, se atrasaria no retorno do almoço, pois tinha uma consulta médica em um bairro próximo. Na portaria, a mulher pegou um táxi que a levaria até o motel onde havia marcado com Marco Antônio. Cinco minutos depois, o homem seguiu o mesmo trajeto da amante.

No local, o casal se entregou ao prazer carnal. Para Marco Antônio, era claro que ele sentia apenas atração por aquela mulher. Adriana, contudo, estava cada vez mais apaixonada e enredada pelas falsas juras de amor do amante.

Ainda no quarto, pediram um lanche. Marco Antônio, de forma articulada e cuidadosa, disse a Adriana que, com o retorno da família dele, seria mais difícil que se encontrassem e quase impossível que passassem a noite ou os finais de semana juntos. A mulher ouviu tudo em silêncio e, quando ele terminou de falar, falou:

— Sem problemas! Temos a semana toda para ficarmos juntos, basta querermos.

Para não entrar em um embate, Marco Antônio aceitou essa possibilidade, mas insistiu que fizessem tudo com a máxima discrição.

O casal voltou ao trabalho no mesmo táxi, mas Marco Antônio desceu um pouco antes de chegar à empresa para que não os vissem juntos. Enquanto ele descia do carro, Adriana pensou: “Dessa vez, você não vai escapar. É hora de fazer uma nova visita à dona Neide e prosseguir com os trabalhos espirituais”. Ao mesmo tempo, o homem pensava: “Que loucura que eu estou fazendo!”. Ele sentia uma insana atração pela amante; era como um visgo que o prendia à mulher.



A tarde transcorrera normalmente. Julia foi para casa no início da noite, assim que Marieta chegou do trabalho. A mãe cumprimentou os filhos e informou a Rafael que havia entrado em contato com Sandra e marcado uma primeira entrevista a fim de que ele conhecesse a psicóloga. Rafael agradeceu e repetiu a si mesmo que deveria estar aberto às novas possibilidades.

Marieta preparava o jantar enquanto conversava com Marina. Rafael foi para o quarto. Deitou-se na cama para ler, mas acabou pegando no sono. Durante o cochilo, ele se viu em seu quarto e escutou gritos enfurecidos de uma mulher vindos do lado de fora de sua casa. No sonho, perguntava-se: “O que ela quer comigo?”. Seguiu em direção à porta e, quando estava prestes a tocar a maçaneta, a mão de um negro segurou a dele, impedindo-o de abrir a porta. O homem lhe disse para não abri-la, pois a mulher estava fazendo aquilo para chamar a atenção dele e depois atacá-lo. Ainda que achasse tudo muito estranho, o jovem decidiu seguir o conselho recebido.

— Rafa! — gritou Marina da cozinha. — A janta está pronta, vem comer!

O grito da irmã fez com que o espírito em desdobramento de Rafael voltasse ao corpo físico. Ele se lembrava do sonho, principalmente da mão negra do homem segurando-o e orientando-o. “Será que era o Pai Tomé?”, questionou-se.

Marco Antônio chegou quando mãe e filhos terminavam a refeição.

— Poxa — reclamou Marco Antônio —, vocês nem me esperaram.

De forma ácida, Marieta prontamente respondeu:

— Deve ser porque você nunca tem um horário certo para chegar...

Para quebrar o clima, que não era nada amistoso entre os dois, Marco Antônio respondeu de forma irônica:

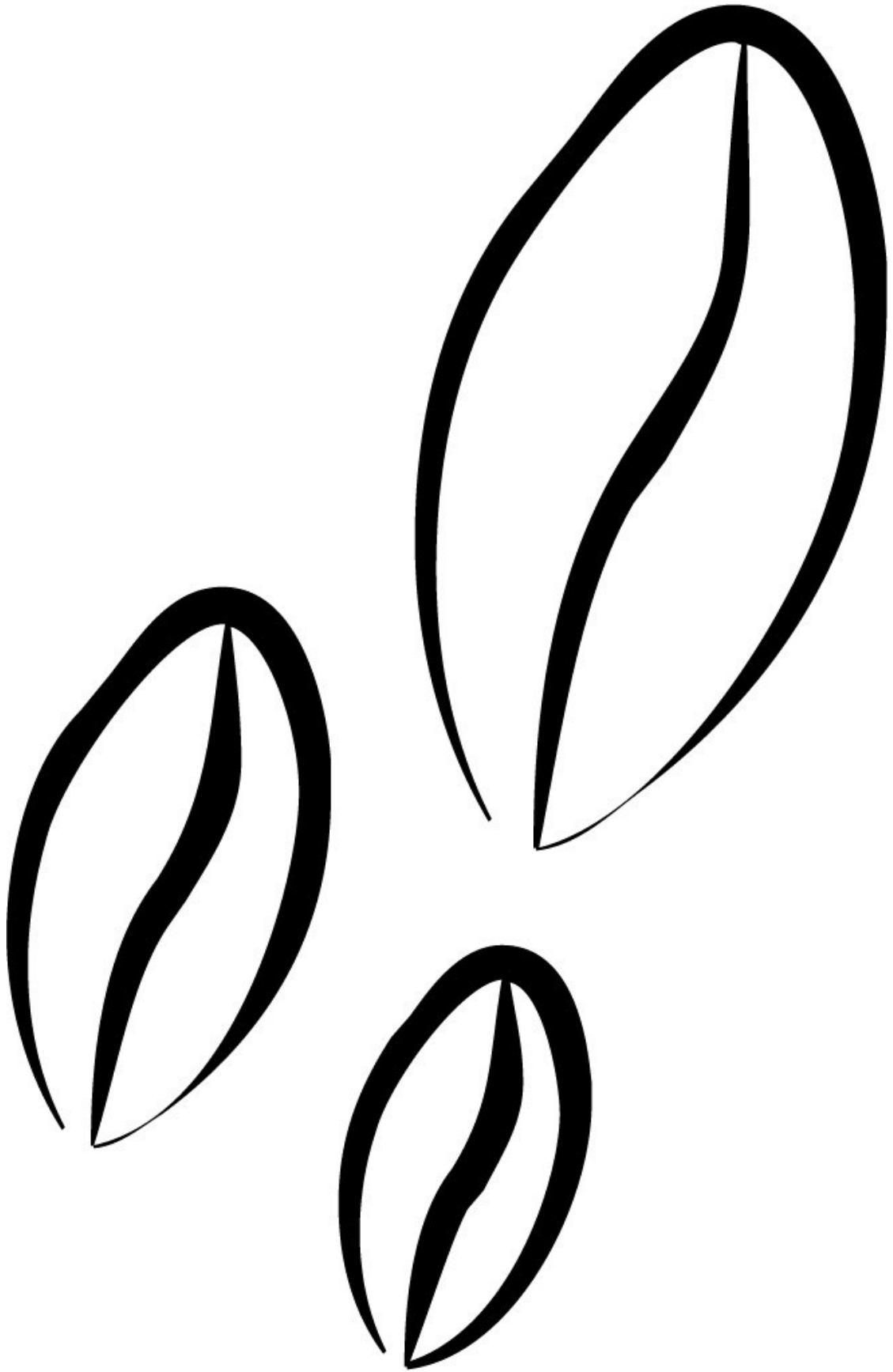
— Também estava com saudades, amor.

Enquanto a família assistia a um programa na TV, Marco Antônio foi tomar banho. Depois, ele preparou um sanduíche e se juntou à esposa e aos filhos. Ainda incomodada com a presença do marido, Marieta logo se levantou, indo

escovar os dentes. Depois, pegou a roupa suja do cesto do banheiro do casal e levou para a área de serviço. Para sua desagradável surpresa, assim que segurou a roupa, sentiu um perfume diferente de mulher. Na área, começou a mexer nas roupas sujas do marido e encontrou o cartão de uma pousada da Região dos Lagos do Rio de Janeiro.

Sentiu o coração sobressaltado. Seu instinto e sua desconfiança estavam certos, mas preferiu permanecer calada e observar os movimentos do marido. Com os sentimentos a mil, despediu-se dos filhos e foi se deitar para tentar dormir. No dia seguinte, com a mente descansada, tentaria organizar suas ideias.

Na manhã seguinte, Marieta estava com dificuldades para se concentrar no trabalho, enquanto Marco Antônio seguia inabalável em sua rotina, buscando, sutilmente, esquivar-se das investidas de Adriana.



Depois do expediente, Adriana foi ao consultório espiritual de dona Neide.

Neide era uma mulher de negócios, sempre focada em tirar a maior proveito das situações. Com falsidade, recebeu Adriana e se mostrou interessada no caso da moça. Depois de escutá-la, Neide preparou um pó para fortalecer o encantamento da amarração e orientou que Adriana o usasse na comida, na bebida, nas roupas e no corpo de Marco Antônio. Assim, ele ficaria louco por ela. Ela também recomendou que a amante tratasse Marco Antônio friamente, sem demonstrar sua paixão. Adriana aceitou a recomendação, mas, com empáfia, falou para a médium:

— Quero que ele seja só meu, que deixe a família e que fique apenas comigo. Quero que ele se torne o meu marido.

— Devagar com o andor, mocinha — disse Neide, diretamente assessorada pelo espírito de Telma. — Tudo tem seu tempo e seu preço! Por hoje, é isso que terá. Faça o que eu mandei, veja os resultados e volte aqui para darmos prosseguimento aos trabalhos. Lembre-se, Adriana, use sete pitadas deste pó em ocasiões diferentes e verá um homem aos seus pés. Faça sua parte, que a espiritualidade fará a dela.

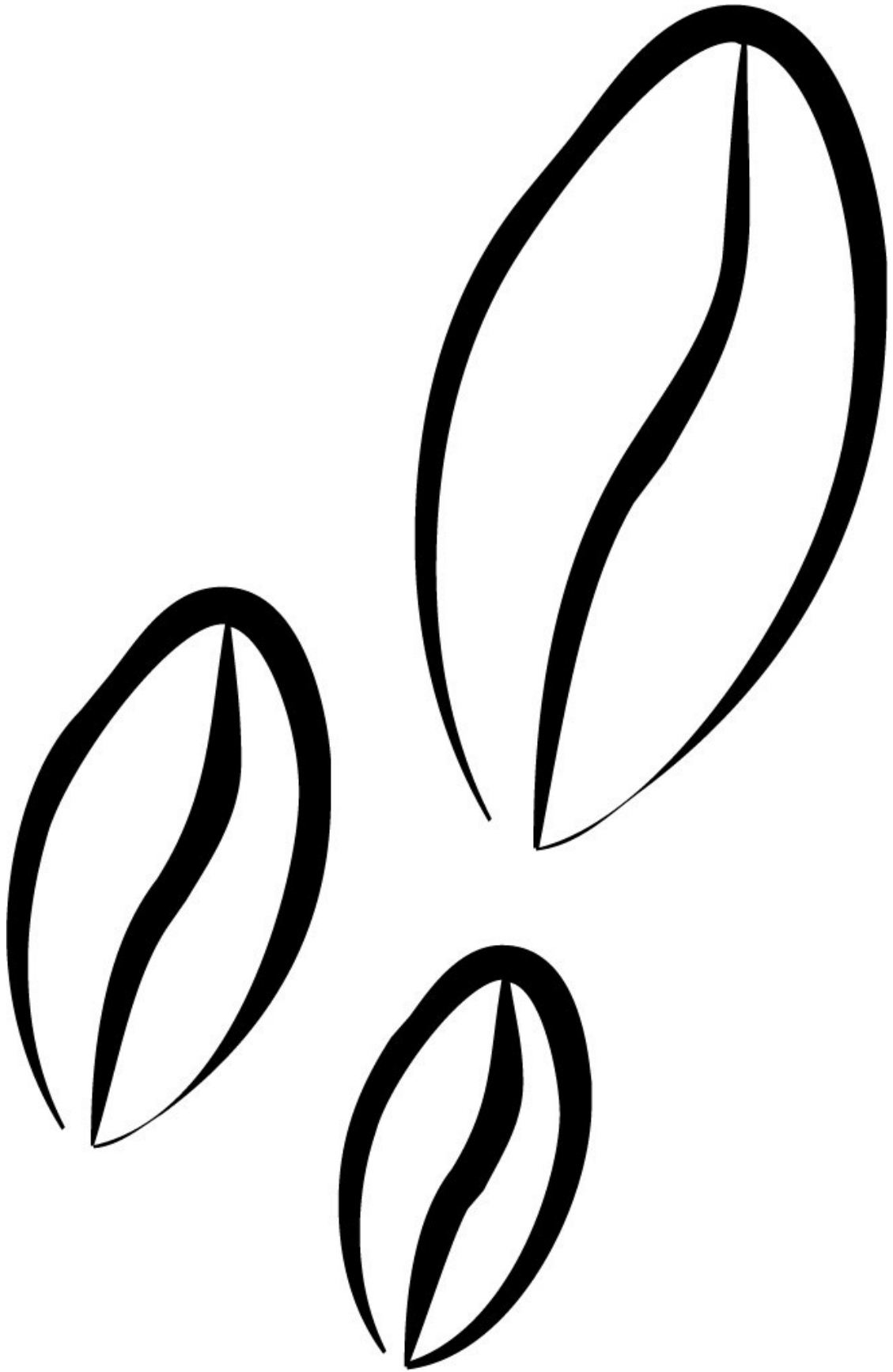
Adriana pagou regamente pela consulta de dona Neide e saiu do consultório com o pó, já planejando como faria para enfeitiçar Marco Antônio.

Depois da consulta com Adriana, Neide pensou: “Que mulherzinha topetuda! Só a aturo porque é uma boa pagante. Ainda vou arrancar tudo o que posso dessa arrogante mimada.” Em seguida, a mulher foi para um cômodo onde havia um altar com a imagem de uma pombagira — envolta por rosas vermelhas, joias, perfumes, moedas, incensos, bebidas, fumo e outros itens — e fez uma oração:

— Minha moça, senhora de minha vida e dos meus caminhos, peço que sejamos vitoriosas em mais esta demanda, pois assim receberemos uma boa paga. Confio e dedico minha vida à senhora. Juntas, teremos muitos clientes, nossos nomes correrão chão e ficaremos muito conhecidas. Agradeço à senhora de todo o coração.

Terminado o atendimento espiritual, Telma convocou dois de seus empregados, Tônico e Penha, e lhes ordenou que, a partir daquele instante, eles ficassem as 24

horas do dia ao lado da cliente, Adriana, e da encomenda, Marco Antônio. Telma também lhes explicou que o pó entregue por dona Neide, sua cliente, alimentaria o chip implantado em Marco Antônio, tornando-o uma verdadeira marionete e, com o sucesso do trabalho, todos seriam recompensados. Ao término da reunião, Tônico foi para a casa de Marco Antônio e Penha para a casa de Adriana.



Quando chegou à casa da família de Rafael, Tônico passou pelo trio de obsessores, saudou-os e entrou na casa com facilidade.

— Por que ele consegue entrar na casa e nós não? — questionou Firmino.

— Porque ele tem um objetivo diferente do nosso — respondeu Maria irritada.

— Eles estão atrás de Marco Antônio.

Tônico ficou perto de Marco Antônio, estimulando suas lembranças dos momentos de amor com Adriana. Ele também sugeriu que Marco Antônio falasse com a amante e dissesse que estava com saudades.

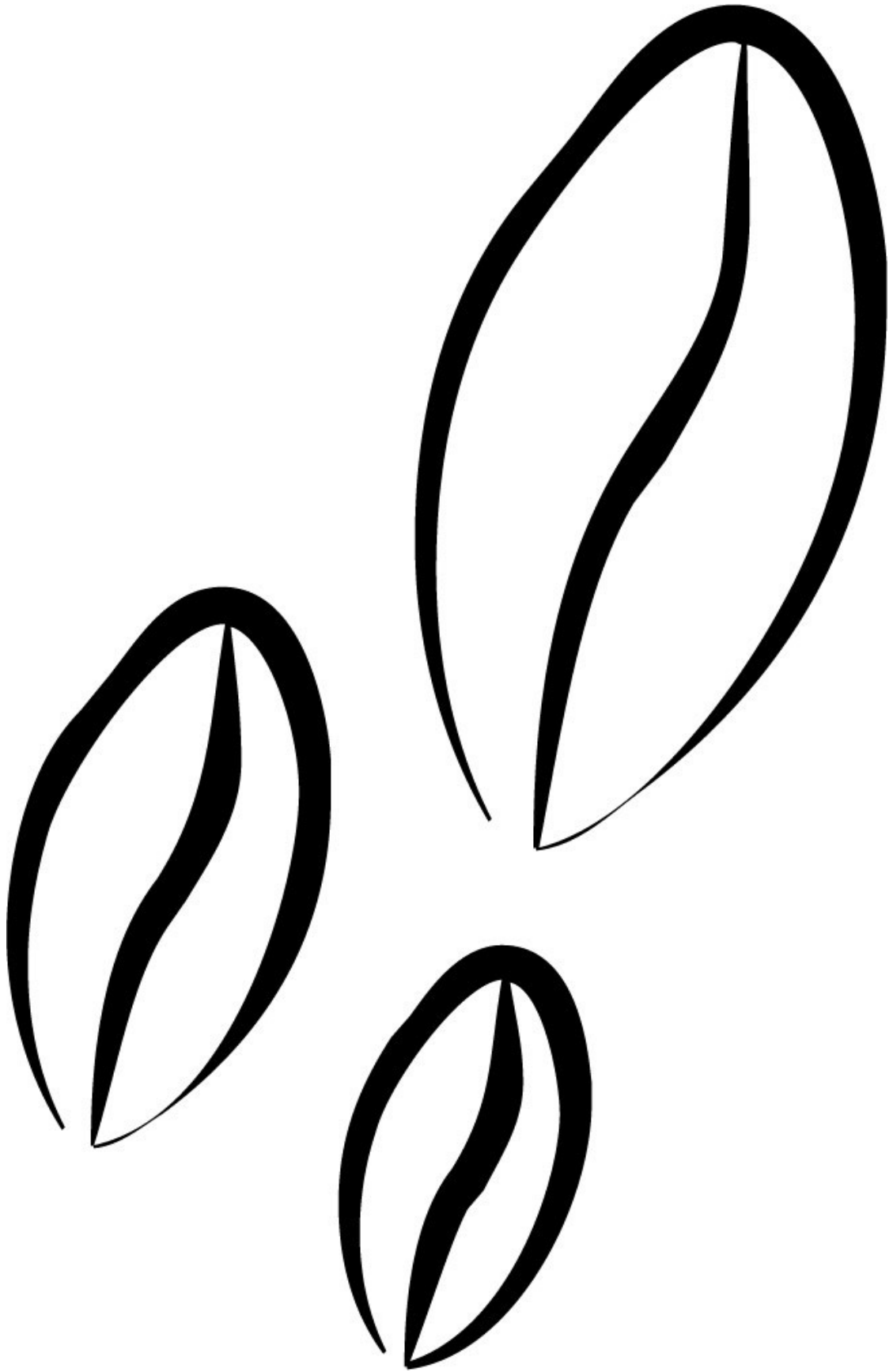
Plínio, mentor de Marco Antônio, assistia a tudo junto de Tomé e Lilian. Não podia intervir, pois aquelas eram as consequências das escolhas de Marco Antônio. Plínio comentou com os amigos espirituais:

— A obsessão de Marco Antônio está prestes a entrar em um grau mais profundo e complexo. Nesses casos, em momento oportuno, se fará necessária a ajuda de espíritos peritos.

— Quem devemos procurar para ajudar o pai de Rafael? — questionou Lilian.

— Na verdade — respondeu Tomé —, Marco Antônio precisará buscar ajuda em um centro espírita ou em uma casa de Umbanda, pois lá eles possuem os recursos necessários para tentar ajudá-lo.

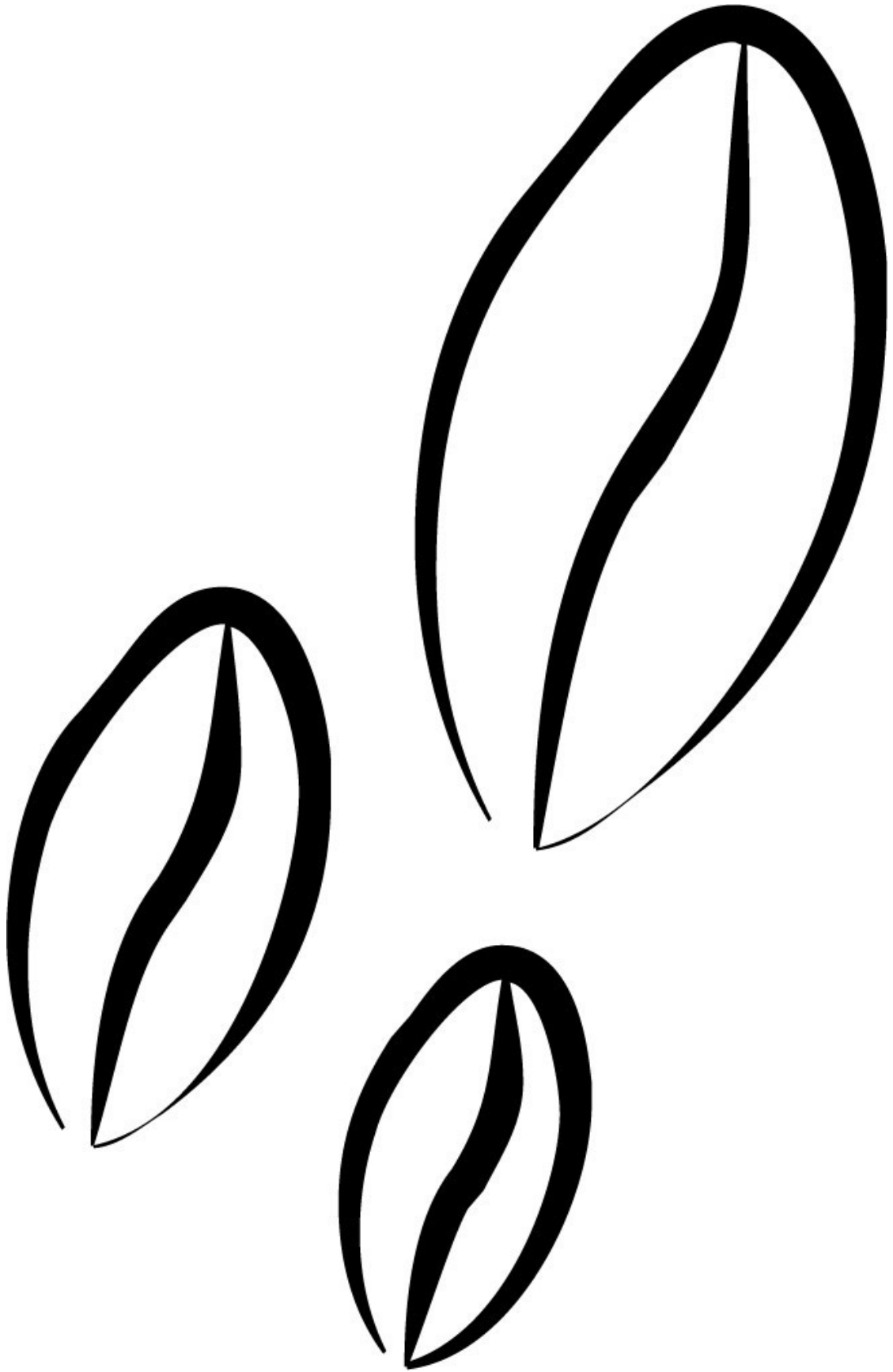
Enfim, Marco Antônio cederia às sugestões do obsessor e, antes de dormir, enviou uma mensagem para Adriana, dizendo que sentia a falta dela, de seu corpo e de sua companhia. Durante toda a noite, Tônico vigiou Marco Antônio, conforme ordenado por Telma, e estimulou, através de seu córtex cerebral, onde estava implantado o chip, lembranças dos amantes.



Quando recebeu a mensagem, Adriana estava em casa, bebendo na companhia de Penha. Ficou radiante. Penha começou a falar com a obsidiada:

— Está vendo o quanto ele te ama? Viu como dona Neide é poderosa? Bastou você ir ao consultório dela para que as coisas mudassem rapidamente ao seu favor.

Envolta pela energia de Penha e iludida pela vaidade e pelo ego, Adriana repetia tudo o que o espírito lhe dizia, até que, bastante alcoolizada, pegou no sono no sofá da sala.



Quando a casa da família de Rafael ficou em silêncio total, passava da meia-noite. Tomé, Plínio e Lilian foram até a sala e continuaram a conversa.

— Já entrei em contato com Paulo, o mentor de Dina — falou Tomé —, pedindo que comece a inspirá-la, pois a presença dela será imprescindível aqui nos próximos dias. Do jeito que as coisas andam, a relação de Marco Antônio e Marieta passará por fortes abalos em breve.

— Como minha filha poderá ajudar a família neste caos? — perguntou Lilian.

— Lilian — respondeu Plínio —, Dina sempre foi uma pessoa de fé, muito esperançosa e sensata. Ela será um ponto de luz nesta casa, ajudando os netos e a filha nos momentos tempestuosos que se anunciam.

SUBO CÉU DE ARUANDA



MECANISMOS OBSESSIVOS

Amanheceu e a rotina da família de Rafael seguiu como de costume. Marco Antônio deixou os filhos no colégio; estava a caminho do trabalho quando recebeu uma mensagem de Adriana convidando-o para tomar um café antes do expediente. O homem foi direto para o local combinado, e a amante já o aguardava com o desjejum servido. Enquanto comiam, Adriana pensava: “Peixe morre pela boca”, e ria mentalmente, pois havia jogado o pó entregue por Neide na refeição do amante. Assim que terminaram, foram para a empresa por caminhos diferentes, para não levantar suspeitas.

No trabalho, Marco Antônio deu início aos seus afazeres, analisando contratos, lendo e respondendo e-mails, mas não tardou para que o pó usado por Adriana começasse a fazer efeito, principalmente por estar sendo auxiliado pelos estímulos de Tónico.

O preparado entrou na corrente energética e no organismo de Marco Antônio, seguindo até onde o chip estava espiritualmente implantado, na altura da nuca. O implante era programado para que Telma e seu bando o monitorassem à distância e emitissem comandos para que o obsidiado os seguisse. Tónico acompanharia a encomenda — como chamavam Marco Antônio — até que Adriana concluísse as orientações de Neide para o enfeitiçamento do amante.

Por toda a manhã, Marco Antônio desejou Adriana, sentiu a falta da amante e viu em sua mente imagens projetadas sobre o futuro do casal. Ele começava a sentir dificuldade em focar nas atividades profissionais. Os pensamentos só amenizaram quando ele enviou uma mensagem para Adriana, chamando-a para almoçar em um restaurante discreto e próximo da empresa. Em seguida, Tónico deu um tapinha no ombro do homem e disse:

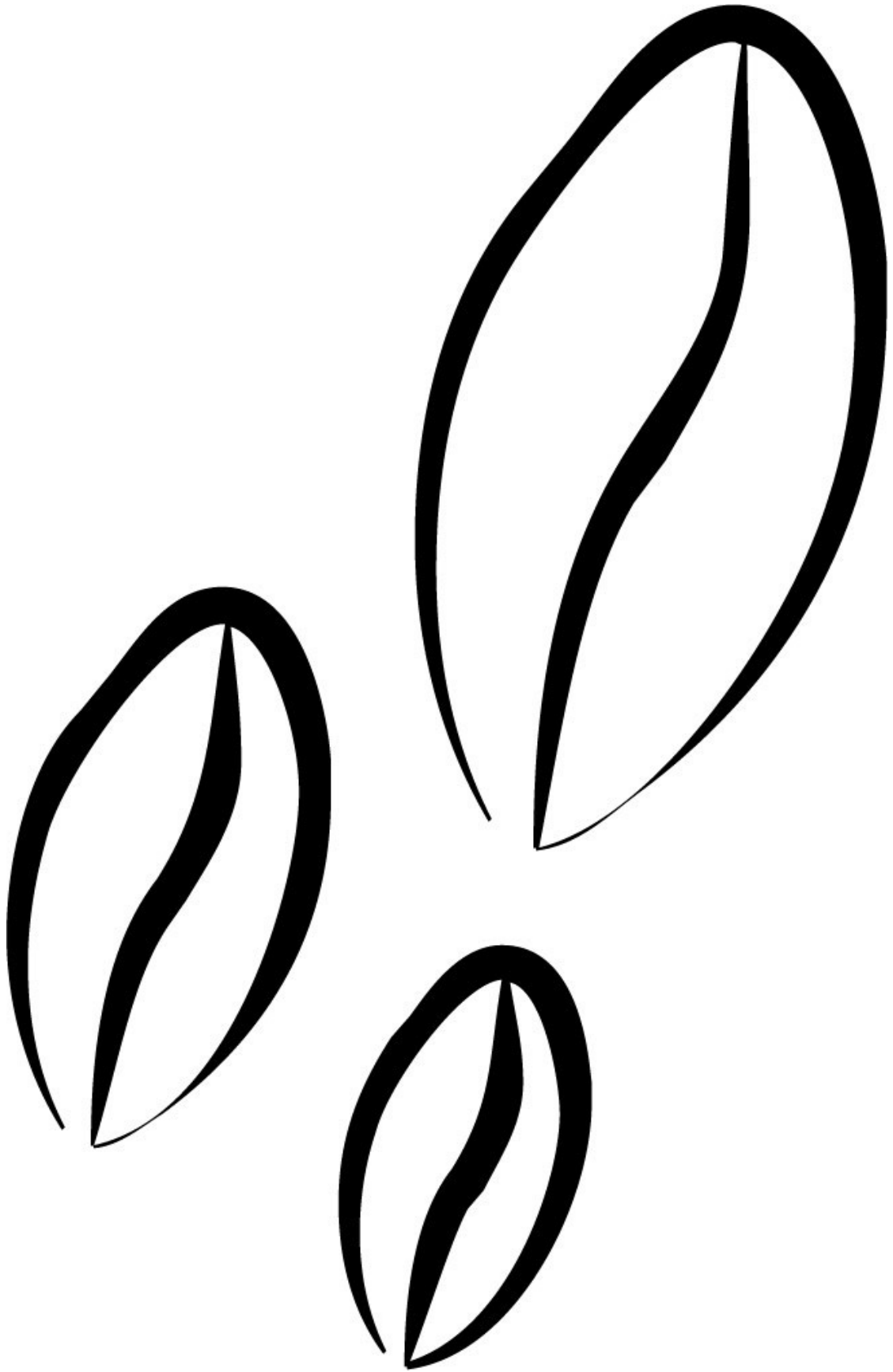
— É isso mesmo! Que mal tem você ficar com ela? As coisas não andam bem em casa: Marieta só o trata com grosseria. Você merece ser feliz, é só uma puladinha de cerca, ninguém saberá. Você é um homem esperto, aproveite a oportunidade!

Marco Antônio recebia as sugestões com enorme receptividade. Adriana era uma mulher bonita e mais nova. Com tantos homens bajulando-a, ela o escolhera.

Na hora do almoço, o casal de amantes foi almoçar e, enquanto ele foi ao banheiro, mais uma vez, Adriana aproveitou para usar o pó na comida de Marco Antônio. Ele só tinha olhos para Adriana, estava sedento pela amante e sentia um enorme desejo por ela. A mulher, então, convidou-o para ir até o apartamento dela após o expediente, e ele aceitou. A jovem estava satisfeita com os resultados, pois, até o dia anterior, Marco Antônio agia de modo evasivo com ela.

É evidente que as coisas precisavam começar a fazer efeito, pois a mulher havia pago a dona Neide muito bem. Quando a procurou, sabia que ela era uma médium de sucesso, apesar de sua fama de careira. Penha, uma das empregadas espirituais de Telma e Neide, percebendo os pensamentos de Adriana, insuflou-a para que seguisse as orientações recebidas, reforçando que, muito em breve, Marco Antônio seria somente dela.

Depois do almoço, o casal voltou ao trabalho cuidadosamente, a fim de que ninguém percebesse a relação.



Enquanto isso, Rafael havia chegado da escola e estava se arrumando para ir à terapia. Tinha combinado com Julia irem juntos para, depois, assistirem a um filme no cinema.

No ônibus, Rafael conversava com a namorada sobre como seria a terapia e se questionava se iria gostar. Julia, após ouvi-lo, expressou sua opinião:

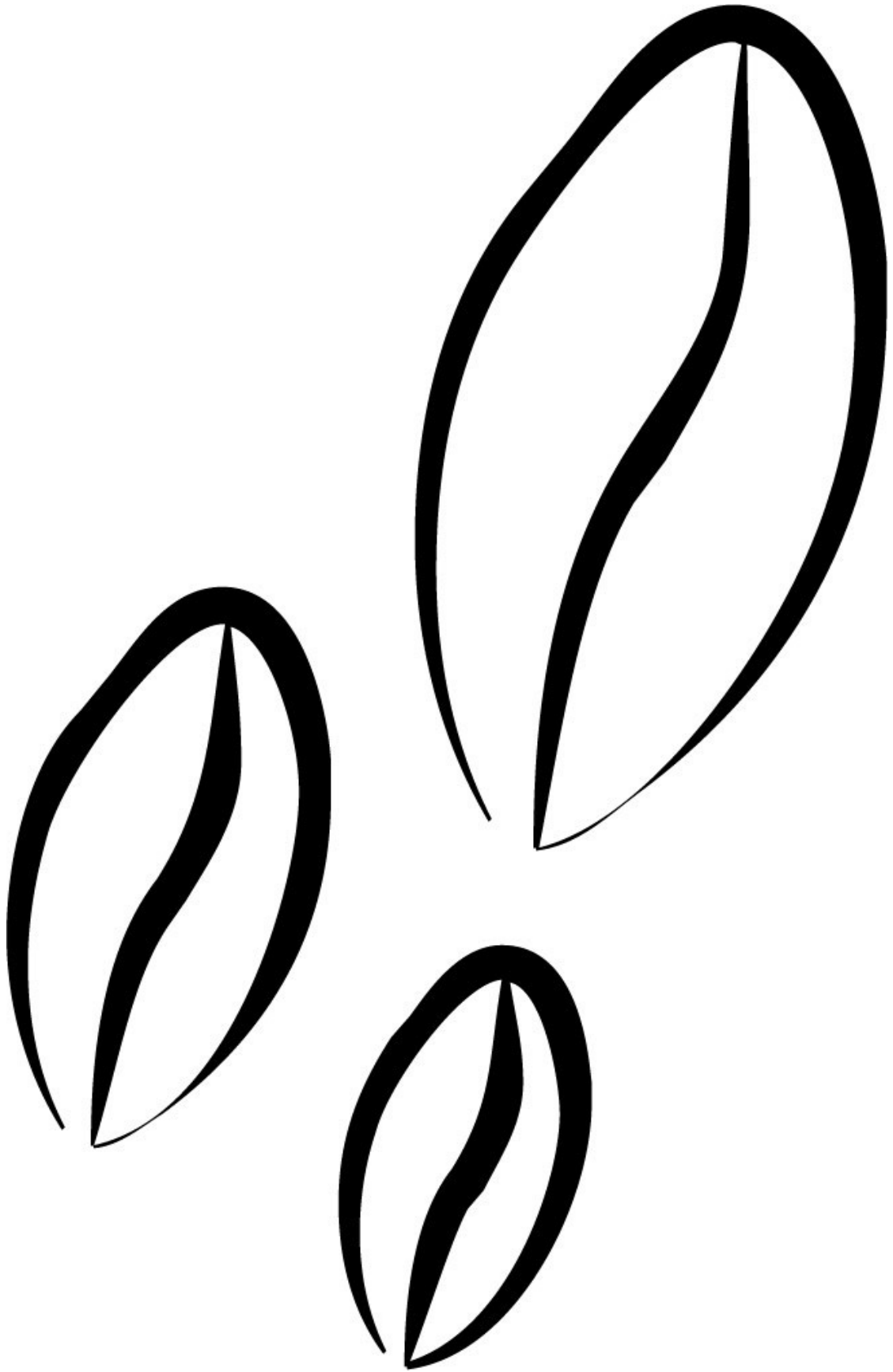
— Rafa, quando eu tinha uns sete anos, fiz terapia por um ano, quando meus pais viviam uma crise no casamento e isso começou a afetar meu rendimento na escola. Lembro-me de que a psicóloga conversava comigo enquanto jogávamos uns jogos. Hoje, percebo que foi algo que me ajudou a lidar com aquela fase.

Julia e Rafael chegaram à casa onde ficava a clínica de Sandra, um local bem agradável. Foram recebidos pela secretária, que solicitou que aguardassem. Outros profissionais também atendiam no mesmo espaço.

Rafael foi chamado; a secretária o levou até a sala onde Sandra atendia. A primeira impressão do rapaz foi positiva. Sandra era uma mulher de meia-idade e vasta experiência. Ela explicou Rafael sobre o processo terapêutico e como ele o ajudaria a atravessar aquela fase da vida. O jovem, auxiliado pelas informações e tendo simpatizado com Sandra, começou a falar e sequer percebeu a hora passar. Rafael ficou surpreso quando a psicóloga lhe disse que o tempo havia terminado. Combinaram que prosseguiriam na semana seguinte, no mesmo horário.

Indo para o cinema, de mãos dadas com a namorada, o rapaz compartilhou sua experiência. Disse que não se tratava de um bicho de sete cabeças, como imaginara, que a conversa com a profissional havia sido positiva, e que ele até sentia certo alívio. Por fim, Rafael comentou o quanto nossa visão preconceituosa impossibilita novas experiências em nossos caminhos. Julia concordou.

No fim da tarde, Marco Antônio enviou uma mensagem à esposa, avisando que ficaria em uma reunião até tarde. Marieta respondeu com um seco “Ok”. Aproveitando que o filho havia saído com a namorada, ela chamou Marina para irem juntas ao salão e depois comerem algo.



Marco Antônio saiu do trabalho às pressas, indo direto para a casa de Adriana, que já o aguardava. Ele tinha a sensação que não a via há tempos, pois sentia uma saudade louca. Tônico, que estava no banco do carona, dizia para ele correr, pois a amante não podia esperar.

Adriana e Marco Antônio se amaram torrencialmente. Seguindo as instruções de dona Neide na íntegra, a amante jogou uma pitada do pó na cabeça do amante enquanto ele descansava em seus braços e ela o acariciava. Adriana falava consigo mesma: “Que ele só tenha pensamentos para me desejar e para estar ao meu lado”.

A cada momento possível, Adriana seguia com seu plano, sem jamais avaliar as consequências de suas ações. Era uma mulher cujos caprichos sempre foram atendidos, nunca havia enfrentando dificuldades na vida e, quando se viu apaixonada por um homem casado, não se deu por vencida: buscou a ajuda de dona Neide, que garantiu que ela sairia vitoriosa dessa batalha.

Quando Marco Antônio foi tomar um banho, Adriana correu para jogar mais um pouco do pó dentro do sapato dele. Penha ria e dizia para Adriana:

— Isso mesmo! Esse pó despertará o amor que ele sente por você.

Marco Antônio, apesar de ser um homem cético, que não acreditava em superstições, invigilante e metido a esperto, era corresponsável por estar enfeitado. Ele não percebia que estava preso em uma teia e que era uma presa nas mãos da amante e da espiritualidade inferior.

Quando Marco Antônio saiu do banho, Adriana o aguardava para um jantar romântico. Percebendo as luzes reduzidas e o ambiente iluminado por velas, ele ficou surpreso. Tônico, aproveitando a oportunidade, sussurrou no ouvido dele:

— Está vendo como ela é cuidadosa, carinhosa e o trata bem? Nada disso você tem em casa.

Marco Antônio registrou os pensamentos do companheiro espiritual.

Durante o jantar, Adriana convidou Marco Antônio para ir com ela a uma festa no dia seguinte, depois do trabalho. Ele ficou reticente, avaliando a situação.

Penha e Tônico se divertiam com o trabalho. Penha falou para Adriana:

— Diga a ele que sem problemas, que você compreende e que irá sozinha.

Sem titubear, Adriana reproduziu o discurso, praticamente com as mesmas palavras, em pleno sincronismo.

Ao mesmo tempo, Tônico falou para Marco Antônio:

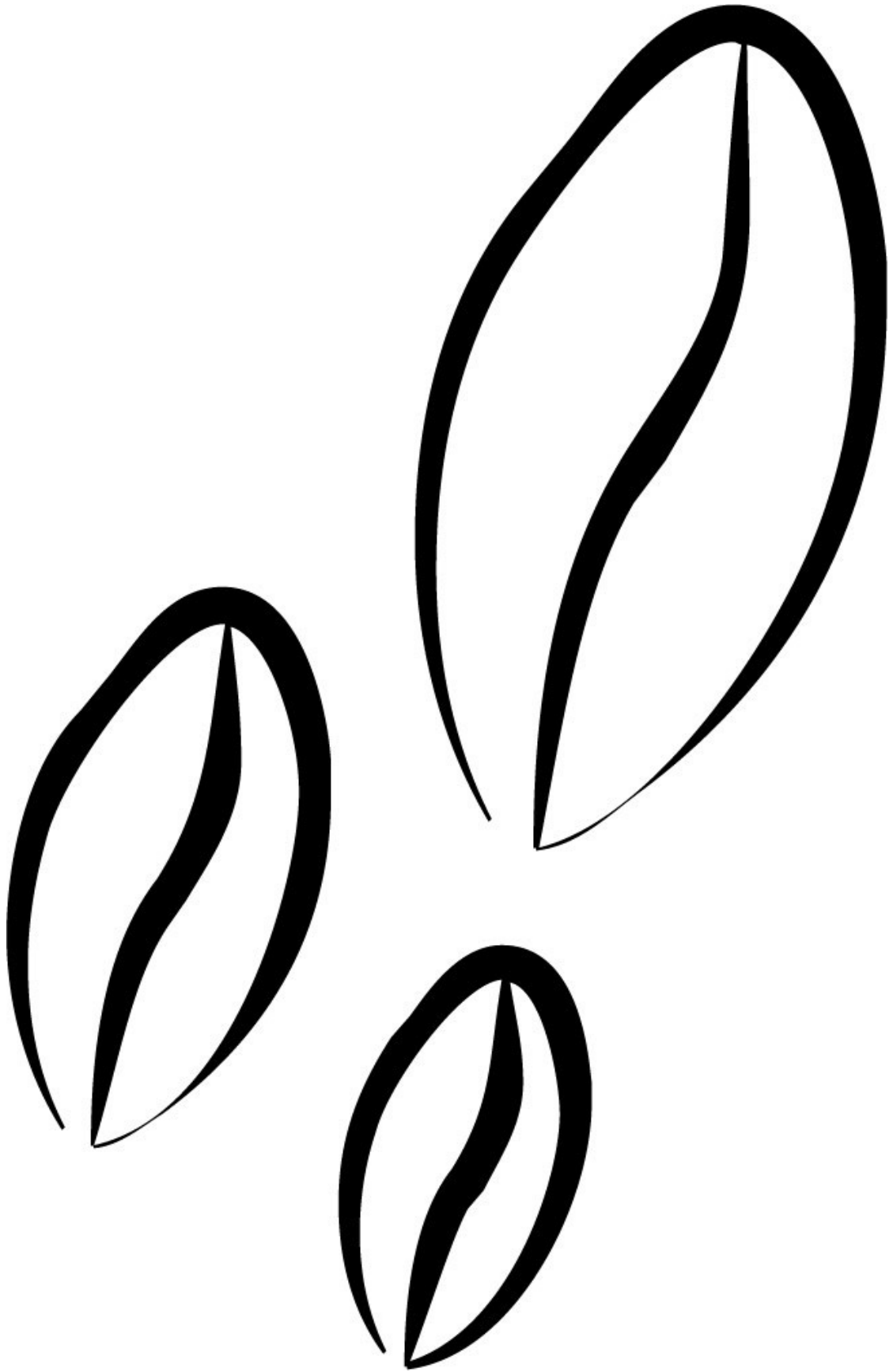
— Você vai deixar que ela vá sozinha? Daqui a pouco, perde a mulher. Deixa de ser bobo, ela vai achar que você é um frouxo.

— Eu vou com você! — respondeu Marco Antônio a Adriana.

— Jura? — falou Adriana em tom de surpresa. — Isso não trará problemas para você em casa?

— Dou um jeito. Agora, preciso ir.

Marco Antônio se levantou e se despediu da amante com um beijo apaixonado. Tônico saiu junto com ele, em seu encalço. Assim que fechou a porta, Adriana pensou: “O jogo virou a meu favor”.



Rafael chegou em casa do cinema e foi direto contar para a mãe e a irmã que havia gostado da terapia.

— Que bom, meu filho! — falou Marieta.

Mãe e filhos seguiram conversando animadamente.

Marco Antônio dirigia pensando em Adriana. Precisava dar um jeito de ir com ela à festa no dia seguinte. Assim que chegou em casa, falou com a esposa e a filha, que estavam no sofá vendo televisão, e depois foi até o quarto falar com Rafael.

Cumprimentando o marido, Marieta sentiu novamente o perfume de outra mulher.

Marco Antônio estava na suíte do casal tomando banho e Marieta, discretamente, entrou no banheiro, pegou a roupa do marido e a cheirou. Quando ele saiu do banho, ela lhe perguntou:

— Você mudou o perfume?

— Claro que não! — respondeu, confuso, Marco Antônio. — Por quê?

— Porque suas roupas estão cheirando a perfume de mulher!

— Você está louca? — retrucou Marco Antônio, atônita e agressivamente.

— Louca, eu?! — respondeu, jogando as roupas em cima do marido. — Sinta você mesmo. Acho que você que está querendo me tirar como insana.

— Agora você vê... — Marco Antônio tentou se defender. — Eu passo o dia inteiro me matando de trabalhar para dar uma vida melhor e mais confortável a todos nós, chego em casa a essa hora, cansado, e ainda por cima sou destrutado!

— Você é uma pobre vítima! — Marieta encerrou a conversa e saiu do quarto.

Marco Antônio cheirou suas vestes usadas e sentiu o cheiro inesquecível do perfume de Adriana, lembrando-se da amante. Tônico aproveitou e disse a ele:

— Larga tudo e vai para os braços dela! Ela, sim, está à sua altura.

Na mesma hora, Marco Antônio pensou: “Se eu pudesse, largaria tudo e iria atrás de minha felicidade”.

Marieta, tremendo e tentando disfarçar seu nervosismo para que os filhos não percebessem, foi para a área de serviço dobrar as roupas que estavam no varal. Enquanto fazia a tarefa doméstica de forma mecânica, pensava: “Meu Deus, o que vou fazer se Marco Antônio estiver me traindo mesmo?”.

Lilian, observando tudo junto com Tomé, falou à neta:

— Minha querida, tenha calma. Não se deixe levar pelo ímpeto. Tenha esperança e confie que a solução virá.

— Ué, mãe!? — falou Marina, puxando a mãe de volta para o sofá. — A essa hora dobrando roupa? Deixou de assistir ao programa comigo para trabalhar? Vem se distrair um pouco, eu faço isso depois!

Marco Antônio ficou no quarto, deitado, e acabou pegando no sono. Todos os outros também foram se deixar. Tônico, conforme ordenara Telma, ficou o tempo todo ao lado da encomenda, sem tirar os olhos dele.

Lilian, Tomé e Plínio foram até o quarto observar os efeitos obsessivos sobre o corpo espiritual de Marco Antônio. Fios negros partiam da nuca em direção à cabeça e a todos os chacras do homem, envolvendo todos os vórtices energéticos. O chip emitia ondas que deixavam Marco Antônio desconfortável sempre que estivesse longe de Adriana.

— Tomé — falou Lilian —, esta é uma cena horrível! Nunca imaginei que algo desse tipo fosse possível. O que isso pode acarretar para Marco Antônio?

— Um sem-fim de doenças de ordem física, emocional ou espiritual — respondeu Plínio.

— Como Telma e o bando dela conseguiram fazer algo tão complexo?

— Na verdade — explicou Tomé —, Telma apenas implantou esse chip. Ele foi desenvolvido por cientistas em seus laboratórios do submundo astral.

— Isso é inacreditável! — falou Lilian, em tom de indignação.

— Lilian — redarguiu Plínio —, nada passa impune ou desconhecido aos olhos do Pai. Todas essas inteligências a serviço do Mal, no tempo de Deus, responderão por suas insanas criações. Lembre-se de que Marco Antônio escolheu, por livre e espontânea vontade, se envolver com Adriana. Achando-se acima do bem e do mal, ele não tinha noção do problema em que se envolveria. A relação entre os dois já está gerando débitos cármicos e ambos terão de responder às leis divinas.

Sob a influência de Tônico, Marco Antônio tinha o sono agitado — era um dos efeitos colaterais do implante. Em sua mente, eram projetadas várias recordações e falsas lembranças com Adriana.



Durante a madrugada, Carlos e Maria conversavam sobre a situação de Firmino. Carlos comentava o quanto o filho estava apático, ao que Maria respondeu:

— Ele sempre foi estranho. Com o tempo, melhora.

— Não sei, não. Nunca o vi desse jeito.

— Não vou perder meu tempo com isso. Tenho problemas maiores: não consigo me aproximar de Rafael e não acho uma brecha para atacá-lo.



Marco Antônio se levantou mais cedo que o habitual e foi para o trabalho. Deixou um bilhete na cozinha dizendo ter uma reunião logo cedo. No trajeto para a empresa, só pensava em Adriana. Saiu de casa mais cedo com o intuito de fazer uma surpresa. Em frente ao prédio da amante, ligou perguntando se podia subir para tomar o café-da-manhã com ela. Adriana ficou surpresa e contente com a situação.

Quando adentrou o apartamento com as coisas do café, foi abraçado e recebido com juras de amor.

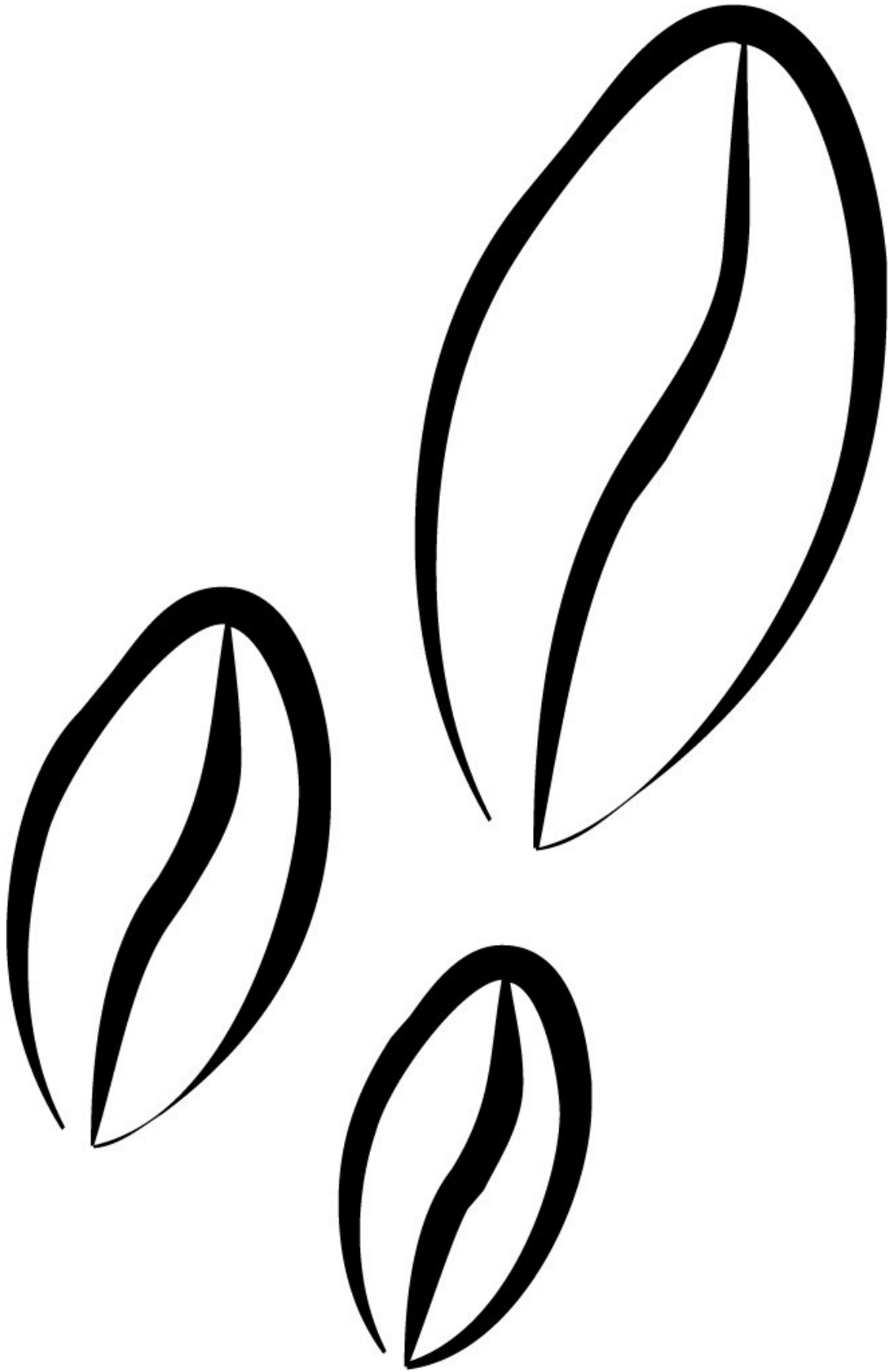
— O que fez você vir aqui tão cedo, Marco Antônio?

— Saudades! — respondeu suspirando. — Sonhei a noite inteira com você.

Depois do desjejum, o casal de amantes seguiu para o trabalho junto, mas Adriana pediu que Marco Antônio a deixasse em um local próximo do trabalho. A mulher estava impressionada com o resultado que o pó estava tendo sobre o amante. Da noite para o dia, ele ficou de quatro por ela.

Ao lado da cliente toda sorridente de dona Neide estava Penha, que seguia falando para Adriana:

— Está vendo como é amada?



Enquanto trabalhava, Marieta sentia seu corpo tenso, endurecido; teve a ideia de tomar um relaxante muscular. Questionava-se, a todo instante, o que deveria fazer diante da situação com Marco Antônio. Pensava em ligar para a mãe, mas não sabia se valia a pena preocupá-la com seus problemas.

Durante o almoço, decidiu desabafar com Dina, uma vez que já estava a ponto de explodir e não podia repassar essa situação para os filhos. A mãe atendeu o telefone e as duas conversaram por um bom tempo. De forma equilibrada, Dina orientou que Marieta e Marco Antônio tivessem uma conversa transparente e respeitosa, na qual ambos expusessem seus incômodos e aparassem suas arestas. Também se dispôs a passar alguns dias na casa da filha para lhe fazer companhia e dar o suporte necessário. Por fim, pediu que a filha não tomasse uma atitude impulsiva no calor da emoção. Assim que desligou, Marieta se sentiu um pouco mais aliviada, conseguindo trabalhar durante o restante da tarde.

Quando já estava a caminho de casa, recebeu uma mensagem do marido avisando que chegaria tarde, pois a equipe havia alcançado uma difícil meta e todos sairiam para comemorar.

Marieta não engolira a história. Cogitou ligar para as esposas de dois colegas de trabalho de Marco Antônio, porém achou que estaria se expondo em demasia.

Ao sair do trabalho, Marco Antônio foi a uma boate com Adriana, onde passou boa parte da noite. Depois, foi à casa da amante e acabou pegando no sono. Quando Adriana o acordou, Marco Antônio deu um pulo da cama — percebeu que já passavam das 3h da madrugada — e foi para casa. No caminho, viu as inúmeras ligações da esposa e imaginou que Marieta estivesse preocupada.

Chegando em casa, Marco Antônio tentou entrar da forma mais silenciosa possível para não ser notado. Quanto entrou no quarto, viu a silhueta da esposa sentada na cama: identificou problemas à vista. Tônico, que o acompanhava, estava tão bêbado quanto ele.

Marieta se levantou, acendeu a luz e perguntou:

— O que aconteceu? Por que está chegando a essa hora com cheiro de bebida? Por que não atendeu o telefone?

Marco Antônio começou a dar as desculpas mais toscas possíveis, mas Marieta, de forma impassível, perguntou à queima roupa, sem esboçar reação:

— Você tem uma amante?

Sentindo-se nocauteado, um pouco da sanidade Marco Antônio retornou. Rebateu que a esposa o estava desrespeitando. Falou que estava errado por não ter atendido o telefone, ter bebido um pouco demais e ter chegado àquela hora. Mas que não era para tanto, e que ela estava fazendo uma tempestade em copo d'água.

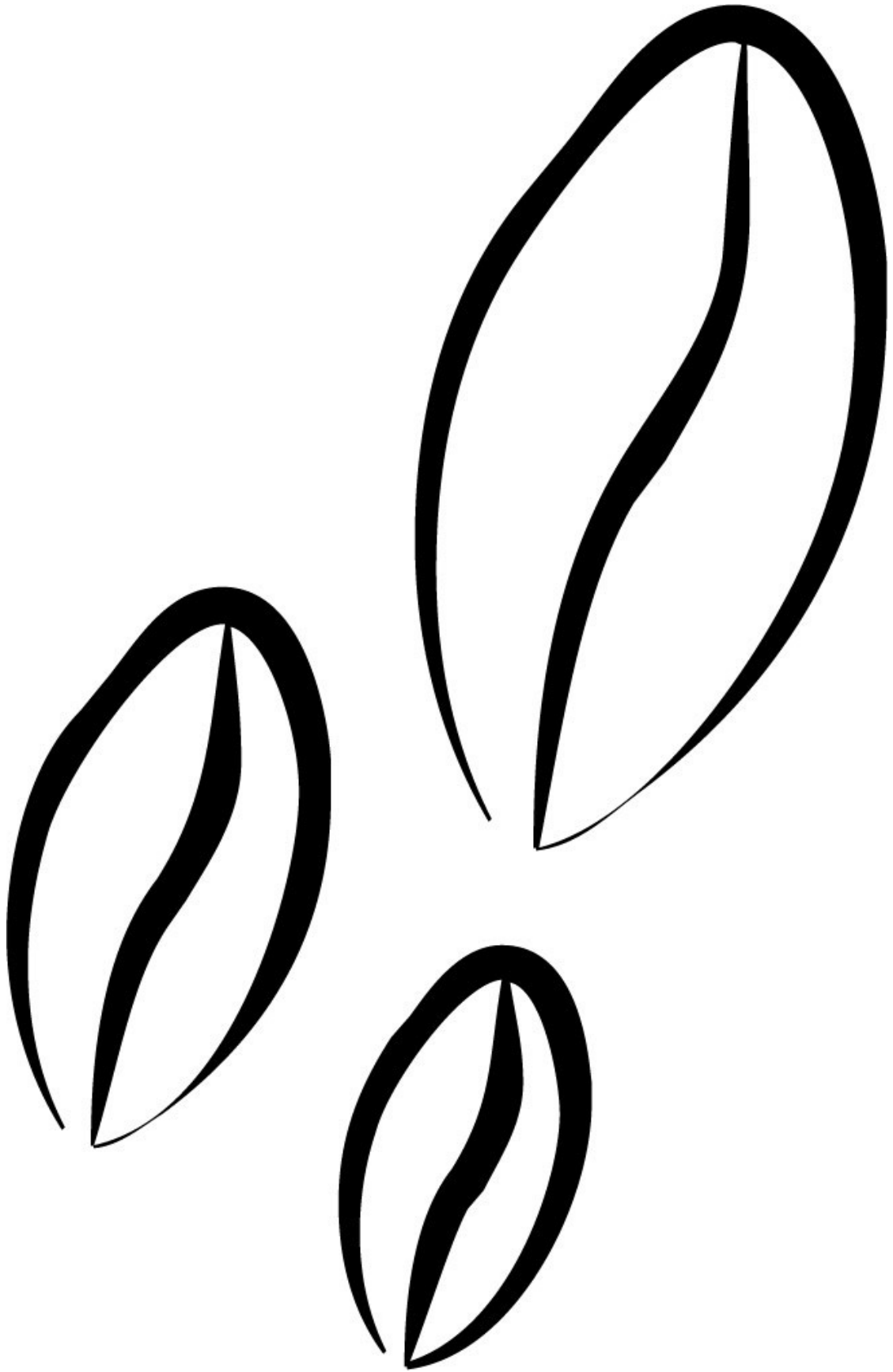
Marieta, muito séria, respondeu ao marido:

— Se tem alguém aqui que foi desrespeitado, esse alguém sou eu! Com bêbado, eu não converso. Isso é malhar ferro frio. Desta forma, quero que saia agora desta casa e volte para onde você estava. Saia da mesma forma como entrou, em silêncio, para não perturbar nossos filhos, que daqui a pouco estarão levantando.

Marco Antônio, perplexo com a esposa, tentou argumentar, mas Marieta ergueu uma sacola com algo que parecia ser uma muda de roupa dentro.

Enquanto Marco Antônio saía da casa, Tônico lhe dizia que agora ele estava livre para ficar com a amante, com sua amada.

Quando escutou o motor do carro partindo, Marieta deixou o pranto rolar. Sentia-se decepcionada com o homem que um dia amou e admirou. Por sua vez, Marco Antônio, que estava chocado com atitude inesperada da esposa, sentia uma confusão de sentimentos e uma grande perturbação na cabeça.



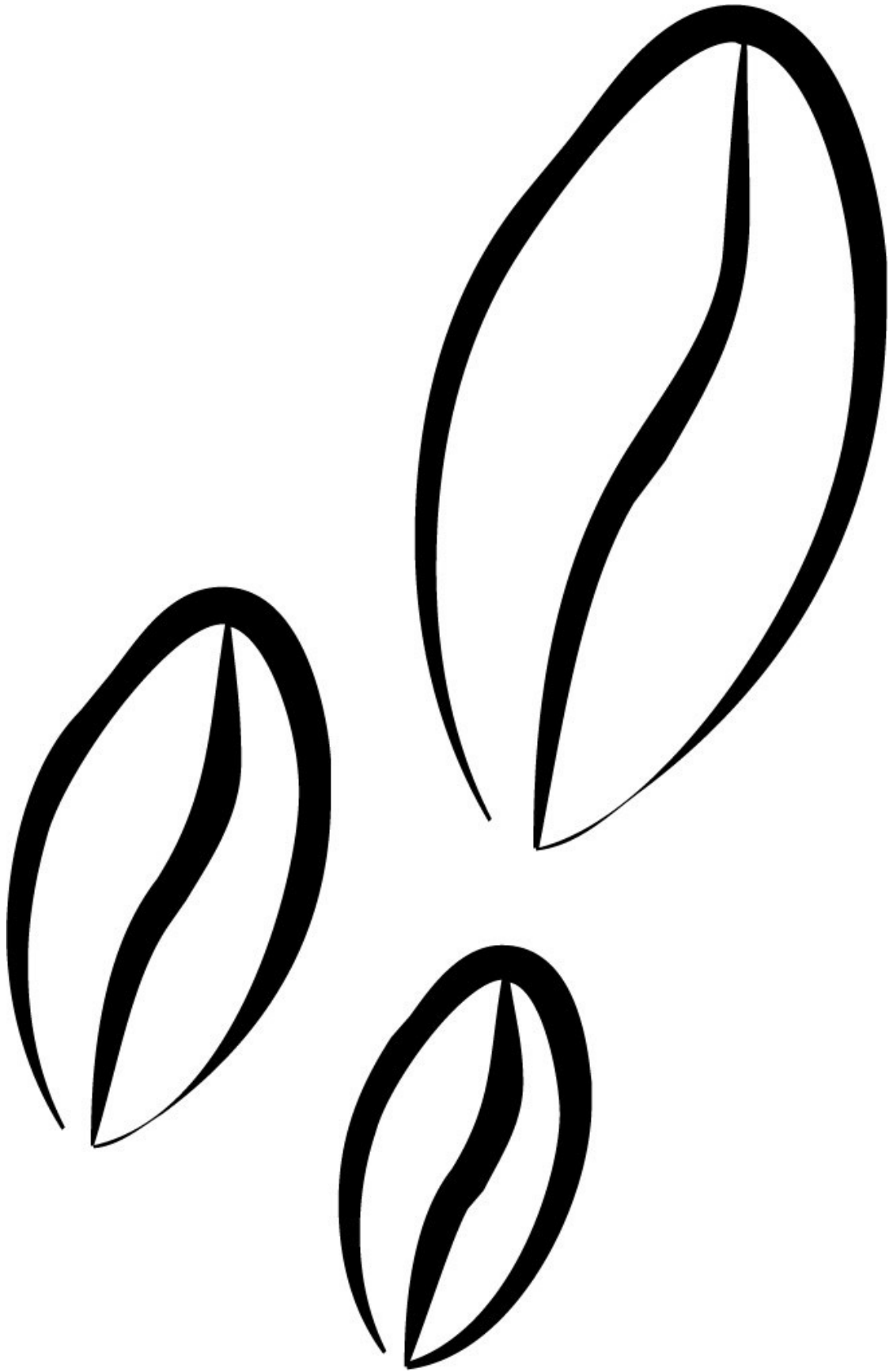
Marco Antônio chegou à casa de Adriana com o dia amanhecendo. A amante tomou um susto com o interfone e o telefone tocando ao mesmo tempo. Não sabia o que estava acontecendo, sequer tinha visto o amante indo embora de madrugada.

Ao cruzar a porta, o homem, com um ar desolado, contou o que ocorrera. Internamente, Adriana vibrava e dizia para si mesma: “Ele é meu! Agora, ele é meu, todo meu!”. Estava eufórica, usara o restante do pó na noite anterior e funcionara. Consolou o amante de forma dissimulada e pediu que ele tomasse um banho enquanto ela preparava um café bem forte.

Enquanto Marco Antônio bebia o café, a mulher foi se arrumar. Quando ela voltou para a sala, ele lhe disse que não tinha condições de ir trabalhar, que já havia enviado uma mensagem para o chefe, justificando a ausência, e perguntou se ela permitiria que ele ficasse no apartamento. Adriana logo respondeu:

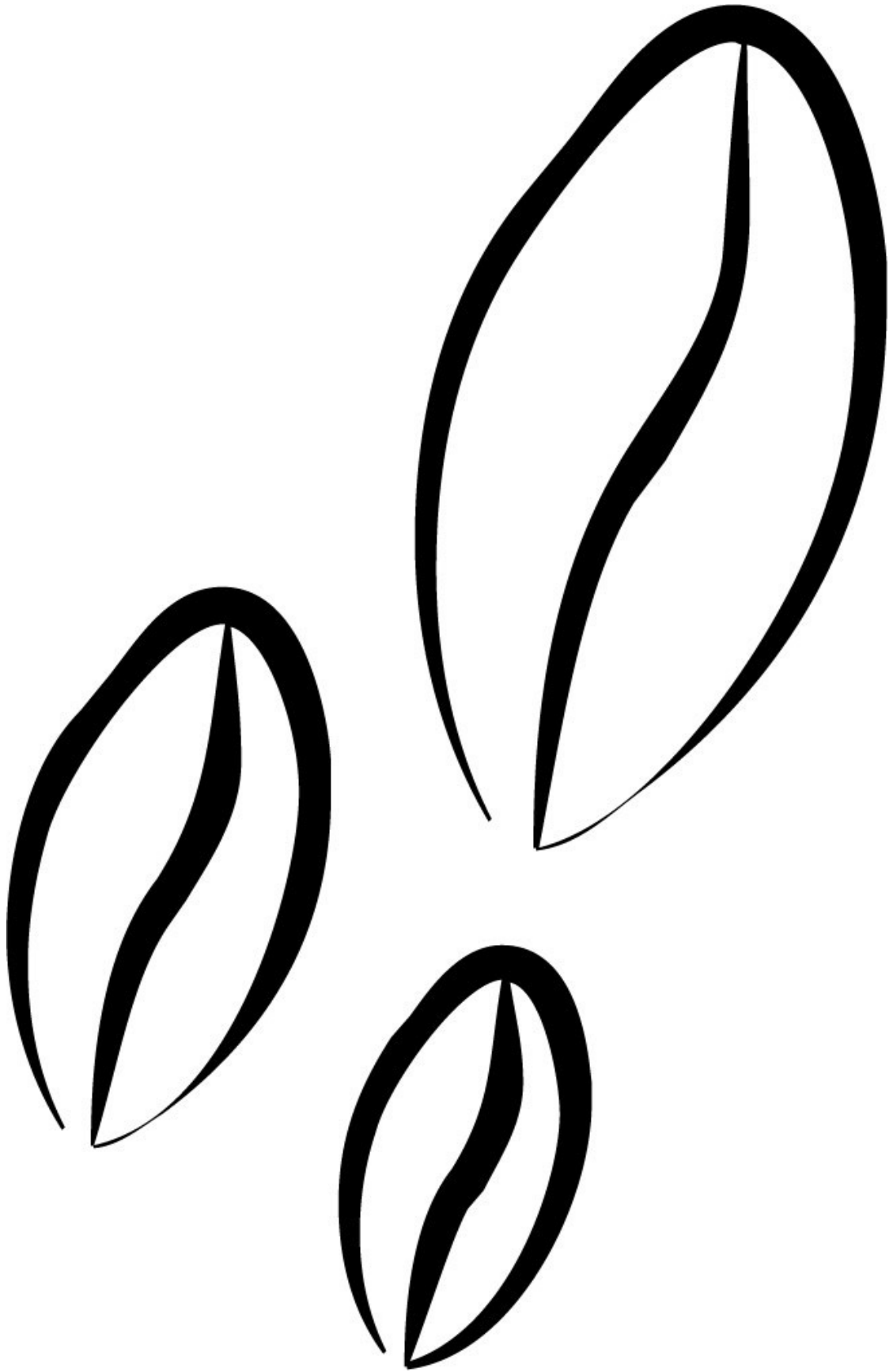
— Você pode ficar o tempo que precisar. É bem-vindo! — Despediu-se de Marco Antônio e saiu para trabalhar.

Tonico colocou Penha a par das últimas conquistas do serviço contratado e pediu que ela fosse até Telma comunicá-la dos avanços que estavam tendo.



Rafael e Marina perguntaram se o pai já tinha ido trabalhar e Marieta, abatida e cheia de olheiras, confirmou. Rafael perguntou à mãe se ela estava bem e ela respondeu ao filho que não havia dormido bem, que estava um pouco enjoada, mas que já havia se medicado e que logo sairia para trabalhar.

Quando os filhos saíram para o colégio, Marieta ligou para Dina e relatou o que havia acontecido. Dina ouviu a filha, consolou-a e disse que estava indo para o Rio de Janeiro no próximo ônibus para passar alguns dias na companhia da filha e dos netos. Assim que desligaram o telefone, Marieta saiu para o trabalho e Dina foi arrumar a mala de viagem.



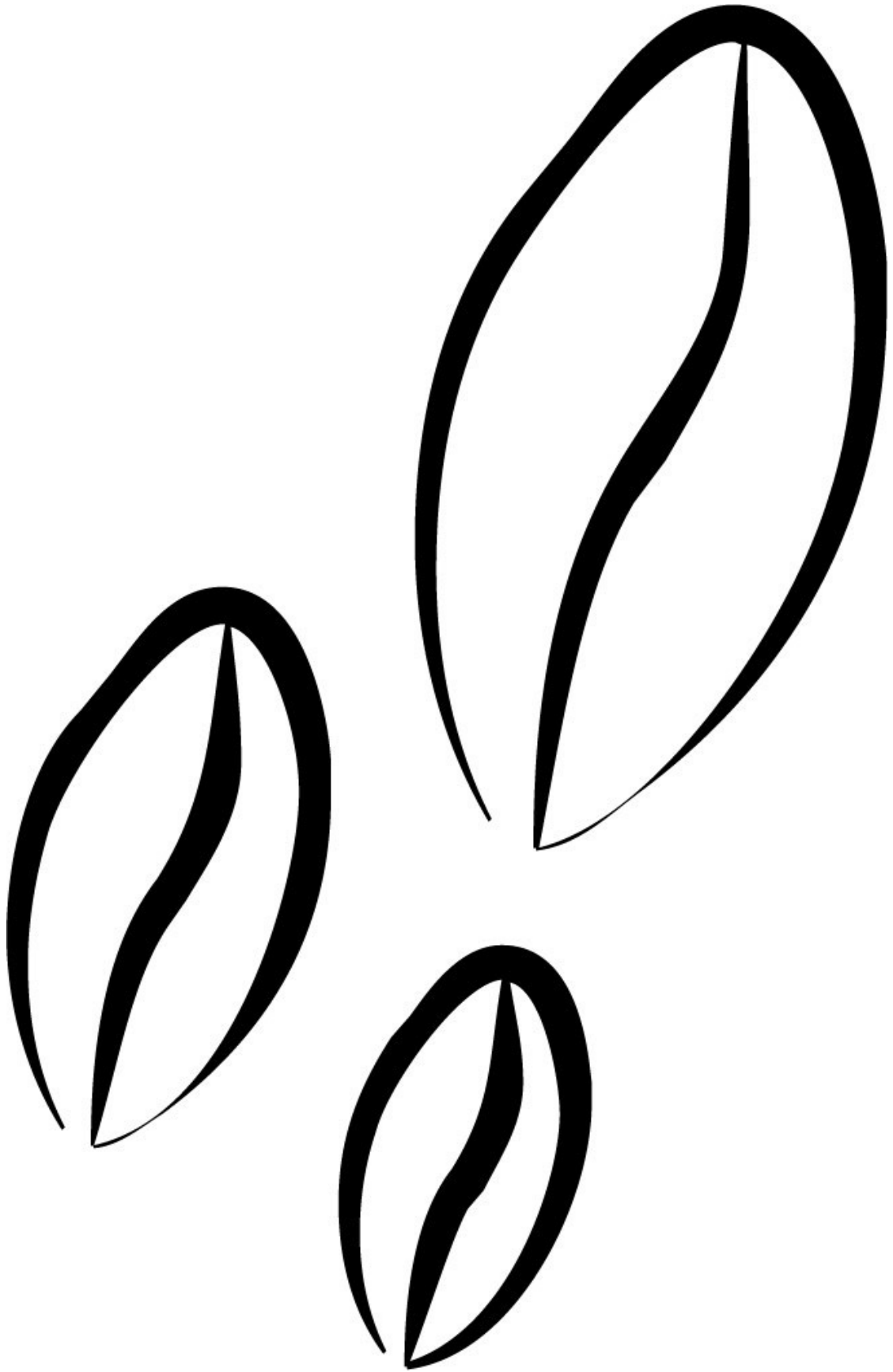
Sentado no sofá da casa de Adriana, Marco Antônio tentava organizar os pensamentos. Havia muito tempo que não se sentia perdido. Apesar do casamento desgastado, a separação não estava em seus planos, pois gostava da vida de casado e em família. Também não esperava sentir aquela fixação por Adriana. Já tivera outras aventuras extraconjugais, mas nunca perdera o tino como dessa vez.

Tomé, Plínio e Lilian estavam perto de Marco Antônio e tentavam inspirar-lhe instruções e reflexões, porém o mesmo não possuía uma sintonia adequada para receber a ajuda. Olhando mais atentamente para o corpo astral de Marco Antônio, Lilian percebeu que os tentáculos que partiam da nuca do homem pareciam sugar alguma coisa dos chacras dele e perguntou a Tomé do que se tratava aquela situação.

— Esses tipos de mecanismos obsessivos — esclareceu Tomé — drenam a energia vital da pessoa, como uma espécie de sanguessugas, e geram uma energia de desânimo para o obsidiado.

Marco Antônio também era assistido de perto por Tônico, que lhe dizia:

— Fica tranquilo, meu chapa. Vai trocar um modelo de mulher mais velho por outro mais novo. Tá saindo no lucro.

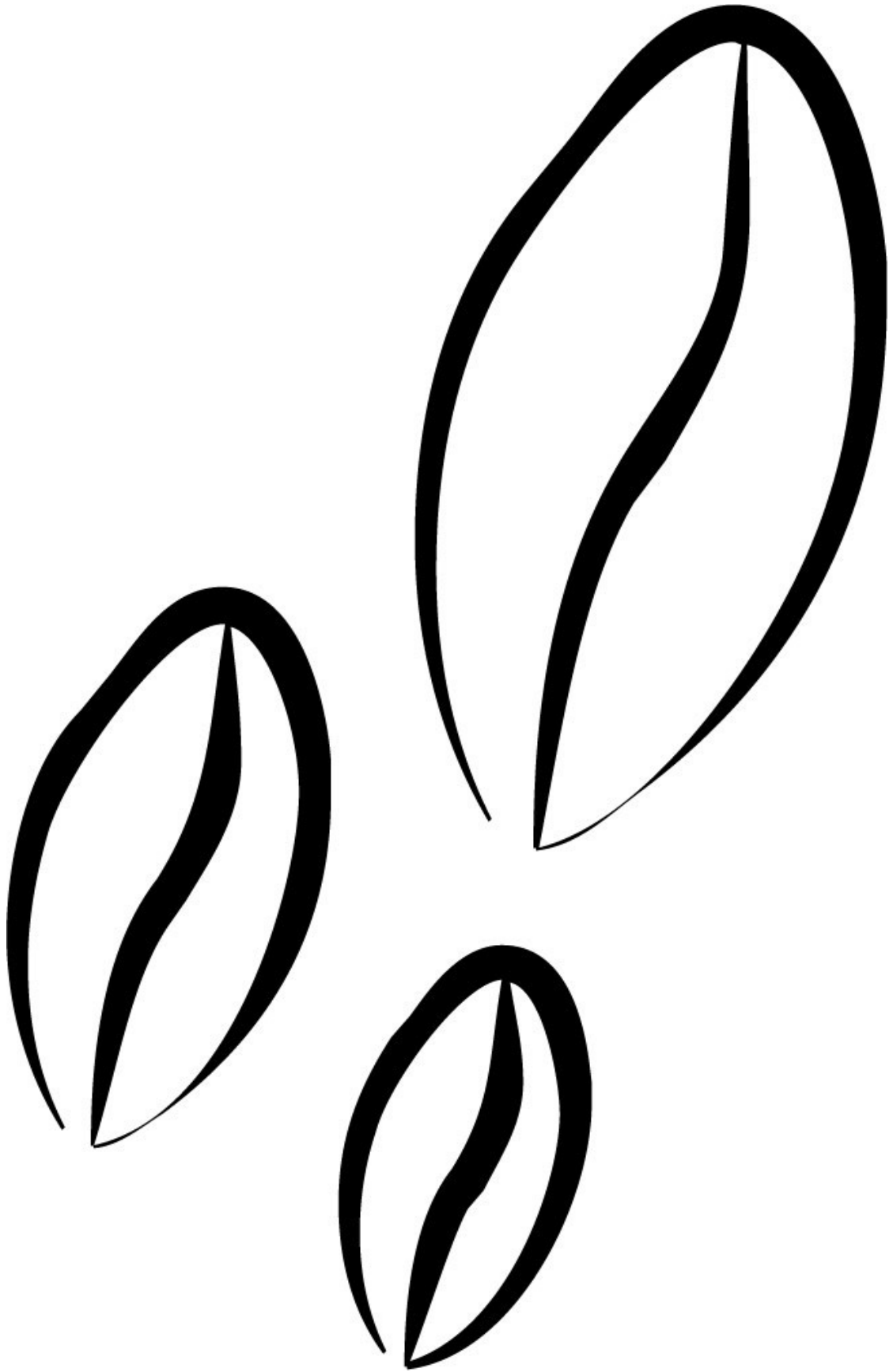


Depois de deixar algumas orientações com Maristela sobre a condução da casa, Dina foi até seu altar e fez uma oração antes de sair de casa, clamando pela intercessão de Nossa Senhora na família e pedindo que Maria fosse sua guia neste momento de dificuldade. Assim que terminou suas preces, Celso a levou até a rodoviária da cidade.

Durante a viagem para o Rio de Janeiro, Dina apreciava a paisagem serrana e orava. Em vários momentos, recordava-se de Fátima, sua colega de trabalho, e pensava: “Tomara que ela continue com o mesmo número de telefone ou morando no mesmo lugar. Assim que chegar na casa de Marieta, vou ligar para ela.”

Como chegou na rodoviária na hora do almoço, Dina pegou um táxi e foi direto para o colégio dos netos. Queria fazer uma surpresa no horário da saída deles.

Rafael, Marina e Julia ficaram muito alegres, mas também preocupados, quando avistaram Dina sentada em um banco próximo ao portão da escola. Depois de se cumprimentarem, Dina esclareceu que tinha combinado com Marieta e que passaria uns dias na casa deles. Os quatro foram a um restaurante próximo da escola almoçar e depois seguiram para casa.



Durante toda a manhã, Adriana enviara mensagens para Marco Antônio, que ora não as lia, ora as respondia monossilábico. Por isso, ela resolveu dar um pulo em casa na hora do almoço e ver como as coisas estavam. No fundo, Adriana achava que ele estava fazendo uma tempestade em copo d'água e não conseguia ver o lado positivo das coisas.

Quando chegou em casa, Adriana viu Marco Antônio sentado no sofá na mesma posição de mais cedo. Aquela postura do amante a irritou e ela lhe perguntou o que fizera durante a manhã de folga.

— Fiquei pensando na vida — respondeu Marco Antônio.

— Não pense na vida. Viva-a intensamente, pois ela passa. Deixe essa prostração de lado e vá dar uma volta, respirar um ar, fazer alguma coisa...

— Para você, é fácil falar. São 20 anos vivendo a vida de uma forma e, de um dia para outro, tudo é jogado no lixo. Você não sabe o que é isso! — disse Marco Antônio, olhando nos olhos da amante.

— Marco Antônio — respondeu Adriana —, acredito que não seja fácil, mas não adianta ficar nessa fossa, vivendo esse drama. Preciso voltar ao trabalho. Mais tarde, vamos sair para beber, conversar e espairar.



Assim que chegou à casa da família, Dina ligou para Marieta, que tinha a voz embargada. Não podiam conversar a respeito dos últimos fatos, pois a filha estava no trabalho, e Dina, ao lado de Marina.

— Mais tarde nos falamos, mamãe. Teremos tempo, pois, hoje, as crianças irão a um aniversário. — Mãe e filha se despediram.

Em seguida, Dina fez uma ligação para a casa de Fátima. Depois do terceiro toque, a própria atendeu. Dina se identificou e as antigas colegas de trabalho falaram sobre os velhos tempos e se atualizaram. Após a cordial conversa, Dina questionou a amiga sobre os trabalhos no centro que ela dirigia e disse que gostaria de levar a filha e o neto para um aconselhamento e para receber um passe. Fátima lhe relatou que, aposentada, passara a dedicar mais tempo para a vida espiritual. Convidou Dina e sua família para uma gira de preto-velho que aconteceria no dia seguinte. Contento por saber que no dia seguinte haveria sessão no terreiro, Dina agradeceu Fátima pela atenção, pelo convite e finalizou dizendo que faria de tudo para ir com seus entes. As duas senhoras se despediram e desligaram.

Encerrada a ligação, Dina foi até o quarto de Rafael falar com o neto:

— Está disposto a ir comigo ao centro de minha amiga Fátima?

— Sim! — respondeu Rafael meio que pego de surpresa. — Vó, você pode me explicar melhor o que vamos fazer lá?

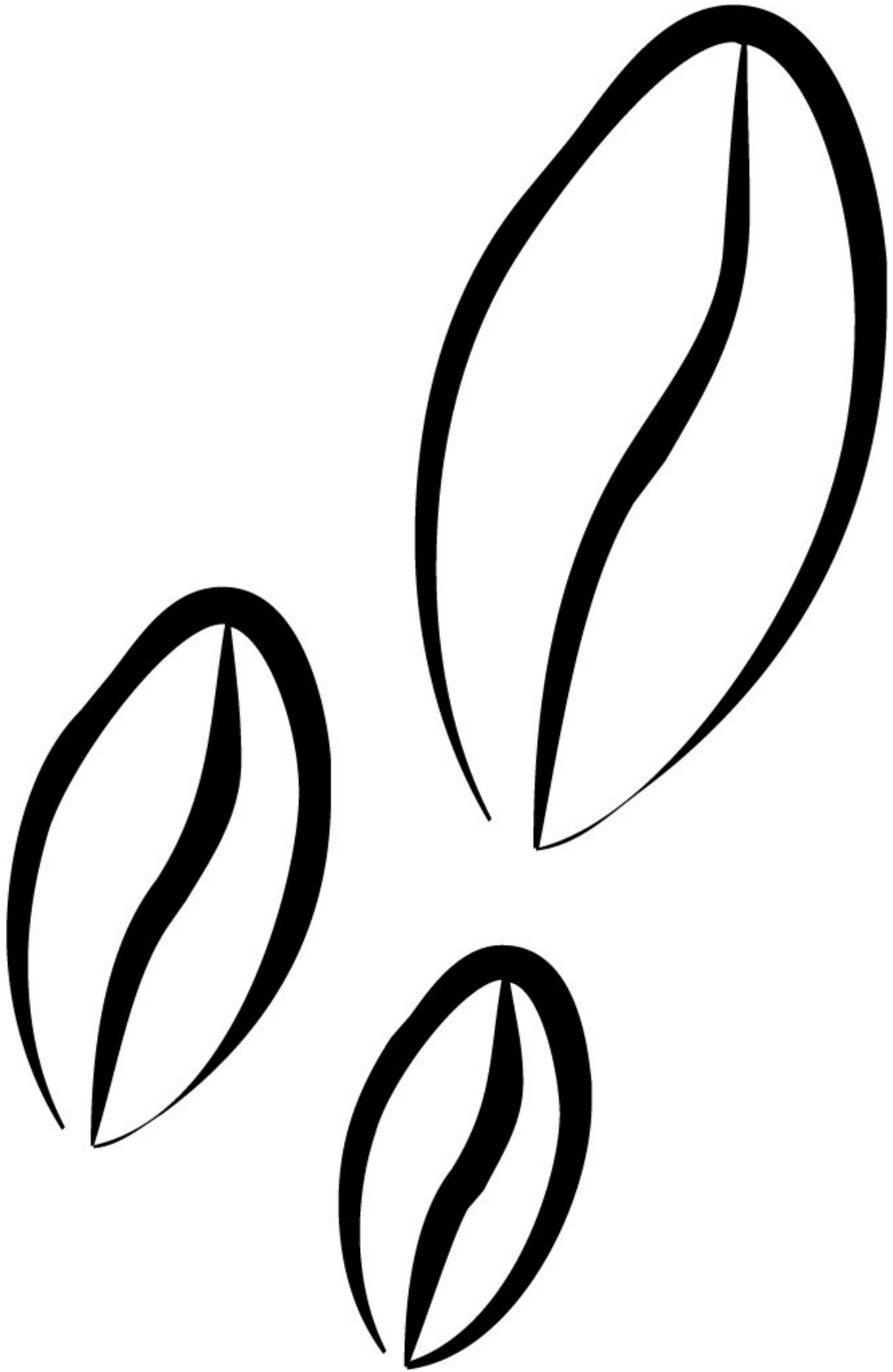
— Querido — disse Dina —, o centro de Umbanda é uma casa de oração como qualquer outra, diferindo-se em sua ritualística. Lá, eles fazem preces, cantam acompanhados por atabaques e os guias se manifestam através dos médiuns para aconselhar e fazer a caridade. Vou conversar com sua mãe mais tarde a respeito do assunto, mas acredito que será de grande valia para você e ela neste momento. Não custa experimentar, certo? — encerrou, piscando um olho para o neto.

— Verdade, não custa! Estou disposto a ir com você para que eu tire minhas próprias conclusões.

Tomé e Lilian, que estavam presentes, ouviam a conversa dos dois.

— Tomé, eles podem ser realmente beneficiados quando forem ao centro de Fátima? — questionou Lillian.

— Sim, mas não só eles. Indiretamente, muitos dos que estão envolvidos nesta trama espiritual.



Perto do fim do expediente, o telefone da mesa de Marieta tocou. Do outro lado da linha, estava a voz de Marco Antônio, deixando Marieta emudecida.

— Marieta, lamento o que aconteceu, mas precisamos conversar.

— Não estou em condições — respondeu a esposa.

— Sei que está machucada, mas precisamos falar sobre o ocorrido.

— Concordo que a conversa é necessária, mas, neste momento, não estou pronta, Marco Antônio.

— E o que diremos a Marina e Rafael?

— Que você precisou fazer uma viagem de trabalho emergencial e que retornará no início da próxima semana.

— Ok, vou dar esses dias a você, mas do início da próxima semana não passa, e nós sentaremos para conversar — falou Marco Antônio, encerrando o contato.

Após conversar com a esposa, o homem enviou uma mensagem aos filhos, informando que faria uma viagem de trabalho e que voltaria na semana seguinte. Marina e Rafael receberam a informação com naturalidade, pois isso já havia acontecido outras vezes.

Quando chegou em casa, Marieta encontrou os filhos terminando de se arrumar para irem, com Julia, à festa de aniversário de um amigo da escola. Assim que os filhos saíram, ela tomou um banho. Depois, sentou-se para jantar e conversar com Dina, que havia feito o prato predileto da filha. Durante a conversa, Marieta contou sobre a ligação de Marco Antônio e disse que ainda não estava preparada para falar pessoalmente com ele.

— É, minha filha, entendo sua posição, mas esse encontro será inevitável. Sei o quanto está sentida. No entanto, vocês não poderão adiar isso por muito tempo, pois tem o Rafa e a Mari envolvidos nessa história.

— Eu sei, mamãe... eu sei...

— Filha, outro assunto que queria contar a você é que hoje falei com Fátima.

— Quem? — perguntou Marieta.

— Aquela sobre quem comentei com vocês, que foi minha colega de trabalho e é dirigente de um terreiro de Umbanda. Ela nos convidou para ir a uma gira de pretos-velhos que ocorrerá amanhã na casa dela.

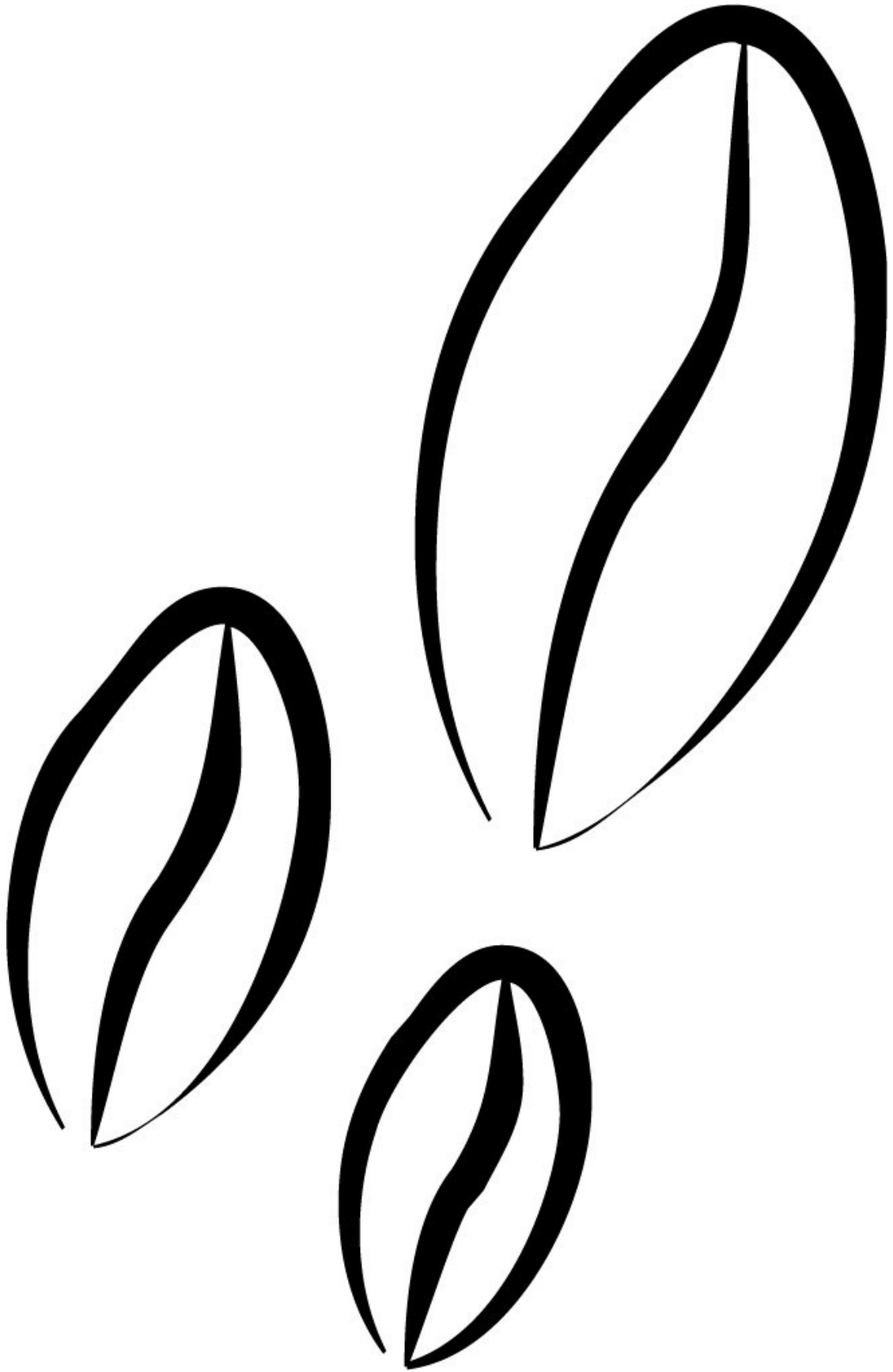
— Mamãe, não sei se amanhã estarei com cabeça para sair de casa. Ainda mais para ir em um lugar estranho, do qual tenho certo receio.

— Filha, acho que será uma boa para você e para o Rafa passar por uma consulta e receber um passe. Eu comentei com o Rafa e ele topou ir comigo. Você vê algum problema?

— Eu não vou garantir que irei, mas não vejo problemas em o Rafa ir com você e lhe fazer companhia.

— Certo, obrigada — respondeu Dina.

Marieta avisou à mãe que tomaria um relaxante para ajudar na tensão do corpo e no sono. Dina consentiu e disse que aguardaria a chegada dos netos, prevista para um pouco depois da meia-noite.



Adriana chegou em casa e encontrou Marco Antônio um pouco melhor. Disse para ele se arrumar para saírem, mas ele respondeu que não estava muito a fim.

— Pode se animar, pois em casa é que não vamos ficar. Vai ser bom ouvir música, ver gente e namorar — falou Adriana.

Meio contrariado, Marco Antônio se arrumou e foi para um bar com a amante. Quanto mais Marco Antônio bebia, mais se entorpecia, esquecendo-se dos problemas e vivenciando um gozo momentâneo.

SUBOCÉU DE ARUANDA



VISITA AO TERREIRO

— Lilian — falou Tomé —, precisamos ir agora visitar o terreiro de Umbanda que Rafael e sua família visitarão amanhã. Eles nos aguardam.

— Eles quem, Tomé? — perguntou Lilian, em tom de surpresa.

— A equipe espiritual do terreiro.

Tomé e Lilian saíram da casa de Rafael e volitaram até um bairro próximo onde se localizava o terreiro. Chegaram ao plano espiritual do local com facilidade.

Entre médiuns e assistentes, o salão físico comportava cerca de 80 pessoas; já o salão espiritual era bem maior, com outros cômodos e uma pequena enfermaria. A casa era simples e aconchegante, e o ambiente irradiava a energia do amor.

Os dois foram recebidos com alegria pelo espírito de Etelvina, a mentora espiritual e guia-chefe responsável pelo centro. Tomé a saudou com carinho, a apresentou a Lilian e agradeceu por ela os receber. Etelvina era uma negra sexagenária de largo sorriso, pele vistosa e dentes alvos; usava um singelo turbante branco e roupa azul-clara. Ela conduziu os dois até um jardim no plano astral do terreiro, onde estavam dispostas algumas cadeiras para se sentarem e conversarem.

Tomé colocou Etelvina a par da situação da família e falou sobre a necessidade de assistência, esclarecimento e encaminhamento dos espíritos de Maria, Firmino e Carlos. Também falou acerca da complexa obsessão que Marco Antônio atravessava devido a um trabalho espiritual encomendado.

Etelvina, que ouvia tudo com muita atenção, assistia à narrativa de Tomé em uma tela magnética que surgiu diante de seus olhos. Por fim, a mentora espiritual tomou a palavra:

— Meus irmãos, vamos unir nossas forças para ajudar todos esses corações que sofrem. Todos são filhos do Pai Maior. Que a luz do esclarecimento de Cristo os ajude a superar as dificuldades que atravessam por eleição do livre-arbítrio

concedido a cada alma criada por Deus. Que esses filhos possam compreender que o caminho da dor também é rico para o aprendizado. Tomé — continuou a falar Etelvina —, vou me reunir daqui a algumas horas com nossa equipe espiritual a fim de discutirmos e traçarmos estratégias para os trabalhos que serão realizados durante a sessão de caridade. Conto com a apoio de vocês.

— Etelvina — respondeu Tomé —, como bem sabe, este será o momento em que despertaremos Rafael para seu chamado junto à Lei de Umbanda. Caso ele opte por prosseguir sua jornada espiritual, peço que a irmã avalie a possibilidade de recebê-lo como aprendiz e trabalhador desta seara bendita.

— Irmão Tomé, se for da vontade de seu menino, será uma honra auxiliá-lo no desenvolvimento espiritual. Também será um prazer ter você e toda a família espiritual de Rafael nos auxiliando nesta casa.

Tomé agradeceu a receptividade de Etelvina e se despediu, regressando, junto com Lilian, à casa de Rafael. Durante o trajeto, Tomé explicou que aquele seria um trabalho complexo, devido à presença de laços antigos estabelecidos por fortes sentimentos de rancor, mas que para Deus nada é impossível.

Chegando à casa, Lilian e Tomé foram até o quarto de Rafael. Tomé chamou pelo rapaz em desdobramento e lhe explicou o quão importante e benéfico seria o comparecimento dele à casa de Umbanda. Despediu-se do rapaz e seguiu para o quarto de Marieta, onde Dina também dormia. Tomé chamou pelo espírito de ambas. Dina já estava em desdobramento, acompanhada de Paulo, seu mentor espiritual, mas Marieta apresentava certa confusão mental devido ao turbilhão de problemas no qual estava mergulhada e à medicação que havia tomado antes de se deitar. Tomé explicou às duas que a espiritualidade as aguardava na casa de Umbanda para serem ajudadas; que a ida delas seria essencial; e que, acima de tudo, mantivessem a fé para que fossem merecedoras do auxílio. Em seguida, se despediu das duas.

Quando saíram do cômodo, Lilian perguntou a Tomé, se eles se recordariam das orientações recebidas durante o sono?

— Ah, Lilian, eles terão uma vaga lembrança, porém as orientações foram registradas no íntimo de cada um. Por hoje, nosso trabalho está só começando — disse Tomé, sorrindo.

— Como assim, Tomé?

— Fique tranquila, Lilian!

Tomé foi para o lado de fora da casa, onde estavam os espíritos de Maria, Firmino e Carlos. Sem entender por que Tomé se aproximara do grupo, Lilian ficou próxima dele, apenas observando.

Carlos estava dormindo. Firmino estava sentado no chão, abraçando as pernas, em um silêncio profundo. Maria estava fixa em seus pensamentos, conjecturando sobre como conseguiria atacar Rafael de forma certa e fulminante.

—Lilian — falou Tomé —, eles não nos percebem. Então, peço que se aproxime de Firmino, pois vamos auscultar seus pensamentos.

Os dois se aproximaram e Tomé, mentalmente, inquiriu Firmino sobre o que se passava com ele. Sem a menor noção do que ocorria, o espírito começou a reviver uma série de pensamentos e questionamentos: pensava em como se sentia cansado daquela vida; o quanto estava infeliz e amargurado; e que, para ele, nada mais tinha sentido. Quando desencarnara, ficou muito feliz ao reencontrar Carlos e Maria, porém, depois de muitos anos, o plano de vingança do trio deu lugar a um vazio sem tamanho em seu peito, que ele não sabia explicar. Nos últimos meses, a saudade do local em que vivera enquanto encarnado também começara a assolar seu coração.

— Você gostaria de uma nova oportunidade para prosseguir com sua vida? — perguntou Tomé, mentalmente, a Firmino.

Aquela pergunta tocou no íntimo de Firmino, e fez com que algumas lágrimas escorressem de seus olhos.

— Não sei se sou digno. Sou um pobre diabo, esquecido por Deus, que virou uma alma-penada. Ninguém mais se lembra de que eu existi um dia. Minha mãe e meu pai estão aqui, e eles são as únicas pessoas que tenho nessa vida.

— Nenhum filho é esquecido pelo Pai — elucidou Tomé. — Ele sabe o que se passa no íntimo de cada um de nós. Se tivesse a chance de ser ajudado, aceitaria?

— Sim! — afirmou Firmino, achando que conversava consigo mesmo.

— Então, aguarde e confie. Deus sempre nos concede novas oportunidades e novos caminhos — disse Tomé, afastando-se do grupo de espíritos e voltando

com Lilian para dentro da casa.

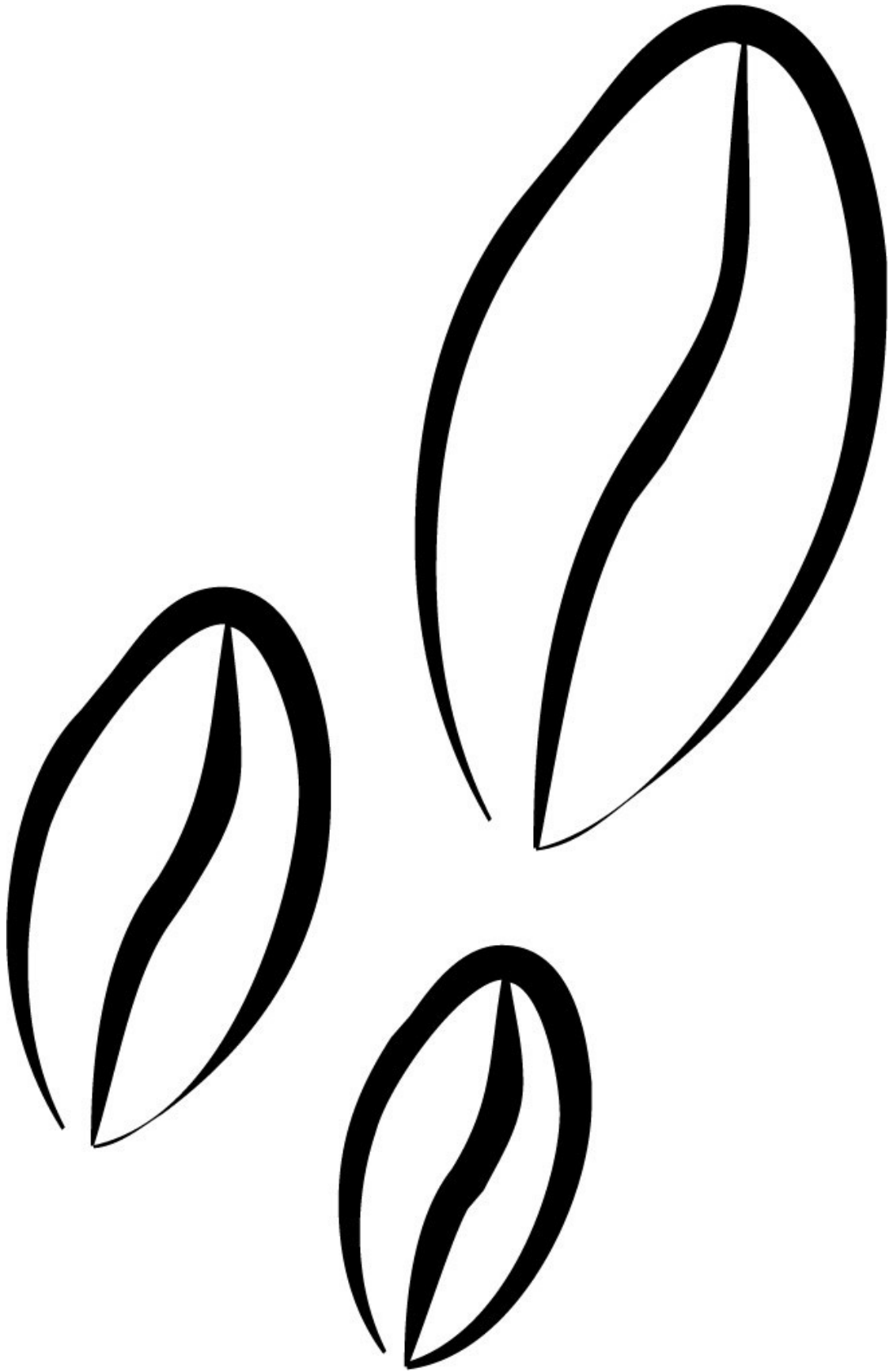
— Por que você não resgatou Firmino agora, Tomé? — perguntou Lilian.

— Porque isso deixaria Maria ainda mais transtornada. Busquei sensibilizar Firmino para que se colocasse em uma posição suscetível de ser ajudado. No entanto, é de nosso interesse que o trio acompanhe Rafael e a família ao terreiro.

— Tomé, estou preocupada. E se meus entes optarem por não ir visitar o terreiro mais tarde? Sei que são dotados de livre-arbítrio, mas isso me deixa um pouco aflita — comentou Lilian.

— Lilian, confie na providência divina: Deus escreve certo por linhas certas. Os encarnados, equivocadamente, dizem que Deus escreve certo por linhas tortas, mas distorcida e míope é a visão dos seres no corpo físico. Tenhamos a esperança de que os desígnios do Pai se cumprirão dentro de um plano maior.

Tomé estendeu as mãos para Lilian, que correspondeu, e fez uma prece, pedindo ajuda na intenção da família de Rafael e de todos os que estavam envoltos naquela trama.



O dia amanheceu um pouco mais tarde na casa de Rafael. Com exceção de Dina, todos se levantaram um pouco mais tarde.

Na casa de Adriana, apesar de ter ido dormir bem tarde, Marco Antônio se levantou cedo. A bebedeira da noite anterior o deixou de ressaca: sua cabeça latejava e ele se sentia mal devido aos efeitos colaterais do excesso de álcool. Procurou algum remédio na gaveta do banheiro e se deitou no chão da sala, olhando para o teto e tentando imaginar como seria sua vida dali para a frente. Tinha a consciência de que estava errado e de que a esposa sabia disso. Quando Adriana surgia, porém, todo o seu tino e sua lucidez se esvaíam, ele sentia um desejo louco pela moça, e vivia uma confusão de sentimentos que não experimentava desde a adolescência. Em seu íntimo, Marco Antônio se sentia perdido e triste com o desenrolar dos fatos. Se pudesse, voltaria atrás e não teria se envolvido com Adriana.

Quando Marieta e os filhos se levantaram, Dina, que preparava o almoço, brincou:

— Chegaram cedo para o almoço! — Todos riram. — Façam apenas um lanchinho ou não terão fome quando forem almoçar. Rafa, está tudo certo para irmos ao centro?

— Sim, vovó. Tem algum problema se a Julia for com a gente?

— Não há problema algum. Ela é bem-vinda sempre, e quem quiser ir conosco também — respondeu Dina.

— Você vai com a gente, mãe? — perguntou Rafael.

— Não sei, meu filho, não me sinto muito bem. Talvez eu não seja uma boa companhia hoje.

— O que você tem, mamãe? — tornou Rafael a perguntar.

— Sinto-me um pouco indisposta e triste — confessou Marieta.

— O que está deixando você desse jeito, mãe? — insistiu o filho.

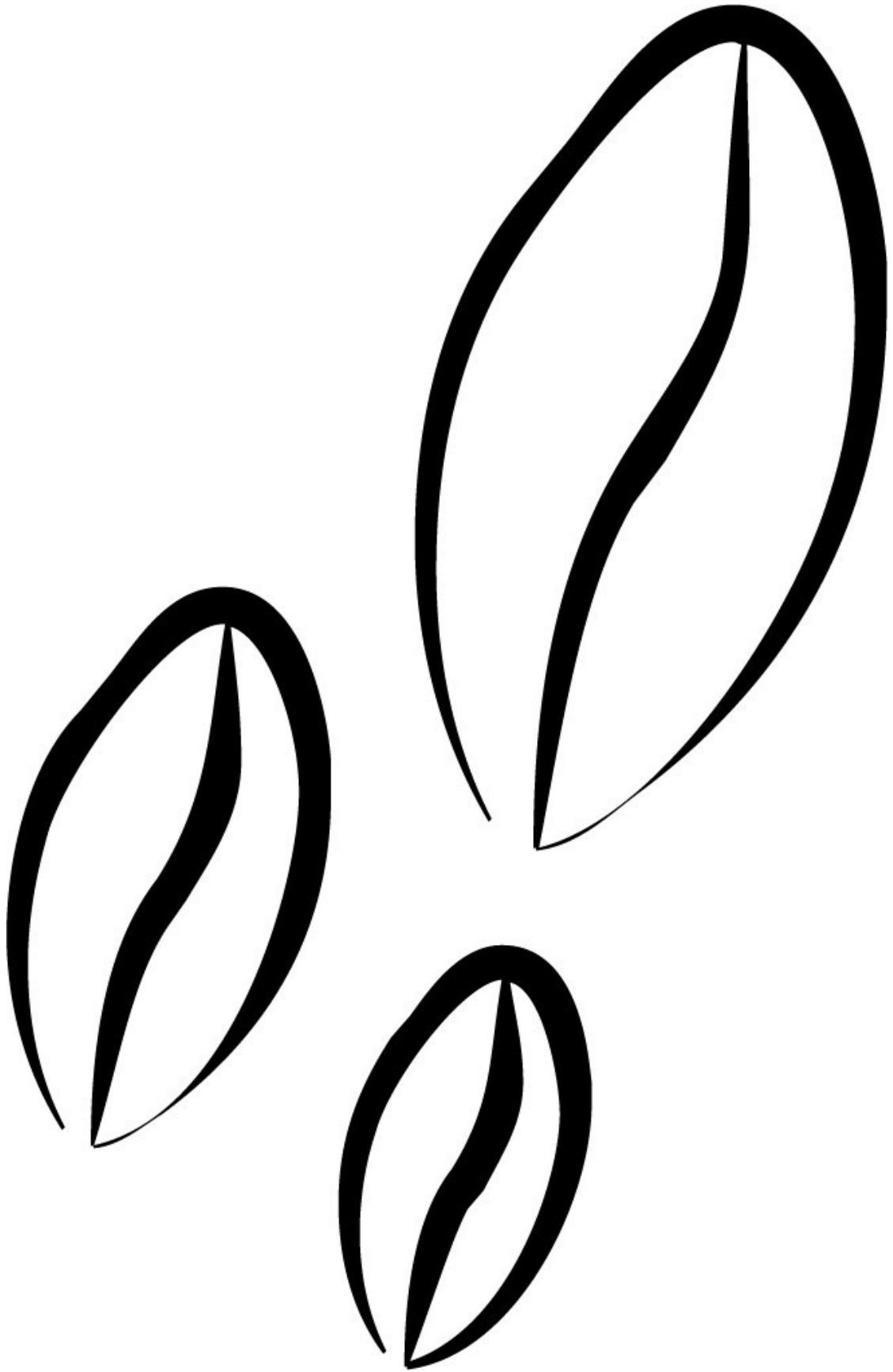
— Algumas preocupações com o meu trabalho, filho.

— Vamos conosco, mãe! Acredito que será bom para todos nós.

— Como você sabe, Rafa?

— Apenas sei, mãe. Algo em meu íntimo me diz isso.

A família continuou suas atividades matinais. Dina, Marieta e Marina foram ao mercado comprar algumas coisas que faltavam. Rafael ficou em casa fazendo alguns exercícios da escola.



Assim que Adriana se levantou, encontrou Marco Antônio deitado na sala e perguntou o que ele tinha. O amante respondeu que estava de ressaca devido aos excessos da noite anterior. Adriana comentou:

— Um porre se cura com outro porre! Vou fazer um café forte para nós dois e, mais tarde, estaremos novinhos em folha para curtir o final de semana.

— Não sei se tenho essa disposição... — reclamou Marco Antônio.

Adriana pensou: “Preciso ter paciência, coisa que me falta, para aturar essa cara de vítima de Marco Antônio. Vou fazer de tudo para que ele esqueça a família o quanto antes e perceba que tirou a sorte grande por estar comigo.”

Pouco tempo depois, a mulher se sentou ao lado do amante no chão, entregou-lhe uma xícara de café e disse:

— Sei que não deve estar sendo fácil para você, mas aproveite o momento que a vida está lhe proporcionando. Você já tomou um remédio?

— Sim, peguei um comprimido na gaveta no banheiro — respondeu Marco Antônio. — Agradeço sua compreensão, mas sei que não estou sendo uma boa companhia. Caso queira sair com suas amigas, fique à vontade.

— De forma alguma. Imagino que não deva ser fácil terminar um casamento, ainda mais com filhos. Ainda bem que eles já são grandes e mais compreensivos.

Marco Antônio permaneceu em silêncio e Adriana continuou:

— Não vou deixar você aqui nessa fossa. Estou do seu lado! Vamos sair, espairar, distrair a mente. Isto vai ajudar...

Adriana começou a acariciar Marco Antônio e o casal acabou na cama. Depois, tomaram banho, se arrumaram e saíram para aproveitar a tarde de sábado.



Julia chegou à casa do namorado, arrumada para ir ao centro com Rafael e Dina. Marina encontraria os amigos do colégio no shopping e Marieta ficaria em casa. Tomé e Lilian observavam a movimentação da família.

Já estavam prestes a sair quando Marieta apareceu na sala arrumada, dizendo que também iria com o grupo.

Do lado de fora da casa, Maria ouviu a família conversando sobre a ida ao centro e ficou ainda mais furiosa. Ordenou que Carlos e Firmino se preparassem, pois os acompanhariam. Gritava que ninguém ousaria atrapalhar os planos dela.

— Como faremos para despistá-la? — perguntou Lilian a Tomé.

— De forma alguma iremos despistá-la. É de nosso total interesse que o trio nos acompanhe. Acredito, Lilian, que essa é uma oportunidade para que o grupo também seja ajudado.

— Entendi — consentiu Lilian.

Enquanto a família tirava o carro da garagem, Maria dizia aos outros:

— Isso é coisa daquela velhaca, daquela tal de Dina. Vou acabar com ela! Temos que tirá-la daqui o quanto antes. Custe o que custar!

A família seguiu de carro acompanhada pelo trio. Tomé e Lilian se adiantaram para aguardar a chegada de todos na porta do terreiro. No caminho, deixaram Marina no shopping e combinaram que, na volta, a buscariam na casa de uma amiga.

Aguardando do lado de fora do centro, Lilian notou alguns espíritos que faziam a guarda do portão. Avistou outros com vestimentas similares situados na esquina da direita e na esquina da esquerda da quadra onde se localizava o terreiro. Ela se virou para Tomé e pediu mais explicações a respeito da função daqueles homens e mulheres.

— Lilian — explicou Tomé —, uma casa espiritual comprometida com o bem e com a caridade requer uma cobertura espiritual para a realização dos trabalhos caritativos. Os espíritos que você observou são os exus e as pombagiras; eles

trabalham como sentinelas espirituais e ficam localizados na porteira, no quarteirão e no entorno do terreiro. São graduados como soldados e têm a função de proteger e assegurar o bom andamento dos trabalhos. Estes espíritos estão subordinados a exus e pombagiras de maior graduação espiritual, em especial ao exu e à pombagira responsáveis pelos trabalhos da casa. Durante toda a sessão, eles tomam conta do perímetro do terreiro, contendo o ataque de turbas e afastando espíritos arruaceiros, zombeteiros e obsessores em geral. Só permitem a passagem daqueles que têm alguma possibilidade de serem ajudados e que não colocarão os trabalhos em risco.

— Tomé, esses são os conhecidos e controversos exus que baixam nos terreiros de Umbanda?

— Bem, Lilian, os exus e as pombagiras que você viu são destacados para a função de guardas e ainda não têm permissão e condição moral de incorporar. Tal ordem de espíritos responde a uma organização, possui patentes e há a necessidade de evolução até que se chegue ao grau de merecimento. Também precisam estudar para que realizem trabalhos de aconselhamento caritativo. Todavia, são espíritos que já estão sensibilizados e comprometidos com o bem maior.

“Infelizmente, a “controvérsia” que você destacou a respeito dos exus muito se dá devido à ignorância dos seres encarnados, à falta de estudo, de conhecimento, de valores morais e de comprometimento com o bem. Muitos espíritos charlatões e mistificadores se passam por exus. Usam esta nomenclatura porque encontram brechas morais em médiuns invigilantes ou afinados com o mal. Esses espíritos começam a prestar serviços espirituais em troca de pagas dos médiuns ou às custas de oferendas macabras, além de se tornarem obsessores conscientes do mal que praticam. Muitos médiuns que usam e trabalham em conluio com tais entidades, no futuro, ao desencarnarem, se tornarão escravos deles nas regiões umbralinas.

“Na Umbanda, compreende-se que exus e pombagiras são trabalhadores a serviço da Lei, auxiliando os trabalhos dos caboclos e dos pretos-velhos. Essa ordem e classe de espíritos está subordinada ao exército de Ogum. Como Ogum, o representante da Lei de Deus, poderia permitir que seus espíritos legionários fossem arruaceiros ou indisciplinados? Tal fato seria deveras incongruente.

“Lilian, em uma religião, em uma casa de caridade a serviço de Cristo, não há

espaço para a prática do mal. Se faz o mal, não é religião, muito menos Umbanda. Pode ser chamada de qualquer outra coisa, pois distancia-se do princípio teológico de toda religião: ajudar o religare do homem com o Sagrado, com o Divino que habita em seu interior, inspirando-o a, diariamente, melhorar como pessoa e a espalhar o amor, como foi muito falado e exemplificado por Jesus.”

— Agradeço, Tomé, por sua paciência em esclarecer minhas dúvidas.

— Lilian, explico de coração — respondeu Tomé.

Tomé e Lilian avistaram o carro conduzido por Marieta, que trazia Rafael, Julia, Dina e o trio espiritual. Firmino continuava silencioso e sem muita consciência do que se passava. Carlos estava preocupado e Maria ensandecida.

Estacionaram, desceram do carro e viram uma pequena fila que se formava no portão do terreiro. Rafael, com a curiosidade aguçada e atento a tudo, viu uma placa logo acima do portão com o nome “Tenda de Umbanda Ogum de Lei — Casa de Caridade Vovó Maria Redonda das Almas”.

Tomé e Lilian, que acompanhavam a família e o trio espiritual, foram saudados por uma das sentinelas da porteira:

— Pai Tomé, com sua licença — falou um dos espíritos que estava de guarda na casa. — O chefe dos exus da casa, o senhor Tranca-Ruas das Almas, pediu para informá-lo que o espírito de Maria será contido na porteira, os demais terão acesso liberado. Maria se encontra em grande estado de perturbação, e isso pode colocar em risco o andamento dos trabalhos. Desta forma, em momento propício, ela será contida e levada para o processo de desobsessão.

— Meu irmão — falou Tomé —, agradeço a atenção e a informação prestadas.

A sentinela saudou Tomé e bateu em retirada a fim de continuar os afazeres.

— Tomé, como eles farão esse procedimento? — perguntou Lilian.

— Eles possuem os recursos necessários para tal finalidade. Além disso, são espíritos especializados na segurança dos trabalhos espirituais das instituições religiosas, contam com tecnologia avançada e equipamentos similares aos escâneres terrestres que fazem a leitura vibracional dos encarnados e

desencarnados rapidamente. Assim, definem quem será atendido por cada médium e cada entidade... quando isso não é feito previamente, como no caso de Rafael.

Uma hora antes do início dos trabalhos espirituais, os portões do templo foram abertos e, enquanto a fila caminhava, Lilian aproveitou para perguntar a Tomé por que o portão não ficava aberto direto, como nas igrejas.

— Porque o objetivo espiritual dos trabalhos é de natureza distinta. Uma gira de Umbanda requer um anteparo diferente dos cultos e missas realizados nas igrejas. Quando encarnada, Lilian, alguma vez lhe pediram que fizesse um resguardo antes de ir a uma missa ou a um culto? Sabia que os praticantes ativos da Umbanda realizam esse procedimento? — questionou Tomé.

— Não — respondeu Lilian, de pronto.

— Na prática umbandista, o resguardo antes dos trabalhos espirituais é necessário. Cabe aos médiuns se abster de carne vermelha, das relações sexuais, de bebidas alcoólicas, de visitas a locais mal assistidos, além de redobrar a vigilância sobre seus pensamentos. Cada médium tem o dever de elevar seu padrão vibratório ao máximo com o objetivo de se conectar melhor aos guias e protetores espirituais, deixando sua energia o mais rarefeita possível. Os espíritos estão em outra dimensão vibracional, atuam em outra faixa e frequência, diferentes das de seus aparelhos mediúnicos. Apesar de todo esse preparo dos médiuns, ainda assim há a necessidade de os guias deixarem suas energias mais densas para ter êxito no processo de incorporação.

“A ambiência do terreiro também deve ser preservada ao máximo, pois, ao abrirem os portões, as pessoas têm dificuldade para ficar em silêncio, orando, meditando ou fazendo suas mentalizações antes dos trabalhos. O que percebemos é um burburinho sem fim antes e, até mesmo, durante os trabalhos. Também é evidente o egoísmo de muitos encarnados, que só vêm às casas de Umbanda em busca de benefícios pessoais, e quando os conquistam, desaparecem. Muitos esquecem que a religião de Umbanda, assim como as demais, tem a finalidade de despertar o que há de melhor em cada um. Muitas pessoas, equivocadamente, creem que o espírito manifestado tem a função de oráculo ou de empregado para atender ao bel-prazer e ao vil interesse egoico delas.”

Passando pelo portão, a família de Rafael se deparou com dois médiuns vestidos de branco que davam as boas-vindas e defumavam os visitantes — um médium tinha nas mãos um pote com a mistura de algumas ervas secas; e o outro manuseava um turíbulo com o braseiro de ervas queimando.

Rafael achou aquilo diferente; nunca havia visto. O médium pediu que ele abrisse os braços e fechasse os olhos enquanto cruzava seu corpo com o braseiro e explicava que a defumação era um rito de limpeza e harmonização, que enquanto estivesse passando o defumador pelo corpo dele, que fizesse seus pedidos. Depois, pediu que o jovem virasse de costas e repetiu o procedimento. Rafael seguiu as orientações do médium e sentiu um bem-estar.

Ao lado dos médiuns estava o espírito de um caboclo que os auxiliava na defumação. Ele saudou Tomé e Lilian, dando-lhes boas-vindas.

Ao lado da família de Rafael estavam Firmino, Carlos e Maria na soleira do portão. O trio achava que estava passando despercebido, pois ainda não tinham avistado nenhum outro desencarnado. Carlos e Firmino conseguiram passar pelo portão, mas, para a surpresa deles, Maria teve o acesso bloqueado por uma força invisível. Firmino e Carlos tentaram retornar para onde Maria estava, mas eles não conseguiam sair, e ela não conseguia entrar. Maria só xingava e bufava de ódio.

Lilian, vendo aquela situação, olhou de forma interrogativa para Tomé, que logo lhe deu as devidas explicações:

— No portão do terreiro, existe uma espécie de portal. Só entram encarnados e desencarnados autorizados.

— Como assim? — inquiriu Lilian.

— Os espíritos que fazem a guarda do terreiro monitoram a presença de todos os espíritos desencarnados, e só concedem acesso àqueles que, de alguma forma, podem ser ajudados — explicou Tomé, pacientemente. — Já os encarnados, mesmo com o endereço e uma placa com o nome do centro acima do portão, não conseguem localizá-lo, é como se ficasse invisível aos olhos de alguns. Sabe quando você passa inúmeras vezes em um local e nunca repara na existência de algo? É assim: como se algumas pessoas tivessem uma venda nos olhos. No momento certo, Maria será introduzida nas dependências do centro para que tentemos ajudá-la.

Lilian ficou em silêncio e Tomé registrou o questionamento mental dela.

— Minha irmã — falou Tomé —, você já ouviu um ditado popular que diz: “De que adianta querer dar luz ao cego, se o mesmo não quer enxergar?”

— Entendi, Tomé! Só podemos ajudar aqueles que desejam ser ajudados.

— Isso mesmo!

Depois da defumação, a família de Rafael seguiu para a porta que dava acesso ao templo. Foram recebidos por uma médium sorridente que os cumprimentou e perguntou se era a primeira vez que visitavam a Tenda de Umbanda Ogum de Lei.

— Não só esta casa, como também a religião de Umbanda — respondeu Marieta, correspondendo o sorriso da médium,

— Que bom! — falou a médium entusiasmada. — Sejam muito bem-vindos. A Umbanda é uma religião que só trabalha para o bem. Hoje, nossa sessão de caridade será conduzida pelos pretos-velhos. Vocês serão chamados pelos números que receberam na recepção. Aproveitem para conversar com os vovôs e as vovós sobre o que os traz aqui, pois eles têm muita sabedoria e condições de orientá-los.

Enquanto os conduzia para os assentos, a médium também explicou que haveria uma rápida palestra, antes da sessão, a fim de prepará-los para os trabalhos. Pediu que ficassem em silêncio e que fizessem orações, pedidos de ajuda e de intercessão para os encarnados e desencarnados. Por fim, se colocou à disposição para sanar qualquer dúvida e retornou para a entrada do templo.

Carlos, ressabiado com o que ocorrera a Maria, fez Firmino entrar e sair do templo para ver se ficariam presos ou separados novamente. Depois, ficaram perto da família de Rafael. Firmino não sabia explicar, mas sentia um nó na garganta, um aperto no peito e vontade de chorar. Sentia algo que há muito não vivenciava: a vibração de amor emanada pelo ambiente. Lágrimas teimavam em escorrer de seus olhos. Carlos, vendo o filho chorar, ralhou com Firmino:

— Por que está chorando, seu molenga?

Firmino abaixou a cabeça aos prantos. Não conseguia falar ou explicar, apenas

um choro sofrido brotava do fundo de sua alma. Sem que Carlos visse, Tomé se aproximou de Firmino e começou a ministrar um passe. Lilian também orava por aquele irmão que sofria e, em poucos instantes, Firmino caiu em um sono profundo.

Carlos, muito confuso, sacudia Firmino, mas ele não respondia aos estímulos.

Tomé explicou a Lilian que Firmino seria o primeiro a ser auxiliado. Ele orientou que ela ficasse junto aos seus entes, pois ele auxiliaria os trabalhos da casa.

Rafael, com um olhar curioso, sentia dificuldade em se concentrar para compreender tudo o que estava à sua volta. Sentado na assistência, notou que havia uma pequena mureta dividindo o local onde estavam sentados do salão onde ocorriam os trabalhos. No fundo do salão, uma cortina de renda não permitia que ele tivesse uma visão clara, porém era notório que existia um altar atrás. Alguns médiuns vestidos de branco — as mulheres de saia e camisa branca, os homens de calça branca e jaleco —, ajeitavam as coisas. Quando olhou para o lado, percebeu que a mãe, a namorada e a avó seguiam as orientações da médium que os recebera, deixando-o constrangido.

Dina orava em favor dos familiares, dos amigos e da mãezinha e do marido que já haviam partido. Também pedia pelos desconhecidos. Lilian, ao lado da filha, via que uma luz cor-de-rosa saía do coração de Dina e ia em sua direção. Agora entendia os benefícios da prece feita com amor, carinho e saudade. Afagando os cabelos de Dina, Lilian lhe disse:

— Filha do meu coração, sua mãezinha está ao seu lado. Apesar da ausência física, nunca deixei de estar com você.

Dina se lembrou da mãe com carinho e sentiu o cheiro do perfume que Lilian usava enquanto encarnada.

Conforme Julia rezava, pensava em sua família e em sua casa. Orava na intenção de seus pais e pedia a proteção de Deus. A força da prece de Julia gerou um pedido que foi registrado pelos trabalhadores do plano espiritual do terreiro. Imediatamente, uma equipe de apoio partiu em direção à casa da moça, recolhendo alguns espíritos presentes no local e fazendo uma limpeza na psicofera do lar.

Marieta rezava o pai-nosso. Pedia na intenção dos filhos, da mãe, do trabalho, da casa e clamava por uma orientação sobre qual caminho tomar em seu casamento. Os trabalhadores espirituais notaram que ela estava envolta em uma demanda espiritual, e precisavam aguardar o direcionamento dos guias espirituais para saber como conduziram a situação dela.

Rafael fechou os olhos e, de forma simples e genuína, pediu ajuda para a situação por que passava e para as pessoas que amava. Também clamava que Pai Tomé estivesse ao seu lado e lhe desse um sinal que confirmasse, de alguma forma, tudo que ele havia sonhado e sentido nos últimos dias. Tomé, na parte do salão destacada aos trabalhos espirituais, captou o pensamento de seu tutelado.

Lilian observava a intensa e serena movimentação dos diferentes trabalhadores: índios, pretos-velhos, crianças, marinheiros, boiadeiros, ciganos, orientais, freis, nordestinos, exus, guerreiros africanos e outros.

Rafael voltou a si quando ouviu um “boa-noite”. Um homem, vestido de branco, saíra de trás da cortina com um papel na mão. Ele se apresentou como Atílio — era um dos membros da corrente — e começou a ler uma mensagem de incentivo psicografada por um dos trabalhadores da casa e assinada por um amigo espiritual. Após a leitura, Atílio fez uma preleção sobre o tema, ressaltando pontos importantes que visavam a esclarecer os ouvintes. Ao término da palestra, agradeceu a atenção dos ouvintes e informou que, dentro de instantes, a gira seria aberta.

Pontualmente, no horário marcado, as cortinas foram abertas e o gongá[16] se destacou, reluzindo uma aura de paz, transmitindo boas vibrações aos presentes e transmutando energias densas. Era um verdadeiro ponto catalisador de forças.

Rafael, com extrema atenção, correu os olhos por todos os médiuns da corrente e viu que em um tablado estavam dispostos três atabaques.

Dona Fátima cumprimentou os presentes, explicou sobre os trabalhos do dia e começou uma oração, sendo acompanhada pelos outros membros da corrente. Durante a prece, Lilian identificava pontos de luz que saíam do corpo de Fátima e dos médiuns, conectando-os ao gongá. Em seguida, a dirigente pegou um turíbulo e puxou um ponto de defumação. Enquanto defumava encruzando o terreiro, os atabaques a acompanhavam de forma ritmada. Todos os presentes acompanhavam o cântico com palmas cadenciadas. Rafael batia palmas

entrosado com a liturgia da casa. Após a defumação, Fátima colocou-se diante do altar e cantou outros pontos, saudando diferentes orixás e entidades. Depois, saudou os pretos-velhos, e todos os filhos saudaram o solo, tocando-o três vezes com a ponta dos dedos.

À medida que tudo registrava, muitas dúvidas assolavam o pensamento de Rafael: “Depois, perguntarei tudo a vó Dina; espero que ela consiga esclarecer”.

Um dos homens que tocavam atabaque começou a cantar para Vovó Maria Redonda. Neste momento, Lilian viu que Etelvina, em espírito, se aproximava de Fátima. Em uma fração de segundos, Etelvina mudou sua formatação periespiritual, tornando-se uma preta-velha vestida de branco e arqueada. Ao mesmo tempo, fios sutis de energia ligaram a médium ao espírito. Naquele instante, para os presentes do plano físico, se manifestou a negra-velha Maria Redonda das Almas. Em perfeita sintonia, guia espiritual e médium trabalhavam. Vovó Redonda, como os filhos da corrente carinhosamente a chamavam, saudou o gongá, a assistência, os atabaques e sentou-se em um banquinho.

Em seguida, mais um ponto foi puxado e os médiuns começaram a incorporar diferentes entidades da falange dos pretos-velhos. Enquanto os guias se manifestavam, os atabaques davam ritmo aos trabalhos. Quando todos estavam prontos, começaram as consultas.

SUBOCÉU DE ARUANDA

12

ACONSELHAMENTO ESPIRITUAL

Rafael assistia a tudo extasiado, aquilo mexia com ele. Já fora à igreja algumas poucas vezes, porém nunca se sentira tocado, achava muito entediante. Aquela profusão de estímulos que o terreiro lhe proporcionava era diferente: os aromas, a musicalidade, a energia, a emoção, o arrepio correndo em seu corpo, seu coração batendo acelerado, proporcionavam-lhe uma vivência sem igual.

Os números de Julia e Dina foram chamados: a jovem fora direcionada para ser atendida pela preta-velha Vovó Maria Conga; e Dina foi encaminhada ao preto-velho Pai Joaquim de Angola.

— Lilian — chamou Tomé —, aproxime-se. Uma sessão de Umbanda é uma grande oportunidade de aprendizado.

Tomé levou Lilian até o local do terreiro onde Dina estava sendo atendida por Pai Joaquim. No plano espiritual, o espírito do preto-velho deu uma piscadela para os dois. Através do médium, o velho dizia para Dina não se preocupar com o neto, pois tudo estava se encaminhando conforme a vontade do Senhor. Também falou o quão importante era a presença dela ao lado da filha neste momento, pois parte do problema que ela enfrentava no relacionamento era oriundo de magia, mas a outra cabia ao casal. Por fim, Pai Joaquim perguntou se Dina gostaria de perguntar mais alguma coisa, e ela apenas agradeceu a oportunidade. Então, o pai-velho pediu que ela fechasse os olhos, que ele iria rezá-la. Pegou um galho de guiné e começou a rezar Dina — a erva magnetizada pelo preto-velho espargia seu aroma sobre o corpo astral da mulher, promovendo a renovação de seu campo energético. Ao final, Pai Joaquim, enquanto abraçava Dina, disse-lhe que a mãe dela estava bem, que estava mais próxima do que ela imaginava e que vinha estudando e se preparando para ajudar os mais necessitados. Completou dizendo que, naquela ocasião, ela acompanhava a família na visita ao terreiro. Dina secou as lágrimas e retornou para a assistência.

Lilian e Tomé se aproximaram de Vovó Maria Conga, que já finalizava o atendimento. Enquanto a preta-velha benzia Julia com um rosário de lágrimas-de-nossa-senhora, estalava os dedos, harmonizando os chacras da jovem.

Quando a velha acabou de rezá-la, Julia respirou fundo, agradeceu e tomou a benção da vovó.

Quando Julia retornou, Rafael falou baixinho para a namorada:

— Nossa, vocês demoraram.

— Sério? Nem notei — respondeu Julia.

— Vocês ficaram pouco mais de meia hora — comentou Rafael.

Nesse instante, a médium que os recebera foi até o casal e pediu que fizessem silêncio, pois os trabalhos ainda estavam em andamento. Julia e Rafael ficaram um pouco sem graça com a reprimenda, desculparam-se e calaram-se.

A gira prosseguia. Atílio, manifestado com o preto-velho que o acompanhava, foi até a assistência levar um consulente que já havia se consultado. Depois, virou-se para Marieta e Rafael e pediu que tivessem um pouco mais de paciência, pois seriam atendidos por último. Mãe e filhos aquiesceram com a cabeça, sem entender o motivo.

Tomé olhou para Lilian e explicou que, no caso de ambos, era necessária uma puxada. Como Lilian tinha uma expressão interrogativa, Tomé complementou:

— Esta é uma terminologia comumente empregada nas casas de Umbanda para designar os trabalhos de desobsessão.

— Entendi — disse Lilian.

Não tardou muito para que o número de Rafael fosse chamado. O jovem se levantou e, ao pisar no chão do salão onde ocorriam os trabalhos espirituais, pareceu que uma descarga elétrica percorreria seu corpo, sentiu calafrios e uma tremeadeira que não conseguia explicar. Sentou-se diante de Vovó Maria Redonda, e Pai Tomé se colocou ao lado da preta-velha.

Vovó Redonda pediu que o rapaz fechasse os olhos e se concentrasse no ponto que estava sendo cantado. Rafael seguiu as recomendações e começou a sentir um peso em suas costas, forçando-o a se encurvar; sua mão esquerda foi, involuntariamente, para as costas; e sua a mão direita estalava os dedos de forma circular em volta da cabeça dele mesmo. Ao mesmo tempo, tinha sensações

fisiológicas: ouvia a batida do cajado de Pai Tomé no chão e sentia um forte cheiro de manjerição. Rafael não conseguia controlar o corpo, mas estava consciente de tudo o que se passava. Escutou quando a preta-velha deu boas-vindas a alguém no pé de seu ouvido, mas parecia que ela falava com outra pessoa, e não com ele. Depois, ela agradeceu a presença daquele pai-velho e Rafael voltou ao normal.

Recompondo-se, Rafael olhava assustado para os olhos da preta-velha. Sorrindo, ela lhe disse que ele era médium — um cavalo de Umbanda — e que tinha um preto-velho que o acompanhava. Pediu que o jovem ficasse tranquilo, pois a entidade estava ao lado deles para ajudá-lo.

— Vovó — disse Rafael —, perdoe minha ignorância, mas a senhora pode me explicar o que é ser médium?

— Filho — disse a preta velha com simplicidade —, olhe em volta. Todos são médiuns, mas os cavalos são os que possuem a mediunidade da incorporação. Nós, os guias, usamos os médiuns como medianeiros para nos comunicar. O filho ouve música em sua casa?

— Sim — respondeu Rafael, sem entender aonde ela queria chegar com aquela pergunta.

— O filho sabe que o aparelho de som possui uma anteninha — explicava com carinho — que capta o sinal e o decodifica para que você ouça a música. Certo?

— Certo, Vovó!

— O mesmo se dá entre os médiuns e os espíritos. Os médiuns possuem as condições necessárias para captar, de diferentes formas, as mensagens do plano espiritual. Podemos dizer que a anteninha deles consegue estabelecer uma conexão com o mundo espiritual. Apesar de o filho não ver as ondas do rádio, sabe que elas existem. O mesmo se dá com a espiritualidade.

— Tem sentido — falou Rafael pensativo.

— Tudo é uma questão de você desenvolver as habilidades necessárias para ser um bom instrumento da espiritualidade, a serviço do Bem e de Jesus.

— Eu sou obrigado a desenvolver essas habilidades? — questionou Rafael.

— Claro que não, filho! — respondeu Vovó Maria Redonda. — Todos nós, encarnados ou desencarnados, somos dotados do livre-arbítrio que foi concedido por Deus. A mediunidade é uma benção conferida aos encarnados para acelerar a quitação de débitos junto à lei de causa e efeito.[17] O menino não precisa se sentir obrigado a nada. Mediunidade é coisa séria, coisa santa, requer estudo, preparo, dedicação, entrega... é uma ferramenta para consolar os aflitos, curar as feridas da alma, ajudar os necessitados, e com a qual o médium vai curando as próprias feridas, lidando com as próprias mazelas e aprendendo a exercer o legado do amor ensinado por Jesus. Antes de qualquer compromisso, o filho deve conhecer a Umbanda e, no momento adequado, avaliar se é este o caminho que deseja seguir. Caso o filho deseje, depois pode marcar para conversar com meu cavalo, ela vai dedicar mais tempo a você, explicando e esclarecendo suas dúvidas.

— Agradeço, vovó! Vou falar com seu cavalo — concordou Rafael, tentando se ambientar à terminologia. — Tenho uma série de perguntas acerca dos trabalhos que presenciei desde minha chegada ao terreiro.

— Faça isso, menino — reforçou Maria Redonda. — Agora, essa nega-velha deseja falar outra coisa com você. O filho me permite?

— Sim, sou todo ouvido, vovó!

— Nos últimos tempos, o filho tem sentido mal-estares, e os médicos da Terra não conseguiram achar a causa. Certo, filho?

— Isso mesmo, vovó! — confirmou Rafael.

— Então... o filho vem sendo mal assistido nos últimos tempos. Quer dizer, há muito tempo, e isso está acarretando tudo isso — falou a preta-velha.

— Como assim “há muito tempo”? Do que se trata?

— Filho, isso é coisa antiga, de outros tempos, de outras vidas. Apesar de o filho não se recordar, fez escolhas equivocadas, e isso influencia seu caminhar até os dias de hoje. Como Deus é um Pai bom e justo, hoje, com permissão Dele, vamos interceder por todos os envolvidos.

— Desculpe, vovó, mas não estou compreendo o que está dizendo.

— O filho está sendo acompanhado por três espíritos que prejudicara em outra vida, há bastante tempo, e isso traz sofrimento para todos vocês até os dias de hoje. É preciso, filho, pedir perdão, de coração, para que sua consciência o liberte dessas amarras. Além de buscar ser uma pessoa melhor diariamente, busque ser diferente do que foi no passado.

— Vovó, apesar de eu não me recordar, vou fazer o que me orienta, pois confio na senhora e em Pai Tomé — disse Rafael.

— Essa velha fica contente, criança. Peço que, durante os trabalhos que vou realizar, fique em oração, peça perdão e perdoe todas as ofensas.

Os trabalhos quase terminavam no terreiro. Marieta era a única que não havia sido atendida. Ela seria consultada por Pai Serafim do Congo. O preto-velho pediu que ela tivesse paciência. A maioria dos consulentes já havia ido embora.

Vovó Maria Redonda se levantou do banquinho, pegou uma pamba[18] branca sobre o gongá, fez um círculo no chão e pediu aos cambonos[19] que colocassem um copo com água e uma vela branca pequena no centro. Em seguida, pediu que Rafael ficasse no centro do círculo de olhos fechados e seguisse as orientações que ela havia lhe passado. Depois, a preta-velha chamou três médiuns, os posicionou dentro da roda — um atrás, um à esquerda e outro à direita de Rafael — e pediu que firmassem suas cabeças, pois fariam uma puxada. No plano espiritual, o círculo se assemelhava a um campo de força.

Vovó Maria Redonda começou a cantar um ponto. O primeiro a ser trazido pela equipe espiritual do centro foi Firmino, que despertou do sono induzido pelo passe de Tomé. Firmino incorporou em uma médium que estava à direita de Rafael, muito confuso; só chorava. Com carinho, firmeza e presteza, a preta-velha deu início à doutrinação. Firmino aceitou a ajuda e adormeceu novamente, sendo transportado para um leito no plano espiritual do terreiro. Após desincorporar, a médium deu passagem à preta-velha que a acompanhava, e que veio descarregá-la dos resquícios enfermiços deixados pelo espírito de Firmino.

Carlos ficou atônito quando viu o espírito de Firmino manifestado dentro da roda, comunicando-se através da médium. Como um bicho acuado, tentou fugir, mas não conseguiu, e tentou atacar a médium Etelvina, já que não enxergava o espírito da preta-velha. Quando partiu para o ataque, no plano espiritual, foi laçado por um boiadeiro que auxiliava a sessão. Envolto pela corda astral,

tombou no chão. Enquanto os ogãs continuavam firmando o ponto-cantado, Carlos foi levado à roda pelo boiadeiro e incorporou no médium que estava à esquerda de Rafael. O espírito de Carlos não conseguia se mexer, pois estava contido.

— Filho — falou Maria Redonda para Carlos —, muitos anos já se passaram desde que tudo aconteceu. Já é tempo de recomeçar. O que acha de deixar tudo isso para trás e tentar uma vida nova?

— Minha vida é essa, velha! — Agora, Carlos podia ver o espírito de Maria Redonda. — Ele nos pertence e você não tem o direito de se meter.

— Você é feliz com a vida que leva? — perguntou a preta-velha, inabalável.

— O que é felicidade? — rebateu Carlos. — Há muito, não sei do que se trata.

— Filho — falou a preta-velha —, peço que se recorde dos momentos em que foi feliz na sua última encarnação.

Com o apoio da equipe espiritual do terreiro, Carlos se recordou dos tempos de menino, das brincadeiras, das carícias da mãe, de quando conhecera Maria e do amor que sentira por ela. As imagens fluíam em sua mente.

— Onde estão seus entes amados do passado? — perguntou Maria Redonda.

— Não faço ideia... — respondeu Carlos, olhando para o chão.

— Mas eu faço, filho! Olhe para o lado e veja quem está aqui, com a permissão de Deus.

Quando se virou, Carlos viu o espírito de sua mãe e começou a chorar.

— Meu menino, chega disso tudo. Perdoe para que possa seguir adiante. O ódio e a vingança estão corroendo sua alma. Siga conosco. Vamos?

Como uma criança encabulada, Carlos assentiu para a mãe, aceitando a ajuda. Assim que o espírito desincorporou do médium, o boiadeiro que estava ajudando nos trabalhos se manifestou, bradando, e promoveu a limpeza do aparelho mediúnico e do ambiente.

Maria Redonda falou para os filhos da corrente:

— Peço que se mantenham firmes, pois a chefe do grupo será trazida.

Os trabalhadores cantavam um ponto com fervor enquanto a preta-velha estalava os dedos em várias regiões do corpo da médium que estava atrás de Rafael na roda. Depois de alguns instantes, Maria foi conduzida ao interior do terreiro, dominada por correntes espirituais colocadas pelas sentinelas da casa. Transtornada, Maria jurava vingança a todos.

Quando posta dentro da roda, protestou e quis saber quem a obrigava estar ali. Nesse momento, Tomé se materializou ao lado de Maria Redonda, ficando visível para o espírito de Maria.

— Vocês pensam que me intimidam? — debochava Maria. — O que vocês fizeram com Carlos e Firmino?

— Maria — falou Tomé —, já é tempo de mudança. Chega de ficar presa ao passado. Mais uma vez, emissários do Pai surgem em seu caminho e oferecem ajuda.

— Esse é um problema de vocês, eu nunca pedi ajuda! Sempre disse que me deixassem em paz, para o meu acerto de contas — contestou Maria. — Agora, me digam: o que fizeram com Firmino e Carlos?

— Eles foram socorridos por nossa equipe — respondeu Maria Redonda.

— Socorridos onde? Fizemos um pacto de nos vingarmos de Otávio até a eternidade. Apesar de, hoje em dia, ele estar em outro corpo, seu espírito tem consciência do mal que nos fizera.

— Sim, o espírito de Otávio tem consciência dos muitos erros que cometera no passado, porém pediu uma nova chance ao Pai para fazer diferente, aprender com os erros e crescer diante das dificuldades. A Misericórdia Divina o atendeu: concedeu-lhe a dádiva do esquecimento e do recomeço.

— Isso é injusto comigo — protestou Maria. — Fui ultrajada por esse monstro e jamais o perderei. Carlos e Firmino podem tê-lo perdoado, mas fui eu quem mais sofreu, e não vou largá-lo. Serei firme como uma rocha em meu ideal. Vocês podem fazer o que quiserem, mas, como dizem, tenho meu livre-arbítrio, e

não vou permitir que ele tenha paz em vida ou após a morte.

— Bem, Maria — falou Tomé —, infelizmente, você continua endurecida, se colocando em uma posição crítica, fechada para ser ajudada. Otávio, no entanto, teve uma moratória concedida pela Justiça Divina, e não mais permitiremos que sua influência danosa incorra em risco para a atual encarnação deste irmão. Desta maneira, já que não quer seguir em paz, será afastada dele à força.

— Vocês não ousariam fazer isso! Não admito! — gritou Maria. — Posso ser afastada dele provisoriamente, mas esse crápula continua o mesmo. Agora, só está usando uma pele de cordeiro, mas é o lobo voraz de sempre.

Rafael se mantinha em oração de olhos fechados. Ouvindo o que Maria dizia através da médium, pedia perdão pelas dores e danos causados, dizia que lamentava e que estava comprometido em se tornar uma pessoa melhor.

— Infelizmente, Maria, a irmã não nos deixa outra alternativa — disse Vovó Redonda.

Nesse instante, Maria foi afastada da médium, que deu passividade ao Exu Capa Preta. O guia chegou para descarregar e auxiliar o corte dos laços danosos que ligavam o espírito de Maria ao de Rafael. Em paralelo, uma equipe de sentinelas comandada por Tranca-Ruas das Almas levava Maria para as regiões abissais das fendas umbralinas, onde ela ficaria contida por um tempo, sem transitar no plano físico. Devido ao excesso de ódio nutrido por Maria, ela modificou sua forma perispiritual para uma aparência bestial, a fim de assustar os exus que a conduziam. Como são espíritos habilidosos na tratativa dos casos de obsessões complexa, eles não se deixaram intimidar e prosseguiram com o aprisionamento da infeliz.

Por fim, Vovó Maria Redonda deu as mãos a Rafael, retirando-o do círculo e falando para ele.

— Para ser ajudado, é necessário que se ajude, sendo um homem reto, valoroso e comprometido com o bem do próximo. Apenas assim conseguirá se desligar do espírito dessa irmã que o persegue pelo mal que você fizera a ela há mais de um século. Não se preocupe ou se apegue ao passado. Faça seu agora diferente, pois, dessa maneira, terá uma boa colheita no futuro.

Rafael agradeceu, despediu-se da velha Redonda, pediu sua benção e retornou ao

seu lugar.

Julia e Dina esperavam por Rafael, que foi beber um pouco de água e lavar o rosto assim que saiu do salão. Retornando para junto da avó e da namorada, ficou aguardando por Marieta, que já estava sendo atendida por Pai Serafim, um preto-velho experiente no desmanche de trabalhos de magia negativa.

Diante do preto-velho, Marieta começou a chorar. Pai Serafim colocou a mão no ombro dela e disse:

— Quanta confusão está na sua cabeça e no seu coração, criança! Por conta da falta de conversa, você e seu companheiro, infelizmente, foram se afastando do amor que os unia. Mas isso não justifica as últimas atitudes dele, que se distanciou da família e abriu uma porta para o inimigo, indo parar em um serpentário. Enfim, criança — falou Pai Serafim —, foi feito um trabalho de amarração para seu companheiro, e é importante que seja desfeito.

— Não sei se o quero de volta. Já não é a primeira vez que ele me engana.

— Entendo, filha — assentiu o preto-velho —, mas independente de qualquer coisa, vamos desfazer a imundície que foi feita. Assim, cada um de vocês poderá tomar a decisão por si mesmo, sem a influência negativa.

Marieta concordou, aceitando a orientação do preto-velho.

Pai Serafim prescreveu um banho de descarrego para Marieta tomar por sete dias seguidos a partir da segunda-feira. Depois, pediu licença à consulente e foi falar com Maria Redonda, pedindo autorização para fazer uma limpeza no cruzeiro das almas, na parte externa do terreiro. Autorizado, o preto-velho chamou o cambono e saiu do salão acompanhado de outros três médiuns e Marieta.

Tomé e Lilian seguiram para a parte externa junto com Pai Serafim. Tomé, antevendo as dúvidas de Lilian, iniciou as explicações: disse-lhe que seria realizado um forte trabalho para o desmanche da magia, e que não cabia fazê-lo diante da assistência, preservando Marieta dos olhares curiosos.

Pai Serafim colocou Marieta diante do cruzeiro, riscou um ponto em uma tábua, firmou uma vela, colocou um copo de água no chão e fincou um ponteiro[20] sobre o ponto. O cambono trouxe algumas ervas, que entregou ao preto-velho. Em seguida, o guia explicou a Marieta que seria realizada uma limpeza. Pediu

que, enquanto eles estivessem trabalhando, ela ficasse em oração, mentalizasse o marido e entregasse o problema que atravessava nas mãos de Deus.

Sob o comando do preto-velho, os médiuns iniciaram um bate-folha — um ritual de limpeza. Em seguida, deram um banho de pipoca em Marieta. Pai Serafim cobriu o ponto-riscado com tuia[21] e, pedindo que ela pensasse fixamente no marido, riscou um fósforo, gerando uma pequena explosão que levantou fumaça. Ao mesmo tempo, dois médiuns incorporaram um exu e uma pombagira, que chegaram para concluir a limpeza espiritual de Marieta.

No instante da explosão, Marco Antônio estava na rua acompanhado por Adriana. Ele sentiu náusea e tontura, que o fizeram balançar. Ele informou à amante que precisava voltar para casa, pois não se sentia bem.

— Filha — falou Pai Serafim, baforando a fumaça de seu cachimbo em volta do corpo de Marieta —, esse filho, que é seu companheiro, ainda virá aqui conversar com esse velho. Peço que tenha fé, reze todos os dias pedindo direção e confie seus problemas a Deus. Tenha a certeza de que Ele está no controle de sua vida.

Pai Serafim retornou para dentro do terreiro acompanhado de Marieta e dos médiuns. Levou a consulente até o gongá e pediu que ela batesse sua cabeça, entregando todos os pensamentos que a incomodavam. Depois, se despediu de Marieta e pediu que ela retornasse na próxima consulta, pois dariam continuidade ao tratamento espiritual.

Terminado o atendimento de Marieta, os pretos-velhos agradeceram a presença de todos; Maria Redonda disse algumas palavras aos presentes para fechar os trabalhos; e os ogãs puxaram um ponto de subida:

Dá a mão ao velho,
que o velho vai caminhar.

Dá a mão ao velho,
que o velho vai caminhar.

Vai devagar, vai devagarinho,

quem caminha com velho

nunca fica no caminho.

Vai devagar, vai devagarinho,

quem caminha com velho

nunca fica no caminho.

Enquanto os pretos-velhos subiam, desincorporando dos médiuns, Rafael prestava atenção na letra do ponto. Tinha a certeza de que não caminhava sozinho. Tinha a convicção de que Pai Tomé sempre estaria ao seu lado, protegendo-o.

Fátima fez uma oração de encerramento dos trabalhos e terminou a sessão de caridade com todos os presentes, de mãos dadas, cantando o hino da Umbanda.

Ao final, Dina foi cumprimentar Fátima, agradecendo a acolhida, elogiando a condução dos trabalhos e apresentando sua família. Rafael aproveitou a oportunidade com a dirigente e falou sobre a orientação de Vovó Maria Redonda. Queria agendar um horário com Fátima para sanar algumas dúvidas. Fátima pediu que o rapaz entrasse em contato durante a semana para combinarem um horário.

A família de Rafael se despediu de todos e seguiu para o carro. Estavam maravilhados com a firmeza, a simplicidade e a seriedade dos trabalhos daquela noite. Estavam indo buscar Marina na casa de uma amiga e conversaram sobre os acontecimentos por todo o caminho.

Tomé e Lilian permaneceram no terreiro. Ainda que os trabalhos no plano físico estivessem encerrados, os trabalhos no plano espiritual não paravam, principalmente após a sessão. Precisavam realizar muitas visitas e outras atividades.

Marco Antônio chegou em casa nauseado, sentia algo que não conseguia definir.

Adriana perguntou se ele queria ir a uma emergência, mas ele respondeu que não. Queria tomar uma ducha fria e se deitar. Tónico, que acompanhava o casal de amantes, sabia que algo estranho havia acontecido, mas não sabia o quê. Assim, resolveu continuar observando; depois procuraria Telma para relatar o ocorrido.

Em casa, Rafael e os demais lanchavam. Marina, curiosa, perguntava sobre tudo e tentava imaginar os fatos quando Rafael relatou a experiência singular que tivera. Ainda tinha muitas dúvidas a respeito, mas estava convicto de que retornaria ao centro e agendaria uma conversa com Fátima na semana seguinte.

— Da próxima vez, eu vou! — disse Marina. — O que você achou mamãe?

— Mari — respondeu Marieta —, confesso que fui receosa a respeito do que encontraria. Por isso, acabei me surpreendendo positivamente. Deparei-me com uma casa de oração, na qual fomos bem recebidos, acolhidos e orientados. Ouvi coisas que só eu sabia. Elas tinham sentido, me tocaram e me ajudaram a refletir.

— Eles falaram sobre coisas do futuro?

— Não, Mari — respondeu Julia. — Antes dos trabalhos começarem, foi explicado que os guias não são oráculos, que eles não estão ali para dizer o que devemos fazer, pois as escolhas nos cabem, somos os senhores de nossas vidas. Eu fui atendida pela Vovó Maria Conga. Ela me deu algumas orientações sobre meus pais, meu momento de vida e me ensinou algumas coisas para que eu possa lidar com minha ansiedade e tenha concentração quando prestar o vestibular.

— Pensei que eles faziam previsões para o futuro — falou Marina.

— Mari — falou Rafael —, eu ouvi algo da Vovó Redonda que me chamou muita atenção. Ela disse, com outras palavras, que o futuro nós realizamos com base em nossas ações do dia a dia. É no hoje, no aqui e no agora, que devemos nos comprometer a sermos melhores do que fomos ontem.

— Interessante — comentou Marina pensativa.

— Rafa — Dina tomou a palavra —, caso você se sinta à vontade, pode nos detalhar a experiência que tivera no centro?

— Sim, vovó — consentiu Rafael. — Bem, desde que cheguei no terreiro, comecei a sentir inúmeros calafrios. Havia momentos em que meu coração acelerava; em outros, eu me sentia entorpecido...

— Nossa! — interrompeu Marina. — Você não ficou com medo?

— Não — respondeu Rafael. — No início, fiquei me questionando se estava tendo um mal-estar, mas sentia uma paz que não conseguia explicar. Daí, comecei a perceber que, apesar das sensações estranhas, eu estava bem. Quando fui chamado para o atendimento, tirei o calçado e pisei no salão, pareceu que todos aqueles sentimentos se potencializaram, as sensações cresceram, e eu comecei a perder o controle de meu corpo. Tinha a consciência do que se passava, mas perdi o domínio sobre mim. Nessa hora, tive medo, mas, no mesmo instante, escutei a batida do cajado de Pai Tomé no chão e senti o peculiar cheiro de manjericão, e o medo se foi. Eu tinha a certeza de que não estava louco, que não estava sozinho, que ele estava ali me amparando e me dando o sinal que pedi antes de entrar. Além disso, Vovó Maria Redonda é um doce, foi supercuidadosa e me explicou uma série de coisas, mas não podia se alongar mais e me orientou que procurasse pelo cavalo dela.

— Rafa — falou Marina assustada —, depois disso você ainda pretende voltar?

— Sim — respondeu Rafael com tranquilidade. — Como disse, apesar das coisas diferentes que senti e não sei classificar, a experiência foi muito boa. Vovó Maria Redonda me explicou que sou médium de incorporação, mas não sou obrigado a me tornar umbandista ou me desenvolver. De qualquer forma, quero esclarecer algumas dúvidas, pedir mais explicações e ver se existe algum material para leitura e pesquisa. Na pouca experiência que tive com religiões, me identifiquei muito mais com a Umbanda do que com a religião em que fui batizado, o Catolicismo. Já participei de grupo jovem e assisti à missa, mas nunca me senti tão tocado quanto na vivência que tive hoje.

— Querido — falou Dina —, religiões são caminhos, cada um segue aquela com que se identifica. Não existe uma religião melhor do que a outra, todas têm sua importância no mundo. Independente de que qualquer coisa, devemos respeitar o que nos é diferente.

— Corretíssimo, vovó! — concordou Rafael.

— Bem, não sei vocês, mas estou cansada e vou dormir — falou Marieta.

— Eu também vou acompanhá-la — respondeu Dina.

— Ainda vou assistir a um filme na TV com Julia — disse Rafael.

— E eu vou ficar segurando vela e acompanhá-los durante o filme. — Marina
gracejou e todos riram.

SUBO CÉU DE ARUANDA



CORRENDO GIRA

Depois da gira, Tomé e Lilian foram agradecer a Etelvina o auxílio prestado à família. Também elogiaram a condução dos trabalhos e se colocaram à disposição para ajudar no que fosse possível após o fim das atividades terrenas. Etelvina agradeceu a disponibilidade de ambos e disse que precisava de ajuda, naquele momento, na enfermaria, pois alguns espíritos seriam transportados para postos de socorro espiritual próximos ao terreiro. Depois do traslado desses irmãos, nos reuniremos com o senhor Tranca-Ruas das Almas, para estabelecer uma estratégia para a gira que seria corrida com os outros trabalhadores da egrégora da casa durante a madrugada.

Lilian e Tomé ajudaram a equipe do terreiro. Naquela noite, Firmino e Carlos foram transportados para diferentes locais de socorro.

— Tomé — perguntou Lilian —, por que pai e filho irão para locais distintos?

— Cada um deles se encontra em um nível de evolução. Carlos requer mais cuidados, e deverá permanecer mais tempo em um posto maior e mais próximo da crosta terrestre, pois não está preparado para uma mudança vibratória repentina. Firmino está em melhor estado e receberá cuidados paliativos. Possivelmente, em breve, ele será direcionado para algum hospital da colônia espiritual.

— Entendi — respondeu Lilian. — Agora, uma outra questão que me deixou intrigada foi o uso da pólvora por Pai Serafim durante o atendimento à Marieta. Pode explicar essa ritualística?

— Claro! — confirmou Tomé. — Vou contextualizá-la sobre como acontecem os atendimentos e os trabalhos nos terreiros de Umbanda. Todas as pessoas que serão atendidas durante uma gira de caridade são previamente direcionadas pela espiritualidade da casa para os respectivos guias especializados no assunto. Em outras palavras, é realizada uma triagem espiritual que encaminha o consulente para o respectivo especialista, como em uma emergência de hospital terreno. O guia que prestará o atendimento é auxiliado pela equipe espiritual, que dá

suporte aos trabalhos da casa, e, na maioria das vezes, pelo mentor que acompanha seu tutelado.

“Apesar de, no plano físico, a Tenda de Umbanda Ogum de Lei contar com cerca de 20 trabalhadores apenas, a equipe espiritual do templo conta com mais de 200 espíritos envolvidos diretamente. Uma casa como essa requer todo um anteparo e muito cuidado para o bom andamento dos trabalhos.

“No tocante à limpeza promovida por Pai Serafim do Congo, aquele preto-velho tem vasta experiência com casos de magia e obsessão complexa. Por isso, o caso de Marieta foi encaminhado para ele, que dará continuidade e auxiliará a situação entre ela e Marco Antônio, dentro do merecimento de ambos.

“A pólvora, tuiá ou fundanga, como é popularmente conhecida nas casas de Umbanda, requer extremo cuidado em sua manipulação, pois sua queima deve ser acompanhada de rezas, pontos-cantados e pontos-riscados que visam a dinamizar a ação do fogo magicamente. Durante a explosão, os quatro elementos da natureza estão presentes: o fogo, a terra, o ar e a água. O fogo representa a queima e a transmutação de energias densas, formas-pensamento, miasmas, cascões, implantes e outros. A terra é absorvedora e tem a função de tragar todas as energias danosas. O ar tem a função de volatilizar, promovendo a renovação no campo áurico. A água, por fim, representada por um copo de água durante o ritual, simboliza a limpeza de todos os tipos de emoção, descarrega profundamente e estabelece um vínculo vibracional com o reino das águas, doces e salgadas. A água também é uma energia geradora e tem a função de trazer equilíbrio emocional para quem passar por esse tipo de trabalho. A explosão também envolve a energia dos elementais da natureza. Outro fator relevante é que, na hora em que a pólvora foi detonada, se assim pudermos dizer, por Pai Serafim sobre o ponto-riscado no terreiro, foi gerado um ricochete energético em Marco Antônio, que com certeza sentiu algum efeito colateral.

— Como assim “efeito colateral”? — quis saber Lilian.

— Lembre-se de que foi implantado um dispositivo no corpo espiritual de Marco Antônio, responsável pela emanção de comandos que lhe incitam o desejo sexual exacerbado, falsas memórias e outros tipos de ilusões para fins do trabalho de amarração. A queima do ponto de fogo foi realizada para destruir e danificar tal equipamento, a fim de que Marco Antônio possa usar o livre-arbítrio nas decisões.

— Compreendi — falou Lilian.

— Com licença, Pai Tomé — interrompeu um dos trabalhadores da casa.

— Pois não, meu filho — respondeu Tomé.

— Dona Etelvina está chamando vocês em nossa sala de reunião. Podem me acompanhar? — falou o jovem.

Nesse instante, Tônico havia esperado Adriana e Marco Antônio pegar no sono para ir atrás de Telma e informá-la de que algo errado estava acontecendo com a encomenda. Chegando ao estabelecimento de dona Neide, Tônico fora informado de que Telma estava fora, realizando um trabalho. Ele ficou aguardando a chefe.

Lilian e Tomé foram introduzidos na sala de reunião, onde já estavam Etelvina, Pai Serafim, Maria Conga, Pai Joaquim e outros espíritos trabalhadores da casa. Alguns estiveram presentes durante a gira, outros não. Etelvina apresentou Pai Tomé como o mentor de Rafael e Lilian como uma pupila do preto-velho.

— Alguns de nossos tarefeiros vocês já conhecem. Os demais, vou pedir que se apresentem para nossos visitantes.

O primeiro a se apresentar foi o boiadeiro Zé do Laço, que se manifestou durante a desobsessão de Rafael. Depois, apresentaram-se os espíritos que se manifestavam através da mediunidade de Fátima: Cabocla Jurema da Mata Virgem, Caboclo Aimoré e Exu Tranca-Ruas das Almas. Os outros trabalhadores presentes na reunião atuavam na egrégora da casa, sem se manifestar mediunicamente.

A reunião do grupo começou com Etelvina fazendo uma prece, pedindo direcionamento a Deus, aos orixás e à espiritualidade maior. Em seguida, os guias que atuaram na linha de consulta durante a gira começaram a relatar os casos em que precisavam correr gira:[22] um caso de saúde, duas obsessões — os casos de Rafael e Marieta — e uma visita a um estabelecimento comercial.

A Cabocla Jurema e o Caboclo Aimoré cuidariam do caso de saúde. Os demais foram direcionados para os cuidados de um exu.

O senhor Tranca-Ruas das Almas informou que Maria, a obsessora ligada a

Rafael, por determinação da Lei Maior, ficaria vibratoriamente aprisionada nas regiões das fendas do umbral, pois, devido ao ódio que nutria e à dificuldade em perdoar, mais uma vez, ela colocava o planejamento reencarnatório do espírito encarnado em risco. O que determinaria o afastamento entre a obsessora e obsidiado seria o processo de reforma íntima de Rafael.

— Deseja fazer alguma consideração, Tomé? — indagou Etelvina.

— Agradeço a oportunidade. Vou acompanhar Maria durante o tempo em que ela ficar nas regiões inferiores. Irei visitá-la e tentarei ajudá-la, conforme ela permitir e me for possível — disse Tomé.

— Quanto ao trabalho de magia negativa envolvendo o casal Marieta e Marco Antônio, hoje mesmo faremos uma visita ao espírito responsável pelo implante e o advertiremos por sua conduta e as nefastas consequências que isso acarretará aos envolvidos — disse o exu. — Quanto à visita ao estabelecimento comercial, enviarei um grupo de três trabalhadores para excursionar ao local e fazer uma avaliação.

Etelvina perguntou aos presentes se teriam algum outro caso para ser discutido em grupo. Sem nenhuma outra situação, ela deu a reunião por encerrada.

— Irmão Tranca-Ruas — falou Tomé —, o senhor nos permite acompanhá-lo na incursão ao consultório da médium Neide?

— Claro! — consentiu o exu, abrindo um largo sorriso. — Será um prazer tê-los em nossa companhia. Partiremos agora mesmo.

Tranca-Ruas, Tomé, Lilian e dois sentinelas seguiram em direção à casa de Neide. Chegaram ao consultório em poucos minutos. Passaram por um espírito mal-encarado que fazia a segurança da porta, mas que não os percebeu, e adentraram o cômodo onde localizava-se um altar. Lá, encontraram o espírito de Tônico.

Tomé informou a Tranca-Ruas que Tônico era um dos empregados de Telma. Ele era o responsável por acompanhar Marco Antônio.

— Ótimo! — respondeu Tranca-Ruas.

Logo depois, acompanhada de Penha, chegou Telma, que questionou o que

Tonico fazia ali.

— Chefe — falou Tonico —, algo aconteceu com Marco Antônio, mas não sei o quê.

— Como assim, seu estafermo, você não sabe explicar? O que houve? — questionou Telma.

— Eles estavam na rua e, de repente, o homem sentiu algum tipo de mal-estar e quis voltar para casa.

— E daí? — quis saber Telma.

— Desde então, ele está diferente. Tenho a impressão de que o implante que você colocou nele deu algum defeito e parou de funcionar.

— Impossível! — duvidou Telma. — Alguém se aproximou deles?

— Não, senhora — respondeu Tonico.

Nesse momento, uma gargalhada ressoou no ambiente. Tonico e Penha estremeceram de medo. O espírito que guardava a porta foi paralisado por uma força que não se sabia de onde vinha. Telma se alarmou, mas tentou manter um ar de indiferença, a fim de não demonstrar intimidação.

— Boa noite! — saudou-os o exu, aparecendo para o grupo.

Tomé, Lilian e as sentinelas permaneceram ocultos. Uma das sentinelas era responsável por amarrar o guarda que trabalhava para Telma.

— Quem é você que ousa invadir meus domínios? Acha que vai me intimidar? — falou Telma, com empáfia.

— Bem, eu sou Tranca-Ruas das Almas, executor da Lei Divina. Trabalho sob a égide de Ogum. E você, quem é, mulher?

— Eu sou Maria Padilha — respondeu Telma.

— Você é quem? — Tranca-Ruas gargalhou em tom de escárnio. — Mulher, você é um rabo de encruza! Lave sua boca antes de usar o nome de uma

pombagira trabalhadora da Lei de Umbanda. Você pode enganar seus clientes, mistificando, usando de má-fé para se passar por quem você não é. Pombagira que é pombagira não trabalha fazendo amarração, ferindo o livre-arbítrio e as leis de Deus. Uma pombagira trabalha a serviço da Lei, e tem coisas mais importantes com o que se ocupar do que arrumar homem para mulher. Isso é papel de cafetina, e não de uma pombagira de Lei.

— O que você quer comigo? — indagou Telma.

— Eu vim aqui adverti-la, dar um comunicado. Nós queimamos o chip implantado em Marco Antônio, e pedimos que se afastem para que ele possa agir de acordo com suas próprias escolhas. Quando interferem na vida de outras pessoas — disse o exu, apontando para Penha e Tônico —, principalmente em troca de pagas, todos os envolvidos angariam carma.

— Você já deu seu comunicado? Agora, pode ir embora — disse Telma, arrogante.

— Já os adverti, mas caso prossigam desrespeitando a Lei, retornarei aqui, os aprisionarei sem dó nem piedade e acabarei com esse pardieiro que chamam de consultório. — Tranca-Ruas gargalhou e desapareceu diante dos olhos de Telma, Tônico e Penha.

Fora do local, Tranca-Ruas disse para Lilian, Tomé e as sentinelas:

— Agora, vamos atrás de Marco Antônio concluir a retirada do implante.

— Posso fazer uma pergunta, senhor Tranca-Ruas? — questionou Lilian.

— Claro, minha senhora — respondeu o exu com cortesia.

— Acredita que Telma vai mudar de atitude diante de sua advertência?

— Isso é uma decisão que caberá a ela. A vida está dando mais uma oportunidade para ela mudar. Caso prossiga com seus desatinos, cumprirei a Lei — respondeu Tranca-Ruas.

— Permite-me fazer outra pergunta?

— Sim — respondeu o exu.

— Por que Telma usa, indevidamente, o nome da pombagira Maria Padilha?

— Neide, a médium com quem Telma trabalha, se afastou da caridade por ganância, cobiça e por almejar uma vida mais fácil. Os guias a alertaram a respeito de suas atitudes, porém ela não deu ouvidos, pois só visava ao dinheiro. Com isso, os guias de luz que trabalhavam junto com ela, incluindo a pombagira Maria Padilha, se afastaram e a deixaram por conta de suas escolhas e de suas novas companhias espirituais. Assim, por afinidade e identificação de valores morais, Telma se aproximou e passou a usar o nome de Padilha.

— Nossa, os guias abandonaram a médium e ela não notou? Estou impressionada! — comentou Lilian.

— Os guias jamais abandonam seus protegidos, eles se afastam, respeitando os caminhos escolhidos. É mais fácil um ser encarnado se afastar de sua espiritualidade do que um guia se afastar de seu tutelado. Quanto à médium Neide não notar a mudança energética entre a verdadeira Maria Padilha e a impostora, isso se deu pelas atitudes dela. De mais a mais, Neide começou a ter êxito com os serviços prestados aos clientes, e isso é o que importava para ela: a fama e a grana. Lilian, agora teremos de pausar nossa conversa, pois o dever nos chama.

— Muito obrigada pelas explicações. Quando o senhor tiver um tempo, sou toda ouvidos a novos ensinamentos — disse Lilian.

— O prazer será todo meu. Sou um pequeno aprendiz, ainda tenho muito a aprender com os caboclos e pretos-velhos, que estão em estágios mais evoluídos.

Com isso, Tranca-Ruas se afastou e foi até as sentinelas passar algumas instruções antes de entrarem na casa para prestar atendimento a Marco Antônio.

Lilian aproveitou que estava a sós com Tomé para agradecer o amigo pela oportunidade e dizer que aquele dia estava sendo muito importante para o aprendizado dela.

— Eu sei, minha irmã — disse Tomé, sorrindo com uma mão sobre o ombro de Lilian. — A oportunidade de assistir aos bastidores de uma sessão de caridade na Umbanda é uma gigantesca fonte de aprendizado, bem como conhecer os guias que se manifestam nas giras para auxiliar os filhos encarnados com amor e humildade.

— Tomé — falou Lilian —, o que mais me deixa abismada é a visão distorcida que eu tinha de exu. Hoje, acompanhando os trabalhos, pude constatar que eles são soldados a serviço do Bem. É uma pena que muitos encarnados não tenham a mínima noção disso.

— Lilian, infelizmente, isso acontece devido à ignorância que muitos adeptos e praticantes da religião possuem, seja por comodismo, preguiça, fanatismo ou outras razões. Por isso, é importante racionalizar a fé e analisar se determinadas condutas estão de acordo com os valores ensinados pelo mestre nazareno. Jesus foi o máximo exemplo, enviado do cosmo, para os seres encarnados. Caso o indivíduo tenha dúvidas sobre como agir ou prosseguir, deve se perguntar como Jesus agiria e o que ele aconselharia naquela situação. Com certeza — finalizou Tomé —, a voz do coração apontará o caminho mais assertivo.

Depois da saída de Tranca-Ruas, Tónico perguntou a Telma:

— Chefe, nós vamos fugir? Aquele homem parecia estar falando sério. Ele entrou aqui com facilidade e amarrou até o jagunço que toma conta da entrada.

— Está maluco? — irritou-se Telma. — Tenho negócios aqui, não vou parar minhas atividades lucrativas. Vou pensar em uma forma de me precaver dele. Tónico, ordeno que regresse imediatamente para a casa de Adriana e fique vigiando à espreita, pois eles devem ter ido para lá. Veja o que se passa e volte para me relatar.

Tónico, apesar do medo, não queria contrariar a chefe e acatou a ordem recebida. Chegando à casa de Adriana, o espírito não conseguiu entrar. Chamou por Marco Antônio e Adriana, mas não foi atendido. Percebeu que as coisas estavam estranhas e decidiu se esconder, pois notou uma energia diferente no local.

Tomé, Lilian, Tranca-Ruas e as sentinelas entraram no quarto onde Marco Antônio dormia com Adriana. O espírito de Marco Antônio estava sentado, em desdobramento, em um dos cantos do cômodo. Alienado em suas divagações, não percebia que Plínio, seu mentor espiritual, o acompanhava.

— Salve, irmão! — falou Tranca-Ruas para Plínio. — Viemos verificar o que se passa com seu protegido.

Plínio agradeceu a presença, a disponibilidade e a ajuda do exu.

Por alguns minutos, Tranca-Ruas olhou fixamente para o espírito de Marco Antônio, como se estivesse vendo o interior dele.

— É... aquela Telma é um pouco mais esperta do que eu pensava. Além de ter implantado um chip na base do córtex cerebral dele, gerando fixação, pensamentos recorrentes e falsas memórias, ela fez uma amarração, antiga e eficaz, que entrou pela boca de Marco Antônio e se espalhou por toda a corrente energética dele. A queima do ponto de fogo no terreiro danificou o chip, trazendo um pouco mais de lucidez ao homem. No entanto, outros trabalhos precisarão ser realizados com a presença dele no centro. Por ora, só nos cabe retirar o chip, pois outra ação mais brusca poderia romper os laços da amarração e gerar um forte desequilíbrio na sanidade do homem. Após o procedimento, vou conversar com ele e deixar algumas orientações. Também precisarei da ajuda dos amigos durante o trabalho: orem, emanando energias positivas — concluiu Tranca-Ruas.

No mesmo instante, o espírito de Adriana entrou no quarto. Em desequilíbrio, com uma aparência estranha, buscava por Marco Antônio e repetia “Dessa vez, você será meu!”. Tranca-Ruas fez um sinal, balançando a cabeça para Tomé, que logo compreendeu. Sem falar nada, Tomé se dirigiu a Adriana e, com o dedo indicador, tocou a testa da mulher e lhe disse:

— É hora de dormir. A filha precisa descansar.

Ela ainda tentou balbuciar alguma coisa, mas logo caiu em um sono profundo.

Primeiro, o exu estalou os dedos sequencialmente em volta da cabeça de Marco Antônio. Depois, colocou o homem deitado de bruços no chão e apalpou com os dedos a região da nuca, examinando e tentando localizar o implante. Com perícia, Tranca-Ruas identificou o local onde estava o chip. O exu desembainhou um punhal da cintura, fez um pequeno corte no corpo astral de Marco Antônio e retirou a peça. Depois, virou-se para Tomé e disse:

— Pai-velho, agora é com o senhor.

Diante do exu, ao lado do corpo, Tomé se abaixou e pegou uma pequena saca com algumas folhas verdes. Foi colocando as ervas maceradas, que tinham um forte odor, sobre o local do corte, como se fizesse um curativo. Depois, espalmou as mãos sobre o local e fez uma sentida oração.

Em seguida, Tranca-Ruas sentou Marco Antônio, que demonstrava um pouco mais de lucidez, e disse para ele:

— Não estou aqui para julgar ou criticar suas derrapadas. O amigo sabe que errou, pois, além de si mesmo, colocou em risco toda a sua família. Como recebeu o merecimento de ser ajudado, sei que, em seu íntimo, está arrependido. Assim, sugiro que tenha a hombridade de conversar francamente com sua esposa. Faça suas escolhas de forma cônica, lide com as consequências e se permita ser ajudado.

Marco Antônio só olhava para Tranca-Ruas e balançava a cabeça.

— Você está me entendendo? — perguntou o exu.

— Sim, mas tenho medo das consequências — respondeu Marco Antônio.

— Compreendo, mas não permita que o medo o paralise. Arregace as mangas, erga a cabeça e comece a limpar essa sujeira. De nada adianta lamuriar as faltas; é preciso ter atitude e determinação para fazer diferente daqui para a frente.

— Está certo! — concordou Marco Antônio.

Tranca-Ruas ordenou que o homem voltasse ao corpo físico. Em seguida, voltou a dar uma série de estalar de dedos em torno da cabeça e do corpo do homem.

Uma das sentinelas perguntou ao exu o que deveriam fazer com Tônico, que estava do lado de fora do apartamento, espreitando.

— Amarrem ele! — respondeu Tranca-Ruas, às gargalhadas. — Isso retardará um pouco mais os planos dessa tal de Telma.

As sentinelas se retiraram para cumprir a ordem. Com extrema habilidade e rapidez, imobilizaram Tônico, que se debatia com os movimentos limitados e a boca amordaçada.

— Companheiros — falou o exu —, findamos os trabalhos programados para esta madrugada. Agradeço a companhia e ajuda de todos.

Tranca-Ruas se despediu de Tomé e Lilian para prosseguir com seus afazeres. Antes que ele saísse, Tomé e Lilian agradeceram a ajuda do compadre.

— Por que você o chamou de compadre, Tomé? — questionou Lilian.

— Porque esta é uma das formas como os encarnados chamam os exus. Denota amizade e proximidade — explicou Tomé.

— Outra questão, Tomé: por que Tranca-Ruas disse que Marco Antônio precisa dar continuidade ao tratamento no terreiro?

— Aqui, realizamos os primeiros-socorros nele, como fazem os paramédicos que socorrem pessoas em espaços públicos e depois as removem para as emergências hospitalares, que possuem mais recursos.

— O que faremos agora, Tomé?

— Vamos ver Maria. Ela está aprisionada em uma das muitas regiões do umbral — respondeu Tomé.

Enquanto se deslocavam, Lilian aproveitou a oportunidade para aprender mais com o amigo:

— Tomé, já tinha ouvido falar sobre o aprisionamento de espíritos no umbral, mas eu achava que isso fosse feito apenas pelos espíritos algozes que desejam infligir tortuosas penas aos seus perseguidos. Pode explicar a respeito?

— No caso de Maria, ela descumpriu a Lei por muitos e muitos anos. Fixada em seu ideal de vingança, seu processo evolutivo ficou estagnado. Foram dadas a ela oportunidades de prosseguir e deixar para trás o mal que cultivava e que feria ela mesma e todos os envolvidos na trama. Como não aceitou, para que o dano não fosse maior, só nos coube paralisá-la durante um período. Agora, Maria experimentará a solidão, pois o antigo companheiro e o filho estiveram por muito tempo ao lado dela.

Quando chegaram à região das fendas umbralinas, Tomé e Lilian avistaram algumas sentinelas que monitoravam o local. Saudaram-nas e as informaram que estavam ali para ver Maria. As fendas eram pequenos cárceres abertos em um grande paredão de pedra, onde se encontravam os espíritos.

Lilian sentia certa dificuldade para respirar, pois o ar era denso, quente, seco e dava a impressão de sufocamento.

— Tente manter-se equilibrada, Lilian. Não se desespere, pense em um lugar agradável. A atmosfera deste local é alimentada pela energia emanada de seus habitantes — elucidou Tomé.

Lilian fechou os olhos e visualizou um lindo jardim que conheceu, depois do desencarne, quando fora morar na colônia. O local, do qual ela gostava muito, a marcou. A sensação de sufocamento foi passando até que ela se restabeleceu.

— O pensamento é a maior força que existe — disse Tomé. — Agora, vamos prosseguir.

Tomé e Lilian se aproximaram do local onde Maria estava, mas ela não os notou. Estava irritada, sentia-se traída por Firmino e Carlos e pensava em uma forma de fugir daquele local. Tomé se aproximou de Maria, passou a mão nos cabelos da moça e lhe disse em tom carinhoso:

— Lembre-se de quando era uma criança e corria pelo pasto, brincando no meio da plantação. Lembre-se de seus pais, de sua vida...

Rapidamente, uma série de imagens afloraram na mente de Maria, que se distraiu com as recordações. Depois de um tempo, Maria falou a si mesma: “Não posso perder meu tempo com isso. Tenho que pensar em uma forma de sair daqui o quanto antes e aniquilar Rafael de uma vez por todas.”

— Por hoje, nosso trabalho com Maria terminou — falou Tomé, saindo do local com Lilian.

Tomé e Lilian saudaram as sentinelas e deixaram a região das fendas rumo à casa de Rafael. Durante o deslocamento, Lilian questionou o tutor:

— O que você acha desse trabalho que começamos a fazer com Maria?

— Não tenho expectativas — disse Tomé. — Faço por amor, confio em Deus e sei que, no momento certo, o fundo da alma de Maria será tocado. Como uma semente plantada, que deve ser regada e cultivada cuidadosamente, o trabalho de sensibilização de Maria deve ser feito constantemente para que consigamos despertá-la. Não temos como prever se levará um dia ou longos anos, tudo dependerá dela.

— Entendo — respondeu Lilian.

Tomé e Lilian chegaram à casa de Rafael no início da manhã. A família, com exceção de Dina, ainda dormia para aproveitar o domingo. Dina estava se arrumando para ir à padaria comprar as coisas do café-da-manhã. Lilian notou que a psicofera da casa estava diferente, e atribuiu isso à retirada dos obsessores. Tomé percebeu os pensamentos de Lilian e se antecipou, explicando antes de ela perguntar:

— Isso não deve ser atribuído apenas ao encaminhamento dos irmãos que faziam morada aqui. Isso também é consequência da visita espiritual ocorrida ontem, no momento em que eles estavam sendo consultados no terreiro.

— Como assim? — questionou Lilian.

— Aqui, foi realizada uma varredura espiritual por caboclos e outros trabalhadores da egrégora do templo que pulverizaram formas-pensamento e retiraram miasmas e larvas astrais do ambiente. O objetivo é ajudar no processo de mudança energética e, por conseguinte, na mudança de atitude dos moradores.

— Que interessante.

Lilian e Tomé seguiram para o quarto de Marieta. Lá, Tomé pediu que Lilian orientasse a neta a respeito dos trabalhos que foram feitos.

— Meu irmão — disse Lilian para Tomé —, será que tenho reais condições de cumprir esta atividade? Sei que ainda tenho muitíssimo a aprender, por isso questiono minha capacidade.

— Este é o momento de você exercitar. Confie em si mesma, não se deprecie. Confie em Deus e faça seu melhor. Estarei ao seu lado para ajudá-la.

Lilian sentou-se na cama, ao lado da neta que dormia, fechou os olhos e fez uma prece pedindo o auxílio do Pai Maior. Depois, começou a acariciar os cabelos de Marieta. Afetuosamente, dizia palavras de incentivo, confiança e a inspirava a perseverar na caminhada, buscando seu melhoramento diário. Enquanto dormia, Marieta registrava as impressões emanadas, de coração, por sua vizinha.

Em seguida, foram ao quarto de Rafael, que estava em desdobramento. Quando o jovem viu Tomé, sorriu e correu para abraçá-lo.

— Filho, o que você achou dos trabalhos que viu ontem no centro? — perguntou Tomé ao rapaz.

— Gostei muito, Pai Tomé — respondeu Rafael em tom de animação. — Havia muito tempo que não me sentia tão bem. É como se tivesse encontrado algo que minha alma procurava, sem saber do que se tratava. Pai Tomé, o senhor acha que devo continuar indo lá?

— O que diz seu coração, criança? — respondeu Tomé com outra pergunta.

— Acho que sim, mas tenho medo de não dar conta.

— Filho — falou Tomé —, Deus só dá o fardo que cada um tem condições de carregar. O Pai nos prepara para os desafios da vida e, com Sua infinita bondade, coloca anjos em nossos caminhos para nos ajudar.

— Quem seriam esses anjos? — quis saber Rafael.

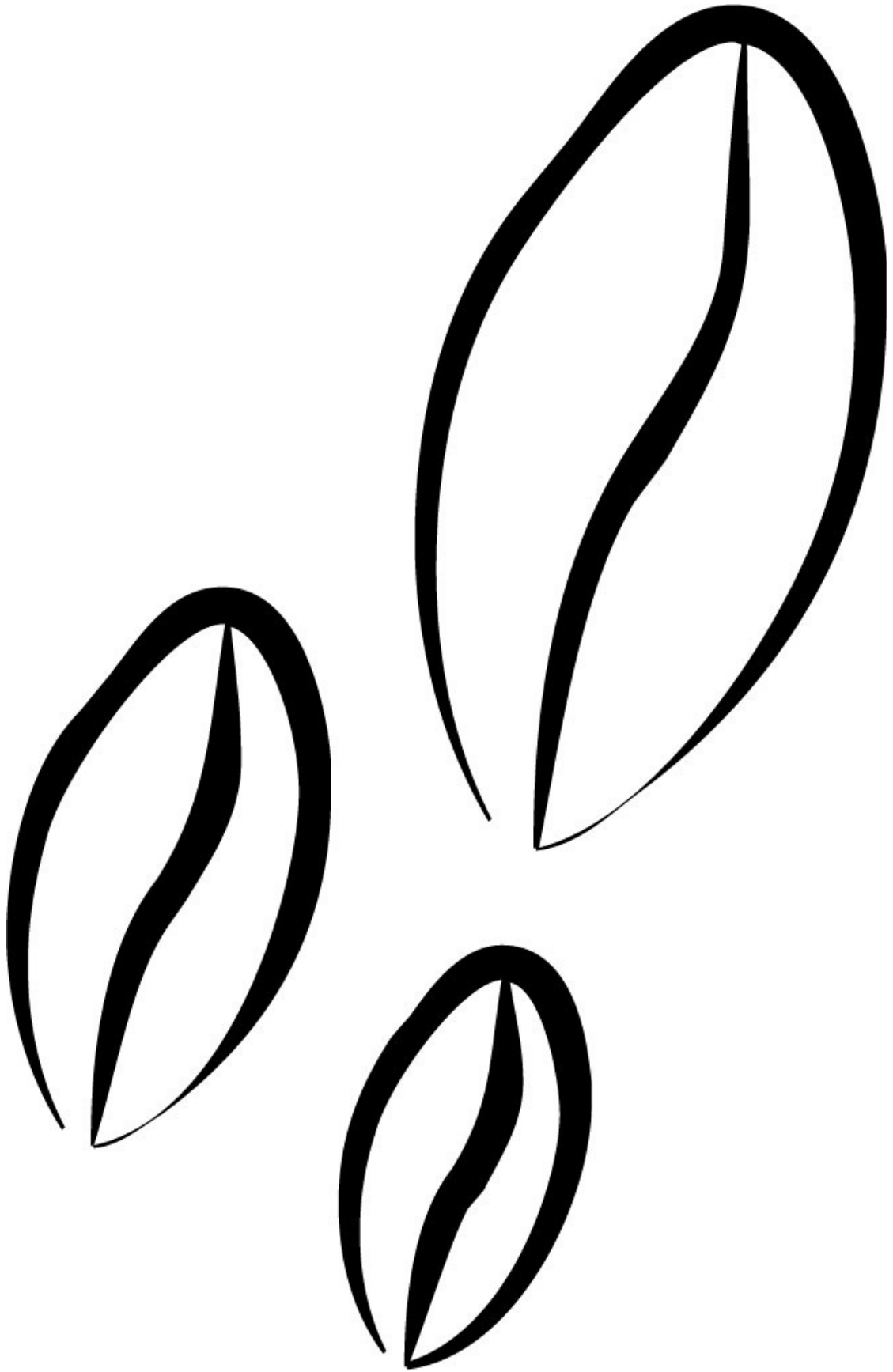
— Em diferentes momentos de nossas vidas, surgem pessoas que nos estendem a mão. Neste período de sua vida, podemos apontar Dina e, agora, dona Fátima. Também existem aqueles que o amam e que sempre estão ao seu lado.

— Pai Tomé — perguntou Rafael depois de pensar um pouco —, você não seria um desses anjos que Deus colocou em meu caminho?

— Eu sou um dos muitos amigos espirituais que torcem para que tenha êxito. Estou ao seu lado para orientá-lo — explicou Tomé. — Rafael, procure por Fátima, ela esclarecerá muitas de suas dúvidas e, com nosso amparo, poderá nortear sua caminhada espiritual. Não tenha pressa, continue visitando a casa, estudando, prossiga com os tratamentos espirituais, que estaremos ao seu lado. Agora, preciso ir — falou Tomé, despedindo-se do jovem, que retornou ao corpo físico.

— Tomé, ora ver você plasmado como preto-velho, ora ver você nesta outra aparência não gera uma confusão em Rafael? — questionou Lilian.

— Lilian, quando a embalagem do perfume muda, pode até gerar certa estranheza, mas o que garante a fragrância é a essência que o compõe. Rafael está habituado à minha energia. Quando ele despertar, estará com a impressão do sonho, mas não recordará dos detalhes.



Na casa de Adriana, Marco Antônio acordou um pouco nauseado, porém estava mais disposto que na noite anterior, e tinha o forte pensamento de que precisava decidir o que fazer com sua vida. Enquanto passava o café, enviou uma mensagem para Josué, seu amigo, dizendo que precisava falar com ele o quanto antes. Depois, enviou outra para Marieta: precisavam conversar naquele mesmo dia. À medida que bebia o café, repassava as ideias e organizava a mente.

Depois, enquanto tomava uma ducha, pensava, obstinadamente: “Tenho que encontrar uma forma de arrumar essa confusão toda”. Saindo do banho, viu que o amigo respondera à mensagem: disse que estava disponível e que aguardaria o contato. Marco Antônio, então, resolveu ir à rua ligar com mais privacidade. Saiu do apartamento sem fazer barulho para não acordar a amante. No corredor, passou por Tônico, que ainda estava imobilizado, sem jamais imaginar sua presença.

Tônico, ao vê-lo, começou a se debater como um peixe fora d’água, tentando se libertar para segui-lo. Quanto mais se mexia, mais se sentia preso.

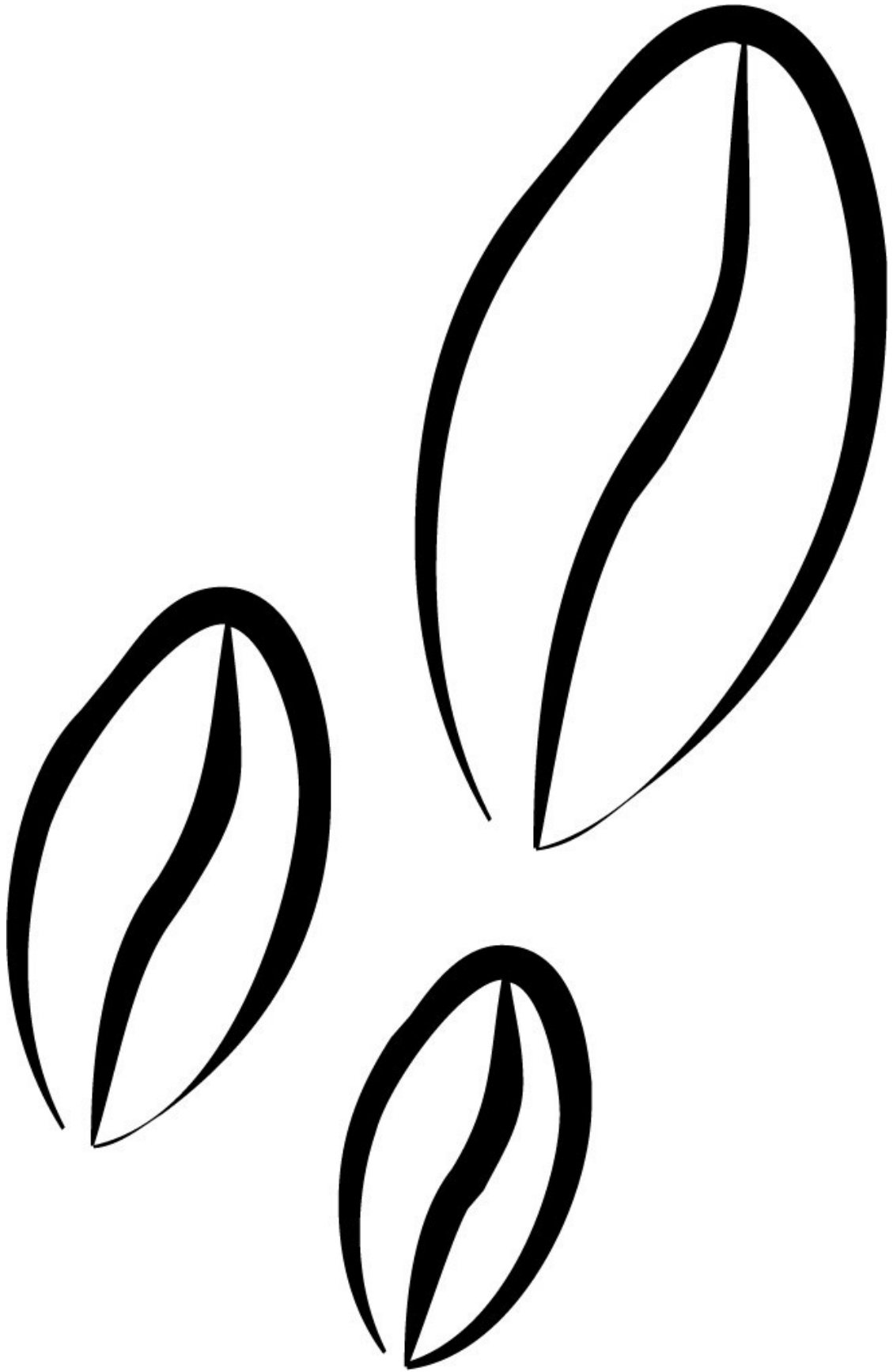
Assim que chegou à recepção do prédio, Marco Antônio acendeu um cigarro e saiu para dar uma volta no quarteirão enquanto ligava para Josué.

Josué atendeu ao telefone e Marco Antônio, abertamente, contou ao amigo tudo o que havia acontecido em tão pouco tempo. Por fim, Marco Antônio perguntou se, caso Marieta não o aceitasse de volta, Josué poderia lhe ceder um quarto em casa até que ele organizasse sua vida com um pouco mais de calma.

— Marco Antônio — falou Josué —, eu sempre pedi que tivesse cuidado, pois um dia você acabaria se envolvendo com uma mulher chave-de-cadeia que o colocaria em apuros. Mas quem sou eu para julgá-lo, meu amigo? Minha casa está aberta para você passar uma temporada, mas o que fará com sua amante?

— Confesso que ainda não sei. Estou confuso, tentando solucionar uma questão de cada vez — respondeu Marco Antônio.

— Entendo. Conheço você desde os tempos de garoto e nunca o vi enrolado desse jeito — comentou Josué.



Marieta se levantou e, depois de ir ao banheiro, foi para a cozinha. A mãe estava sentada à mesa, cortando legumes para o almoço.

— Dormiu bem, minha filha? — perguntou Dina.

— Sim, mãe — respondeu Marieta, beijando a cabeça de Dina. — Consegui descansar bem e me sinto mais confiante.

— Graças a Deus! — exclamou Dina.

— Que eu tenha forças e ânimo para seguir adiante.

— Por que diz isso, filha?

— Marco Antônio me mandou uma mensagem. Disse que precisa conversar, e que não pode passar de hoje — esclareceu Marieta.

— E o que você respondeu?

— Nada ainda, mamãe. Confesso, que depois da consulta com o preto-velho ontem, estou mais fortalecida. Entendo que eu e Marco Antônio precisamos dar um tempo, repensar o que queremos de nossas vidas e quais os sentimentos nutrimos um pelo outro. Este é o meu ponto de vista; não faço ideia de qual é o dele.

— Certo, filha. Siga seu coração, converse com ele e seja transparente. É hora de apararem as arestas, até mesmo para um possível recomeço, pois Rafa e Mari também estão envoltos nessa história.

— Sim, vou marcar com ele de conversarmos em um local público — falou Marieta com determinação.

Pouco tempo depois, Rafael chegou à cozinha, cumprimentou a avó e a mãe e se sentou para fazer a refeição. O jovem se mostrava bem-disposto, nem aparentava que havia passado mal nos últimos dias.

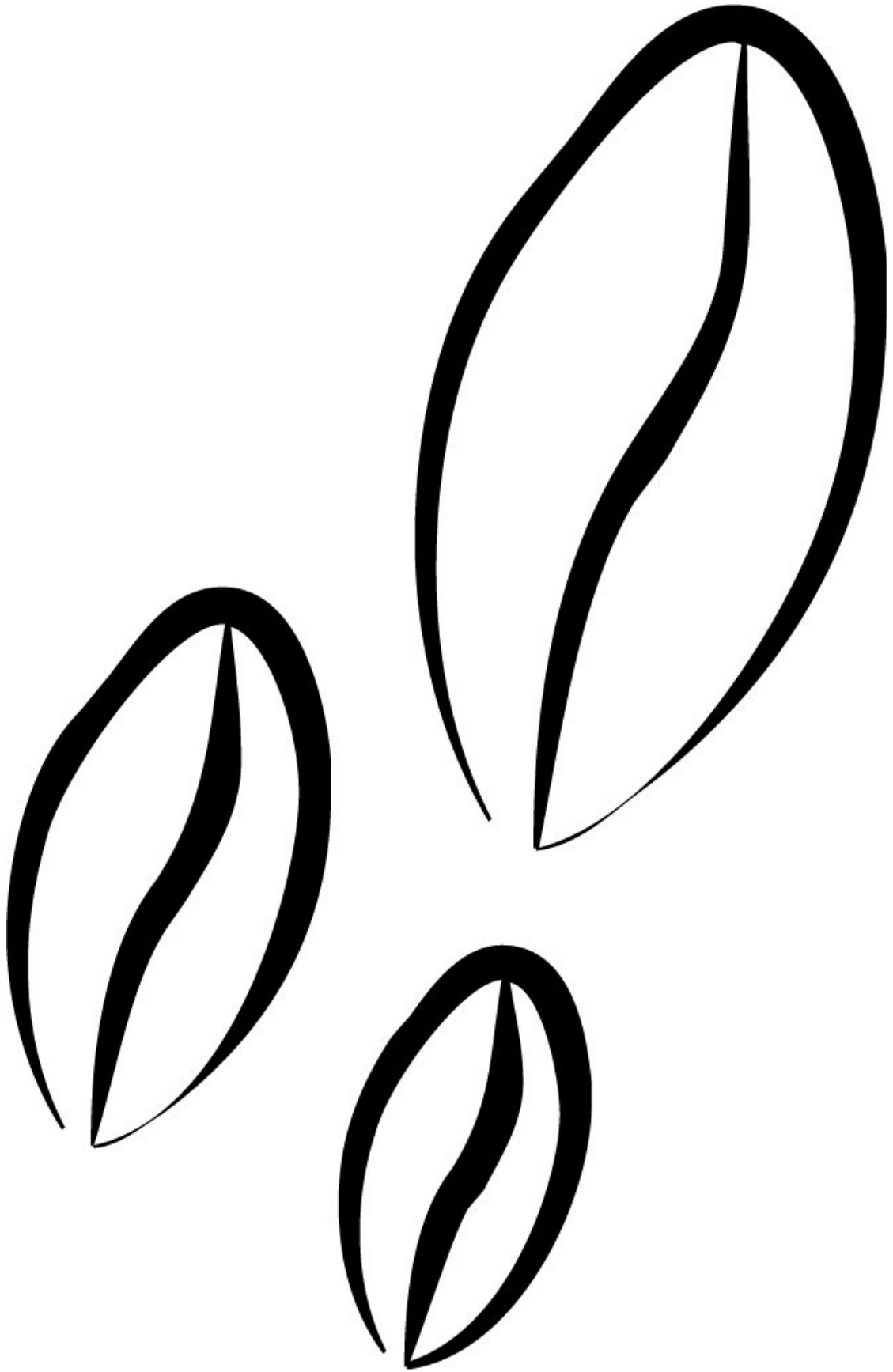
— Aproveitando que as duas estão aqui, quero dividir algo com vocês — falou Rafael, animadamente. — Estou pensando em me tornar umbandista.

— Rafa, meu filho, eu sempre apoiarei suas escolhas que trarão felicidade e realização, mas peço que avalie bem a sua decisão, visto que é muita responsabilidade — orientou Marieta.

— Concordo com sua mãe, querido — complementou Dina.

— Calma, meninas! — brincou Rafael. — Como disse, estou pensando... isso quer dizer que estou avaliando a possibilidade. Pretendo conversar com dona Fátima o quanto antes, entender mais, ir a outras sessões, conhecer mais sobre a religião.

Marina e Julia chegaram e se juntaram aos outros no café-da-manhã. O assunto continuou com a presença das meninas. Marieta se levantou e saiu de fininho, foi até o quarto responder à mensagem de Marco Antônio. Combinou de se encontrarem à tarde em uma cafeteria no shopping.



Quando viu a mensagem de Marieta, Marco Antônio se animou e respondeu, quase que instantaneamente, combinando um horário com a esposa. Depois, ficou pensando na melhor maneira de conversar com a Adriana sobre suas decisões, mas chegou à conclusão de que só falaria com ela após o encontro com Marieta.

Já passava de meio-dia quando Adriana se levantou. Estava mal-humorada, e Marco Antônio sugeriu que ela se arrumasse para almoçarem fora. Durante o almoço, enquanto Adriana falava inúmeras futilidades, Marco Antônio se pegou pensando, várias vezes, onde estava com a cabeça quando se meteu naquela furada. Logo ele, um homem tão experiente.

De volta à garagem do prédio, Marco Antônio informou à amante que tinha um compromisso familiar. Sem dar muitas explicações, disse que falaria com ela à noite. Entregou a chave do carro a Adriana e pegou um táxi na calçada do prédio.

Adriana, que havia disfarçado sua raiva, beijado o amante e respondido a Marco Antônio apenas com um “Claro, querido”, seguiu para o elevador pisando firme. Subindo para seu andar, pensou em dona Neide e disse a si mesma: “Essa mulher vai ter que dar conta da dinheirama que paguei a ela pelo serviço”.

Tonico continuava amarrado no corredor, mas era imperceptível a todos que por ali passavam.

Em casa, Adriana se serviu uma dose de bebida, ligou para uma amiga e a chamou para sair. Quando desligou o telefone, pensou: “Se ele pensa que vou ficar em casa, esperando por ele... sou jovem, bonita e chumbo trocado não dói. Se ele vai sair, eu também tenho esse direito.”

Enquanto Adriana se arrumava, Penha surgiu no apartamento toda cautelosa à procura de Tonico. Queria checar o andamento das coisas após a desagradável visita do exu. Ela estranhou não encontrar o comparsa, e também achou estranho Adriana estar se arrumando para sair sem a companhia de Marco Antônio. Foi até o quarto e perguntou a Adriana o que havia acontecido. A mulher começou a reviver, raivosamente, a cena de Marco Antônio dispensando-a por um compromisso familiar. Penha supôs, então, que o tal Tranca-Ruas realmente havia intervindo nos planos de Telma. Penha resolveu primeiro seguir na

companhia de Adriana, para depois ir à casa da família de Marco Antônio apurar os fatos. Quando saiu no corredor, logo avistou Tônico amarrado e pensou “Que idiota!”.

Enquanto Penha soltava Tônico, Adriana foi encontrar a amiga.

— O que aconteceu? — questionou Penha. — Você vai ter que prestar contas a Telma sobre suas falhas.

— Os homens que acompanhavam o exu me amarraram e me deixaram desacordado — respondeu Tônico ofegante, distorcendo um pouco os fatos a seu favor e fazendo-se de vítima para não ser castigado.

Penha e Tônico foram até o consultório de dona Neide relatar a Telma os últimos fatos entre a cliente e a encomenda. Telma respirou fundo, mandou que Penha fosse, imediatamente, à casa da família de Marco Antônio e que só voltasse de lá com informações contundentes. Ordenou que Tônico voltasse à casa de Adriana e fizesse o mesmo. Ambos obedeceram a chefe rapidamente, antes que sofressem represálias.

Na casa da família de Marco Antônio, Penha se deparou com Tomé impedindo sua entrada. Ele questionou o que ela desejava com os moradores de lá, mas Penha tentou desconversar para ludibriar o preto-velho.

— Filha, por que tenta me enganar? Acho que sua chefe não entendeu o aviso do senhor Tranca-Ruas das Almas. Este velho pede que não volte mais aqui com o intuito de atrapalhar esta família. Do contrário, você, ou qualquer outro enviado, irá se entender comigo. Fui claro? — falou Pai Tomé, batendo com o cajado no chão.

— Sim, senhor! — respondeu Penha, saindo do local e retornando ao consultório de Telma.

Após a saída de Penha, Lilian perguntou a Tomé:

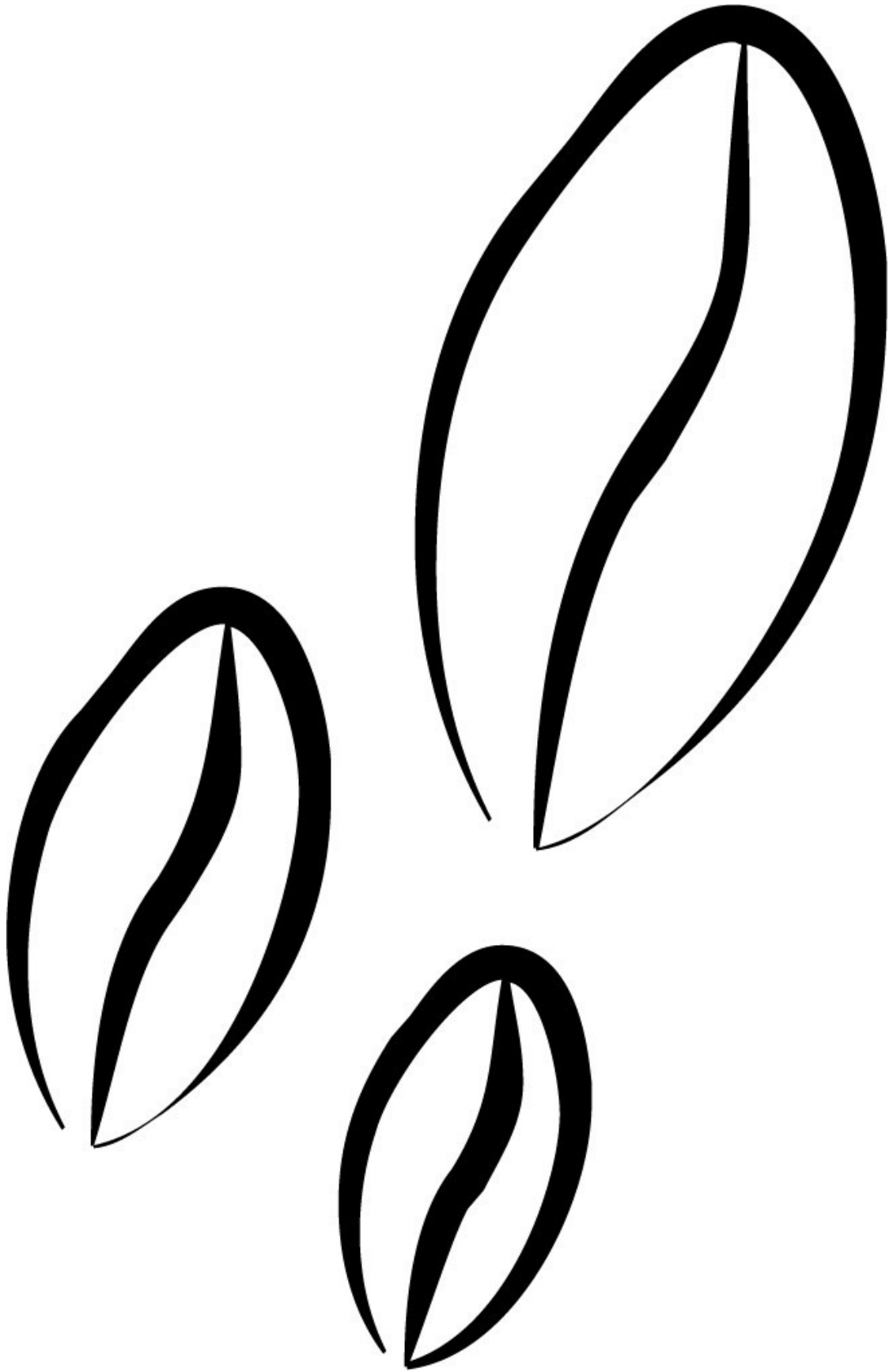
— Por que, antes, você não impediu a entrada deles e a de Maria e seu bando?

— Por dois motivos: primeiro, só podemos ajudar quem deseja ser ajudado. A partir do momento em que a família de Rafael pediu ajuda, tivemos a permissão de ajudá-los. Em segundo lugar, a ajuda vem por merecimento, e não ao nosso

bel-prazer. Quanto ao caso de Maria, Firmino e Carlos, tratava-se de uma obsessão adquirida por débitos cármicos. Assim, aproveitamos que situação chegava ao seu limite, colocando em risco o reencarnante e o desabrochar mediúnico de Rafael, para agirmos assertivamente.

— Entendi, Tomé. Agradeço as explicações — falou Lilian.

Naquele instante, Marieta se despedia dos filhos, da mãe e de Julia. Disse que iria sair para conversar com uma amiga.



Penha chegou ao consultório de dona Neide e relatou a Telma tudo o que se passara na casa da família de Marco Antônio.

Telma permaneceu em silêncio, ponderando, e pensou consigo mesma: “Esse trabalho está saindo mais caro que a encomenda. Vou esperar as notícias trazidas por Tônico para decidir como deverei atuar daqui para a frente.”



Ao chegar à cafeteria, Marieta viu Marco Antônio sentado a uma mesa no fundo da loja e sentiu-se um pouco desconfortável na presença dele. Cumprimentou-o com formalidade, sentou-se e pediu um café à garçonete. Depois, virou-se para Marco Antônio e disse:

— Vamos direto ao ponto que nos trouxe aqui.

— Sei que errei — Marco Antônio tomou a palavra —, mas estou arrependido e peço que me desculpe para que possamos seguir como antes.

— Errou como? — questionou Marieta.

Marco Antônio contou para Marieta que, erradamente, se envolvera com uma colega de trabalho. Disse que passara o feriado com ela, além de outros detalhes.

— Você falou “seguir como antes”? — repetiu Marieta. — Como, diante de mais uma traição, de mais uma mentira? Do jeito como nossa relação andava fria? Parecíamos dois estranhos debaixo do mesmo teto. O que você faria se fosse ao contrário, Marco Antônio? Nossa relação não vinha bem, mas você não fez qualquer movimento para mudar, permaneceu em uma verdadeira zona de conforto, vivendo uma relação conveniente na qual você tinha casa, comida, família e roupa lavada.

A forma como Marieta falava era como se estivesse dando um tapa na cara do marido. Ela falava com tranquilidade, mas a voz estava carregada de decepção.

— Bem, Marieta, lamento que tenha causado tudo isso. Gostaria de uma nova chance para que tentássemos fazer diferente daqui em diante. Você topa? — propôs Marco Antônio, com sinceridade.

— Preciso de um tempo. Nossa relação precisa de um tempo. Precisamos avaliar o que sentimos um pelo outro. A partir daí, repensaremos o que queremos.

— Depois de 20 anos você está pedindo um tempo? — perguntou Marco Antônio, abismado.

— Sim. Depois de 20 anos, não imaginei passar pelo que estou passando. Conversaremos com as crianças na próxima semana, mas seguiremos

dialogando. Certo? — falou Marieta, enquanto pegava dinheiro na bolsa para pagar o café.

— Certo! — consentiu Marco Antônio.

Marieta se despediu do marido e foi para a entrada do shopping pegar um táxi de volta para casa. Sentia-se triste, mas, ao mesmo tempo, estava aliviada por ter conseguido falar para ele tudo o que pensava.

Marco Antônio permaneceu sentado por mais um tempo, pensando como ele havia deixado que as coisas saíssem tanto do controle. Até que, em sua mente, surgiu uma frase solta: “É hora de limpar a sujeira que fez”. Levantou-se pensando: “Não vai adiantar ficar aqui me lamuriando. Preciso resolver essa situação.” Enviou uma mensagem para Adriana, informando que não voltaria para a casa dela naquele dia.

Adriana estava em uma roda de samba com uma amiga e, lendo a mensagem, decidiu ficar com outro homem naquela mesma noite. Queria dar o troco no amante.

Marco Antônio foi para a casa de Josué. Agradeceu a receptividade do amigo e conversou com ele sobre os últimos acontecimentos. Josué separara-se da esposa havia uns dois anos; morava sozinho. Cedeu um quarto ao amigo e também lhe emprestou umas roupas para dormir e para trabalhar no dia seguinte. Marco Antônio disse a Josué:

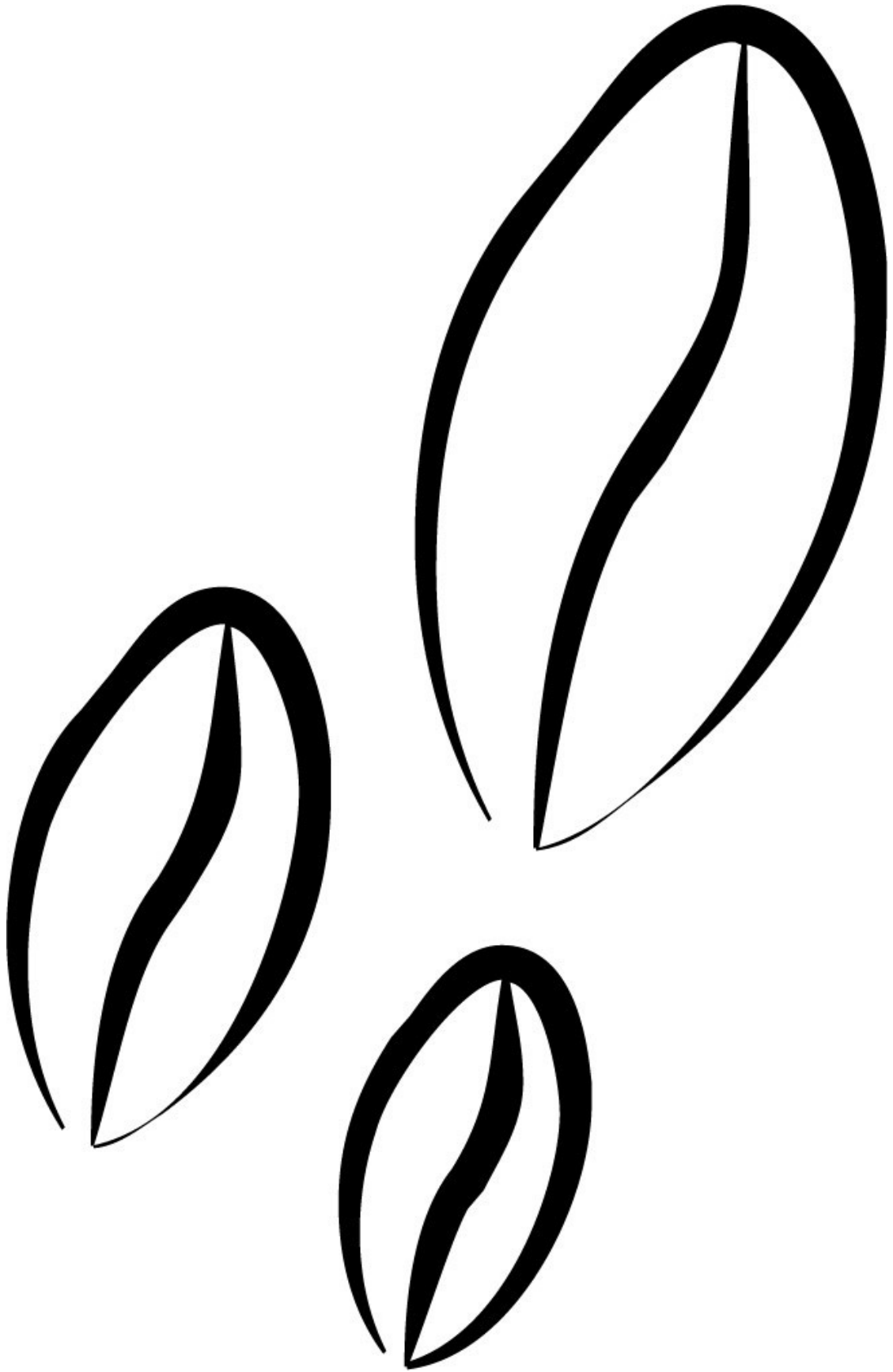
— Amanhã mesmo, na hora do almoço, vou em casa pegar umas mudas de roupa para passar uns dias aqui.

— Fique tranquilo, amigo, pode ficar o tempo que precisar. O que você pretende fazer da vida? — perguntou Josué.

— Desejo reatar meu casamento e minha família. Também desejo dar um fim no relacionamento com Adriana. Deixei que a beleza dela me envolvesse e me perdi nessa história toda. Agora, parece que algo me prende a ela. Por vezes, a desejo tanto que meus pensamentos chegam a embaralhar. Daí, caio em tentação. A carne fraqueja diante daquele mulherão.

— Você vai precisar ser firme para alcançar seu objetivo, ainda mais trabalhando no mesmo lugar que ela — comentou Josué.

— Eu sei disso. Estou buscando forças para lidar com a situação.



Marieta chegou em casa e foi direto para o banho, aproveitando o silêncio que reinava no lar, pois a mãe e os filhos haviam saído para lanche. Enquanto a água fria caía sobre sua cabeça, as lágrimas escorriam de seus olhos. Revivia a conversa com Marco Antônio e pensava como seria dali em diante. Depois, deitou-se e acabou cochilando um pouco.

Foi acordada por Dina, que acariciava seus pés e perguntava se ela estava bem. Marieta relatou o que havia acontecido. Disse que se sentia ao mesmo tempo triste e certa da decisão que havia tomado. Seu coração estava mais aliviado.

— Minha filha, confie em Deus! — falou Dina. — Essa tormenta vai passar e o sol voltará a brilhar.

— Que assim seja, mamãe! Que assim seja! Vamos ver o que me aguarda nessa semana que está chegando — completou Marieta, levantando-se e seguindo com Dina até a sala para se juntar aos demais.

SUBOCÉU DE ARUANDA

14

QUEM PODE MAIS?

Amanheceu. Marco Antônio abriu os olhos, refletindo sobre tudo e pensando em seus próximos passos — mal conseguira dormir à noite. Decidiu que, na hora do almoço, antes de os filhos chegarem da escola, passaria em casa para pegar uma muda de roupas para passar uma temporada na casa do amigo Josué. Também pretendia entrar em contato com Marieta para combinarem a conversa que teriam com Marina e Rafael sobre a decisão tomada. Depois de um tempo, levantou-se, tomou banho e foi para o escritório, bem mais cedo que o habitual.

A rotina na casa da família de Rafael seguia normalmente. Durante o café-da-manhã, Marina perguntou à mãe quando o pai chegaria de viagem. Marieta, um pouco sem jeito, disse que na terça-feira ele deveria estar de volta. Em seguida, levantou-se da mesa e foi lavar a xícara que havia usado, mas ao mesmo tempo pensava: “Deus, dê-me forças para lidar com essa situação”. Depois, apressou os filhos para a escola. Todos se despediram de Dina e saíram. Olhando-os sair apressados, Dina pensou: “Que se faça o melhor para a felicidade de todos eles”.

Adriana chegou ao trabalho. Marco Antônio não a viu, porém, quando sentiu o perfume da amante, seu coração sobressaltou. Adriana estava acompanhada por Tônico, que, ao ver Marco Antônio, resolveu ficar ao lado dele para sondar o que se passava. A mulher irritou-se por Marco Antônio não ter dado a mínima quando ela passou. Sabia que ele era discreto, mas não esperava ser ignorada por completo. Pensou: “Ele vai rastejar aos meus pés”. Já em sua mesa, enviou uma mensagem ao amante. Dissimulada, disse que havia sentido a falta dele.

— Meu camarada — Tônico falou, rindo para Marco Antônio —, estava sentindo sua falta. Aposto que você também sentiu a minha.

Tônico prostrou-se ao lado de Marco Antônio, questionando-o o que estava acontecendo. Sem qualquer noção do que ocorria, como uma criança ingênua, ele respondia mentalmente aos estímulos emitidos pelo espírito que o acompanhava.

Quando recebeu a mensagem de Adriana, Marco Antônio respirou fundo e

pensou: “Vai ser difícil me livrar dessa mulher, mas hei de encontrar uma forma”. Resolveu ignorar a mensagem e não respondeu.

Tonico, vendo a situação, ficou preocupado. Começou a estimular Marco Antônio, dizendo que Adriana o amava porque ele era especial entre outras coisas. Buscava engambelar Marco Antônio, que não correspondia, dizendo a si mesmo: “Preciso focar no trabalho que é mais importante”, e assim o fez.

Tonico decidiu sair da empresa e ir até o consultório de dona Neide, à procura de Telma, para relatar os últimos fatos. Depois de ouvi-lo, Telma mandou que ele voltasse e continuasse ao lado de Marco Antônio. Depois, foi até a médium, que estava no local acendendo algumas velas para começar os trabalhos. Telma intuiu Neide de que as coisas não iam bem no caso de Adriana, e era hora de se livrar dela.

Neide compreendeu a orientação, no entanto, movida pela ganância, viu a oportunidade de arrancar mais dinheiro da cliente. Telma falou à sua protegida:

— Sua idiota, você pode colocar todos nós em risco! Deixe-a. Depois, arrumaremos outros clientes e casos melhores.

A médium ignorou a orientação da pseudo-pombagira. Telma, então, olhou para Neide com um semblante de perversidade e falou:

— Você pensa que se manda? Você é minha! Saia da linha, me desobedeça e verá o que faço a você!

Equivocadamente, Neide achava que os espíritos a serviam, mas, na verdade, era ela quem servia à baixa espiritualidade.

Adriana enviou uma nova mensagem a Marco Antônio. Dizia que o esperava para almoçar e perguntava por que a estava ignorando. Sem paciência, Marco Antônio respondeu que estava trabalhando e tinha um compromisso na hora do almoço. Encerrou dizendo que eles se fariam quando desse.

Adriana soltou um palavrão com a resposta inesperada do amante. Abandonou sua mesa e saiu do prédio para fumar um cigarro. Aproveitou para ligar para dona Neide, pois a médium havia lhe garantido que Marco Antônio seria dela.

O telefone tocava no consultório espiritual da médium, mas ela, que estava

ocupada atendendo um cliente, ignorou a chamada. Na caixa-postal, ouviu a mensagem de Adriana dizendo que precisava de uma consulta urgente.

No fim da manhã, Marco Antônio saiu do trabalho e foi até a casa da família. Chegando lá, encontrou Dina cuidando dos afazeres domésticos. Conversou um pouco com a sogra: lamentou todo o ocorrido e disse que estava arrependido e disposto a reatar o relacionamento e restaurar a família.

Dina ouviu o genro desabafar. Depois, disse:

— Tenha paciência, Marco Antônio. Muitas vezes, reconstruir é mais difícil que construir. Tenha sabedoria, aja com sinceridade, aprenda com seus erros e cresça com suas falhas e tropeços.

Dina era inspirada por Plínio, mentor de Marco Antônio. Também estava sendo assistida por Tomé e por sua mãe, Lilian.

— Não se afaste de seus filhos, nem os desampare — continuou Dina —, faça diferente de como vinha se portando. Se está disposto a reatar com Marieta, lembre-se do início do relacionamento de vocês, pense no que a fez se apaixonar por você. Pense bem... se estiver disposto a batalhar por sua família, saiba que não será uma tarefa fácil.

Marco Antônio ouvia a sogra em silêncio. As palavras dela tinham sentido para ele. Por fim, agradeceu as orientações de Dina e pediu licença para ir ao quarto buscar algumas mudas de roupa.

Lilian, voltando-se para Plínio, perguntou:

— O que acha de toda essa história?

— Lilian, há males que vêm para o bem. A dor e o sofrimento também são ferramentas úteis para o crescimento e o aprimoramento do indivíduo. Marco Antônio tem consciência de seu erro e está realmente arrependido, além de demonstrar que está disposto a mudar. No entanto, isso só depende dele. Muitas vezes, fazemos escolhas equivocadas enquanto encarnados, e devemos extrair de nossos erros o aprendizado necessário para nosso crescimento — respondeu Plínio.

— Vocês acham que existe alguma chance de Marco Antônio e Marieta

reatarem? — perguntou Lillian a Tomé e Plínio.

— Isso só depende deles — disse Tomé.

Marco Antônio voltou do quarto, se despediu de Dina na cozinha e saiu para deixar seus pertences na casa de Josué. Enquanto estava no táxi, uma lágrima rolou de seus olhos. Estava triste com tudo aquilo. Para ele, fora muito pesado sair de casa.

Sozinha novamente, Dina se lembrou de ligar para Fátima a pedido de Rafael. Fez a ligação para a amiga e logo foi atendida. Após os cumprimentos, agradeceu, mais uma vez, a assistência prestada à sua família e perguntou se a conversa com o neto estava de pé. Fátima respondeu que sim e marcou para falar com ele na quinta-feira à tarde. Dina agradeceu e disse que o levaria ao local.

Depois, ligou para Marieta avisando que Marco Antônio estivera na casa para pegar algumas mudas de roupa. Depois de ouvi-la calada, a filha respondeu:

— Melhor assim, mamãe.

Marieta falou mais um pouco com a mãe sobre outros assuntos de casa e desligou. Tentava se compreender: sentia-se firme, fortalecida, porém estava triste com tudo o que se passava em sua vida. Lembrou-se de Pai Serafim do Congo, dizendo que ela não estava sozinha, aconselhando-a a orar por ajuda, pois o amparo não lhe faltaria. Assim o fez Marieta. Em sua mesa de trabalho, pediu com fé, a Deus e ao preto-velho, que a ajudassem em seu momento de vida.

Rafael e Marina chegaram em casa na hora do almoço. Dina contou que havia marcado para o neto uma conversa com Fátima a respeito de suas dúvidas na próxima quinta-feira. O jovem agradeceu à avó com um beijo no rosto e lhe disse:

— Você é demais!

Ambos riram e se sentaram para almoçar.

A tarde no trabalho de Marco Antônio foi bastante corrida. Por vários momentos, sentia que Adriana o observava, mas decidiu ignorar. Estava realmente disposto a dar um fim àquela situação. Ao longo do dia, Adriana enviou várias mensagens

ao amante, chamando-o para sair depois do expediente, porém Marco Antônio continuou ignorando a mulher.

No fim do dia, Adriana aguardou, do lado de fora da empresa, o amante sair. Quando ele pôs os pés na calçada, ela disse:

— Você quer que eu fale aqui mesmo ou prefere ir a um lugar mais reservado?

— Vamos a um lugar discreto — cedeu Marco Antônio.

Cada um tomou um rumo e chegaram, separadamente, a um barzinho próximo à empresa. Durante o trajeto, ele pensava irritado: “Que mulher insistente, pegajosa. Parece que se esqueceu que nossa relação era casual, nada sério, apenas sexo. Se arrependimento matasse, não estaria mais vivo agora.”

Tonico, que o acompanhava de perto, falava para ele:

— Aproveite a oportunidade. Ela te quer! Agora, você é solteiro. Que mal há nisso? Só mais uma vez...

No bar, Adriana pediu uma bebida para cada um. A mulher exalava energia sexual. Quando Marco Antônio a viu, sentiu-se atraído e pensou: “Essa mulher é chave-de-cadeia. Preciso resistir ao charme dela.” Depois de algumas doses, Adriana convidou Marco Antônio para continuarem bebendo na casa dela. Como um cordeirinho, ele aceitou. Bebendo junto com ele, Tonic lhe dizia:

— Isso mesmo! Relaxe e aproveite. Depois ajeita o casamento.

Assim que chegaram ao apartamento, foram direto para a cama. Tonic sorvia toda a energia do sexo casual, chegando ao êxtase junto com o casal. Durante o frenesi, Marco Antônio sentia prazer e culpa, como se não dominasse seu instinto. Depois da relação sexual, ele se levantou abruptamente e deixou a amante sozinha na cama, dizendo que precisava ir embora.

Primeiro, Adriana olhou para ele de forma interrogativa. Em seguida, começou a rir, dizendo que ele não resistia aos encantos dela.

Marco Antônio pegou um táxi para o apartamento de Josué. Estava arrasado, pois não cumprira o que havia determinado a si mesmo: acabar com aquela relação. Na casa do amigo, aproveitou que estava sozinho e caiu no sofá

desolado.

Tonico, que o acompanhava, dizia para Marco Antônio:

— Não desanime, meu chapa. Amanhã tem mais.

Quando Josué chegou em casa, acendeu a luz da sala e viu Marco Antônio sentado no sofá, sentiu um aperto no peito. Algo o incomodava, mas ele não sabia definir o que era. Sensitivamente, Josué captou a energia de Tônico, mas só conseguia identificar algo estranho no ar.

— O que houve, meu amigo? — perguntou Josué.

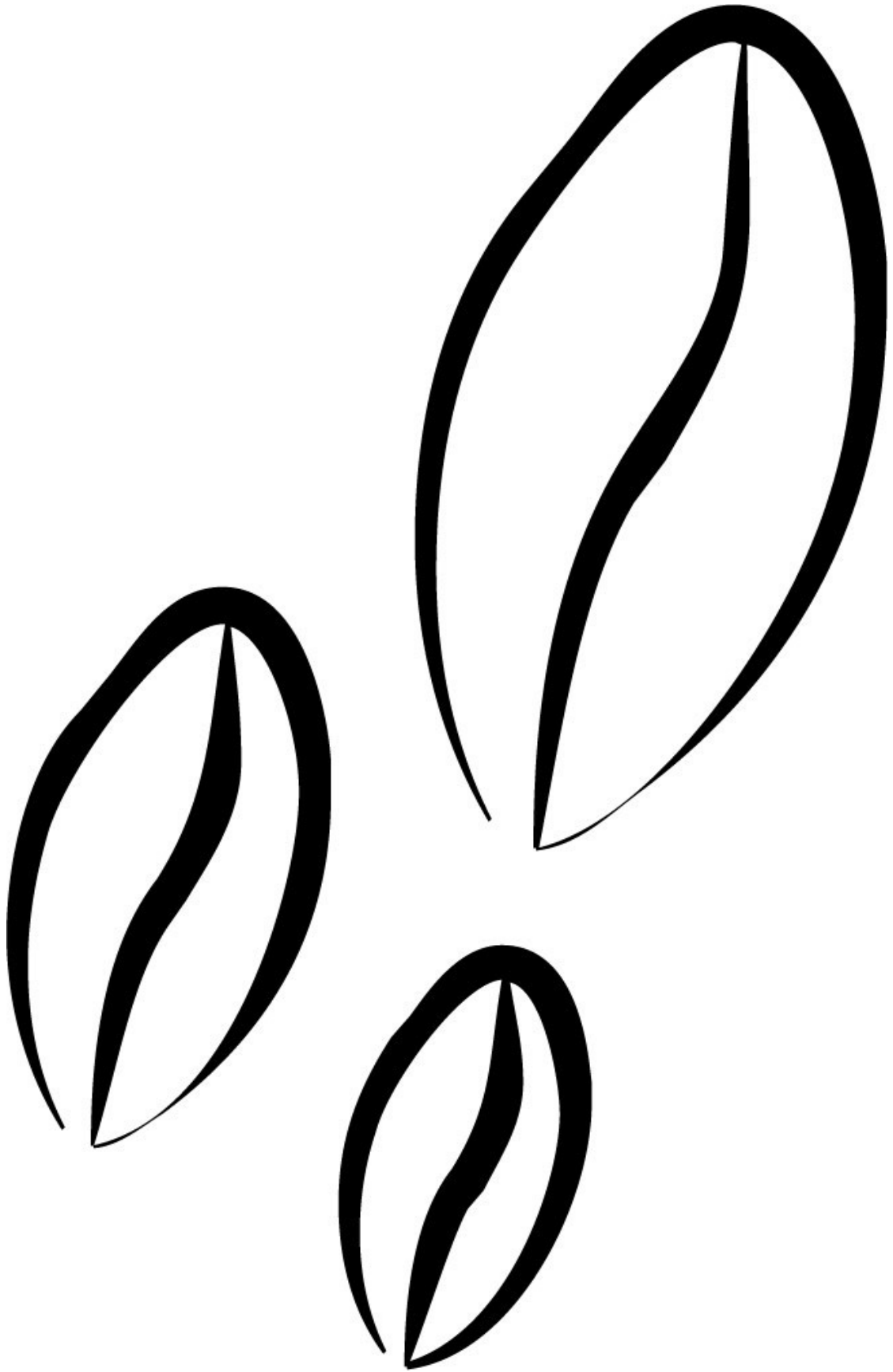
— Caí, mais uma vez, em tentação.

— Como assim? — questionou Josué.

— Deixei me levar pelo desejo e fiquei novamente com Adriana. Parece que não consigo resistir àquela mulher — reclamou Marco Antônio.

— Calma, amigo. Você consegue, você é capaz — falou Josué, colocando a mão sobre o ombro de Marco Antônio. — Vai tomar um banho, descansar, que amanhã é um novo dia, e você terá uma nova chance de fazer diferente.

Antes de se deitar, Marco Antônio enviou uma mensagem para Marieta, pedindo desculpas por suas falhas. Como não teve retorno, disse que no dia seguinte precisariam conversar com os filhos a respeito da decisão tomada.



Durante a madrugada, a casa da família de Rafael recebeu, no plano espiritual, a visita de Pai Serafim. O preto-velho foi recebido e saudado por Tomé e Lilian. O velho Serafim informou que estava ali por Marieta, que vinha orando e pedindo que ele a ajudasse.

— Que interessante! — exclamou Lilian.

— Lilian, se os filhos da Terra soubessem da força que uma oração e um pensamento têm, os usariam mais a seu favor — disse Pai Serafim. — Para conversar com Deus, não precisa de palavras bonitas ou decoradas, elas devem vir do coração.

No quarto, Pai Serafim conversou com Marieta em desdobramento, enquanto Tomé e Lilian observavam. Depois, os três espíritos falaram sobre a situação de Marco Antônio. Encerrada a conversa, Serafim se despediu para dar prosseguimento a seus trabalhos na espiritualidade.

— Lilian, você deseja visitar Maria novamente comigo? — perguntou Tomé.

— Sim — respondeu Lilian.

Os dois seguiram para a região umbralina onde Maria estava aprisionada. Durante o trajeto, Lilian indagou a Tomé:

— Por que você visita um espírito tão endurecido que não quer ajuda?

— Porque apenas o amor é capaz de curar. Maria está encarcerada em si mesma. As grades que a aprisionam são geradas pelos sentimentos que ela nutre. Ela não é má, só está distante da luz de Cristo. Equivocou-se por conta do sentimento de vingança. Se for permitido e possível, a visitarei diariamente, mesmo sem ela me notar. Faço sem esperar nada em troca, apenas pelo simples ato de ajudar. Em outras existências, já fui pedra bruta, já estive distante de Deus. Só encontrei paz de espírito quando voltei para Deus, por isso me identifico com a situação de Maria.

— Entendo, Tomé — concordou Lilian.

Maria estava no mesmo estado da última visita: raivosa, matutava sobre uma

forma de sair daquele local para terminar sua vingança contra Rafael.

Tomé, sem ser percebido, fez uma oração na intenção daquele espírito infeliz. Depois, retornou à casa de Rafael para falar com o jovem durante o sono físico.

— Rafael — falou Tomé —, seus pais precisam de apoio devido à crise que estão atravessando. Busque ser companheiro de ambos, converse, ajude, confie em Deus e ore todos os dias na sua intenção, na de sua família, de todos os que você ama, dos amigos, dos desconhecidos e, principalmente, dos inimigos espirituais. Ainda que não recorde, peça perdão, de coração, pelas faltas que cometeu. Também peça a Deus forças para, diariamente, se tornar uma pessoa melhor.

— Pai Tomé — perguntou Rafael —, o que está acontecendo com meus pais?

— Fique calmo e mantenha a serenidade. No momento certo, eles chamarão você e sua irmã para conversar.

— E quanto aos inimigos espirituais? — indagou o rapaz. — Tenho certeza que cometi muitas faltas, mas não tenho a clareza do que se passou.

— Conforme já lhe disse, sabe que fez o mal no passado, mas o que importa é fazer o bem hoje, ser diferente, ser uma pessoa genuinamente melhor. Não tema os inimigos. As boas atitudes do presente protegerão você ao longo de sua caminhada. — disse o mentor, despedindo-se de Rafael com um abraço.

Marco Antônio continuava tendo dificuldades para dormir. Levantou-se amuado e saiu cedo para trabalhar.

Marieta leu a mensagem de Marco Antônio assim que acordou. Sabia que ele tinha razão, não podia mais adiar a conversa com os filhos. Respondeu ao marido, pedindo que ele estivesse em casa às 19h para conversarem com Marina e Rafael.

Rafael se levantou, tentando recordar o sonho que tivera à noite. Lembrava-se de fragmentos: alguém falava alguma coisa sobre seus pais e pedia para ele rezar mais. Enquanto se arrumava para a escola, pensava: “Tomara que dona Fátima me ajude a entender um pouco mais sobre esses sonhos que venho tendo”.



Marco Antônio leu a resposta seca de Marieta, lembrou-se do conselho de Josué para ele aproveitar a chance de fazer diferente a cada amanhecer e pensou: “Hoje serei mais firme e mais resistente à Adriana do que ontem”.

Não tardou para Adriana chegar ao trabalho. Sua roupa era exuberante, pois gostava de chamar atenção, ser desejada, adulada, jamais ignorada.

Marco Antônio manteve a mesma postura indiferente do dia anterior, demorando ou não respondendo às mensagens dela. Adriana passava pelo andar onde Marco Antônio trabalhava desnecessariamente, apenas para ser vista por ele. Para escapar das investidas da amante, Marco Antônio foi almoçar com a equipe de trabalho, pois imaginou que ela estaria esperando por ele na saída da empresa.

A mulher era astuta; seguiu o grupo a certa distância. Depois, apareceu e foi convidada pelos colegas para compartilhar a mesa. Marco Antônio estava cansado das artimanhas da amante. Ela parecia estar sempre a um passo à frente dele.

Naquela tarde, Adriana ligou de novo para o consultório de dona Neide, mas não conseguiu falar. Atrevida que só, falou para si mesma: “Se ela pensa que vai ficar sem me atender, está muito enganada. Assim que eu sair do trabalho, vou atrás dela.”

Para Marco Antônio, a hora parecia se arrastar; começou a sentir-se ansioso. Ele só pensava em como seria a conversa com os filhos e qual seria a reação deles. Além disso, Adriana continuava perturbando-o e assediando-o.

Marco Antônio saiu um pouco mais cedo do trabalho para ir à casa da família. Chegando lá, chamou Marina e Rafael para dar uma volta, tomar um suco, se inteirar sobre como havia sido os dias durante sua ausência.

Rafael contou ao pai sobre a visita à casa de Umbanda. Falou sobre seus anseios e convidou-o para ir com ele à próxima sessão.

— Filho — disse Marco Antônio —, nunca fui dado a esse tipo de coisa, acho que sempre fui uma pessoa muito racional. Você não acha que está muito cedo para se envolver com essas coisas? O que sua mãe diz sobre isso?

— Pai — respondeu Rafael —, fui ao centro na companhia de mamãe, vovó e Julia. Achei coerente tudo o que vi e observei. Vou esclarecer as dúvidas que tenho depois de amanhã com a dirigente. Mas, como disse, estou apenas conhecendo. Convidei você para ir com a gente para que também conheça e tire suas conclusões a partir de sua experiência. Pai, você conhece a religião de Umbanda?

— Não conheço. Sempre ouvi falar que essas coisas de macumba são voltadas para o mal.

— Pai, será que você não está sendo preconceituoso? Ainda mais você, que se diz tão racional? Por que não se dá a chance de conhecer? Não vi nenhum mal sendo feito lá; ao contrário, só ouvi as mensagens de amor e incentivo, os cânticos, o nome de Cristo e dos orixás — concluiu Rafael.

— Gostei de seus argumentos, meu filho — falou Marco Antônio. — Talvez eu esteja sendo preconceituoso e injusto em meu julgamento. Se der, a qualquer hora dessas, acompanho você.

— Pai — disse Marina —, confesso que eu também tenho medo dessas coisas de espíritos, pois me lembram daqueles filmes de terror. Eu, Rafa, vó Dina, Julia e mamãe conversamos sobre isso no fim de semana. Pretendo acompanhá-los na próxima sessão.

— Quem sabe vamos juntos — propôs Marco Antônio.

Ele havia dito isso mais com o intuito de ficar junto à família do que de conhecer o centro. Sempre fora um homem cético, mas não queria se indispor com os filhos, pois teria uma conversa difícil com eles assim que Marieta chegasse do trabalho. Voltando para casa, pai e filhos conversaram sobre vários assuntos durante o trajeto.

Quando chegaram em casa, Marieta já estava. Depois de cumprimentar os filhos, disse que precisavam conversar. Rafael e Marina se entreolharam e o rapaz, imediatamente, se lembrou do sonho que tivera naquela noite.

Depois de uns três segundos de um silêncio sepulcral, Marieta olhou para Marco Antônio e fez um gesto com mão para ele começar a falar.

Marco Antônio, meio sem graça, disse para os filhos:

— Sua mãe e eu decidimos dar um tempo devido algumas falhas que cometi.

— Como assim dar um tempo? — questionou Marina à queima-roupa. — Já vi casal de namorados dar um tempo, mas depois de quase 20 anos juntos, não consigo entender.

— Sei que é confuso, minha filha — disse Marco Antônio.

— Eu gostaria de entender o que os levou a essa decisão — insistiu Marina.

— Bem, nosso relacionamento estava desgastado. — Depois de uma pausa, Marco Antônio prosseguiu. — Com isso, me deixei levar e tive uma relação com outra mulher — confessou, envergonhado. — Sei que errei, que fui falho. Já pedi desculpas à Marieta, mas ela precisa de um tempo para absorver a situação. Por isso, estou saindo de casa e vou morar na casa de meu amigo Josué durante um tempo, até que possamos tomar uma decisão sobre nosso casamento.

— Mari, a questão da traição, no que tange ao nosso relacionamento, é um problema meu e de seu pai — falou Marieta. — Nada muda na relação de vocês, independentemente do que venhamos a decidir.

— Como não muda nada? — questionou Marina, chorando. — Sei que não serei a primeira, nem a última a ter os pais separados, mas eu gostava de ter uma família, com todos morando juntos.

— Eu sei, minha filha — falou Marieta. — Lamento que esteja se sentindo assim. Acredite, o amor que eu e seu pai sentimos por vocês é o mesmo.

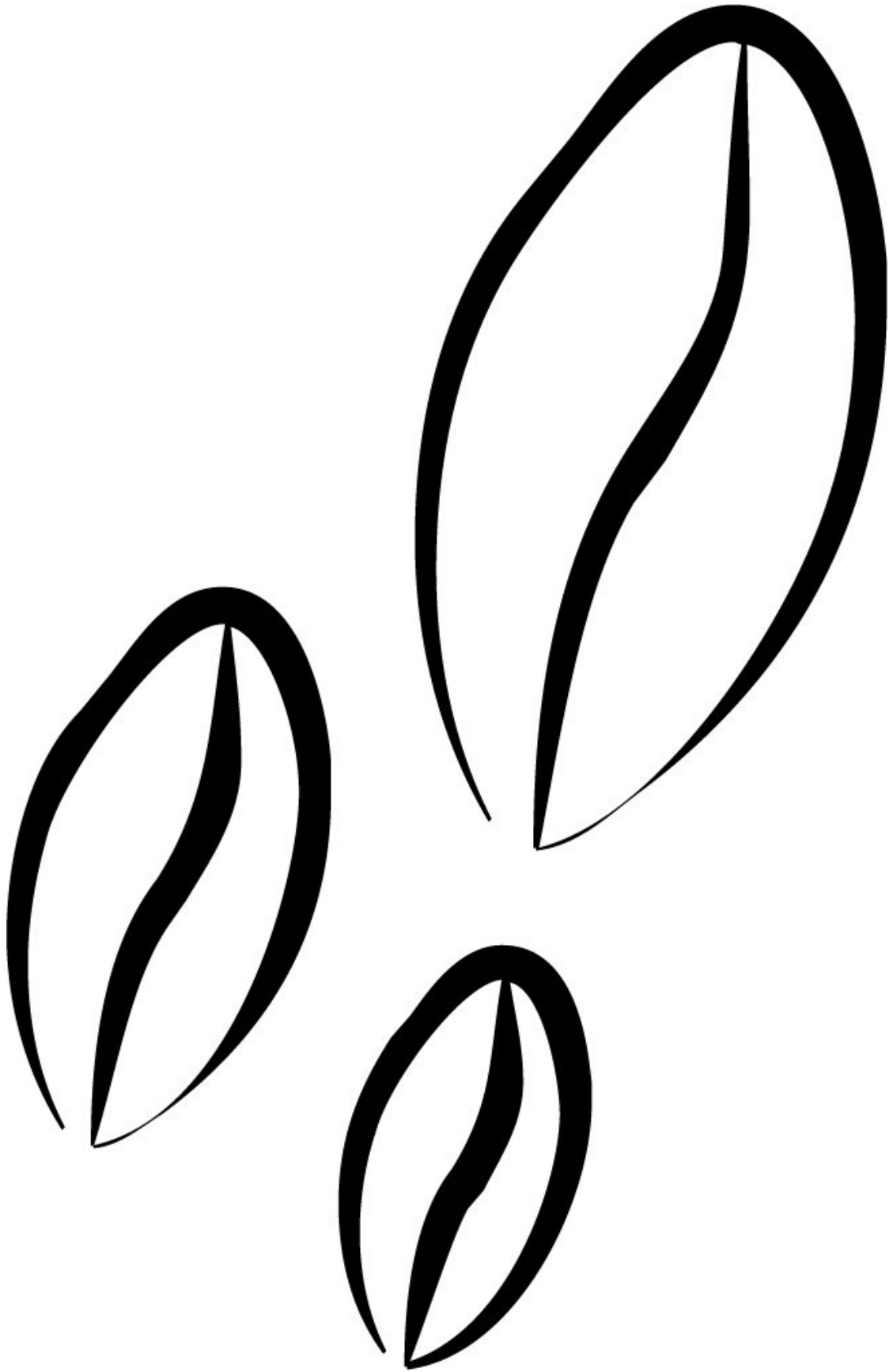
— Minha filha — falou Marco Antônio, abaixando-se diante da filha e afagando os cabelos dela —, me perdoe por fazê-la sofrer. Farei de tudo para reaver nossa família, para superarmos essa situação juntos.

— Pai, mãe, deve ter sido difícil para vocês tomar esta decisão, assim como está sendo para mim e minha irmã lidarmos com isso — falou Rafael, também acariciando os cabelos de Marina.

— Mari — disse Marieta —, eu e seu pai tomamos essa decisão para que não convivêssemos de forma infeliz ou desrespeitosa, porque nos preocupamos, principalmente, com vocês.

O coração de Marco Antônio se despedaçou por deixar a filha daquele jeito. Seu sentimento de culpa só aumentava.

A família era assistida por Lilian e Tomé, que buscavam emanar vibrações positivas para aquele momento difícil.



Adriana saiu do trabalho e foi direto para o consultório de dona Neide. Quando chegou ao local, foi informada pela secretária que ela não tinha um horário agendado com a “madame Neide”. Adriana respondeu que não iria embora sem ser atendida, pois vinha fazendo um acompanhamento espiritual, mas o trabalho havia desandado. Sentou-se e aguardou por mais de uma hora, impacientemente, Neide terminar o atendimento que estava fazendo.

Na sala, Neide estava acompanhada por Telma, que estava de pé ao lado da médium, assessorando-a. Adriana entrou e começou a contar que o trabalho não estava mais funcionando, mas que, no início, dera resultado. Enquanto a jovem falava, Neide fumava e a olhava de cima abaixo, avaliando uma forma de arrancar mais dinheiro da mimada Adriana. Quando a mulher parou de falar, Neide deu uma boa puxada na fumaça do cigarro, bafou no rosto da consulente e gargalhou.

— Moça, a pombagira está ao meu lado — disse Neide. — Ela está avisando que a esposa de seu amante está andando em centro, sabe de sua existência, está demandando e pagando para que a amarração seja desfeita, por isso, o trabalho parou de fazer efeito. Ela também manda dizer que a jovem precisa ser mais maleável, saber agradecer mais o homem, para que vocês continuem se deitando com frequência. Se tiver paciência, astúcia e sabedoria, ele será totalmente seu. — Deu outra gargalhada enquanto bebia e fumava. — Será necessário desfazer a macumba que a esposa dele está fazendo para você. A moça está disposta a entrar nessa briga? Será uma grande batalha, que só depende de sua decisão.

— Não sou de perder uma briga, nem levar desaforo para casa. O que preciso fazer? — perguntou Adriana.

Telma ria da situação enquanto bebia e fumava com a médium, em plena afinidade e sintonia. A jovem petulante caíra na história inventada pela gatuna.

— Bem — falou Neide —, foi feito um trabalho grande contra você no cemitério, será necessário desfazer. Depois, faremos uma amarração mais forte e inquebrável. Vamos ver quem pode mais!

A médium charlatã acertara em cheio a vaidade de Adriana, que gostava de suplantar os outros, mostrar-se superior, ser sempre a melhor.

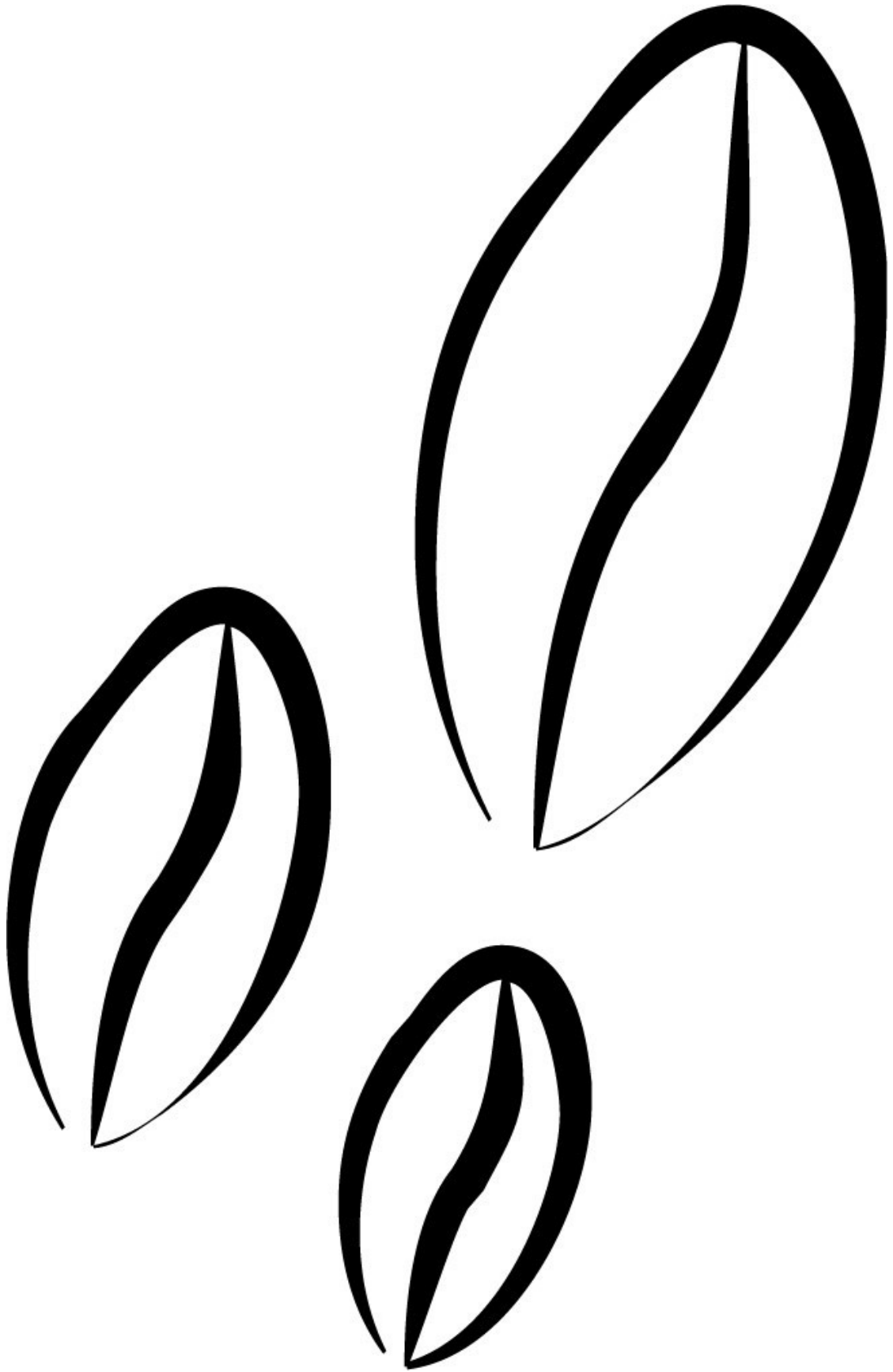
— Agora — continuou Neide, sob a orientação de Telma —, avalie bem se você quer, realmente, esse homem, pois existem muitos outros além dele nesse mundo, ainda mais para você que é jovem, rica e bonita.

Adriana se encheu de si e, por fim, perguntou a Neide:

— Quanto fica o trabalho?

Neide deu um preço altíssimo, e Adriana fechou negócio. Deu um cheque com a metade do valor e combinou que a outra parte seria paga quando Marco Antônio estivesse casado com ela e esquecesse da família.

Adriana voltou para casa a fim de comemorar, antecipadamente, sua vitória.



Depois do jantar e de Marina ter se acalmado, Marco Antônio pegou o carro na garagem e foi para a casa de Josué. Assim que saiu da casa da família, Tónico voltou a acompanhá-lo, sussurrando em seu ouvido para que ele corresse mais.

Com Josué, Marco Antônio desabafou sobre o que acontecera na casa da família. Josué ouvia o amigo em silêncio, mas sentia arrepios incômodos e, por vezes, uma sensação de mal-estar. Pensava: “Ele deve estar carregado”. Josué era médium, mas não seguia uma religião, pois tinha dificuldade para assumir compromissos, porém já conhecia algumas sensações acarretadas por sua mediunidade. De vez em quando, ia a um terreiro ou a um centro espírita tomar um passe. Também tomava banhos de ervas quando prescritos nas consultas ou quando achava necessário.

— Marco Antônio — falou Josué —, busque se fazer presente na vida de seus filhos, independentemente de suas escolhas.

Durante a madrugada, Telma foi atrás do espírito de Marco Antônio e surpreendeu Tónico dormindo no chão do quarto. Deu um chute no empregado que, ao vê-la, ficou de pé imediatamente.

— Chefe, o que a senhora faz aqui? — perguntou Tónico.

— Trabalhando! — respondeu Telma. — Algo que você também deveria estar fazendo, seu estúpido.

Telma, com a ajuda de Tónico, amarrou o espírito de Marco Antônio, colocando-o sentado. Depois, pegou na bolsa uma espécie de teia negra feita com um material espiritual viscoso e colocou sobre o tampão do crânio do homem. Enquanto Telma realizava o procedimento, Marco Antônio se debatia.

Plínio, mentor espiritual de Marco Antônio, assistia a tudo sem poder intervir diretamente. Começou a orar, pedindo auxílio à espiritualidade maior em prol de seu tutelado. Tomé surgiu no quarto acompanhado por Lilian. Disse a Plínio que esperassem Telma sair para agir. Também informou que já havia pedido ajuda a outros amigos espirituais.

Telma concluiu o trabalho e deixou Tónico tomando conta de Marco Antônio. Assim que ela saiu, Tomé hipnotizou Tónico e o colocou em um sono profundo.

Depois, foi até o espírito de Marco Antônio examinar o que fora realizado.

Nesse instante, surgiu no quarto o espírito de Tranca-Ruas acompanhado por três sentinelas e pelo Caboclo Tupinambá. Plínio inteirou-os da situação. Em seguida, Tomé os informou que precisariam levar o espírito de Marco Antônio até um recanto da natureza para extirpar a teia e fortalecer o espírito do homem com as energias do local.

— Meu velho, siga com Tupinambá que eu vou atrás da delinquente da Telma — disse Tranca-Ruas para Tomé. — Uma sentinela levará Tônico preso para que seja julgado depois.

Tranca-Ruas seguiu com as outras duas sentinelas. Tomé, acompanhado por Plínio, Lilian e Tupinambá, carregou o espírito de Marco Antônio nos braços até um local da natureza próximo à cidade do Rio de Janeiro onde havia um riacho.

No local indicado, Caboclo Tupinambá pôs o corpo espiritual de Marco Antônio sobre uma pedra lisa no meio da cachoeira. Deixou-o aos cuidados de Tomé enquanto se embrenhava nas matas para pegar algumas ervas.

Cuidadosamente, Tomé iniciou o processo de retirada da teia. O corpo astral de Marco Antônio dava uns espasmos e em sua mente vinham inúmeros pesadelos envolvendo Adriana. Plínio e Lilian assistiam ao procedimento em silêncio, dando sustentação vibratória por meio da oração.

Tupinambá saiu de dentro das matas, trazendo vários tipos de folha. Algumas, entregou a Tomé para macerar; com as outras, forrou a pedra para colocar o corpo de Marco Antônio sobre a cama de folhas.

À medida que Tomé retirava a teia, Tupinambá, com um chocalho na mão, fazia uma espécie de dança em torno deles e um tipo de oração em língua indígena. Concluído o procedimento, Tomé informou que o espírito de Marco Antônio precisava ficar mais tempo naquelas paragens, recebendo os benefícios da natureza e das ervas sagradas.

— Tomé, posso fazer uma pergunta? — disse Lilian.

— Claro! — respondeu Tomé.

— O senhor Tranca-Ruas disse que Tônico será julgado. Como assim?

— Os exus são executores da Lei. Eles as fazem ser cumpridas e validas pelos infratores do astral inferior. Assim, Tônico, Telma, Penha e os demais envolvidos responderão por todas as faltas cometidas.

— Nunca ouvi falar disso — comentou Lilian.

— Os exus de Lei — explicou Tomé —, muitas vezes, patrulham as regiões umbralinas, organizando o caos em nome de Deus.

— Acho que, mesmo se eu passar mais uns mil anos na espiritualidade, ainda terei muito a aprender — falou Lilian, rindo.

SUBOCÉU DE ARUANDA

15

ACERTO DE CONTAS

O exu Tranca-Ruas das Almas chegou ao consultório de Neide e ficou apenas observando, sem ser notado. Telma mexia em algumas firmezas e assentamentos astrais — localizados em uma espécie de altar e alimentados pela médium. Uma energia escura e densa, quase asfixiante, pairava no ar, e Telma a sorvia.

— Boa noite, moça! — disse Tranca-Ruas, gargalhando.

Telma sentiu um calafrio percorrer o corpo. Sem se virar, questionou o que o intruso fazia ali.

— Primeiro, vire-se para mim e olhe em meus olhos; use um pouco de dignidade, educação e bons modos — repreendeu o exu com firmeza.

Telma, virando-se de forma altiva, viu o exu trajado liturgicamente: um homem enorme, com quase dois metros de altura, cavanhaque pontiagudo, dentes alvos e alinhados, cartola, calça e botas pretas, peito desnudo, capa preta por fora e vermelha por dentro e, na mão, um tridente da mesma altura que ele. Aparentava ter uns 35 anos, no máximo. Tranca-Ruas continuou a falar:

— Há poucos dias, estive aqui e a adverti a respeito de sua conduta, dos trabalhos que você executava e da interferência no livre-arbítrio dos filhos de Deus. Também ressaltei que ninguém estava acima do Bem e do Mal, que todos respondem à Lei e que nada passa impune. Por isso, vim acabar com seu antro, encerrando aqui um ciclo de maldades.

No momento em que Telma fez menção de falar, o exu lhe apontou o garfo, fazendo-a cair de joelhos envolta por correntes luminosas.

— Não estou disposto a conversar com você, mulher, pois ainda está muito arraigada aos interesses materiais. Vibra sentimentos ruins, não demonstra o mínimo de empatia pelo próximo e age sempre por interesse próprio, querendo extrair o máximo de vantagens de qualquer situação. Por isso, se afinou a essa médium. Vocês têm um sem-fim de semelhanças e, por sintonia, atraíram Adriana, uma cliente que vibra tal qual vocês. Os semelhantes se atraem, não os

opostos. Agora, vou lhe apresentar uma amiga que ficará responsável por você na espiritualidade: a verdadeira pombagira Maria Padilha, trabalhadora da Lei.

Gargalhando, surgiu no cômodo uma mulata de uns 40 anos de idade, dona de um olhar firme, um belo sorriso, cabelos presos no alto da cabeça em um coque, no qual estava espetada uma rosa vermelha, e vestido vermelho e preto. Maria Padilha caminhou até Telma, colocou a mão no queixo da mulher e a fez levantar a cabeça.

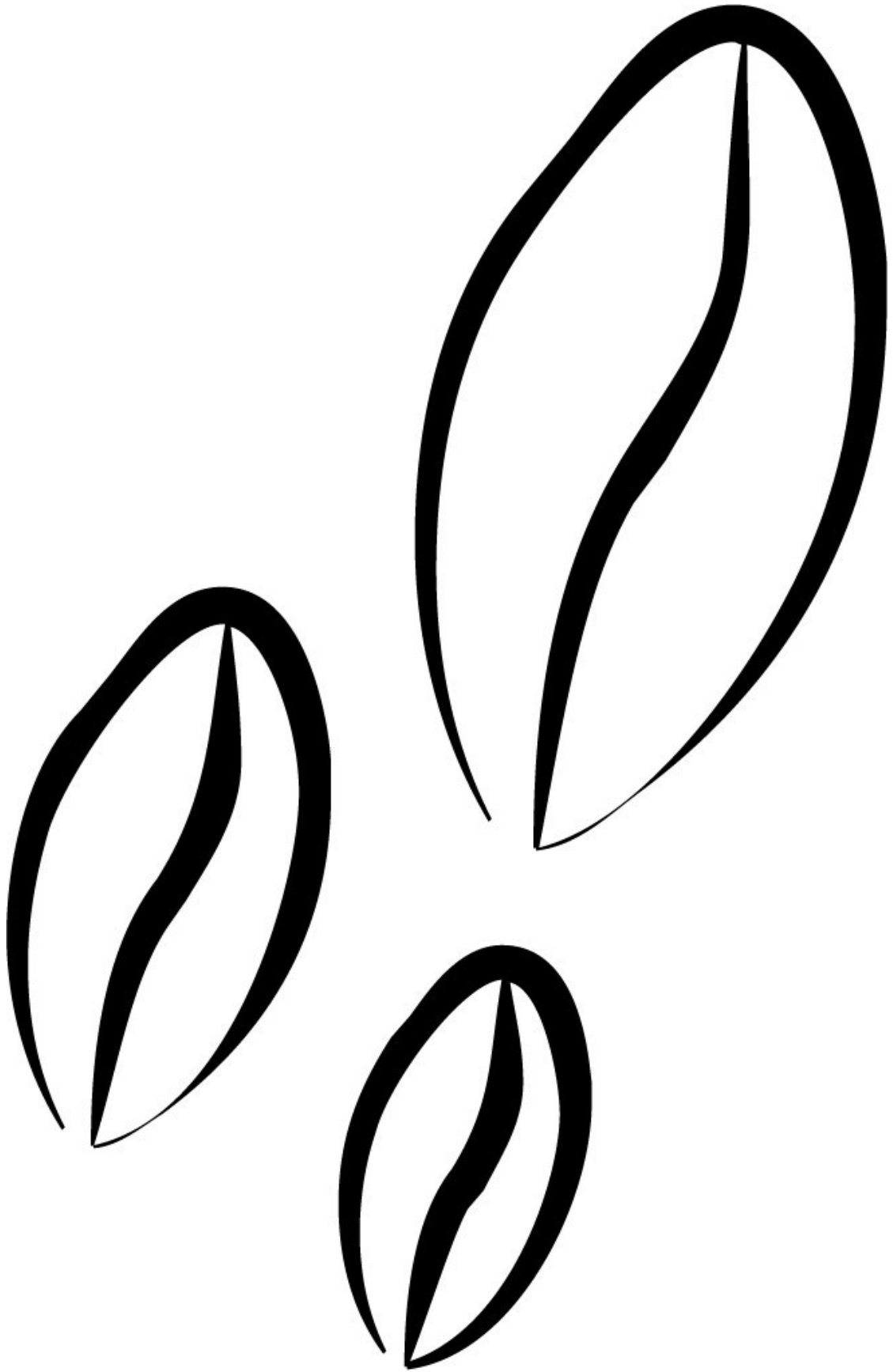
— Sempre soube de sua existência, passando-se por mim — falou Padilha. — Afastei-me de Neide, uma médium indisciplinada, que só queria trabalhar para suas próprias finalidades, que se esquecera e se distanciara da caridade. Assisto a tudo à distância; respeitei as escolhas da médium, que se perdera por conta do dinheiro, que é passageiro na vida de todos os encarnados. Quando morrem, todos se igualam, são apenas espíritos que levam e trazem, em sua bagagem espiritual, as boas e as más ações praticadas. Nós, trabalhadores a serviço do Bem, de Cristo, os guias que a acompanhavam, alertamos para que não tombasse, não sucumbisse às inclinações negativas que a médium trazia em seu íntimo. Explicamos que a mediunidade ostensiva que lhe fora concedida era uma ferramenta potente para a sementeira do bem ao próximo. Todavia, Neide resolveu trilhar outro caminho, e coube a nós, apenas, respeitar.

“Telma, seus subordinados já foram aprisionados e levados pelas sentinelas do compadre Tranca-Ruas. Agora, você vem comigo! Quanto a Neide, deixarei um de meus trabalhadores ao lado dela, impedindo que ela incorpore, durante um tempo, qualquer outro espírito que se aproximar. Ela continuará sendo médium, mas estará impedida de incorporar devido às inconformidades praticadas contra a Lei Maior. Que isso possibilite à médium um exame de consciência; que a faça enxergar seus erros; que gere, mais uma vez, a oportunidade de agir diferente; e que a possibilite se reaproximar do caminho reto do Bem e da Luz. Do contrário, caso a médium opte pela mistificação total, aí será seu fim: ela tombará no derradeiro abismo que ela mesma está cavando para si.”

Telma não tinha forças para rebater a pombagira e o exu. Várias lembranças, favorecidas pelas amarras que a aprisionavam, passavam por sua mente.

Antes de se despedir de Maria Padilha, Tranca-Ruas deu fim ao ambiente espiritual do consultório de Neide, desmanchou vários trabalhos negativos, feitiços e outros elementos a serviço do mal. Assim que finalizou as atividades

naquele local, o exu e seus trabalhadores voltaram para o apartamento de Josué. Tranca-Ruas promoveu uma limpeza na psicofera da casa. Depois, foi até o quarto de Josué e orientou o médium que dissesse para Marco Antônio buscar ajuda espiritual, pois estava enfeitado.



Já amanhecia quando Tomé, Lilian, Plínio, Tupinambá e Marco Antônio chegaram. O caboclo recolocou o espírito de Marco Antônio no corpo físico e informou-lhe que seria necessário manter repouso naquele dia.

Tranca-Ruas atualizou Tomé e os demais a respeito do ocorrido com Telma e o local de trabalho de Neide. Depois, se despediu de todos e prosseguiu para suas outras atividades. Tupinambá fez o mesmo. Plínio, Tomé e Lilian ficaram no local.

— Tomé, pode me esclarecer como ficará a situação de Neide sem a presença de Telma?

— Lilian, assim que Marco Antônio acordar, iremos até o consultório de Neide e você verá o desenrolar dos fatos como uma forma de aprendizagem.

Depois de mais ou menos uma hora, Marco Antônio despertou. Sentia-se um pouco fraco, o topo da cabeça latejava um pouco. Pôs a mão no local, apalpando, e parecia que estava um pouco inchado. Quando tocou na cabeça, recordou-se, com certa nitidez, de um pesadelo que tivera com uma mulher e um homem amarrando-o. Permaneceu deitado, repassando o pesadelo e tentando encontrar alguma lógica na lembrança. Por fim, pensou ser coisa de sua cabeça.

Josué bateu na porta do quarto e Marco Antônio pediu que entrasse, mas permaneceu deitado.

— Ainda deitado a essa hora? — falou Josué, arrumado e pronto para sair.

— É... — respondeu Marco Antônio. — Geralmente, eu saio mais cedo, mas acordei um pouco indisposto. Deve ser devido aos acontecimentos em minha casa ontem à noite. Vou avisar meu chefe que chegarei um pouco mais tarde.

— Você quer um pouco de café? — ofereceu Josué.

— Não, obrigado.

— Marco Antônio, tive uns sonhos muito estranhos essa noite. Vi uma mulher e um homem de aparência bizarra entrando em seu quarto. Depois, só me lembro de um homem alto falando comigo. Ele disse para você procurar ajuda espiritual

o quanto antes, pois precisava.

— No seu sonho, como era essa mulher que entrava no quarto? — perguntou Marco Antônio um pouco impressionado.

A descrição de Josué se assemelhava muito com a mulher que ele sonhara. Quando Josué terminou de falar, Marco Antônio compartilhou com ele o pesadelo que tivera naquela noite. Josué ouvia tudo com os olhos arregalados e, ao fim, mostrou os pelos do braço arrepiados para o amigo.

— Pense em buscar algum tipo de ajuda — disse Josué intuído por Plínio. — Apesar de eu não frequentar uma religião, creio que isso lhe ajudará a se fortalecer neste momento de crise no casamento.

— Vou pensar sobre isso — respondeu Marco Antônio.

Josué se despediu do amigo e saiu para o trabalho.

Marco Antônio permaneceu na cama, recordando-se dos fatos ocorridos em sua família na noite anterior. Também se lembrou da conversa que tivera com Rafael sobre o tal centro que ele estava frequentando. Então, veio em sua cabeça a fala de Josué, dizendo que ele precisava buscar ajuda espiritual.

Marco Antônio ficou analisando os fatos, achando-os um tanto incomuns, pois assuntos relacionados à religião e à espiritualidade não faziam parte de sua rotina ou seu contexto. Já ouvira falar sobre trabalhos feitos, porém não lhes dava muita credibilidade. Contudo, achava aquele momento de sua vida muito estranho, apesar de reconhecer suas falhas. Por fim, ficou se questionando se Adriana estaria envolvida com esse tipo de coisa. Cheio de dúvidas, achava tudo esquisito.

— Plínio, vamos inspirar Marco Antônio para que ele acompanhe Rafael na visita que o jovem fará amanhã à casa de Fátima — falou Tomé.

Tomé e Lilian se despediram de Plínio e foram ao consultório de Neide.

No ambiente espiritual do local, parecia que uma bomba havia sido detonada, não restava nada. Avistaram apenas o soldado deixado pela pombagira Maria Padilha, um homem com aspecto embrutecido e mal-encarado. Tomé foi até o homem, cumprimentou-o e explicou a finalidade da visita.

— Tomé, o que aconteceu por aqui? Por que o senhor Tranca-Ruas fez isso? E este homem mal-encarado? Cheguei a ficar com medo dele... — disse Lilian.

— Tranca-Ruas, efetivamente, explodiu o plano espiritual do local para dificultar, ao máximo, o restabelecimento das atividades praticadas por Neide. Quanto ao homem a que você se refere, é um soldado da legião de Maria Padilha; a função dele é impedir que, durante certo tempo, espíritos da estirpe de Telma trabalhem mediunicamente com Neide.

Lilian ficou pensativa com a explicação dada por Tomé.

A porta do consultório se abriu. A primeira a chegar foi a secretária de Neide, ela limpava o local antes que a madame e os clientes chegassem. A mulher reclamava que o telefone não parava de tocar, atrapalhando o serviço que fazia. Devido ao êxito alcançado por seus trabalhos e por seus atendimentos serem cobrados a peso de ouro, Neide ficara afamada e ganhara uma vasta clientela.

Quando Neide chegou, toda arrumada, o vigia deixado pela pombagira foi para o lado dela. A médium sentiu uma tontura, tombou no chão e o espírito do soldado puxou o espírito de Neide para fora do corpo físico. Então, ele disse à mulher assustada e atordoada:

— Seus dias de comerciante acabaram.

— Onde está Maria Padilha? — perguntou Neide, assustada.

— Você se refere à impostora? A tal de Telma, que usava o nome de minha senhora? Ela foi amarrada e levada pela legítima Maria Padilha.

Enquanto isso, a secretária correu para buscar um pouco de sal e socorrer Neide do desmaio, que supunha se tratar de um problema de pressão. A secretária balançava o corpo de Neide e dava uns tapinhas no rosto da patroa.

O soldado jogou o espírito de Neide de volta ao corpo físico com força, e a mulher despertou em um pulo, assustada e confusa com o que vira. Neide se levantou do chão, bebeu um pouco de água, foi para sua sala acompanhada da secretária e depois pediu que ela saísse, deixando-a sozinha. A médium pegou algumas velas, acendeu no altar, pedindo orientação e chamando por sua protetora. No entanto, não sentia energia alguma, nenhum sinal da pombagira impostora. Preocupada, ficou se questionando se alguém estaria demandando

contra ela, pois sua espiritualidade era muito invejada. A médium foi até o altar, se concentrou e começou a cantar um ponto de invocação da pombagira, mas não sentia nada, nenhuma vibração, intuição ou arrepio.

O soldado deixado por Maria Padilha ria do desespero da médium e dizia para ela: “A colheita está só começando”. Ele aproveitou que a médium estava concentrada, emanando um pouco de fluido, pegou a energia, manipulou-a e deu um esbarrão do corpo físico da médium. Ela caiu sobre o altar e derrubou algumas velas, que iniciaram um incêndio. Neide começou a gritar pela secretária e, com a ajuda da mulher, conseguiu conter o fogo rapidamente. Depois, Neide deu ordem para que a secretária desmarcasse os clientes daquele dia e os informasse que a médium não estava bem de saúde.

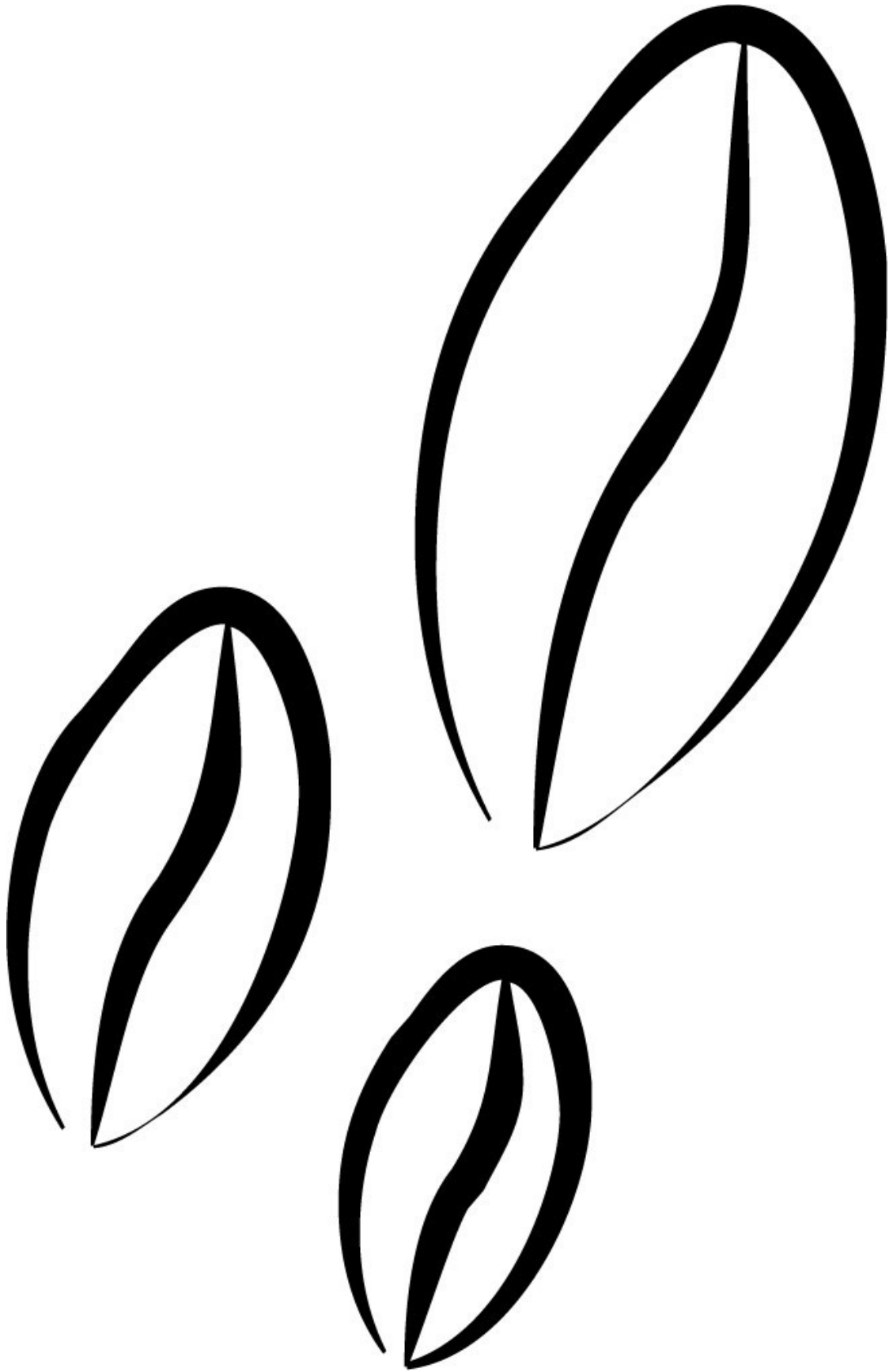
A médium se questionou: “O que vou fazer, meu Deus? Sem minha pombagira, como vou sobreviver, me sustentar? Como vou resolver essa situação?”.

— Vá trabalhar! Arregace as magas. Você tem dois braços, duas pernas, é saudável e tem ótimas condições de arrumar um emprego. Jamais deveria ter feito de sua mediunidade um meio de vida — falou o soldado.

Tomé virou-se para Lilian, que estava impressionada, e disse:

— Vamos embora. Por hoje, já viu o suficiente.

Saudaram o soldado e partiram.



Assim que chegou à empresa, Adriana notou a ausência de Marco Antônio. Com discrição, tentou descobrir se ele chegaria mais tarde. Estranhou que ele não tivesse lhe dito nada. Enviou uma mensagem ao amante e tentou ligar para ele. Como ele não atendeu, nem retornou, ela ficou irritada; achou uma falta de consideração.

Na hora do almoço, Marco Antônio chegou para trabalhar. Quando entrou na empresa, encontrou seu chefe, Otacílio, na portaria. Eram amigos, se conheciam há muitos anos, ingressaram na empresa como estagiários praticamente juntos, sempre tiveram uma boa relação profissional e abertura um com o outro. Fora da empresa, chegaram a participar de confraternizações com as famílias.

— Você está bem? — perguntou Otacílio.

— Ando com alguns problemas de ordem pessoal, mas, fique tranquilo, não deixarei que isso abale minha performance — respondeu Marco Antônio.

— Confio em seu potencial. Se eu puder ajudar em algo, coloco-me à disposição — falou Otacílio, se despedindo.

Marco Antônio seguiu para o elevador, mas ficou se questionando sobre a fala do chefe: “Será que transpareço algo? Logo eu, que sempre fui tão discreto...”



Rafael saiu do colégio acompanhado por Julia. Detalhava para a namorada a separação dos pais. Julia ouvia atenta, interagindo com ele. Ao final, ela perguntou:

— Rafa, você acha que tem volta?

— Não sei, Julia — respondeu o rapaz. — Pretendo conversar hoje com a mamãe e marcar de conversar com meu pai sobre o assunto. O que me deixou mais preocupado foi a reação da Marina. Hoje pela manhã, ela estava cabisbaixa. Tentei puxar assunto, mas ela não estava muito a fim de interagir.

— Tem sentido — falou Julia. — Nenhum filho almeja a separação dos pais. Já passei por isso e sei bem como é. Hoje, vou ficar na sua casa e fazer companhia a ela enquanto você estiver na terapia.

Em casa, Rafael e Julia cumprimentaram Dina e perguntaram sobre Marina. Dina respondeu que a menina estava no quarto, incomumente calada.

— Chamei-a para almoçar, mas ela recusou. Disse que estava sem fome.

— É uma fase... vai passar — falou Julia, indo ao quarto de Marina.

— Vovó — questionou Rafael —, como está a mamãe com essa confusão toda?

— Querido — respondeu Dina —, ela anda triste, mas tenta disfarçar. Todavia, está confiante e acredita que as coisas vão se ajeitar.

— Vamos ter fé, vovó! Vamos ter fé!

Marieta revia cada minuto da conversa que tivera em família. Sua mente não dava trégua, estava com dificuldade para dormir, foi vencida pelo cansaço e, no trabalho, estava fazendo as coisas no piloto-automático. Lamentava pelos filhos, mas tinha a certeza de que não dava para viver em um casamento de fachada só para agradá-los, seria infeliz e sofreria. Esperava que essa fase passasse o quanto antes.

Marco Antônio ligou para a casa da família para falar com os filhos. Teve uma conversa tranquila com Rafael e marcou de buscá-lo na terapia. Marina, ao

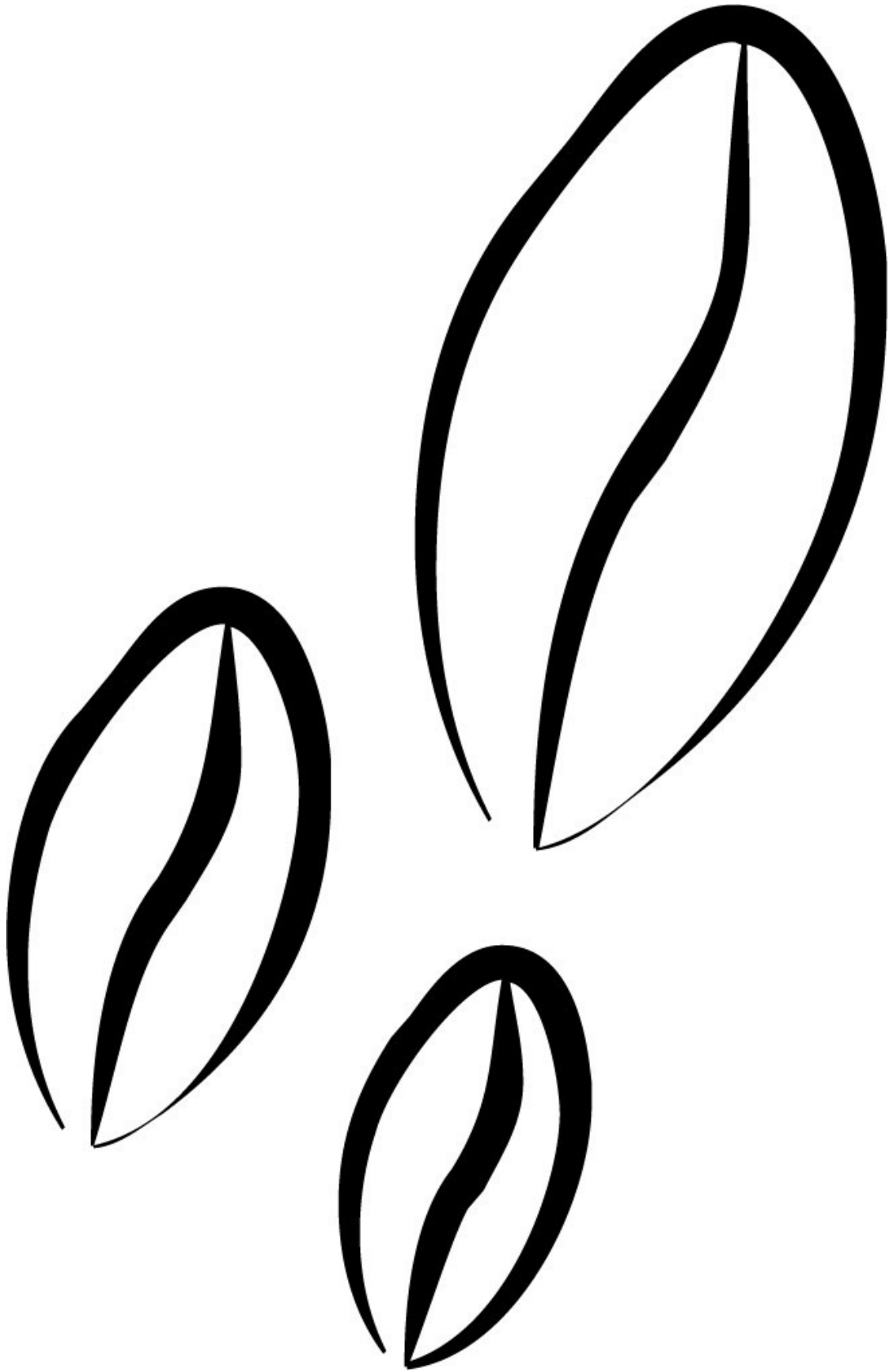
contrário, estava arredia e monossilábica. Ele chamou a filha para ir com ele buscar Rafael, mas a jovem deu uma desculpa qualquer e recusou o convite. Quando desligou o telefone, Marco Antônio pensou: “Preciso ter paciência com a minha garotinha”.



Dona Neide estava agitada com o que ocorreu na parte da manhã em seu consultório. Questionava-se quem estaria fazendo aquilo contra ela, pois era uma médium muito invejada por sua excelente capacidade. Em casa, não parava quieta, andava de um lado para o outro, até que decidiu ir a uma loja de produtos religiosos comprar material para fazer uma limpeza espiritual no consultório.

De volta ao local, fez algumas defumações, passou ervas nas paredes e no chão, acendeu mais velas, fez orações, mas não conseguia sentir a presença dos guias. O soldado de Maria Padilha, observando tudo, pensava: “Como essa mulher é estúpida! Será necessário muito mais que isso. Precisa mudar as atitudes.”

Neide saiu da sala comercial refletindo: “Acho que estou estafada. Isso nunca me aconteceu, talvez precise de umas férias. Vou ficar uns dias em casa descansando. Quando eu voltar, tudo estará resolvido.”



No fim da tarde, Rafael foi para a terapia. Ele e Sandra conversaram bastante sobre os últimos acontecimentos em sua casa. Sandra, profissional habilidosa e experiente, ajudou Rafael a perceber sinais de que o casamento dos pais já estava desgastado, clarificando o fato de que a separação não fora da noite para o dia.

Encerrada a consulta, Rafael sentou-se na recepção do prédio para aguardar Marco Antônio, que estava a caminho. Quando o pai chegou, perguntou se podiam parar para tomar um suco. Marco Antônio topou, e os dois conversaram sobre as situações do dia a dia por um tempo. Rafael abordou o assunto da separação:

— Pai, o que, realmente, levou à separação de vocês?

Marco Antônio deu uma golada no suco, pensando rapidamente o que responderia ao filho. Acabou optando pela verdade.

— Meu filho, infelizmente, vacilei e me envolvi em um relacionamento extraconjugal, algo sem importância. O nosso casamento, meu e de sua mãe, já não vinha muito bem, e isso acabou sendo a gota-d'água. Arrependo-me muito de tudo o que fiz, porque meu passo em falso está fazendo vocês sofrerem. Estou arrependido! Se eu pudesse, voltaria atrás, mas estou disposto a fazer de tudo para reatar o meu casamento.

Rafael ouviu o pai, sem saber ao certo o que dizer. Por fim, acabou dizendo:

— Desejo que você e mamãe encontrem a melhor solução. Que, acima de tudo, sejam felizes, não importa se juntos ou separados.

Marco Antônio abraçou Rafael, agradecendo as palavras. Depois, levou o filho para casa. No trajeto, o pai combinou com Rafael de levá-lo à casa de dona Fátima. Queria ter uma noção do local que o filho estava frequentando.

Em casa, Marco Antônio ficou um pouco com Marina e logo foi embora, pois não queria incomodar Marieta com sua presença.

Durante todo o dia, não respondera, nem retornara os contatos de Adriana. Já estava irritado, sentindo-se sufocado pela amante. Evitava encontrá-la a sós, com medo de fraquejar novamente, ceder à atração e ao desejo sexual que tinha por

ela. Contudo, chegando ao apartamento de Josué, atendeu a ligação da mulher.

— Por que você está me evitando, Marco Antônio?

— Está enganada, Adriana. Ando muito ocupado, resolvendo questões particulares. Além disso, nós não temos um compromisso, temos uma relação casual quando é conveniente para ambos. Apenas sexo, nada além disso. Espero que você não tenha se confundido.

— Não sabia que estava tão irritadiço — falou Adriana, ironicamente.

— Tenho que desligar.

— Que tal dar uma passada aqui em casa para tomarmos uma bebida juntos e relaxarmos? — propôs a amante.

— Hoje não será possível — respondeu Marco Antônio, se despedindo.

Desligando o telefone, o homem reclamou consigo mesmo: “Jesus, que mulher pegajosa, insistente! Onde fui me meter!?”.

Durante a noite, Tomé foi com Lilian até a casa de Josué ver como Marco Antônio estava. Tomé aproveitou para conversar com Plínio:

— Plínio, será de suma importância que Marco Antônio acompanhe Rafael à visita na casa de Fátima. Peço sua ajuda nessa empreitada, pois assim ele ficará mais propício a ser ajudado.

Lilian e Tomé se despediram de Plínio e foram à casa de Neide. Pretendiam acompanhar o que acontecia por lá. Na casa da médium, buscaram se inteirar com o soldado sobre o que se passava.

— Pai Tomé — falou o soldado —, a mulher, ao se emancipar do corpo durante o sono, foi atrás de Telma, procurando e chamando por ela. Depois de um tempo de procura, intervi e ela retornou para o corpo afugentada.

Tomé e Lilian se despediram do soldado e foram ao umbral visitar Maria.

Aproveitando que estava novamente a sós com Tomé, Lilian perguntou:

— O que, efetivamente, deverá acontecer com Telma e seu bando?

— Possivelmente, eles serão julgados e sentenciados pelos exus. Acredito que ficarão detidos por um tempo. Depois, devem ser direcionados a pequenos trabalhos de auxílio à legião dos exus. A partir daí, só o mérito ou o demérito é que definirá os próximos passos da trajetória de cada irmão.

— Nunca imaginei um tribunal onde espíritos fossem julgados — falou Lilian.

— Na perspectiva umbandista, os exus têm a função de ordenadores das regiões mais densas, trazendo ordem para que o caos não se instale por definitivo. Trabalham sob a égide do orixá Ogum, conforme já lhe contei, e funcionam como uma espécie de polícia do astral inferior, contendo espíritos delinquentes e outros. Também estão ligados às colônias espirituais que reúnem os espíritos trabalhadores da egrégora de Umbanda, tal como a colônia mater de Aruanda.

— Obrigada pelo esclarecimento, Tomé.

Nas fendas umbralinas, o quadro de Maria era o mesmo, só estava um pouco mais introspectiva, com pensamentos obsessivos de vingança contra Rafael.

Lilian observava Tomé — incansável, sem ser visto ou notado — ao lado do espírito daquela mulher infeliz que vibrava em dissemelhante sintonia. Olhando atentamente, Lilian viu uma luz irradiar do peito de Tomé em direção a Maria. Tomé também tentava sensibilizá-la com lembranças positivas, mas ela se mantinha resistente. Por sua vez, Lilian orava, pedindo por Maria e Tomé. Depois de um tempo, Tomé voltou para onde estava Lilian e lhe disse:

— Somente o amor é capaz de salvar. No momento certo, ela será tocada. Agora, vamos prosseguir.

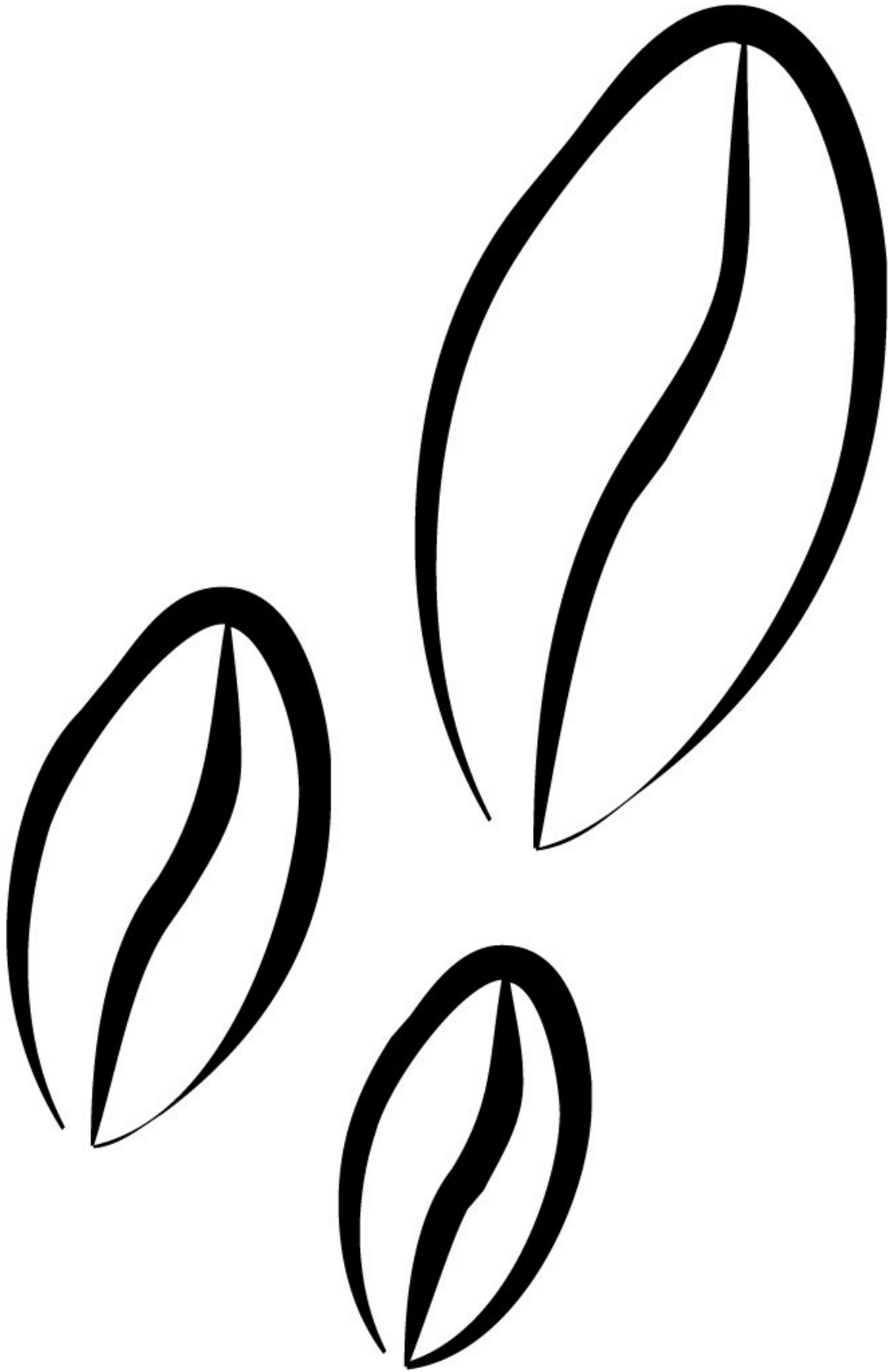
Dali, os dois seguiram para o plano espiritual da Tenda de Umbanda Ogum de Lei. Precisavam falar com Etelvina.

— Saravá, irmãos! — falou Etelvina ao ver Tomé e Lilian.

— Saravá, minha irmã! — respondeu Tomé. — Vim para compartilhar os últimos acontecimentos na família de Rafael. Estaremos com ele na visita que será feita mais tarde. Também estamos trabalhando para que Marco Antônio acompanhe o filho, pois acreditamos que, dessa maneira, irá se desarmar do

preconceito e se pôr mais receptivo à ajuda.

Terminaram a conversa com Etelvina e se colocaram à disposição para ajudar no que fosse possível na casa, pois Tomé e Lilian sabiam que nunca faltava trabalho em uma casa de caridade. Etelvina agradeceu e pediu que ajudassem na enfermaria, auxiliando na confecção de curativos e no acompanhamento dos enfermos. Lilian acompanhou Tomé com gosto, pois admirava o trato do amigo com os espíritos em tratamento, e muito aprendia com ele.



Saindo da escola, Rafael ligou para Marco Antônio.

— Oi, pai! Tudo bem? Está tudo certo para mais tarde? Você vai poder acompanhar a mim e a vovó até a casa de dona Fátima? — perguntou o jovem.

— Oi, Rafa! Tudo certo, sim, meu filho. No horário combinado, eu passo aí para pegá-los — respondeu Marco Antônio.

Assim que chegou em casa, Rafael, afoito, procurou por Dina.

— Vó, tudo certo para mais tarde? Meu pai nos levará à casa de dona Fátima.

— Meu querido — falou Dina sorrindo —, não precisa ficar tão esbaforido e ansioso assim. Está tudo certo para nossa visita. Sugiro que organize as perguntas. Leve-as anotadas para facilitar e nortear sua conversa com Fátima.

— Excelente ideia! Depois do almoço, vou fazer isso.

Após a refeição, o rapaz foi para o quarto e sentou-se à escrivaninha. Colocava as perguntas em um papel, enquanto, mentalmente, repassava os fatos que presenciara durante a sessão. Anotou mais algumas dúvidas, e a folha ficou repleta. Por fim, Rafael revisou as questões, passou-as a limpo e foi tomar um banho, aprontando-se bem antes do horário.

Marco Antônio chegou no horário combinado, buzinando na frente da casa. Rafael e Dina entraram no carro e foram conversando durante o trajeto. Chegando ao templo, tocaram a campainha e foram atendidos por Fátima, que os aguardava. Após os cumprimentos, ela os conduziu até uma varanda que antecedia a parte interna do terreiro, onde estava disposta uma mesa com um lanche para as visitas.

Rafael, assistido por Tomé e Lilian, continuava um pouco nervoso e ansioso.

— Rafael — Fátima tomou a palavra —, sua avó me disse que você gostaria de esclarecer algumas dúvidas sobre a religião de Umbanda. Como posso ajudar?

— Dona Fátima — falou o jovem —, eu queria entender um pouco mais a respeito dessa história de ser médium.

— Pode me chamar apenas de Fátima. Bem, “médium” foi um termo cunhado por Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, na segunda metade do século XIX, na França. Médiuns, todos somos em diferentes graus, tipos, formas e ostensividade. Essa palavra é utilizada para classificar os indivíduos que possuem percepções extrassensoriais. A principal mediunidade vivenciada nas casas de Umbanda é a de incorporação, na qual o médium entra em transe, também chamado estado alterado de consciência, externando características e trejeitos do espírito manifestante. Por exemplo, quando você esteve aqui em uma sessão de caridade com os pretos-velhos, viu que essa falange traz o arquétipo do ancião, da sabedoria, da humildade; ela visa, também, a resgatar a dívida que nosso povo tem com os negros escravizados em solo brasileiro. Porém, é importante ressaltar que nem todo preto-velho foi negro ou escravo em sua última encarnação. Eles assumem essa roupagem espiritual dentro de nosso contexto religioso. Muitos desses espíritos tiveram distintas experiências ao longo da jornada evolutiva: alguns foram médicos, outros curandeiros e assim por diante. Hoje, todos vêm na Umbanda para prestar a caridade.

— Nossa, que interessante — falou Rafael. — Então, eu, como médium, tenho a possibilidade de me comunicar com os espíritos?

— De certa forma, sim. Na Umbanda, entendemos que temos uma família espiritual que é capaz de se manifestar através de nossa mediunidade. Por exemplo, espíritos de caboclos, pretos-velhos, crianças e outros. Isso requer dedicação, estudo, abdicção e comprometimento. Também é importante o exercício, por meio do desenvolvimento e da prática mediúnica, até que se esteja apto.

— Como assim “de certa forma”? — questionou Rafael.

— Como já dizia o grande médium Chico Xavier: “O telefone toca de lá para cá”. Isso quer dizer que é a espiritualidade que decide quem se comunica conosco. Nem todos os espíritos estão em condições de se comunicar, assim como nem todos os encarnados estão preparados para receber todo tipo de mensagem que vem do lado de lá. Por isso, na Umbanda, os guias utilizam um nome que representa uma legião, como a Vovó Maria Redonda, que lhe atendeu. Este não era o nome dela quando estava viva na Terra, mas, tornando-se um dos muitos espíritos que compõem essa legião, teve a permissão de se manifestar nos terreiros usando este nome, representando uma das falanges dos pretos-velhos.

— Complexo isso. Quer dizer, se eu for a outra casa de Umbanda e falar com a Vovó Maria Redonda, não será a mesma que conheci aqui? — perguntou o rapaz.

— Provavelmente, não. Encontrá-la em outro centro é como achar uma agulha em um palheiro, pois são inúmeros centros e espíritos que trabalham usando esse nome. Imagine que, amanhã ou depois, o espírito que se manifesta como essa preta-velha reencarne, nunca mais ninguém falaria com a Vovó Maria Redonda? Por isso, muitos espíritos formam uma legião e usam um nome comum, pois a caridade é feita em nome de Cristo, por meio de diferentes emissários. Somos muito apegados e, para nós, é difícil compreender que a fé e a espiritualidade são transcendentais.

“Na escola em que estuda, só existe você de Rafael? Já parou para imaginar quantos homônimos seus existem por aí?”

— Entendi — falou Rafael, rindo.

— Por isso, é comum visitar um terreiro e ter mais de um guia em terra usando o mesmo nome — complementou Fátima.

— Fátima, pode falar mais a respeito da Umbanda? — pediu Rafael.

— Sim. A Umbanda é uma religião brasileira. Foi fundada no dia 15 de novembro de 1908, na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro, pelo médium Zélio Fernandino de Moraes, que estava com 17 anos. Ele regulava a sua idade, Rafael. Zélio começou a ter ataques, males súbitos, era levado aos médicos e nada, até que fora à recém-inaugurada Federação Espírita Brasileira para ser tratado. Quando os trabalhos começaram, os médiuns da corrente começaram a incorporar espíritos de caboclos e de pretos-velhos. Na época e, infelizmente, até hoje em algumas casas, esses espíritos eram, ou são, considerados atrasados. Então, o jovem Zélio, já manifestado com o Caboclo das Sete Encruzilhadas travou um diálogo com o dirigente, questionando o porquê de aqueles espíritos não serem aceitos no local. Por fim, o guia anunciou que, no dia seguinte, se manifestaria na casa do médium para dar início a um novo culto, no qual os que soubessem mais ensinariam os que soubessem menos, e os que soubessem menos aprenderiam com os que soubessem mais, sendo fundada a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade onde, por meio da manifestação de espíritos de caboclos e de pretos-velhos, as pessoas eram atendidas indistintamente. O

Caboclo das Sete Encruzilhadas definiu a Umbanda como “a manifestação do espírito para a prática da caridade”. Também definiu o uso do branco como uniforme de trabalho e proibiu a cobrança por atendimentos e trabalhos, pois a religião tem como pilar principal a caridade.

— Que bela história! — exclamou Dina. — Nunca tinha ouvido falar.

— Assim como você — falou Fátima —, muitos praticantes da religião também não sabem, seja por falta de estudo ou interesse. Rafael, infelizmente, muitas pessoas distorcem a sagrada religião de Umbanda, acreditando que basta incorporar e está tudo resolvido. Na verdade, devemos aprender com os ensinamentos dos guias, colocá-los em prática diariamente, nos tornarmos pessoas melhores e fazer o bem sem esperar os louros e as glórias do reconhecimento. Uma casa de Umbanda tem tripla função: ser um hospital onde as pessoas tratam suas mazelas; uma escola onde aprendem o caminho a percorrer por meio dos ensinamentos dos guias; e um templo, que ajuda a nos conectarmos com o Sagrado, ativando e reavivando a centelha divina que habita em nosso íntimo, a partícula de Deus.

— É algo muitíssimo vasto — comentou Rafael.

— Exato. Muitas pessoas vêm ao terreiro apenas para resolver os problemas, supondo que os guias têm obrigação de, como um passe de mágica, resolver toda e qualquer ordem de dificuldades. Na verdade, os guias vêm à Terra para nos auxiliar, por meio do aconselhamento, a lidar com nossas provas do dia a dia da melhor forma. No entanto, o caminho escolhido para ser seguido é de nossa inteira responsabilidade, pois somos dotados de livre-arbítrio.

— Fátima, qual é o procedimento para ingressar na casa? Eu, querendo me tornar umbandista, como faço? — perguntou Rafael.

— Recomendo que você assista a diferentes tipos de sessão, sem pressa, se questionando se está realmente disposto a abrir mão de algumas horas de sua vida pessoal, de festas, passeios... para estar no terreiro, principalmente em sua idade, prestes a começar a vida adulta, terminando a escola, namorando e tudo o mais.

— E se, apesar de todas essas questões que você apontou, eu me mantiver firme em minha decisão? — insistiu Rafael.

— O tempo e sua dedicação irão dizer. Da mesma forma, a espiritualidade dará o aval no tempo certo — respondeu Fátima.

Marco Antônio ouvia tudo e analisava Fátima. A conversa que aquela senhora estava tendo com seu filho também era esclarecedora para ele.

— Tem mais alguma dúvida que eu possa esclarecer, meu jovem? — perguntou Fátima.

— Você me falou tanta coisa, que preciso refletir e assimilar. Mas gostaria de pedir a indicação de algum livro para entender melhor.

— Rafael, recomendo que, inicialmente, leia O livro dos espíritos, de Allan Kardec, e as obras de Chico Xavier. Em uma outra ocasião, me comprometo a indicar livros de Umbanda que poderão ajudar a ampliar sua compreensão.

— Nossa, já se passaram quase duas horas — comentou Dina.

— Nem percebi. O tempo voou! — admitiu Rafael. — Fátima, muito obrigado por me receber, com paciência e boa-vontade, para esclarecer minhas dúvidas.

— Antes de vocês irem, gostaria de dar uma palavrinha com o senhor — disse Fátima, voltando-se para Marco Antônio. — Me permite?

— Claro! — Marco Antônio respondeu educadamente.

— Pode me acompanhar? — perguntou Fátima, abrindo a porta do terreiro e tirando os sapatos.

Marco Antônio acompanhou o gesto dela e adentrou no singelo ambiente que transmitia uma aura de paz. Ao seu lado, estavam Tomé e Lilian, que logo viram o espírito de Etelvina diante do altar, cumprimentando-os com um aceno de cabeça.

— O senhor me desculpe por pegá-lo de surpresa, mas fui orientada pela espiritualidade que o trouxesse até aqui para que realizássemos uma oração em seu benefício. O senhor aceita? — questionou Fátima.

Marco Antônio apenas balançou a cabeça positivamente para Fátima.

Fátima deu a mão a Marco Antônio diante do gongá e fez uma bela prece na intenção dele, pedindo a intercessão dos bons espíritos. Enquanto a prece era feita, Etelvina e Tomé ministravam um passe em Marco Antônio, transmitindo-o fluidos salutares.

Ao fim da oração, intuída por sua mentora, Fátima disse a Marco Antônio que ele estava sendo vítima de uma amarração encomendada por uma colega de trabalho com a qual ele havia se envolvido afetivamente e que agora estava tendo dificuldades para se distanciar dela. A médium descreveu, com exatidão, a figura de Adriana. Em seguida, recomendou que ele buscasse ajuda espiritual, pois, além de seu casamento e seus filhos terem sido abalados pelo fato, seu emprego também poderia ser afetado. Por fim, Fátima convidou Marco Antônio a regressar ao terreiro na noite seguinte, a fim passar por um atendimento espiritual.

Marco Antônio agradeceu a oração e se dispôs a regressar no dia seguinte para o atendimento. Ele ficou impressionado com a precisão de Fátima ao descrever sua amante e ao relatar os últimos acontecimentos de sua vida.

Fátima acompanhou Dina, Rafael e Marco Antônio até o portão, sem comentar nada do que se passara dentro do terreiro. A família, mais uma vez, agradeceu a atenção dispensada e partiu.

Tomé e Lilian agradeceram a Etelvina por, novamente, ter aberto as portas da casa para seu tutelado. Depois, se despediram e foram para a casa de Rafael.

— O que vocês acharam de minha conversa com Fátima? — perguntou Rafael ao pai e à avó.

— Ela teve boa-vontade e foi muito atenciosa com você — respondeu Dina.

— Na minha opinião — falou Marco Antônio —, ela demonstrou ser uma pessoa simples no trato, prudente, detentora de conhecimento e coerente na fala. E você, o que achou, Rafa?

— Gostei muito da conversa. Ela deixou claro que não devo decidir nada no calor da emoção, que devo avaliar bem o que quero antes de firmar qualquer compromisso. Não devo ter pressa. Além disso, ela me ajudou bastante: esclareceu dúvidas, me recomendou livros... Agora, cabe a mim fazer o dever de casa: ler, estudar e me aprofundar. Mas, pai, por que Fátima chamou você para ir

dentro do terreiro com ela?

— Ela me chamou para fazer uma oração com ela e me mostrar o altar.

Marco Antônio optou por não comentar o que se passara de verdade. Ainda tinha dúvidas acerca do fenômeno que vivenciara e não queria compartilhá-lo naquele momento.

— Entendi. Após conhecer Fátima, você toparia assistir a uma sessão comigo quando tiver? — perguntou Rafael.

— Sim. Não vejo problemas, desde que eu esteja livre — respondeu o pai.

Já na casa de Rafael, Lilian aproveitou para falar com Tomé.

— A conversa de Fátima e Rafael foi muito produtiva para mim também. Tomé, em minha ignorância, pensava que, quando um médium ingressava na corrente, ele era logo arrebatado pelo guia. Não sabia que eram necessárias sessões de desenvolvimento.

— Esse equívoco não é apenas seu, mas de muitos novatos e praticantes da Umbanda. Em primeiro lugar, o processo mediúnico é semiconsciente, o transe gera diferentes tipos de estados alterados de consciência que variam de médium para médium, de incorporação para incorporação. Dessa forma, o médium precisa se adaptar, passar por um período singular de ajustamento energético com o guia, sem um tempo definido, pois este também difere de médium para médium. Além disso, ele precisa aprender a lidar com a consciência durante o transe mediúnico, serenando a mente a fim de captar a comunicação das entidades com clareza e sem interferências. A consciência no processo mediúnico, muitas vezes, leva o médium a um grande dilema: “Sou eu ou é o guia?”. No entanto, ela também favorece um rico aprendizado para o mediano, uma vez que este tem a oportunidade de aprender com cada lição transmitida durante os atendimentos prestados pelos guias que acompanham sua trama espiritual.

— Não fazia ideia de nada disso, Tomé!

— Lilian, a prática mediúnica, conduzida com disciplina, embasada nos ensinamentos e valores exemplificados por Jesus, tendo como pináculo o estudo, gera uma ferramenta salutar em prol da caridade — complementou Tomé.

Rafael entrou em casa acompanhado do pai e da avó. Marieta e Marina vieram do quarto para vê-los. Marieta cumprimentou Marco Antônio com formalidade, enquanto Marina abraçou e beijou o pai. Em seguida, Marco Antônio se foi. Sair da casa da família era um grande incômodo para ele.

No caminho para o apartamento de Josué, Marco Antônio refletiu sobre o que Fátima lhe disse. Questionava-se sobre a história da amarração, ficara muito impressionado com a descrição que ela fizera de Adriana. Também se lembrou do sonho que tivera naquela noite, como também o sonho de Josué. Seriam muitas coincidências ou algo que fugia ao seu entendimento estava realmente acontecendo?

Enquanto jantavam, Dina, que também participara da conversa, fazia suas considerações, e Rafael contava em detalhes o diálogo que tivera com Fátima para a mãe e a irmã.

— Amanhã, vou à livraria do shopping ver se encontro o livro que ela me recomendou. Também me organizarei para estar presente todos os sábados em que houver sessão no centro.

— Rafa, você já pensou na Julia? Será que ela está disposta a abdicar do namorado quase todos os sábados? — perguntou Marina.

— Vou conversar com ela. A Julia costuma ser compreensiva, acredito que eu consiga contornar a situação com ela — respondeu Rafael.

Marieta gostava de ver Rafael animado. Olhava para o filho e pensava: “Nem parece que nos deu aquele susto há quase um mês”. No entanto, ela buscava forças em si mesma para não transparecer à família como estava por dentro. Marieta tinha a impressão de que sua casa fora assolada por um terremoto. Tudo saíra do lugar, porém tinha fé que as coisas se reorganizariam de uma forma ou de outra.

Enquanto isso, Adriana estava em seu apartamento bebendo, fumando, andando de um lado para o outro e imaginando quando o trabalho que havia pago a dona Neide começaria a fazer efeito. Marco Antônio a evitava escancaradamente, e ela não toleraria aquela situação por mais tempo. Do alto de sua prepotência, sentia-se afrontada.

SUBO CÉU DE ARUANDA



QUEBRANDO A DEMANDA

Durante a madrugada, Tomé, acompanhado por Lilian, aproveitou o sono físico de Rafael para conversar, esclarecer dúvidas e direcionar seu tutelado.

— Pai Tomé, sei que tenho muita coisa para estudar e aprender a respeito da religião que pretendo abraçar. Apesar de disposto, estou com medo de não dar conta... fico me questionando se sou capaz — confessou Rafael.

— Rafael, fique tranquilo. O conhecimento vem em gotas: absorva cada lição, reflita e pesquise. Você está na escola há quase quinze anos e ainda tem muito o que aprender sobre a vida, que dirá sobre a Umbanda. Recomendo que seja caridoso, disciplinado e dedicado em sua caminhada. Já pensou no tempo que leva para uma árvore crescer, ficar frondosa, dar sombra e frutos? — perguntou Pai Tomé ao jovem.

— Anos.

— Isso mesmo! Primeiro, ela forma suas raízes mais profundas, buscando firmeza para seu crescimento; depois, expande sua copa para o alto e para os lados, buscando a luz do sol; e, enfim, começa a dar os frutos. Além disso, a árvore enfrenta muitas mudanças climatológicas.

— O senhor quer dizer que as dificuldades são necessárias, Pai Tomé?

— Isso mesmo, meu filho. As dificuldades são as provas que a vida nos concede para o nosso crescimento e aprimoramento. Com fé e sabedoria, encontrará os recursos necessários para transpô-las — explicou o preto-velho.

— Pai Tomé, acha que vai demorar muito para Fátima me aceitar na casa?

— Tudo acontecerá no tempo certo. Oriento que tenha paciência e dedicação. Fátima é uma dirigente experiente e preparada, ela avaliará sua frequência, dedicação e interesse. Enquanto isso, aproveite para aprender e lembre-se de que sempre estaremos ao seu lado.

— Por que o senhor sempre fala no plural? — indagou Rafael.

— Porque jamais trabalho sozinho, Rafael. Formamos elos de uma corrente, seguimos juntos em um propósito único. Quando digo que “estaremos ao seu lado”, refiro-me à sua família espiritual, aos guias que lhe acompanham e que aguardam o início do trabalho mediúnico, pois esta é uma oportunidade para você e para nós.

— Quando conhecerei os outros guias que me acompanham?

— Na verdade, não os conhecerá, mas os reencontrará. Você já os conheceu outrora, porém não se recorda no nível da consciência. No momento certo, eles se reapresentarão a você — respondeu Tomé.

— Que eu tenha forças, fé e sabedoria para seguir com minha missão. Que eu confie no amparo divino, superando meus medos e meus fantasmas — disse Rafael.

— Você é capaz, foi preparado para isso. Siga adiante, sendo uma pessoa melhor a cada dia. Ore, tenha bons pensamentos e o mais, entregue a Deus — falou Pai Tomé, abraçando e despedindo-se de Rafael.

— Posso fazer mais uma pergunta? — inquiriu o rapaz durante o abraço.

— Pergunte, Rafael.

— Por que a vovó bisa — disse, apontando para Lilian — sempre está acompanhando você, Pai Tomé?

— Você é muito curioso e observador, meu rapaz — falou Tomé, rindo. — Lilian é uma protetora de sua família que vem estudando e se preparando para, com o passar do tempo, assumir novas responsabilidades na espiritualidade. Agora, é hora de irmos — falou o preto-velho, sumindo das vistas de Rafael.

— Tomé, que novas responsabilidades são essas às quais você se referiu? — questionou Lilian, intrigada.

— Lilian, quanto mais conhecimento, maiores são as responsabilidades assumidas. De que adianta estudar e não pôr em prática o aprendizado? De que vale um professor que não ensina e não transmite conhecimento para os alunos?

Deus é um Pai bom e justo, concedendo-nos as ferramentas necessárias para o nosso aprimoramento. Por meio das competências angariadas ao longo do caminho, novos desafios surgem. Assim, à medida que expandimos nosso grau de consciência, nós mesmos sentimos a necessidade de desafios maiores, tornando-nos mais úteis na seara do Pai. A estagnação não nos cabe, pois, a todo instante, o progresso bate à nossa porta nos convocando para vivenciá-lo.

— Tomé, pode elucidar por que as pessoas optam por estagnar na vida?

— Claro, Lilian. Imagine um rio no qual é colocada uma barragem de contenção para a água não passar. O que acontece?

— A água começa a fazer pressão e busca uma forma de transpor o obstáculo — respondeu Lilian.

— Isso mesmo! Os indivíduos que optam por estagnar acabam sendo pressionados pela vida, pois, assim como o rio contido é impedido de encontrar o mar, a vida busca seguir seu fluxo natural rumo à evolução e ao crescimento. Começa a ser emitida uma série de sinais para o sujeito, que funciona como uma espécie de alerta e que pode se manifestar das mais distintas formas: como doenças físicas, distúrbios emocionais e outros, mostrando que algo não vai bem. Alguns filhos, no auge de sua imaturidade espiritual e emocional, atribuem esses fatos a um castigo de Deus. Na verdade, a vida está fazendo um convite à reflexão, pois, uma vez que a desordem se instala, faz-se necessária uma reorganização sistêmica dela. Diariamente, a vida nos concede a oportunidade de um recomeço, de fazer diferente, de mudar a nossa forma. Não nos cabe ficar parados no meio do caminho.

— Que interessante! — exclamou Lilian. — Agora, minhas dúvidas são sobre esses sinais que se manifestam como doença.

— A doença é um caminho para a renovação e a transformação, pois, a partir de sua manifestação, o indivíduo é convidado a mudar. Trazemos, em nosso DNA espiritual, a propensão a desenvolver problemas de saúde, conforme a nossa necessidade de evolução. É importante salientar que a doença começa no nível espiritual, segue penetrando em nossos outros corpos energéticos até ancorar no corpo físico. Pense em uma pessoa que teve um enfisema pulmonar e que, após ser curado, voltou a fumar. O que essa pessoa fez com a nova oportunidade que a vida lhe deu? Qual foi a lição aprendida? Em sua peregrinação terrena, já dizia o

grande mestre Jesus: “vai-te, e não peques mais”.^[23] A cura acontece de dentro para fora, quando não ocorre a cura interna, o problema emerge novamente.

“O ponto-chave é avaliarmos o que a vida tenta nos ensinar, pois, enquanto não aprendermos a lição, as dificuldades se repetirão em nossa jornada, só mudando os personagens ou o cenário, mas a essência sendo a mesma. Isso também acontece com relacionamentos afetivos, amizades, questões profissionais e muitas outras questões. Se as histórias se repetem, é porque continuamos a errar. Mudar e aprender urge em nossas vidas; cabe a nós a árdua missão de mudarmos a nós mesmos. Assim, devemos arregaçar as mangas e fazer diferente agora, pois a mudança é refletida em nosso entorno. Outro ponto importante: não nos façamos de vítimas, de coitadinhos, agindo como crianças mimadas e birrentas diante da contrariedade.

— Minha nossa, Tomé. Nunca avaliei as coisas por esse ângulo.

— Lilian, é por isso que na vida sempre devemos estar abertos a novas perspectivas — completou Tomé.

— Tomé, estou com uma enorme expectativa de que Marco Antônio vá à consulta de hoje à noite no centro de Fátima e seja ajudado — disse Lilian.

— Lilian, não crie expectativas para não se frustrar. A ansiedade não é boa conselheira. Caso ele vá, será um grande passo para que seja espiritualmente amparado. Plínio está intuindo-o a respeito da necessidade de buscar ajuda — concluiu o preto-velho.

Na casa de Rafael, todos se levantaram para as respectivas rotinas. Marina estava voltando ao seu comportamento normal, porém evitava falar sobre o assunto da separação para não se ferir. Durante o café-da-manhã, Rafael avisou à mãe e à avó que almoçaria com Julia no shopping, passaria na livraria e aproveitaria a tarde com a namorada.

No apartamento de Josué, enquanto Marco Antônio saía com o carro da garagem, repassava mentalmente sua agenda do dia. Entre seus planos estava ir à consulta com Fátima. Não custaria nada, o máximo que poderia acontecer era ele perder tempo.

Já em sua mesa de trabalho, o telefone tocou. Era Adriana, a mulher estava alterada e exigia vê-lo em uma das salas de reunião da companhia.

— Você está louca? — questionou Marco Antônio.

— Ainda não! — respondeu a amante. — Mas, se quiser que eu fique, é só pagar para ver do que sou capaz.

Marco Antônio, irritado, mas querendo manter a discrição, foi até a sala de reunião. No caminho, culpava-se pela enrascada em que se metera. Apesar de todas as aventuras que teve, sempre considerara o local de trabalho sagrado.

— Até que enfim! Achou que eu estava blefando? — disse Adriana.

— Eu não estou entendendo essa sua postura imatura. Pensei que tinha me envolvido com uma mulher. Em nenhum momento lhe fiz falsas promessas, você sempre soube que eu era casado — falou Marco Antônio, friamente.

— Você acha que vai me usar e jogar para escanteio?

— Adriana, tínhamos um acordo tácito — explicou Marco Antônio. — Eu me envolvi com você por prazer, por sexo, para sair um pouco da rotina. Agora, não consigo entender sua fixação e sua postura.

— Para mim, não era só sexo. Eu tenho sonhos e sentimentos.

— Peço desculpas por você ter se enganado e por estar sofrendo, mas já estou pagando caro demais por esta relação extraconjugal. Além disso, peço que respeite nosso ambiente de trabalho, devemos agir aqui como profissionais. Agora, preciso ir. Por ora, também peço que evitemos o contato.

Marco Antônio saiu, fechando a porta e deixando Adriana só.

— Você vai pagar! Vai se arrastar sob meus pés! — falou Adriana, com ódio.

Adriana pegou o telefone e ligou para o consultório de Neide, pois precisava descarregar sua raiva sobre alguém.

— Alô! — atendeu a secretária, como de costume.

— Aqui é Adriana. Quero falar com sua chefe agora!

— Lamento, senhora Adriana. Madame Neide teve um mal súbito ontem e

cancelou todos os atendimentos da semana. Assim que estiver melhor, retomará o trabalho espiritual.

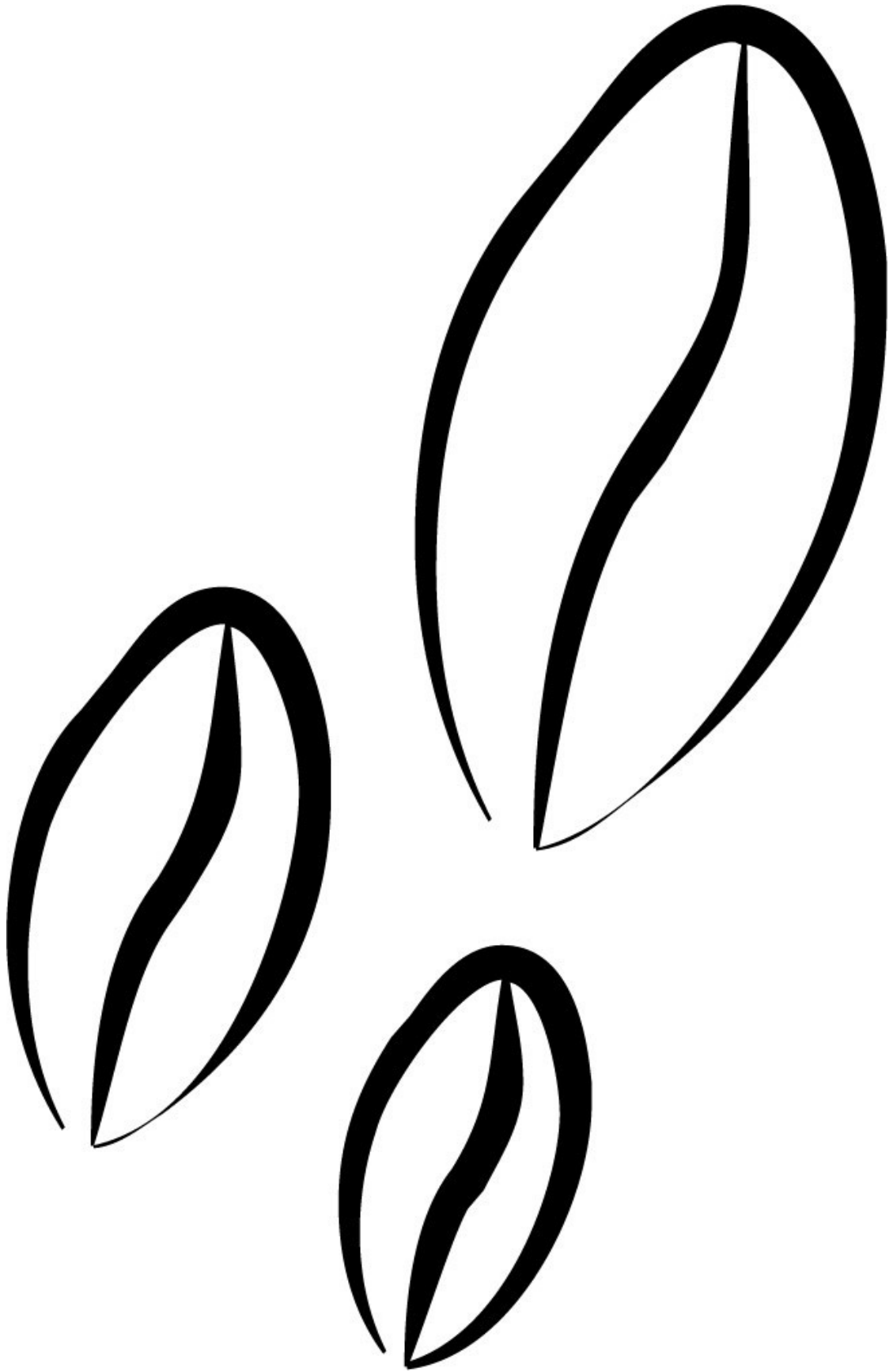
Adriana, furiosa com tudo e todos, bateu o telefone na cara da secretária.

Enquanto voltava para sua mesa, Marco Antônio se indagava: “Meus Deus, o que vou fazer para me afastar dessa mulher? Minha vida já está de pernas para o ar por conta de meu erro... Se pudesse voltar no tempo, faria tudo diferente.”

— Marco Antônio, permita-se ser ajudado. Aceite o convite de Fátima e vá ao centro hoje — falou Plínio ao lado dele.

— Estou esperançoso que essa tal de dona Fátima possa me ajudar. Quem me viu e quem me vê... o desespero me levando a esse tipo de crendice — disse Marco Antônio, achando que falava consigo mesmo.

— Tenha esperanças e confie — Plínio incentivou seu protegido.



Assim que saíram da escola, Rafael e Julia foram almoçar no shopping. O casal conversava sobre a ansiedade para o vestibular que se aproximava e a expectativa de mudança de vida a partir do ano seguinte, pois terminariam a escola e ingressariam na faculdade.

— Além disso — completou Rafael —, ainda estou na expectativa de começar a frequentar o centro. Todos lá de casa questionaram se eu realmente estou certo de minha escolha. Devido às sessões, você aceitaria abdicar de namorar aos sábados?

— Rafa — respondeu Julia —, cabe a mim apoiar a sua escolha, e eu te apoio. Acredito que teremos de administrar essa situação, pois será algo novo em nossas vidas. Sempre que possível, quando eu estiver a fim, vou acompanhá-lo. Porém, precisaremos ter maturidade suficiente para aceitar que, em algumas situações, eu vou sair com meus amigos, ou ficar em casa, enquanto você vai ao centro. Ok?

— Ok, Julia. Vamos aprender com essa situação e ver como lidaremos. No que depender de mim, quero muito ingressar no terreiro e me tornar umbandista.

— Rafa, o que importa para mim é você estar bem, feliz e realizado, independente se for umbandista, budista, católico...

— Obrigado! — agradeceu Rafael, beijando e abraçando a namorada carinhosamente.

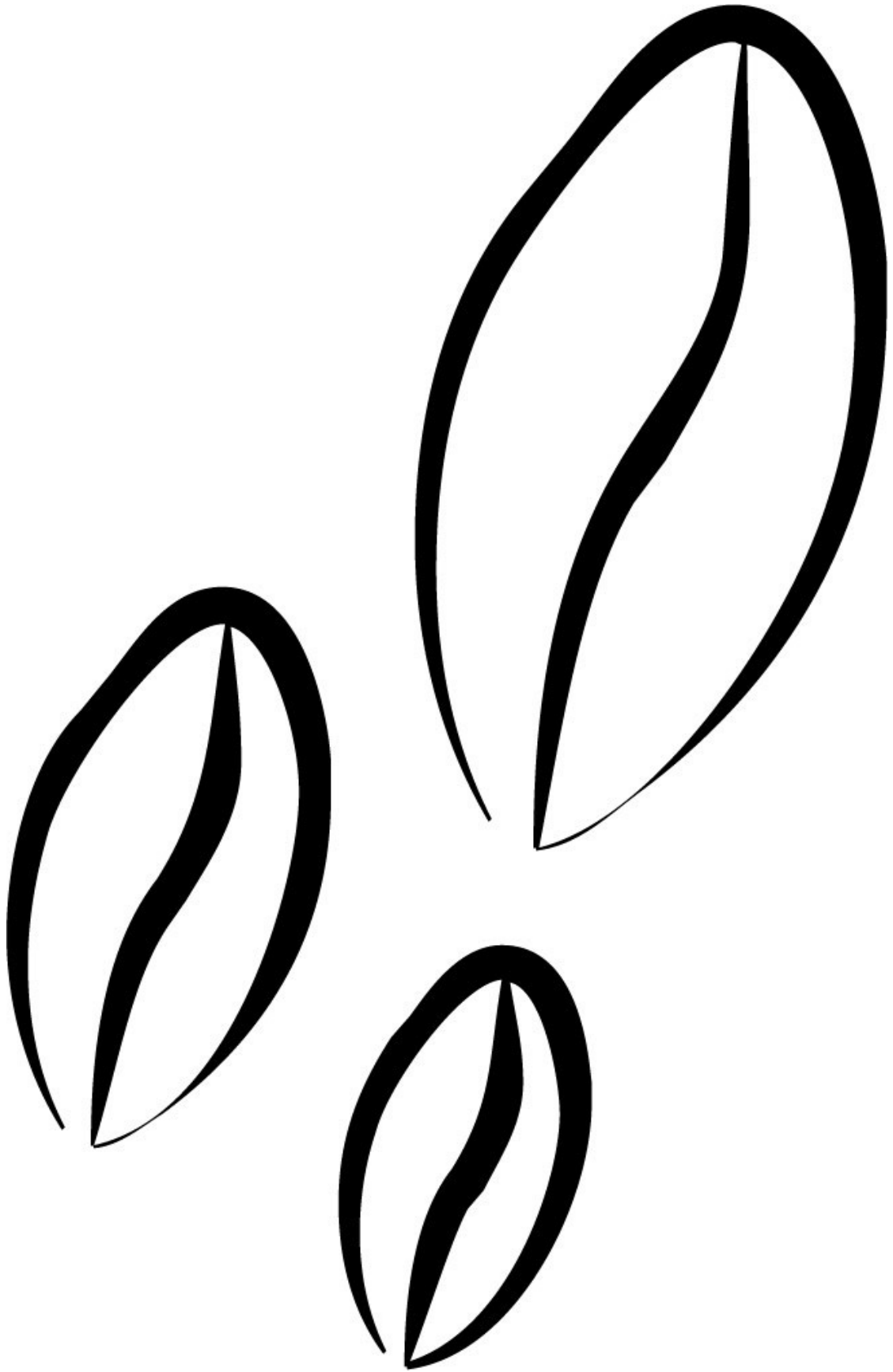
— Agora, vamos à livraria? — perguntou Julia.

— Claro! — respondeu Rafael.

O casal foi à loja e ficou folheando os livros por um bom tempo. Por fim, Rafael pegou as obras que Fátima havia indicado e mais uma sobre o assunto.

— Nunca percebi esse segmento literário nessa livraria — comentou Rafael.

— Eu também não. Sempre entramos aqui com outro foco — concordou Julia.



Após o expediente, Marco Antônio, acompanhado por Plínio, foi até a Tenda de Umbanda Ogum de Lei.

Durante o trajeto, refletia sobre os últimos acontecimentos de sua vida e pensava consigo mesmo: “Situações drásticas requerem medidas drásticas. Há pouco tempo, jamais cogitaria a possibilidade de ir a um centro me consultar.” Plínio, sentado ao lado dele, percebia os pensamentos de seu tutelado e, sorrindo levemente, dizia a Marco Antônio:

— Acalme-se, homem! Vai dar tudo certo, e você se surpreenderá positivamente.

No terreiro, enquanto Marco Antônio aguardava que atendessem à campainha, Plínio colocou Tomé e Lilian a par dos acontecimentos do dia. Os três acompanhariam Marco Antônio durante o aconselhamento espiritual.

Um dos trabalhadores da casa recebeu Marco Antônio, autorizou que entrasse nas dependências do terreiro e pediu que aguardasse na varanda. Ele se sentou em um banco simples ao lado de duas pessoas que também aguardavam. Logo, um senhor de uns 60 anos, que estava ao lado dele, puxou assunto:

— É a primeira vez do senhor aqui?

— Sim — respondeu Marco Antônio, um pouco sem graça.

— Eu me chamo Josias — falou o senhor, estendendo a mão.

— Prazer, senhor Josias. Meu nome é Marco Antônio.

— Eu e minha esposa — falou Josias —, nos tratamos nessa casa há três meses. Viemos para cá por recomendação de um conhecido. Minha esposa tinha uma ferida na perna que não sarava, e os médicos não conseguiam descobrir o que era, até que seu Tranca-Ruas das Almas começou a cuidar dela e a ferida cicatrizou. Hoje, viemos aqui apenas para dar um abraço no exu e agradecê-lo por cuidar de nós.

— Meu filho — falou a esposa de Josias —, sou grata a Deus no céu e ao senhor Tranca-Ruas aqui na terra por nos valer. Olha aqui — disse a mulher, puxando a saia e mostrando a perna —, não está vendo nada, né? Agora, olha essa foto. —

Puxou uma fotografia da bolsa que mostrava uma ferida significativa.

Marco Antônio pegou a foto e depois voltou a olhar para a perna da senhora.

— Realmente, não ficou marca alguma. Desculpe, não gravei seu nome.

— Eu que me desculpo por não ter me apresentado. Meu nome é Iara — disse a senhora, estendendo a mão a Marco Antônio. — O senhor disse que é a sua primeira vez aqui, certo? Fique tranquilo, essa é uma casa de caridade, onde só se trabalha para o Bem. Somos muito gratos pela ajuda que recebemos.

Nesse momento, Fátima passou pelo grupo, cumprimentou-o e informou que os trabalhos espirituais já iriam começar. Quando Fátima saiu, Iara falou:

— Agora, vamos ficar em silêncio, orando, que seu Tranca-Ruas já vai chegar.

Marco Antônio ficou em silêncio, mas muito intrigado com a conversa que tivera com Josias e Iara.

Tomé, Plínio e Lilian acompanharam Fátima à parte interna do salão. No local, cumprimentaram o exu Tranca-Ruas das Almas, que já estava de pé diante do gongá.

Fátima deu as últimas instruções à cambona que a acompanhava. Depois, iniciou uma série de rezas e cânticos e, em determinado momento, o exu se aproximou da médium, incorporando nela.

Lilian observava ávida pelo aprendizado. Quando se virou para Tomé a fim de expor alguma dúvida, viu o amigo com o dedo na boca, pedindo silêncio. Lilian, então, ouviu a fala de Tomé diretamente em seu pensamento, orientando-a que aguardasse o momento oportuno para esclarecimentos.

Com a incorporação em perfeito alinhamento, espírito e médium se ajoelharam diante do gongá, gargalhando com as mãos cruzadas para trás. Em seguida, o guia cumprimentou a cambona, que o serviu com um charuto e uma pomba. Ele foi até uma placa de madeira, que já estava posicionada no chão, riscou um ponto, fumegou-o com o charuto, colocou uma vela em cima, lançou um ponteiro sobre a insígnia desenhada e, por fim, depositou um coité[24] com marafo.[25] No plano astral, um rodaminho em sentido anti-horário pairava sobre o ponto-riscado, tragando, como um ralo, todas as energias negativas que

se encontravam no local.

Lilian observava e registrava suas dúvidas mentalmente, pois nunca tinha visto aquilo.

Quando terminou a firmeza, o exu mandou a cambona chamar o primeiro consulente. Josias e Iara entraram para falar com Tranca-Ruas.

— Compadre, viemos agradecer a graça alcançada — disse Josias, abraçando o exu.

Tranca-Ruas gargalhou e pediu para ver a perna onde a ferida estava. Iara, prontamente, levantou um pouco a saia, deixando a região à mostra para o exu. Ele se abaixou e examinou a perna, apalpou o local da ferida, fumegou com seu charuto, depois pediu que a cambona lhe entregasse a garrafa de cachaça. Tranca-Ruas lavou a perna de Iara com o marafo, pegou o punhal, fez uma espécie de reza e cruzou a região onde, anteriormente, estava a ferida. No plano astral, o exu era auxiliado por outros trabalhadores da egrégora da casa. Na mesma região do corpo espiritual da mulher, a ferida estava cauterizada e coberta por uma pele rosada. Depois de alguns instantes, Tranca-Ruas se levantou e disse para Iara:

— Moça, você já está de alta, como previsto. Em sete semanas, a ferida sarou no físico e no astral.

— Não sabemos como agradecê-lo, nem como pagá-lo — disse Josias.

— Mas esse exu sabe — falou Tranca-Ruas, rindo. — Ajudem a quem precisa, façam caridade, tornem-se pessoas melhores. Se foram ajudados, têm a obrigação de ajudar ao próximo de coração, sem esperar nada em troca. Isso foi o que esse exu buscou ensiná-los durante este período em que estiveram sendo assistidos.

“A moça — continuou Tranca-Ruas, apontando para Iara — foi vítima de um trabalho feito por ter se metido em uma fofocada. Seu comportamento a colocou em uma posição vulnerável. Por isso, repense suas atitudes, faça diferente daqui para a frente e segure um pouco essa língua dentro da boca.”

— Agradeço a ajuda, seu Tranca-Ruas. Juro por Deus que serei diferente de agora em diante. Pensei que perderia a perna devido a essa ferida — confessou

Iara.

— Pela dor por que passou, espero que a moça tenha aprendido a lição — falou Tranca-Ruas, abraçando e se despedindo do casal.

Depois de uns quarenta minutos aguardando, Marco Antônio foi chamado para ser atendido. Quando entrou no recinto, as luzes estavam reduzidas e Marco Antônio teve a forte impressão de que Fátima estava mais alta.

— Boa noite, moço! Meu nome é Tranca-Ruas das Almas — disse o exu. — Estou aqui como um servo de Deus para ajudar a todos que me procuram, de acordo com o merecimento de cada um, perante a Lei Divina.

Tranca-Ruas estendeu a mão e cumprimentou Marco Antônio, que retribuiu o gesto, apresentando-se. Em seguida, o exu pediu que ele fechasse os olhos e pensasse firmemente nos problemas que o haviam levado ao terreiro. Marco Antônio obedeceu. Enquanto isso, Tranca-Ruas dava três voltas em torno do homem, baforando o charuto. Marco Antônio sentia o coração levemente acelerado e pensava nos últimos acontecimentos de sua vida.

Tomé, Lilian e Plínio assistiam ao atendimento junto a outros espíritos que os assessoravam.

— Moço — falou Tranca-Ruas, gargalhando —, você se enfiou em uma enrascada feia por conta de mulher. Isso abalou sua família, seu relacionamento e está começando a atrapalhar seu trabalho. Veio até aqui, pois está se sentindo em um beco sem saída, arrependido das atitudes que cometeu.

Marco Antônio abaixou a cabeça, envergonhado, e discretas lágrimas escorreram de seus olhos.

— Não é a primeira vez que se envolve com outras mulheres, estando casado — continuou o exu —, só que dessa vez foi diferente. O moço não estava se reconhecendo, estava impulsivo, parecia um jovem afoito e enfiou os pés pelas mãos. Caiu em uma cilada espiritual. Apesar de você nunca ter se ligado nessas questões, caiu em uma trama, e está difícil de se livrar da mulher com quem se envolveu.

— Como o senhor disse — falou Marco Antônio —, estou me sentindo perdido. Pela primeira vez na minha vida, não sei o que fazer. Perdi meu bem mais

precioso: minha família. Estou sendo azucrinado no trabalho pela mulher com quem me envolvi e parece que um visgo me prende a ela. Quanto mais tento me afastar, mais me sinto preso.

— Eu sei bem — assentiu Tranca-Ruas. — Apesar de o moço ser desconfiado, nunca ter se ligado em questões espirituais, não ser dado a rezas, ser materialista... anda encucado com uns sonhos e coincidências que andam ocorrendo em sua vida, desde que se envolvera com essa bela e jovem mulher.

Marco Antônio apenas balançou a cabeça, confirmando. Sentia-se desnudo por aquela senhora que não o conhecia, mas falava com precisão sobre tantas questões da vida dele. Tinha dificuldade em entender sobre essas coisas de espíritos, viera de uma família que se dizia católica, mas não tinha qualquer prática religiosa.

— Moço — prosseguiu o exu —, você tem seu quinhão nessa história em que se meteu. Contudo, também foi vítima de um trabalho de amarração, um tipo de magia negativa que interfere na máxima do livre-arbítrio concedido por Deus a todos os espíritos encarnados e desencarnados. O tal trabalho deixou você desnorteado nessa relação extraconjugal em que se envolveu. Por conta de uma obsessão espiritual, sentiu tanto desejo e fixação por essa mulher, que perdeu o tino.

— O senhor está dizendo que Adriana fez um trabalho espiritual para mim?

— Dizendo não, estou afirmando que ela pagou muito bem para fazer um trabalho para você — disse Tranca-Ruas, gargalhando. — Essa mulher com quem você se meteu é tihosa, ardilosa, mimada e não aceita ser contrariada. Ainda digo mais: ela está com muita raiva por você estar evitando-a, e já está pensando em uma forma de prejudicá-lo, pois deseja que você se arraste aos pés dela e que fique subjugado aos seus caprichos.

— Realmente, eu não sei o que fazer para acabar com esse problema — confessou Marco Antônio.

— Moço, se você desejar, nós podemos ajudá-lo. Basta estar disposto a seguir nossas orientações. Também precisa se comprometer a se tornar uma pessoa melhor a cada dia, ser um homem digno e reto com os compromissos que firmou e vier a firmar, fazer valer sua palavra e ter hombridade — disse o exu, estendendo a mão para Marco Antônio.

— Eu aceito! — respondeu Marco Antônio, segurando a mão da médium manifestada com o exu.

— Você está convicto de sua decisão? — perguntou Tranca-Ruas.

— Sim — confirmou Marco Antônio.

— Apesar de estar vendo o meu cavalo diante de você — falou o exu, apontando para a médium —, serei eu, Tranca-Ruas das Almas, quem irá cobrá-lo se não seguir o nosso acordo. Não titubearei em executar a Lei sobre você, certo?

— Certo — respondeu Marco Antônio.

— Vou ajudar você a sair do buraco em que se enfiou. Vou pedir que tenha fé, ou melhor, que descubra sua fé, fazendo-se merecedor do auxílio que já vem recebendo, antes mesmo de chegar a este terreiro. Por merecimento de sua família, tivemos a autorização espiritual de interceder e, assim, quebramos a amarração feita antes de você vir aqui.

“Agora, sobre a mulher com quem se envolveu, será necessário dobrar seu orgulho. Oriente que peça ajuda ao seu chefe, abra a situação, mostre-se arrependido, peça a ele que avalie a possibilidade de transferi-la para uma das filiais da empresa que fica em outro estado. Isso vai ajudá-la a se afastar e a esquecer você. Vamos engambelá-la, como se faz com uma criança quando se tira algo e se coloca outra coisa no lugar, distrai-la. A transferência mexerá no ponto-fraco dela: o ego. Com isso, ela se sentirá adulada e vai se interessar por outras coisas.”

Marco Antônio ouvia a orientação de cabeça baixa, pensando em como abriria toda essa história para o chefe.

Tranca-Ruas, sabiamente, perscrutou o íntimo do homem que estava diante dele e gargalhou.

— Moço, terá que passar por cima de seu orgulho para conseguir ser ajudado. Terá que ser humilde e assumir seu erro. Será que tais atitudes são um preço muito alto para reaver sua família, que lhe é tão cara?

— Não, senhor — respondeu Marco Antônio, levantando a cabeça.

— Muito bem, erga sua cabeça, aprenda com seus erros, arregace as mangas, siga adiante, lute por sua vida, pela vida que deseja e, em especial, batalhe por sua família — completou o exu.

Tranca-Ruas prescreveu alguns banhos de ervas para Marco Antônio tomar. Também orientou que rezasse diariamente, pedindo ajuda e direcionamento a Deus, e que ele firmasse uma vela para o anjo da guarda.

— O moço deseja perguntar mais alguma coisa a este exu?

— Vou conseguir reatar com Marieta e reconstruir minha família?

— Tudo depende de você! Sua esposa ainda gosta de você, mas está ferida e decepcionada. Será necessária paciência de sua parte, terá que reconquistar sua mulher, pois a confiança foi quebrada. Mude de dentro para fora, dessa maneira, ela perceberá que você está diferente. Sugiro que volte a cortejá-la e que não se afaste de sua família. Por fim — concluiu Tranca-Ruas —, peço que volte daqui a 15 dias, pois acompanharei seu caso de perto. Quando for conversar com seu chefe, chame por mim mentalmente que estarei ao seu lado para ajudá-lo.

No fim da consulta, o exu abraçou Marco Antônio, dizendo palavras de incentivo e de esperança.

Enquanto Marco Antônio saía do terreiro em direção ao carro, Plínio despediu-se dos amigos espirituais e acompanhou seu protegido. Marco Antônio ficou um tempo sentado no carro, apenas repassando a consulta. Sentia-se mais esperançoso. Foi positivamente surpreendido, e pensava o quanto havia sido tolo por ter sentido medo e preconceito contra uma consulta espiritual.

— Infelizmente, o preconceito é um sentimento que muitas pessoas nutrem, em geral, devido à fé cega e à ignorância — falou Plínio para seu tutelado.

Em casa, Marco Antônio encontrou o amigo Josué na sala do apartamento, vendo televisão.

— Oi, Marco Antônio! Fez serão no trabalho ou saiu com os amigos para beber?
— perguntou Josué.

— Nem uma coisa, nem outra. Você não vai acreditar aonde fui!

— Então diga — falou Josué, desligando a TV.

Marco Antônio relatou a consulta que tivera com o exu Tranca-Ruas das Almas e como havia ficado impressionado com a consistência das orientações que ouvira. Naquela noite, os dois amigos ficaram conversando sobre o assunto até tarde.

Tomé e Lilian permaneceram no centro até o final das consultas prestadas por Tranca-Ruas. Ao final, o exu veio conversar com ambos sobre os atendimentos. Lilian aproveitou a oportunidade e perguntou ao exu:

— Seu Tranca-Ruas, pode me explicar sobre aquele vórtice de energia que pairou sobre o desenho que fez na placa de madeira quando incorporou na médium?

— O desenho a que se refere chama-se ponto-riscado. É uma oração escrita composta por signos e sinais que designam nossa linha, falange e legião de trabalho na Umbanda. Os pontos-riscados são usados para diferentes finalidades: confirmação do nome dos guias espirituais que se apresentam, firmeza, segurança, abertura de caminhos, saúde, descarrego e várias outras. O ponto que tracei foi para dar sustentação à consulta que prestava no dia de hoje. Ele tinha a finalidade de proteção e descarrego, por isso você avistou um rodão energético em sentido anti-horário pairando; era uma espécie de ralo espiritual, tragando toda energia danosa trazida pelos consulentes — explicou Tranca-Ruas.

— Que interessante — falou Lilian. — Este é um universo completamente diferente para mim. Outra coisa que me intrigou foram os fios luminosos de energia que ligavam o senhor à médium. Pode me esclarecer?

— Você se refere ao processo de incorporação, também conhecido como acoplamento áurico ou interconexão. Quando me aproximei da médium, devido à sua composição espiritual, naturalmente, houve uma dilatação de seu campo de energia, que se fundiu ao meu; tal sinergia espiritual gerou um único campo formado pela união de ambos. Assim, estabeleci a ligação de meus centros energéticos aos dela. Por isso, muitos guias se referem aos médiuns como aparelhos, pois se servem deles para a prática da comunicação mediúnica. A facilidade e a desenvoltura apresentadas pela médium durante o aconselhamento são consequência de anos de exercício mediúnico, entrosamento com minha energia, entrega e comprometimento com a espiritualidade.

— Lilian — tomou a palavra Tomé —, com a licença do irmão Tranca-Ruas, para se ter um processo de incorporação pleno, são necessários estudo, prática, dedicação, paciência e autoconhecimento por parte do médium. Infelizmente, dogmatizaram demais a mediunidade, criando um tabu sobre a questão da consciência durante o transe. Isso acarreta inúmeras dúvidas e inseguranças nos iniciantes. Nos dias atuais, quase não existem médiuns inconscientes encarnados, e isso não quer dizer que a mediunidade seja mais fraca ou mais forte, pois o grande desafio dos médiuns é silenciar a mente e deixar o guia trabalhar, sem interferências no processo. Veja o exemplo que presenciamos da médium Fátima. Caso você tenha real interesse em aprender mais sobre o tema, avalie a possibilidade de fazer um curso sobre mediunidade em uma escola espiritual.

— Estou tendenciosa a seguir sua sugestão, Tomé — concordou Lilian, piscando um olho para o amigo.

Tranca-Ruas pediu licença a ambos, pois precisava dar continuidade aos trabalhos no plano astral. Após despedirem-se do exu, Lilian e Tomé seguiram para a casa da família de Rafael.

SUBOCÉU DE ARUANDA

17

A CADA AÇÃO, UMA REAÇÃO

Na manhã seguinte, Marco Antônio acordou reflexivo, decidido a lutar pela família e ser, daquele dia em diante, uma pessoa diferente. Lembrou-se do trato que havia firmado com o exu. Decidiu ligar para os filhos e convidá-los para passar o sábado juntos, fazendo um programa em família.

Chegando ao seu antigo lar, coisa que ainda era difícil para ele, pois ainda se sentia parte do lugar, os filhos já estavam arrumados, acabando de tomar café. Marco Antônio cumprimentou os filhos, Dina e Marieta e aproveitou a ocasião para estender o convite do passeio às duas. Marieta se antecipou, agradeceu e disse que ambas já tinham compromisso.

Quando Marco Antônio saiu com Marina e Rafael, Dina perguntou a Marieta:

— Minha filha, posso saber qual é o compromisso que temos hoje?

— Vamos arrumar um lugar para dar uma volta e passear — respondeu Marieta enquanto bebia o café.

— Filha, você não gostaria de ter saído com Marco Antônio e seus filhos?

— Gostaria, porém isso não cabe mais — respondeu Marieta.

— Por que não cabe? — questionou Dina.

— Porque não estamos mais juntos.

— Filha, se você ainda ama seu marido, por que não se dá a chance de tentar ser feliz com ele novamente?

— Pelo simples fato de eu estar magoada e ferida por tudo que ele fez. Também não estava satisfeita com nossa convivência — respondeu Marieta.

— Filha, espero não lhe aborrecer, mas não deixe que o orgulho a impeça de ser feliz. Uma relação a dois é desgastante, requer jogo de cintura, flexibilidade e

muito diálogo para que os anos de convivência não distanciem o casal.

Marieta ficou em silêncio após a fala da mãe.

— Agora, vamos decidir o que faremos? — Dina mudou de assunto.

Lilian, que assistia à conversa entre a filha e a neta, perguntou a Tomé:

— O que acha dessa situação?

— Acredito que o tempo é capaz de curar todas as feridas. Às vezes, ficamos com algumas cicatrizes dos machucados que arrumamos pelo caminho da vida e, ao olharmos para eles, nos recordamos dos tombos que levamos, mas também nos lembramos de nossa capacidade de soerguimento, de nos refazermos e de nos reinventarmos diante das dificuldades. Algumas feridas, para sarar e não inflamar, precisam de certa medicação. Creio ser esse o caso de Marieta — concluiu Tomé.

— Tomé, agradeço a Deus a oportunidade que me foi concedida de estar ao seu lado, absorvendo e aprendendo um sem-fim de conhecimentos.

— Lilian, devemos ter a sabedoria de compartilhar nosso conhecimento, dando a oportunidade para que todos cresçam continuamente. Agora, precisamos ir, pois temos outras atividades no dia de hoje — falou Tomé.

— Aonde iremos? — perguntou Lilian.

— Visitaremos Neide.

Chegando à casa de Neide, Tomé e Lilian encontraram a médium, com uma expressão preocupada e abatida, se arrumando para sair. Ela estava acompanhada de alguns espíritos mal assistidos.

— Tomé, quem são esses espíritos? — perguntou Lilian.

— São os desafetos espirituais que a médium angariou com o mau uso da mediunidade. Com o afastamento de Telma, Neide ficou desguarnecida de proteção espiritual. Muitos desses espíritos sentiram-se prejudicados por Neide ou foram pagos para devolver a demanda criada por ela.

— Como assim, “devolver a demanda”? Pode explicar melhor?

— Algumas das pessoas prejudicadas pelos serviços espirituais prestados por Neide pagaram, espiritualmente, para devolver o mal que ela os fez, seguindo a máxima “quem com ferro fere, com ferro será ferido”. Infelizmente, os filhos que agem com esta postura equivocada são levados para os mais tenebrosos lodaçais, nutridos pela vingança, das regiões umbralinas. Muitos se esquecem dos ensinamentos de Jesus: perdoar setenta vezes sete; e só o amor é capaz de curar e libertar — explicou Tomé.

— Ela tem noção dessa perseguição? — perguntou Lilian.

— Ela sabe, mas, infelizmente, não tem a mínima consciência espiritual dos fatores que a levaram a essa situação. Acha-se injustiçada, invejada, perseguida. Sua visão da realidade é distorcida.

— Aonde Neide vai com tanta pressa?

— Vai atrás de ajuda para as mazelas que atravessa e para sanar a injustiça que acredita estar sendo cometida — respondeu Tomé.

— Nós vamos acompanhá-la, Tomé?

— Na verdade, nós vamos aguardá-la no local para onde ela está se dirigindo.

Rapidamente, Tomé e Lilian se deslocaram para um bairro simples, no subúrbio do Rio de Janeiro. Estavam diante da entrada de um terreiro de Umbanda. Pediram licença aos espíritos que faziam a guarda do local e entraram para falar com o espírito responsável por aquele agrupamento.

— Você já conhecia este local? — questionou Lilian, em tom de estranheza.

— Sim. Fique tranquila, Lilian, pois muitas são as moradas do Pai.

— Saravá, meu irmão, Pai Tomé das Almas! — falou uma anciã negra com vestes alvíssimas.

— Saravá, Vovó Catarina de Angola! — respondeu Tomé, abraçando a senhora carinhosamente. — Agradeço por nos receber e por permitir nossa vinda, Catarina. Chegamos para acompanhar o atendimento que será prestado a Neide.

Aproveito para apresentá-la Lilian, uma amiga de jornada.

Catarina e Lilian cumprimentaram-se. Depois, a preta-velha começou a falar:

— Eu sei o que os traz aqui, meu amigo. Não tem o que agradecer, servimos ao mesmo Senhor. Infelizmente, essa filha se desgarrou do rebanho, afastando-se da caridade há um bom tempo, se deixando envolver pelas malhas da ganância — respondeu Vovó Catarina.

Lilian olhou para Catarina com uma expressão de dúvida, como se não estivesse entendendo o que ela falava.

— Lilian — disse Tomé —, aos 15 anos, Neide ingressou como médium nesta casa. Detentora de uma mediunidade ostensiva, rapidamente se desenvolveu mediunicamente. A jovem Neide era dedicada e ávida por conhecimento. Ficou aqui por bastante tempo, até os 25 anos, e tornou-se conhecida nas redondezas do terreiro por sua assertividade e dotes mediúnicos. Com isso, a jovem, oriunda de família pobre, vivendo em condições difíceis, porém dignas, deixou-se levar pelas inúmeras ofertas de atendimento particular que começaram a surgir e que, fora do terreiro, eram pagas.

“Alguns guias que a acompanhavam alertaram-na, inúmeras vezes, acerca do perigo que ela incorria ao adentrar no caminho da comercialização da mediunidade. Até que Ana, médium da preta-velha Vovó Catarina e dirigente espiritual desta casa, ficou sabendo do comportamento de Neide e a chamou para conversar. Disse que tal postura não cabia a um médium umbandista, nem aos filhos da casa de caridade que ela dirigia, e orientou que ela parasse com a cobrança pelos aconselhamentos e trabalhos espirituais. Neide ficou irritada com a repreensão recebida, respondendo que aquilo tudo era inveja e intriga e que aquele local não tinha mais espaço para ela. Assim, desligou-se da corrente.

“Pouco tempo depois, Neide largou o emprego e passou a dedicar-se única e exclusivamente à vida espiritual. O dinheiro entrou com rapidez e sua vida financeira melhorou. Com isso, os guias de luz começaram a se afastar da médium, e Telma tomou conta da situação.”

— Vocês acham que ela vai aceitar largar a vida que tem para trás e recomeçar a história dela? — questionou Lilian aos pretos-velhos.

— Todos somos filhos do mesmo Pai. Somos dignos de uma chance e de um

recomeço. Todos nós já tropeçamos na estrada da vida; mesmo assim, nos foi concedida uma nova chance. Neide terá a oportunidade de despertar, mas essa é uma escolha que só cabe a ela — respondeu Vovó Catarina.

Em seguida, Catarina pediu licença, pois a sessão já ia começar.

Lilian e Tomé acompanharam os momentos que precediam a abertura dos trabalhos. Vários espíritos estavam presentes para auxiliar o bom andamento da gira. Ana, médium dirigente da casa, com quase 70 anos, pegou uma sineta sobre o gongá e a balançou. O ambiente ficou em silêncio. A médium informou aos presentes que seria realizada uma gira de pretos-velhos.

Durante a abertura dos trabalhos e ritualísticas, Neide entrou na casa sem ser reconhecida — já se passavam mais de 20 anos desde que estivera ali. Sentou-se em um canto da assistência e notou que o terreiro pouco havia mudado. Ao longo de sua vida, Neide visitara muitos lugares, mas, no momento do aperto, lembrou-se de Ana e da preta-velha Vovó Catarina. Assim, entrara em contato com uma conhecida que, de vez em quando, visitava o terreiro e conseguira informações sobre as datas e horários de funcionamento.

Em determinado momento dos trabalhos, Ana incorporou a preta-velha Catarina e foi seguida por outros médiuns. A guia-chefe do terreiro saudou o gongá e, dirigindo-se à assistência, falou algumas palavras de incentivo antes dos atendimentos. Quando terminou de falar, Vovó Catarina, através de sua médium, olhou para o canto em que Neide estava sentada e disse:

— Esta nega-velha estava esperando por você, filha!

Tomé e Lilian assistiam aos trabalhos, auxiliando no que era possível no plano espiritual do terreiro. Em determinado momento, Catarina pediu para a cambona chamar a moça na assistência. Quando Neide colocou o pé na parte do terreiro destinada aos médiuns, teve uma tontura e, rapidamente, foi envolvida pela energia da preta-velha Rosa Baiana, guia que a acompanhava. Havia anos que Neide não sentia a aproximação, a energia ou que incorporava a preta-velha. Durante o transe mediúnico, a médium sentiu o corpo estremecer, curvou-se manifestada pela entidade, que saudou o altar, a descarregou e subiu. Depois disso, Neide foi colocada sentada diante de vovó Catarina.

— Há quanto tempo que a filha não aparece por aqui! — falou a preta-velha, pitando seu cachimbo.

— É mesmo, vovó. Tem muito tempo... — consentiu Neide.

— A vida da filha virou de pernas para o ar e a filha se sente desamparada, sem saber o que aconteceu. Mas como bem pode ver e sentir, sua preta-velha continua ao seu lado, disposta a trabalhar para a caridade. Já os espíritos que trabalhavam prestando serviços e trabalhos espirituais com você foram levados presos por um exu com a aquiescência de seus orixás e guias-protetores — explicou Vovó Catarina.

— Como assim? O que a senhora quer dizer com isso?

— Isso mesmo que a filha ouviu, mas esta nega-velha vai explicar melhor! A filha recebeu a dádiva de ser médium para ajudar o próximo por meio da caridade. E o que a filha andou fazendo, em vez de prestar a caridade? A filha comercializou o que de graça recebeu: a filha separou casais; causou o mal para muita gente em troca de dinheiro; a filha se aliou a espíritos inferiores e dispostos a trabalhar para esta finalidade. A filha, em vez de aproveitar a dádiva mediúnica para quitar débitos do passado, arrumou mais dívidas, arruinou vidas. Lembro-lhe, filha, de que nada escapa aos olhos do Pai, e que respondemos por todas as ações cometidas, encarnados ou desencarnados. Assim, a Providência Divina determinou o afastamento dos espíritos que lhe serviam e, por isso, agora a filha está se sentindo abandonada.

— Como eu vou fazer para viver daqui para a frente? — questionou Neide em tom de desespero.

— A filha é saudável, tem dois braços, duas pernas, basta se empenhar que uma porta vai se abrir — respondeu a preta-velha, pitando serenamente seu cachimbo. — Filha, essa velha, junto com seu povo, pode ajudar, direcionando você para o Bem. A tarefa não será fácil, mas é possível fazer diferente de hoje em diante.

Neide estava desolada, sem saber o que dizer nem por onde começar.

— Filha, vá para casa, tome um banho com folhas de Oxalá, ore com fé e peça ao Pai Misericordioso que a guie nessa estrada pedregosa que escolhera seguir — finalizou Vovó Catarina.

Neide se retirou do terreiro. Parecia ter sido atropelada por um caminhão.

Tomé e Lilian, ao final dos trabalhos, agradeceram e se despediram de Catarina, regressando à casa da família de Rafael.

Marco Antônio havia acabado de deixar os filhos em casa. Combinaram uma nova saída no dia seguinte. Iriam à praia aproveitar o domingo de sol.

Rafael e Marina contavam para a avó e para a mãe como havia sido o dia, o que tinham feito e lamentaram a ausência delas.

Marco Antônio pensava em como o dia havia sido agradável na companhia dos filhos. Havia muito tempo que não passava um tempo com eles. Imerso em seu mundo, perdera tempo e oportunidades de viver momentos aprazíveis.

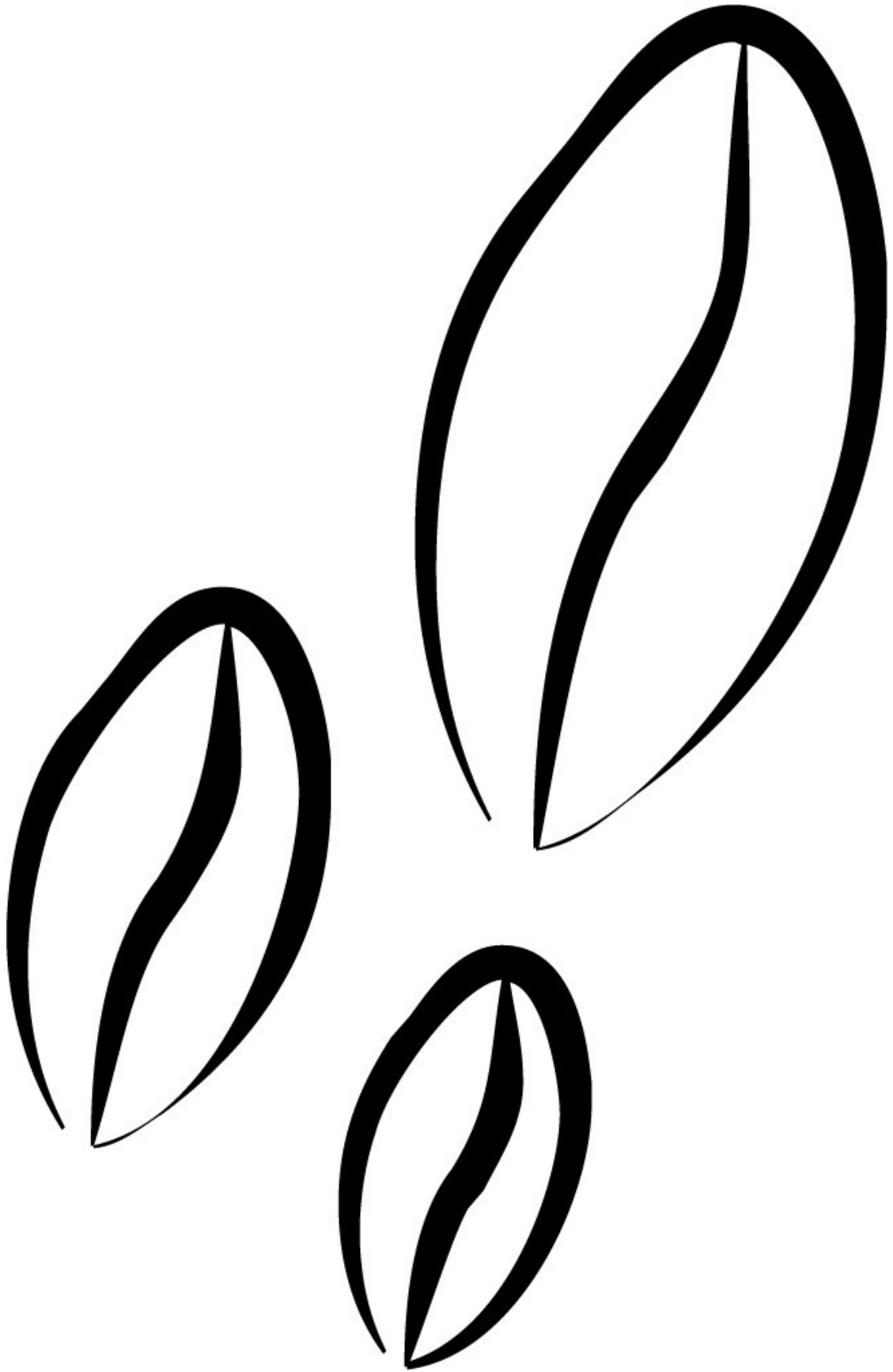
Durante a madrugada, Tomé e Lilian foram visitar Maria na região das fendas. Quando terminaram a visita, Lilian perguntou a Tomé:

— Meu amigo, você acha que Maria ainda ficará muito tempo aqui?

— Maria é um espírito muito endurecido. Está há muitos anos focada no ideal de vingança. Esse sentimento a adocece, gerando marcas no perispírito dela — respondeu Tomé.

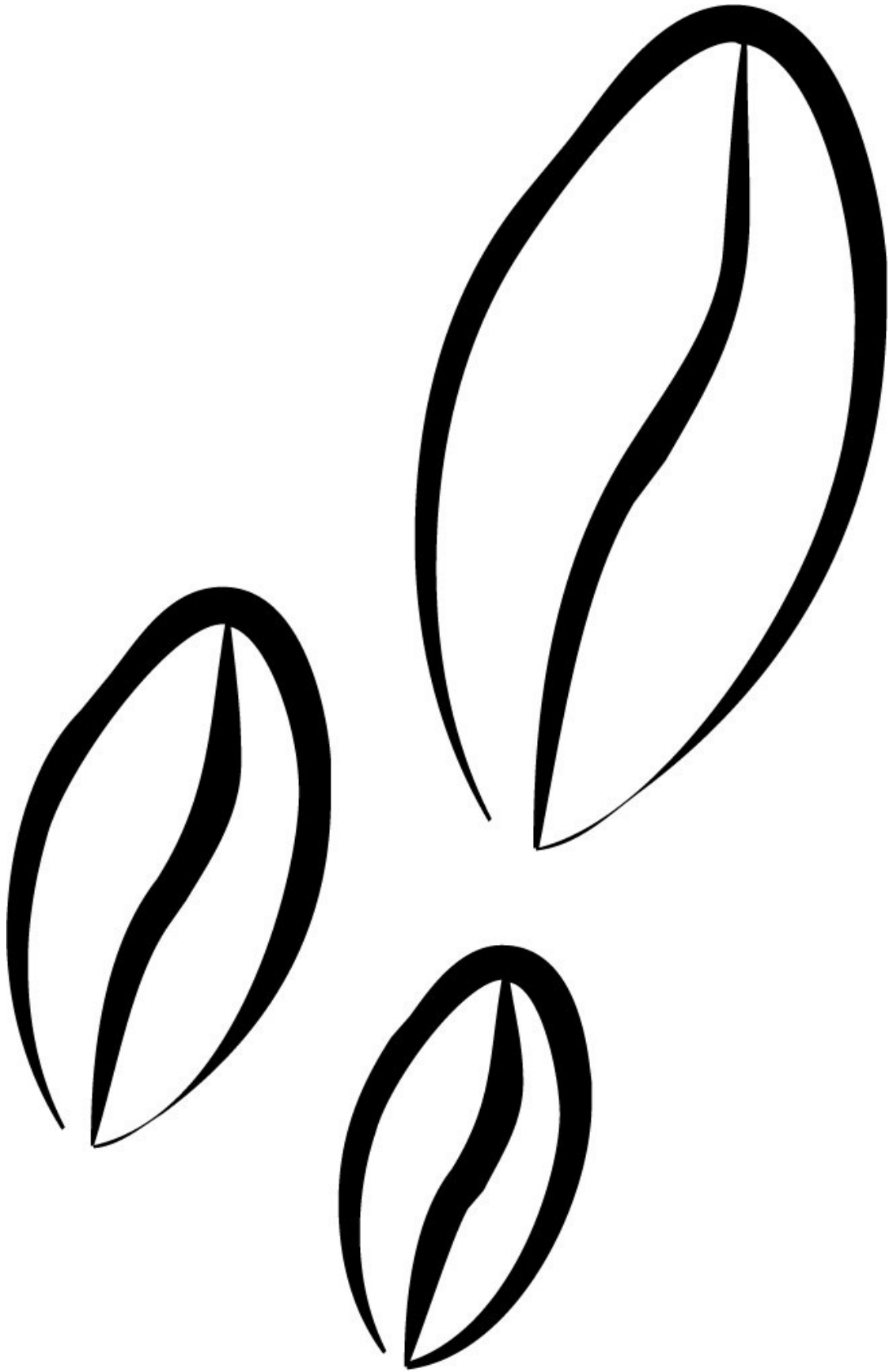
— Tomé, você tem notícias de Carlos e Firmino? — perguntou Lilian.

— Firmino já foi transferido e está sendo tratado em uma colônia espiritual. Em breve, deve assumir uma rotina de trabalho e estudo, iniciando um novo ciclo em sua jornada. Carlos encontra-se em um posto de socorro avançado próximo à crosta terrestre, ora em estado de perturbação, ora um pouco mais lúcido. Está sendo tratado por espíritos abnegados. No momento adequado, será transferido para uma colônia.



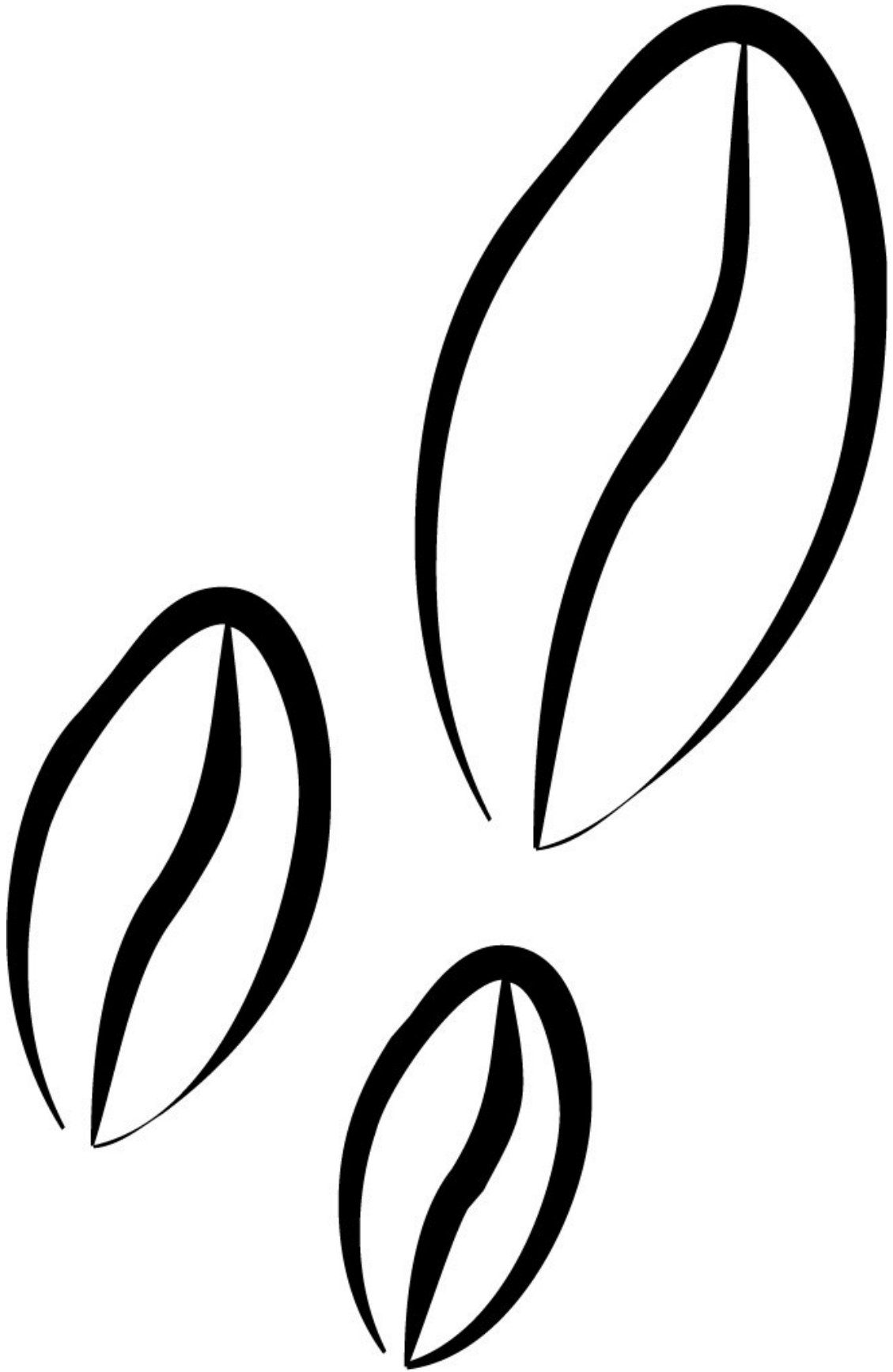
No domingo bem cedo, Marco Antônio passou para pegar Rafael, Julia e Marina. Passariam o dia juntos na praia. Mais uma vez, os filhos chamaram a mãe para os acompanhar no passeio. Marieta agradeceu o convite, dizendo que entendia que aquele momento entre pai e filhos era essencial para a relação deles.

Marieta aproveitou a oportunidade e foi com Dina visitar uma amiga da mãe que não via havia anos. Mãe e filha voltaram para casa no início da noite, encontrando os meninos, que já haviam chegado da praia.



Adriana tentou contato com Marco Antônio várias vezes durante o final de semana. Como não foi atendida, resolveu sair com as amigas.

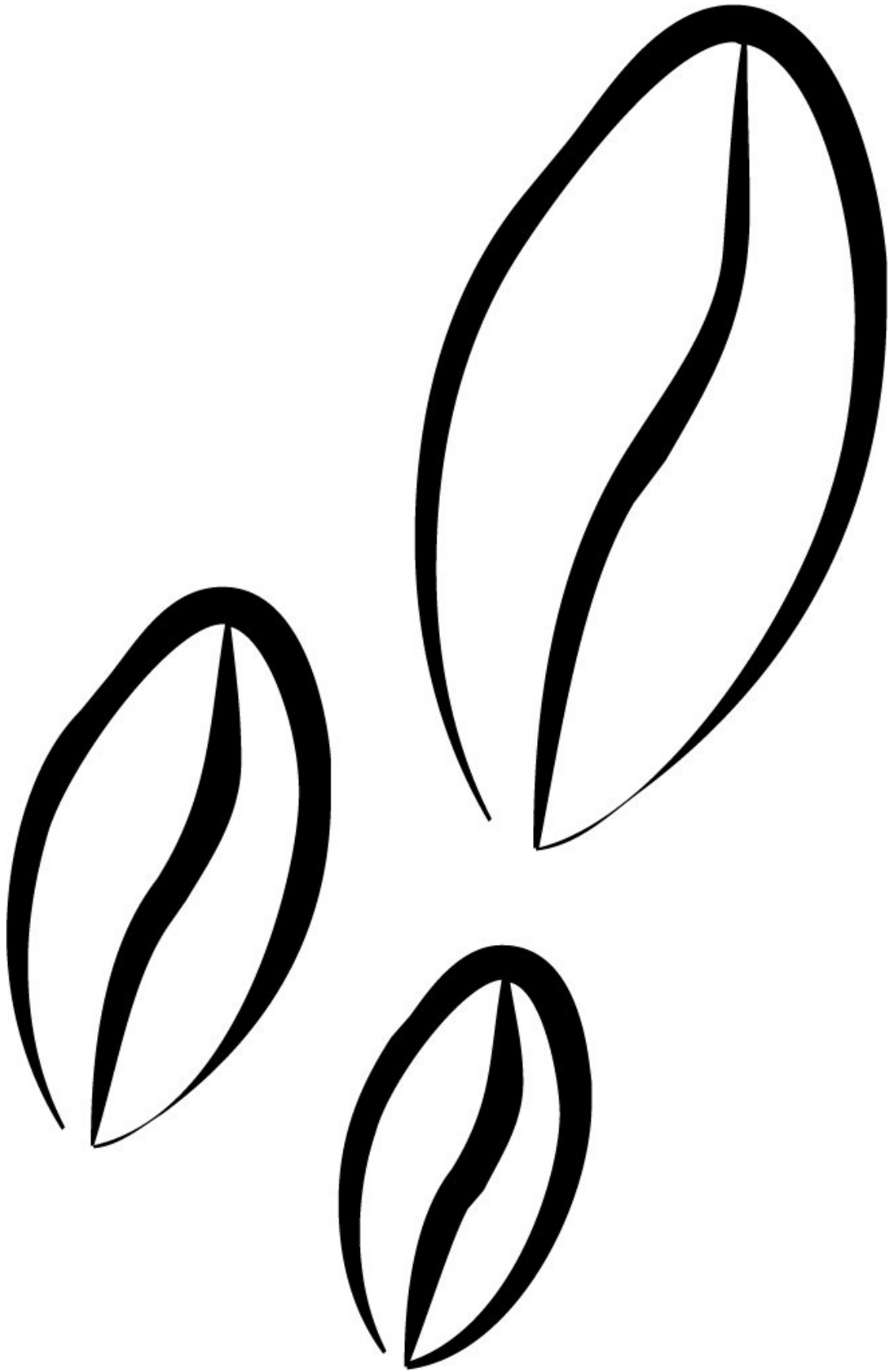
Enquanto isso, sozinho, Marco Antônio refletia sobre as orientações de Tranca-Ruas. Convicto de que as seguiria, decidiu conversar com Otacílio, seu chefe, no dia seguinte. Pediria ajuda sobre a situação. Antes de dormir, fez uma oração: pediu a Deus que fosse guiado e amparado durante a difícil conversa.



Na manhã seguinte, enquanto terminava de preparar o café para os netos, antes de a filha sair de casa, Dina falou para Marieta:

— Minha filha, assim que as coisas se assentarem um pouco mais, pretendo retornar para casa.

— Ah, mamãe! Sei o quanto deve estar sentindo falta de sua casa, de sua rotina, de suas coisas e de sua vida. Porém, tenha a certeza de que fará muita falta aqui em casa... não sei o que seria de mim sem o seu apoio nos últimos tempos — falou Marieta, com os olhos marejados, beijando e abraçando afetuosamente Dina.



Marco Antônio, assim que chegou à empresa, procurou pela secretária de Otacílio e pediu um horário para falar com ele naquele dia. Voltando para sua mesa, concentrou-se em seus afazeres, ignorando por completo todas as vezes em que Adriana passou próxima de seu posto de trabalho. A atitude dele a irritava ainda mais, pois ela detestava passar despercebida ou ser ignorada.

Inúmeras vezes durante toda a manhã, Adriana tentou contato com o consultório de Neide. Começava a cogitar que a médium havia lhe dado um calote.

No final da manhã, a secretária de Otacílio ligou para Marco Antônio, informando que ele era aguardado pelo chefe para a reunião solicitada. Quando colocou o telefone no gancho, Marco Antônio sentiu o coração acelerar, mas lembrou-se da fala de Tranca-Ruas, dizendo que estaria ao lado dele. A caminho da reunião, Marco Antônio clamou a ajuda de Deus e do exu com fé.

Quando Marco Antônio adentrou a sala de reunião, estava acompanhado por Plínio. Otacílio aguardava por ele enquanto assinava alguns papéis, e seu Tranca-Ruas das Almas estava ao lado dele. Otacílio e Marco Antônio se cumprimentaram, começaram a falar sobre alguns resultados da organização, metas e outros assuntos de trabalho. Por fim, Otacílio perguntou para Marco Antônio:

— O que deseja falar comigo?

— Bem... — Marco Antônio começou a falar um pouco constrangido, mas Plínio colocou a mão sobre o ombro de seu protegido, inspirando-o forças. — Há poucos dias, você me encontrou e perguntou se estava tudo bem comigo. De lá para cá, minha vida pessoal se tornou um caos. Falhei! Tive um envolvimento extraconjugal: me envolvi com uma colega de trabalho apenas por sexo, desejo, atração. Isto, para mim, estava claro, assim como ela sabia que eu era casado. Em nenhum momento, fiz falsas promessas, mas ela acabou se apaixonando, e agora, de certa forma, vem me perseguindo. Apesar de separado, não quero levar essa relação adiante, pois tenho a pretensão de tentar reatar meu casamento e minha família. Reconheço minha falha, e isso me angustia. Apesar de ser uma pessoa reservada, resolvi abrir a questão para você.

Após ouvir todo o relato de Marco Antônio em silêncio, Otacílio perguntou:

— Com quem você se envolveu?

— Tive um relacionamento com Adriana, a gestora do setor financeiro — confessou Marco Antônio. — Coloco meu cargo à disposição da empresa, caso a melhor decisão seja me demitir.

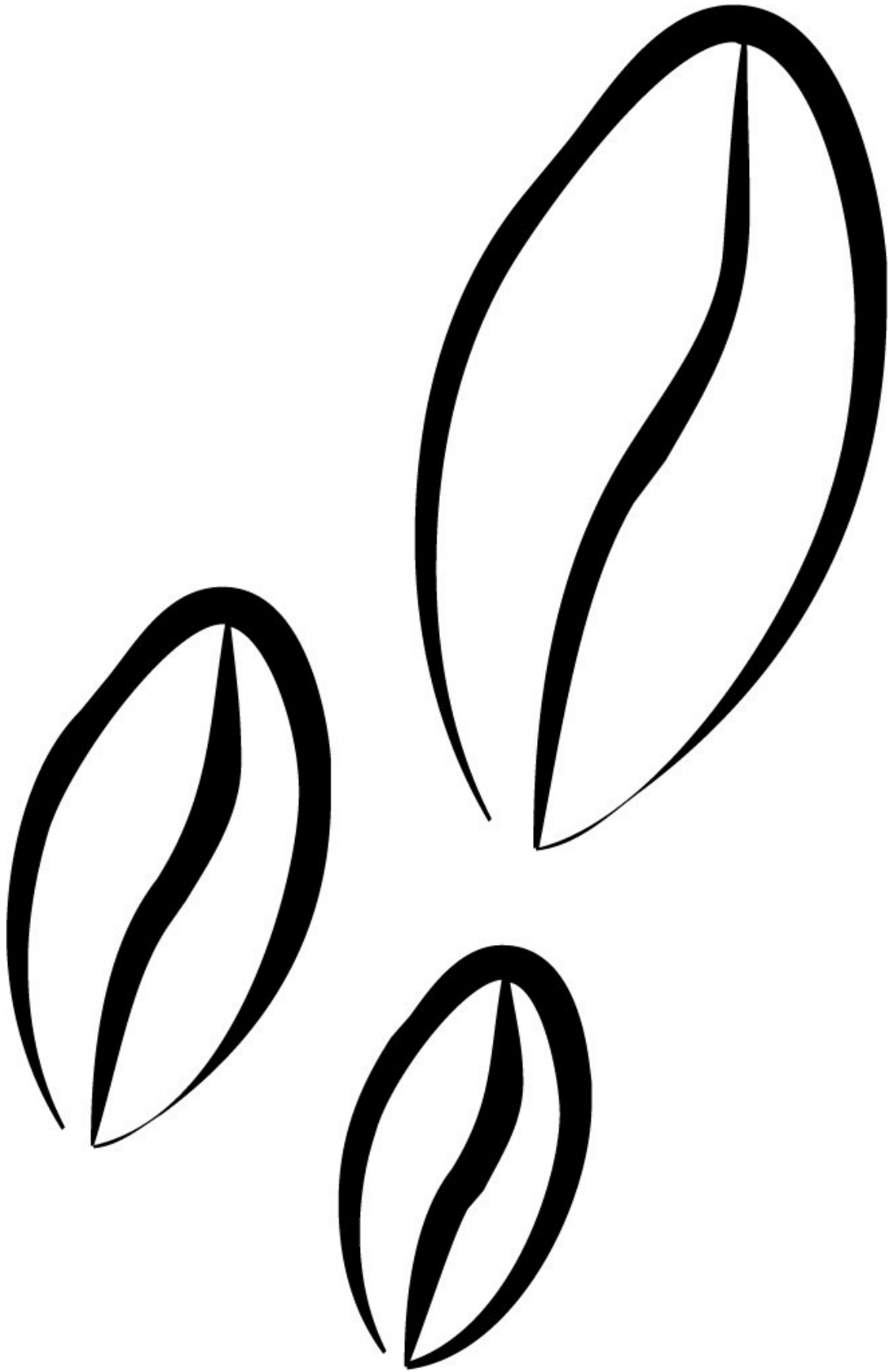
— Marco Antônio, conheço você há muitos anos. Começamos juntos nesta empresa, tenho admiração e apreço por seu trabalho. Apesar do envolvimento de vocês dois, acredito que isso não afetou seus resultados. Pelo que entendi, o mais afetado foi você mesmo, separando-se. Não me cabe puni-lo pelo ocorrido, também já falhei em meu relacionamento e entendo o momento pelo qual está passando. Vou buscar uma forma de ajudá-lo nessa questão. Fique tranquilo, pode contar com meu apoio e discrição — falou Otacílio, encerrando a conversa.

Marco Antônio saiu da reunião, sentindo um misto de apreensão e alívio. Não sabia explicar, ao certo, o que se passava com ele.

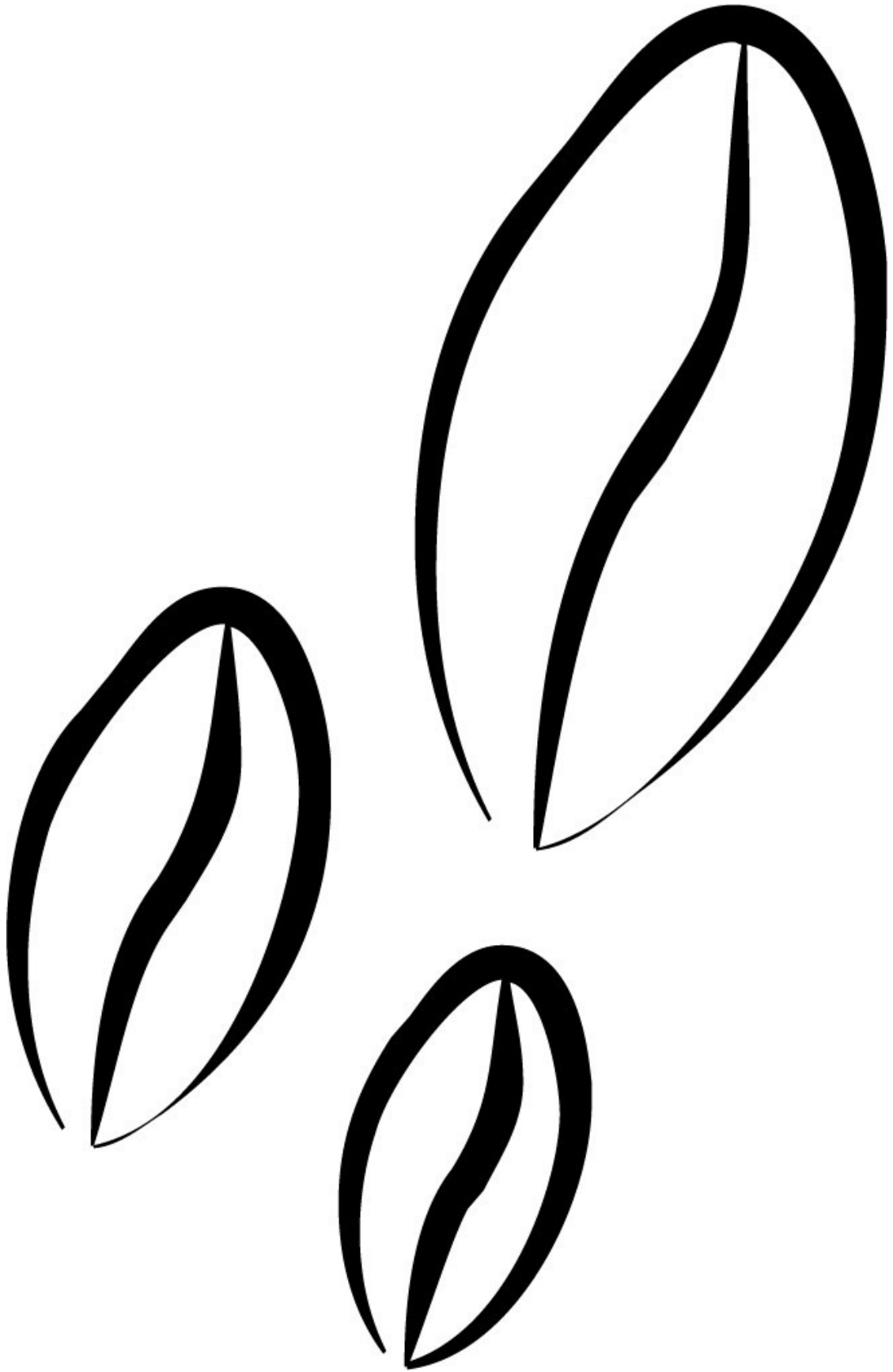
Otacílio permaneceu na sala, ponderando sobre a conversa que tivera com Marco Antônio. Não gostaria de perder nenhum dos dois profissionais, pois ambos tinham um excelente desempenho em suas funções. Todavia, precisava se precaver, antes que os acontecimentos se tornassem um problema.

Tranca-Ruas, que também estava na sala, intuiu Otacílio a pensar sobre transferir Adriana para outra filial da empresa, usando o discurso de crescimento e reconhecimento profissional. Otacílio refletiu sobre a possibilidade, sem a mínima noção de que a sugestão fora concedida pelo exu, e disse a si mesmo: “Excelente ideia! Na filial de São Paulo, que é a cidade natal dela, estamos precisando de um profissional com o perfil de Adriana. Isso será ótimo! Posso falar que se trata de um novo desafio profissional, uma oportunidade de crescimento.”

Otacílio saiu da sala de reuniões e foi até o setor de recursos humanos verificar como deveria proceder, municiando-se de todas as informações antes de conversar com Adriana. O chefe pretendia aproveitar a reunião que teria com ela na manhã seguinte sobre resultados financeiros, abordar o assunto e fazer a proposta.



Rafael chegou da escola, almoçou e correu para o quarto. Estava devorando os livros recomendados por Fátima: fazia anotações, sublinhava parágrafos importantes e anotava as dúvidas para esclarecer com Fátima ou com os guias na sessão do sábado seguinte. As leituras geravam novas reflexões e conhecimentos, além de descortinarem a perspectiva espiritual dele, jamais concebida até então.



Neide, apesar de estar seguindo as instruções da preta-velha, não se conformava com o que estava acontecendo e ainda se considerava injustiçada. Iria procurar por um pai de santo mais forte que fosse capaz de resolver a situação absurda que ela atravessava. Assim, entrou em contato com um afamado pai de santo chamado Nunes e agendou um jogo de búzios naquele mesmo dia.

No local, Neide foi atendida no horário marcado. Quando Nunes abriu o jogo para Neide, foi intuído por seus protetores e disse:

— Sua situação é complicada. Quem meter a mão na sua cumbuca para ajudar, também cairá em desgraça.

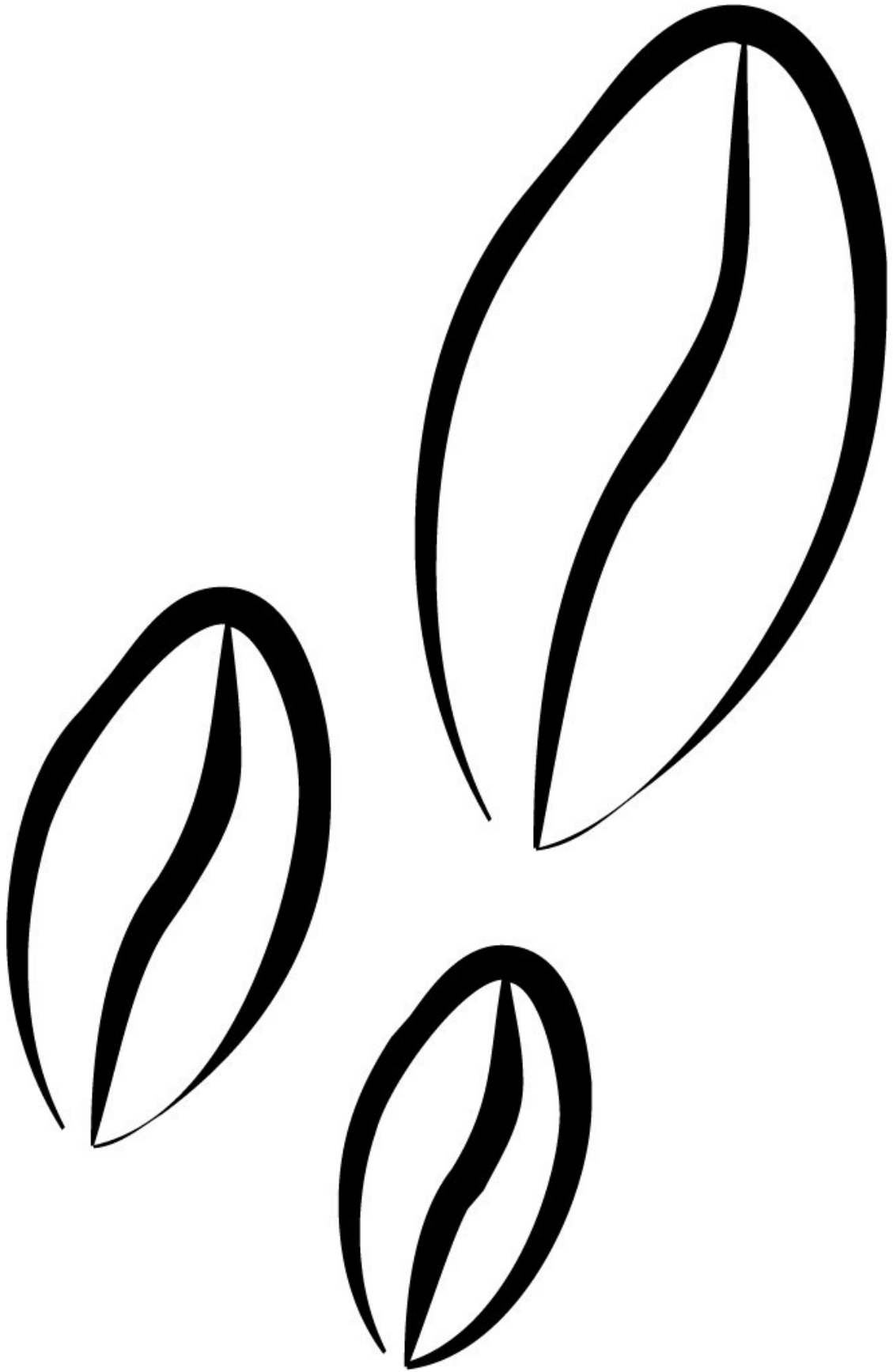
— Como assim? — perguntou Neide, espantada.

— Você está respondendo à Justiça Divina em vida — respondeu Nunes, olhando para ela. — Recomendo que dê um tempo em seus atendimentos, procure se fortalecer espiritualmente, faça suas firmezas e peça maleme[26] pelas faltas cometidas.

— A espiritualidade é o meu trabalho. Como ficarei sem o meu ganha pão? — questionou Neide.

— Neste momento, a fonte secou. Entendo sua angústia, mas não tenho como ajudá-la. A espiritualidade diz que o mal cometido só poderá ser revertido por meio da realização do bem, com ações desinteressadas e caridosas. Também é dito que busque uma outra fonte de renda, pois lhe ajudarão a arrumar um trabalho.

Neide se levantou, agradeceu a consulta, mas ainda tinha dificuldades para acreditar em tudo que ouvira. Não conhecia o homem, ele nada sabia sobre a vida dela, e era a segunda pessoa que, em poucos dias, lhe dizia a mesma coisa.



Marco Antônio seguiu firme em seu propósito de despistar Adriana. Após o trabalho, foi para casa confiante de que Otacílio o ajudaria de alguma forma. Tinha a esperança de que as coisas iriam melhorar em breve.

Na manhã seguinte, Adriana foi a uma reunião com Otacílio, e sua apresentação foi um sucesso. Ao final, o chefe elogiou o desempenho dela.

— Muito obrigada! — respondeu Adriana, cheia de si.

— Você tem grande potencial. Por isso, tenho uma proposta para seu crescimento profissional — sugeriu Otacílio.

Adriana sorriu animadamente.

— Tenho uma oportunidade para você assumir a área financeira de uma de nossas unidades de negócio no interior de São Paulo. Estávamos buscando um profissional do mercado, mas você é a pessoa mais adequada para esta função. O que me diz? — perguntou Otacílio.

Adriana sentiu certa euforia pelo reconhecimento do chefe, embora tenha pensado em como seria ficar longe de Marco Antônio.

— Algo lhe impede de aceitar o convite? — questionou Otacílio.

— Não, não! — respondeu Adriana. — Você me pegou de surpresa, não esperava pelo convite, nem pensava em morar em uma cidade do interior.

— Além do desafio profissional, você terá um aumento e ganhará qualidade de vida — completou Otacílio.

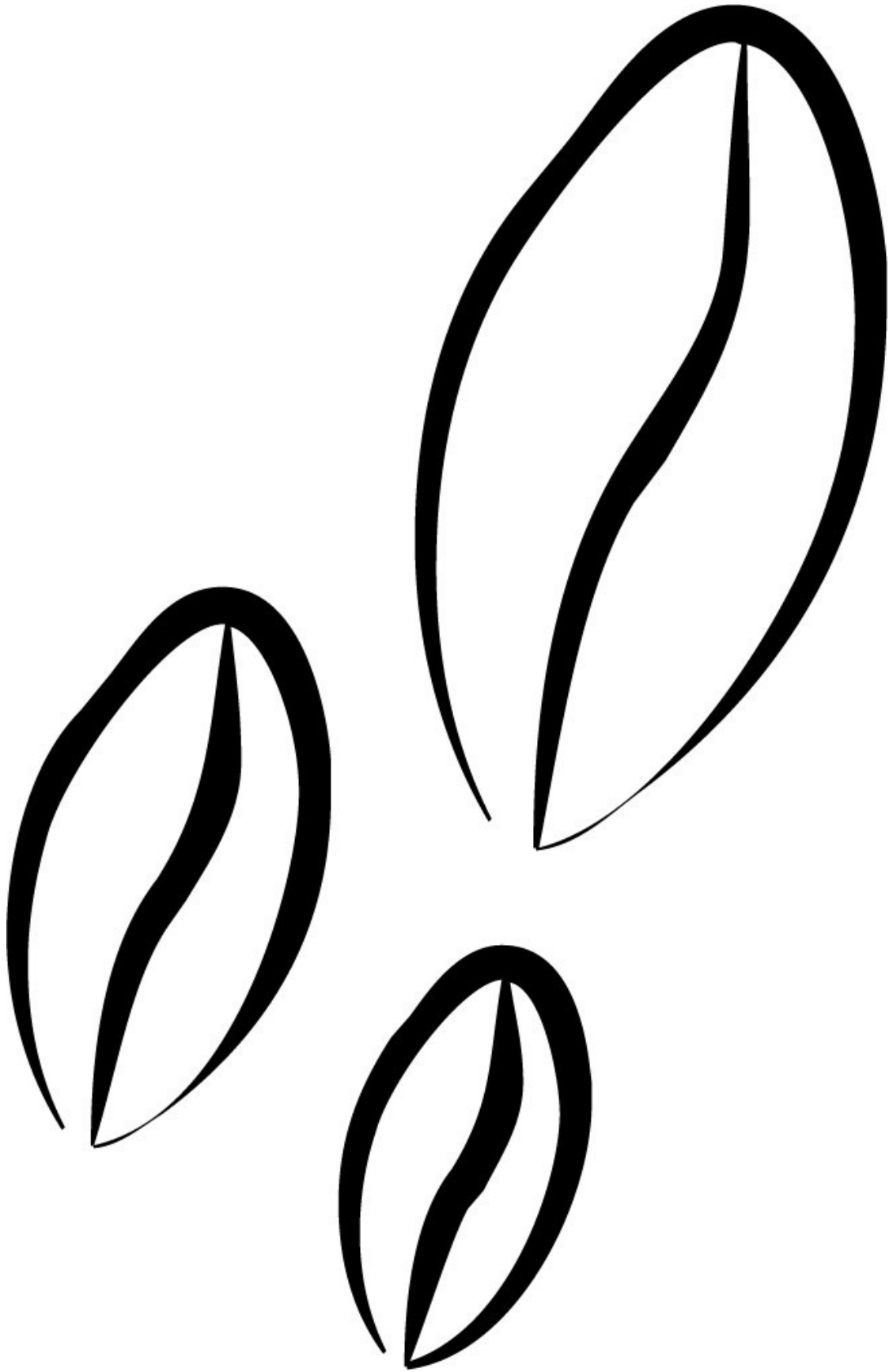
— Para quando seria essa mudança? — perguntou Adriana.

— O quanto antes, pois o tempo urge. Provisoriamente, colocaremos um de seus subordinados em seu lugar aqui, até que encontremos a pessoa certa — respondeu o chefe. — Adriana, você aceita o convite ou algo prende você ao Rio de Janeiro?

— Aceito! Nada me prende aqui, sou livre e desimpedida.

— Excelente! — exclamou Otacílio, finalizando a reunião e saindo da sala acompanhado pela moça.

No fim da tarde, Otacílio informou Marco Antônio sobre a transferência de Adriana. Marco Antônio ficou muito contente e agradeceu o chefe pela ajuda.



Para a família de Rafael, o restante da semana transcorreu tranquilamente. O jovem estava ansioso com a sessão de sábado; tinha várias perguntas anotadas para esclarecer com os guias.

Durante a refeição da família, Dina comunicou à filha e aos netos que voltaria para a casa dela na semana seguinte. Apesar de ser ótimo estar com eles, precisava retomar sua vida. Todos lamentaram a notícia e combinaram de passar as festas de final de ano juntos, além do período de férias escolares.

No sábado, Marco Antônio acompanhou a família até o terreiro de Umbanda.

Rafael estava cada vez mais fascinando com sua experiência na religião. Tudo aquilo trazia mais sentido à vida dele: o contato com a espiritualidade, os esclarecimentos, todo o aprendizado. Os guias pediam para Rafael ter paciência, que no momento certo ele ingressaria na corrente e que aproveitasse esse tempo para aprender por meio da observação dos trabalhos e dos estudos.

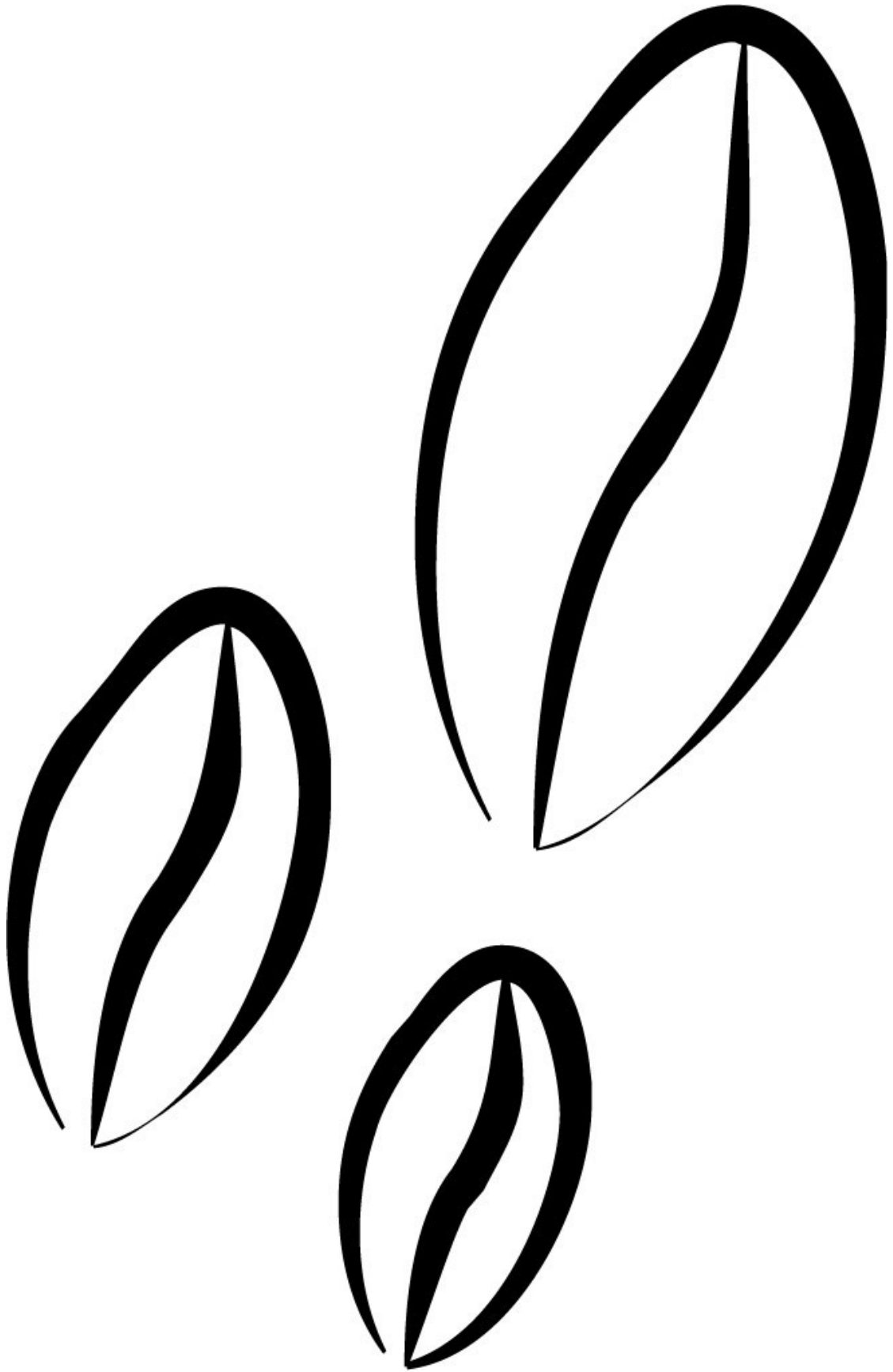
Adriana mudou-se para outra cidade, seguiu sua vida, preencheu-se com as novidades e esqueceu-se rapidamente de Marco Antônio.

Dina voltou para a chácara, pois sentia saudades da casa, da natureza e do canto dos pássaros.

Marco Antônio voltou ao terreiro para agradecer o auxílio prestado pelo exu Tranca-Ruas das Almas e continuou acompanhando a família nas sessões de caridade. Também tentava, sem pressa, se reaproximar da ex-mulher.

No final do ano, todos ficaram contentes com a aprovação no vestibular de Rafael e Julia. Decidiram passar os festejos de Natal e Ano Novo na casa de Dina. Marco Antônio, com aquiescência de Marieta, acompanhou a família com satisfação, pois aprendera a valorizar os bons momentos ao lado dos entes queridos.

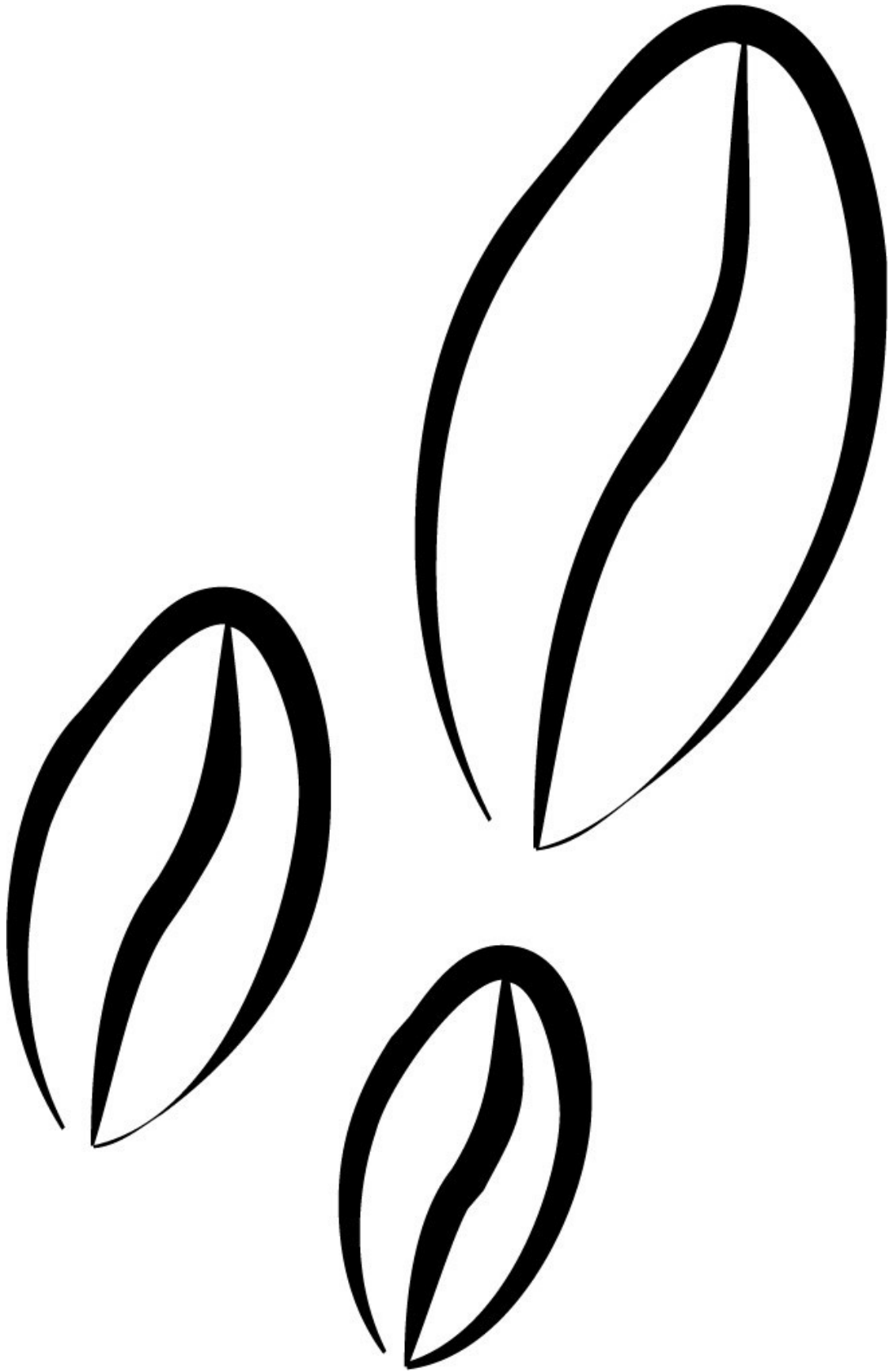
Lilian e Tomé observavam a família reunida em uma alegre comemoração.



O novo ano transcorria tranquilamente. O jovem ingressara na faculdade, seguia feliz namorando Julia e continuava frequentando a terapia e o terreiro. Seus pais davam os primeiros passos em direção à reconciliação do casamento. Marina estava bem nos estudos e Dina, uma vez por mês, passava uns dias com a família, assim como eles iam à chácara nos feriados.

Tomé e Lilian continuavam visitando Maria constantemente e, às vezes, Firmino os acompanhava. Apesar de seu endurecimento, em certas ocasiões, Maria se mostrava mais receptiva ao grupo; em outras, agredia verbalmente, xingava e culpava a todos por sua condição. Ainda tinha muitas oscilações emocionais.

Já Neide, por várias vezes, tentara evocar Telma e, durante o sono do corpo físico, procurava por ela. Arrumara um emprego de vendedora, vivia com dignidade, mas sempre se lamentava da vida.



Quase um ano depois de começar a frequentar a casa de Umbanda, durante uma gira de pretos-velhos, Rafael assistia aos trabalhos de forma participativa, cantando e batendo palmas da assistência. O jovem, então, foi chamado para conversar com a preta-velha Maria Redonda.

Diante da preta velha, Rafael se abaixou e pediu a benção. Tomé, ao lado da preta-velha, acompanhava seu tutelado junto com Lilian.

— Filho — falou Maria Redonda —, esta velha chamou você para conversar, para saber se o menino está certo de ingressar na corrente e abraçar a Umbanda.

— Claro, vovó! — respondeu Rafael, abrindo um sorriso. — Nos últimos tempos, é o que mais quero. Não esperava que fosse isso que a senhora queria falar comigo.

— Certo, filho — continuou a preta-velha. — O filho precisava desse tempo para conhecer um pouco mais da religião, para estudar, para amadurecer e também para ficar convicto de sua decisão, pois muitos vêm aqui pedir para entrar na casa, mas têm dificuldades para seguir as regras e não têm a disciplina necessária para lidar com a espiritualidade. A Umbanda é uma religião linda que acolhe todos, indistintamente, mas requer seriedade e comprometimento na lida. Os filhos de Umbanda devem estar sempre comprometidos a se tornarem pessoas melhores.

— Entendo, vovó. Durante esse tempo, li bastante, estudei e aprendi muito com os guias — respondeu Rafael.

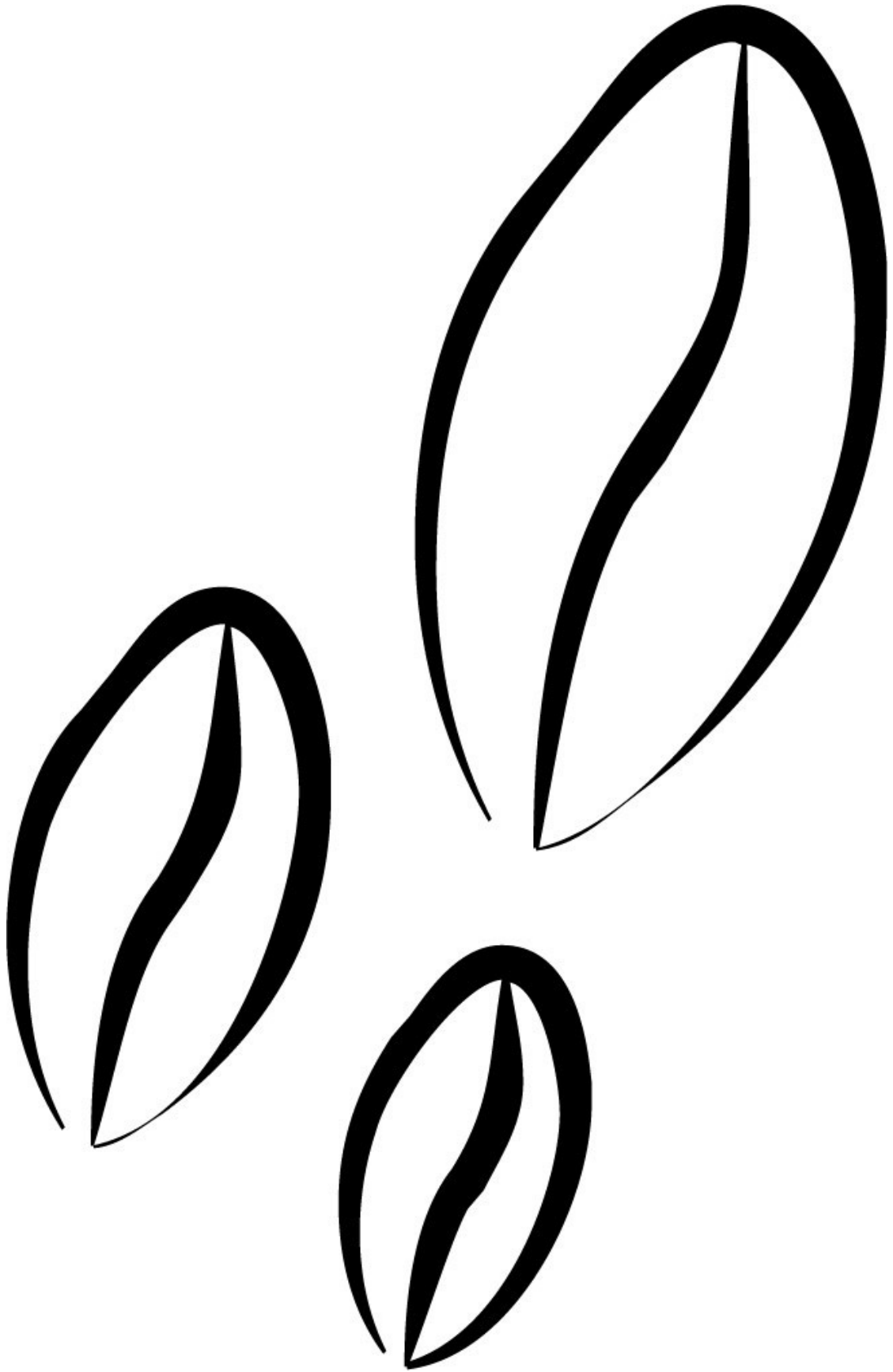
— Que bom, filho! Dessa forma, tem a minha benção para, a partir da próxima gira, vestir o branco e ingressar na corrente. Lembre-se de que não adianta vestir o branco apenas nas vestes físicas, o mais importante é vestir a alma de branco, a cor de nosso divino pai Oxalá, e seguir sempre os ensinamentos e os exemplos deixados por Jesus de Nazaré — concluiu Maria Redonda, cruzando a testa de Rafael com pó de pemba e abençoando-o.

Lilian, ao lado de Tomé, deixava as lágrimas de emoção rolar enquanto assistia à conversa entre a preta-velha e seu bisneto.

Durante a madrugada, Tomé chamou por Rafael. Os dois conversaram por um

longo tempo sobre o início de seu desenvolvimento mediúnico.

— Filho, não tenha pressa. Confie em Deus, em sua família espiritual e não deixe o medo atrapalhar você. Também não caia nas armadilhas impostas pelo ego e pela vaidade. Comprometa-se com o amor, a caridade e a humildade, tendo o evangelho de Jesus como sua bússola. Assim, sempre estaremos ao seu lado, guiando-o e conduzindo-o — finalizou Tomé, abraçando Rafael.



Assim, sob o céu de Aruanda, Pai Tomé das Almas relatou a história de um de seus tutelados ao irmão em Cristo: o preto-velho Pai José de Aruanda.

1. Forma como os espíritos se deslocam no ar ou na atmosfera. [Nota da Editora, daqui em diante NE] [«]

2. A “puxada”, também chamada de “mediunidade de transporte”, consiste em uma desobsessão na qual um médium que possui essa característica “puxa” as energias deletérias do assistido e dá direcionamento a elas. [NE] [«]

3. João 14,2. [NE] [«]

4. Segundo o Dicionário Yorubá-Português, de José Beniste (Bertrand Brasil, 2019), “òrìsà” são “divindades representadas pelas energias da natureza, forças que alimentam a vida na terra, agindo de forma intermediária entre Deus e as pessoas”. [NE] [«]

5. Nome atribuído ao altar das casas umbandistas. Também chamado de congá ou gongá. [NE] [«]

6. Segundo o Dicionário Michaelis (Melhoramentos, 2015): “Estado fora da matéria, não circunscrito nem localizado, onde encontram-se os espíritos depois de desencarnados, segundo a doutrina kardecista”. [NE] [«]

7. É um dos sete principais centros energéticos de nosso corpo físico. É responsável por nossa conexão com a espiritualidade, e está localizado no topo de nossa cabeça. [NE] [«]

8. Mateus 22,14. [NE] [«]

9. Um tipo de arco, estilingue ou atiradeira. [NE] [«]

10. Segundo o Dicionário Michaelis (Melhoramentos, 2015): “Somatório de energias mentais, criadas por grupos de pessoas ao se concentrarem com força vibratória”. [NE] [«]

11. Simbolicamente, pode ser considerado como a estrada da salvação e da evolução individual. É o caminho percorrido por São Paulo. [NE] [«]

12. Ectoplasma é uma substância que emana de determinados médiuns. Com seu uso, os espíritos são capazes de produzir materializações e trabalhar no mundo material em prol dos encarnados. [NE] [«]

13. Trata-se de um campo áurico formado pelo somatório das vibrações e energias mentais de todos os presentes em um trabalho ou sessão mediúnica. [NE] [«]

14. Na Medicina, toda sujeira associada à putrefação é chamada de “miasma”. Para a espiritualidade, os miasmas estão relacionados ao nosso comportamento e padrão de pensamentos, sendo sua concretização. Eles grudam na atmosfera em que vivemos e podem deixar o ambiente tão pesado que podem surgir larvas espirituais. [NE] [«]

15. Segundo a Teosofia, formas-pensamento são criações mentais materializadas a partir de matéria fluídica ou matéria astral. Também podem ser chamadas de “ideoplastias”. [NE] [«]

16. Local sagrado onde ficam as imagens e velas que representam os orixás e as entidades. Também pode ser chamado de “altar”, “congá” ou “peji”. [NE] [«]

17. Segundo a doutrina espírita, nada acontece por acaso, cada ato moral corresponde a uma reação semelhante, gerando um encadeamento natural de causas e efeitos. Esta lei atribui um “motivo justo” e uma “finalidade proveitosa” a qualquer acontecimento, inclusive o sofrimento. [NE] [«]

18. Trata-se de um tipo de giz em formato cônico-arredondado que serve para riscar os pontos e outras determinações dos guias. Sua cor pode variar de acordo com a Linha de trabalho da entidade. [NE] [«]

19. Médiuns auxiliares dos guias e do culto, também conhecidos como servidores dos orixás. [NE] [«]

20. Pequeno punhal utilizado para a proteção ou como um tipo de para-raios. [NE] [«]

21. Pólvora. [NE] [«]

22. Expressão que significa “dar continuidade ao trabalho”. [NE] [«]

23. João 8,11. [«]

24. Coité é uma espécie de cuia feita com casca do coco, no qual são servidas bebidas aos guias. [NE] [«]

25. Em geral, aguardente. Alguns guias também chamam outros tipos de bebida alcoólica de “marafo”. [NE] [«]

26. A palavra “maleme” [ou “maleime”], é derivada da expressão “valei-me”. Trata-se de um pedido de socorro, súplica ou piedade, sendo muito utilizada nas religiões afro-americanas. [NE] [«]



ARUANDA

• l i v r o s •

Este e-book foi projetado e desenvolvido com base na primeira edição impressa publicada em 2020.